

A close-up, artistic photograph of a vinyl record spinning on a turntable. The record is blurred due to motion, showing concentric grooves. A black tonearm with a stylus is positioned over the record. The background is dark and out of focus.

A CANÇÃO QUE TE

escrevi

 Lara Monique



A CANÇÃO QUE TE *escrevi*

 Lara Monique

Copyright © 2019 Lara Monique
Todos os direitos reservados.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

À minha amiga Jocielle, pelo apoio de sempre.

À todas as pessoas que lutam por um mundo
mais tolerante.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gramado, Brasil
inverno de 2013

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 1

O hotel estava cheio de turistas aquela semana. Eu odiava turistas.

Estavam sempre com um bom humor exagerado, torrando uma grana preta em compras caríssimas, tirando foto de cada pequena parte da cidade, sem nem dar um bom dia aos pobres mortais que limpavam suas sujeiras. Eu sempre me sentia desconfortável no meio daquela gente. Algo parecido com ser um estrangeiro ou um alienígena.

Mas, infelizmente, não haviam inventado uma forma de ganhar dinheiro dormindo ou vendo séries e aquele era o meu terceiro emprego em menos de cinco meses. Eu simplesmente tinha que aguentar se quisesse continuar morando debaixo de um teto e tendo a geladeira cheia, mesmo que fosse de porcarias e cervejas. Apesar de eu ser totalmente um zero à esquerda, e de todas as coisas que fizera, roubar era contra os meus princípios.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ajeitei minha franja e saí, empurrando o carrinho de limpeza. Aquela era, com certeza, a pior hora do dia porque as pessoas passavam esbarrando em mim, derrubando alguns produtos de limpeza e nem se desculpavam. É impressionante como você se torna invisível, quando está metida em um vestido azul desbotado, com o cabelo amarrado bem firme em um coque.

O dia estava terrivelmente frio, o mais frio do ano, e eu tremia dentro daquela maldita roupa, enquanto a chata da gerente me ditava o que não fazer.

— Ande logo, Alissie. Não temos o dia todo!
— ela dizia, andando rápido na frente, enquanto eu empurrava aquele carrinho pesado.

— Não sei por que está me acompanhando —, bufei — já conheço tudo nesse hotel! Era só me dizer o número do quarto que é para limpar e me dar a chave.

— Acontece, querida, que esse quarto é um dos melhores daqui e você nunca entrou nele. — Disse,

PERIGOSAS ACHERON

antipática, numa voz superior de quem acabou de vencer a discussão.

— Eu sei abrir portas — ironizei.

— Seu humor me mata! — disse ela, amarga.
— Só tome cuidado porque ele pode te botar na rua.

— Eu não teria tanta sorte — sussurrei.

Pensei em puxar aquela mulher pelos cabelos falsamente loiros e ensinar para ela o que poderia me botar na rua, mas pensei no meu pequeno apartamento, naquele quarteirão de universitários, em Canela, e resolvi engolir mais aquele sapo.

— Chegamos — ela passou um cartão magnético na porta do quarto e a abriu.

Entrei empurrando meu carrinho, que agora já nem pesava tanto. Eu estava encantada. Nunca tinha visto um lugar como aquele. Era enorme e luxuoso. As paredes eram forradas com papéis de parede incríveis e haviam cortinas de veludo que desciam do teto até o chão. Além do quarto, onde

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficava a enorme cama de dossel, havia uma pequena sala de estar, uma sacada e um banheiro com hidromassagem.

Eu pensava em duas coisas enquanto olhava, maravilhada, para aquela decoração: Quanto tempo eu demoraria para limpar e quanto tempo eu sobreviveria lá dentro antes de ter um ataque de asma capaz de me matar. Apesar de lindo, o quarto parecia ter sido usado apenas por Getúlio Vargas e depois permaneceu fechado até aquele dia.

— Quero esse quarto impecável, fui clara? — ela me entregou o cartão e eu tratei de fechar logo a boca e afirmar que sim com a cabeça. — O hóspede deve chegar em poucas horas, então arrume tudo e saia logo.

— Tá! — respondi de má vontade, olhando a vista da janela. Nem importava mais com o que aquela mulher dizia. Estava sendo absorvida pela visão daquele lugar enorme, que era três vezes o tamanho do meu apartamento.

— É bom não esquecer das regras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, Mariana! “Não posso falar com ele, em hipótese alguma, ele nem deve ouvir minha voz” — repeti, com voz monótona. — Já entendi. Você disse isso um milhão de vezes. — Eu disse, finalmente despertando do meu mundo paralelo e rolando os olhos. — Fica tranquila, tá legal? Não tenho a menor intenção de sai... fazer amizade com um cara cheio da grana. Não faz meu tipo.

— Acho bom mesmo — respondeu secamente.

Ainda me encarou por um tempo, mas eu suspirei e peguei o esfregão. Ela simplesmente bufou, virou as costas e saiu. Eu dei graças a Deus, porque aquele perfume adocicado que ela usava me dava náuseas.

Olhei em volta e fechei a porta do quarto. Fiquei imaginando como seria dormir em uma cama como aquela. Olhei para as enormes cortinas marrons e o lustre de cristal. Se eu pudesse dormir ali por pelo menos uma noite... suspirei e ignorei meu desejo infantil. Nunca poderia pagar uma diária naquele lugar, nem se desse a minha vida em troca disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Comecei a limpeza pela sala e só depois de terminado, é que fui para o quarto. Era de longe o cômodo que me daria mais trabalho. Eu tive que trocar as roupas de cama, que eram exageradamente pesadas, e limpar cada detalhe dos desenhos entalhados na cabeceira da cama — que era de uma madeira que eu nem imaginava o nome.

Estava curiosa para saber quem era digno daquele quarto. Imaginei que talvez fosse um político, ou um ator bem famosinho. Eu não era do tipo que assistia TV, então nem reconheceria, fosse quem fosse.

Mas, a julgar pela imponência daquele quarto, concluí que devia ser um *gringo*. Só podia ser uma senhora bem velha, vinda da Europa, com gostos peculiares para decoração.

Ou isso, ou um cantor de sertanejo universitário. Eu me hospedaria em um lugar assim se ganhasse duzentos mil por mês.

— Velha sortuda! — exclamei, batendo os travesseiros, um contra o outro, e espirrando logo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

depois. — Droga! Eu vou mesmo morrer hoje se continuar assim.

Saí tossindo e tentando recuperar o fôlego. Não podia nem ver poeira que o meu nariz ameaçava implodir e a minha garganta coçava à ponto de faltar ar. Sentei-me na cama e respirei fundo.

O colchão era tão macio! A colcha de cetim parecia ter sido fabricada em algum lugar do céu, por anjos entediados. A cama era convidativa. Perigosamente convidativa. Decidi que não faria mal se eu me deitasse só um pouco. Ninguém nem perceberia. Ajeitei os travesseiros — com as fronhas novas que eu acabara de colocar — e me acomodei sobre o edredom. Virei de costas e encarei o teto por um tempo.

Observei cada mínimo detalhe. O teto branco em contraste com o papel de parede bege, o gesso ao redor do lustre com contas, e os tecidos amarronzados da cortina na janela, ao lado da cama.

PERIGOSAS ACHERON

Fechei os olhos e suspirei, imaginando uma outra vida onde eu era alguém que não morava em uma quitinete com a melhor amiga. Não que isso fosse tão ruim assim, mas era legal imaginar. Só imaginar.

— Ei? Olá?! — uma voz distante disse. Parecia um trovão, mas talvez fosse um daqueles anjos dos quais debochara mais cedo. Eu estava vendo as nuvens carregadas no céu. Nuvens brilhantes e cheias de *glitter*. Comecei a rir sem motivo e, de repente, estava flutuando em algum lugar do espaço, até que Mariana apareceu e tocou meu braço com um alfinete, o que me fez abrir os olhos.

— *Au!* — exclamei, antes de ficar paralisada.

Ele era lindo! Aquele tipo de lindo que não se vê todo dia, mas com um ar de simplicidade, como alguém comum que você conhece por acaso, na fila do banco, ou do supermercado, e fica o dia todo pensando que devia ter puxado assunto, trocado telefone, procurado em algum aplicativo de encontros.

Eu o observei por longos minutos. Os traços de seu rosto eram marcantes, mas leves. Seus cabelos castanhos caíam, emoldurando seu rosto até o queixo, e seus olhos verdes piscavam indecisos sob as espessas sobrancelhas.

Os lábios quase sorriam — o inferior mais grosso que o superior — e ele conservava uma expressão de seriedade e surpresa, mas no fundo estava tentando não rir.

— Oi. — Ele disse em uma língua diferente, mas que eu conseguia entender de alguma forma. Segurava o riso na garganta e duas covinhas perfeitas se abriram em suas bochechas, quando ele passou o cabelo por trás das orelhas, como Kurt Cobain faria, se ainda estivesse vivo.

— Você é um dos *Hanson*? — perguntei na mesma língua que ele falava, embora isso não parecesse estranho para mim.

— O quê? — suas sobrancelhas perfeitas se uniram, mas ele não parou de sorrir. Como ele conseguia fazer aquilo? Como ele conseguia dividir

o rosto entre duas expressões contrárias e continuar tão *grunge*? Aquele sonho estava passando dos limites!

— Você... ai, meu Deus! — quase gritei, me levantando bruscamente com o susto da realidade. Eu não estava dormindo. Eu definitivamente não estava. E aquele cara definitivamente não era um dos *Hanson*!

— Ai, meu Deus! — pulei da cama e comecei a ajeitar minha roupa e meu cabelo. — Desculpa! Por favor. Eu sinto muito. Estava arrumando o quarto e...

— Espere, eu... não entendo o que você... ok. Ok. — Ele começou a agitar as mãos e só então eu percebi que ele estava falando em inglês.

— Desculpe —, eu disse, também em inglês — eu sinto muito.

— Você trabalha aqui? — ele levantou uma sobrancelha, ainda segurando para não rir.

— É. E eu... droga! — senti meu queixo tremer

PERIGOSAS ACHERON

e meus olhos arderem. Era o *maravilhoso* sinal de que eu ia chorar, um sinal que eu não gostava muito. — Por favor, não conte a ninguém. Eu...

— Não vou contar — ele disse, mas eu estava tão envergonhada que não ouvi. Na verdade, ouvi sim, mas desconfiei se era mesmo verdade ou imaginação.

— Eu não posso perder esse emprego. Mais um e a minha amiga me expulsa do apartamento que divido com ela, então...

— Ei, calma, calma! — ele me segurou pelos ombros e me encarou, começando a realmente rir da situação. — Já disse que não vou contar, ok? — O sorriso era a pior parte. E isso só me dava a certeza de que eu precisava cair fora dali.

— Ok — respondi meio tonta.

Aquilo era injustiça! Eram oito da manhã, eu tinha acordado às cinco. Ainda estava com sono e aquele cara tão estonteantemente lindo sorria para mim como se não tivesse me encontrado deitada na cama dele, no décimo terceiro sono. E eu não era

PERIGOSAS ACHERON

do tipo que ganhava o sorriso de alguém tão fácil assim. Não mesmo.

— Não tem problema. Está tudo bem. É uma cama legal —, deu de ombros —mas eu gostei mais do sofá, para ser sincero — saiu e foi para a sala de estar.

— Ham... eu só vou limpar o banheiro e já estou saindo — informei, falando um pouco mais alto para que ele ouvisse.

Eu quis agradecer por ele não ter ligado na hora para a gerência, mas meus agradecimentos costumavam terminar de um jeito nada convencional. Às vezes num carro, num banheiro de uma boate ou no meu apartamento. Clarice, minha melhor amiga, odiava quando eu fazia isso! Mas tudo bem se fosse ela quem o fizesse.

Empurrei meu carrinho até o banheiro e tranquei a porta. Estava louca para dar o fora logo, mas nem tinha começado a limpeza, e encarar aquele cara outra vez não seria fácil.

— Que vergonha! Que vergonha! Que vergonha!

PERIGOSAS ACHERON

vergonha! — cochichei, olhando para o espelho. — Que cara lindo! Que... merda!

Juro que estava esperando que o hóspede fosse uma velha chatinha, ou um executivo arrogante, vestido em um terno preto e exibindo um olhar pretencioso. Até mesmo um cantor de sertanejo universitário seria melhor que aquilo. Pelo menos eu não me sentiria tão inclinada a beijá-lo, sabendo que nossos mundos eram distantes demais. Eu sei que disse que nunca me interessaria pelas pessoas endinheiradas que se hospedavam naquele hotel, mas dessa vez eu não tinha como evitar.

Estava acostumada a ver, transitando pelos corredores, atores, modelos, empresários, políticos, jogadores de futebol e até alguns cantores e cantoras de forró. O tipo de gente que as pessoas costumam achar irresistíveis. E eu costumava discordar destas pessoas. Não que eu não os achasse bonitos, só não faziam meu tipo.

Eu costumava me envolver com o que Clarice chamava de “pessoas problema”, o que originou o meu apelido e nome artístico: Lissie Problema.

Não, não eram assassinos, ou algo do tipo. Nada disso. É só que eu tinha uma certa quedinha por caras — e garotas — complexos. Pessoas que nunca se hospedariam naquele hotel por inúmeros motivos.

Dessa forma, ninguém ali havia chamado a minha atenção. Não até aquele dia.

Terminei a limpeza e saí do banheiro, empurrando meu carrinho. Tudo o que eu queria era ficar longe daquele cara o mais rápido possível, antes que eu fizesse alguma besteira e perdesse meu emprego. De acordo com a nonagésima sétima regra dos funcionários do *Vivaldi Plaza Hotel*, ninguém deveria conversar com um hóspede além do necessário. Se envolver amorosa ou intimamente então, era inadmissível.

Passei pelo quarto e fui até a sala de estar. Ele estava sentado no sofá do qual gostara, afinando um baixo verde-escuro incrível.

— Uau! Esse baixo é... demais! — minha voz foi morrendo, até virar um sussurro indefinível

PERIGOSAS NACIONAIS

quando ele ergueu seus olhos verdes para mim e sorriu.

— Obrigado. Você toca?

— Não. — ri, sem graça.

— Nenhuma nota? — ele se levantou e ofereceu o baixo para mim.

— Não, de jeito nenhum. Fico melhor no vocal —, eu sorri, meio envergonhada. — mas conheço alguns baixistas que ficariam loucos por esse baixo.

— Você canta — era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— É, mas... não é nada demais. Só diversão.

— Como você se chama? — ele perguntou, voltando para o sofá.

Aquilo era real? Quero dizer, eu, sendo camareira, estava habituada com pessoas que nem me davam bom dia e alguém estava perguntando meu nome. Eu não consegui responder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ham... eu sou Henry Moritz. — Ele se levantou novamente, e estendeu a mão para mim.

— Lissie Problema... ham... Alissie... dos Santos. — Eu estava mesmo dizendo meu apelido, o que significava que começara a perder o controle das palavras. Péssimo sinal! —Tchau! — acenei timidamente, recusando o aperto de mão, consciente de que ele consideraria como falta de educação o que, nas circunstâncias atuais, era melhor.

— A gente se vê — ele disse, antes que eu fechasse a porta.

Saí do quarto empurrando meu carrinho e minha vergonha junto, desejando saber o que ele estava fazendo ali. Não combinava em nada com aquele lugar. Ele, suas roupas, seu corte de cabelo e todo o seu jeito anos 90 eram comuns e humildes demais para um quarto como aquele.

Claro que minha mente desconfiada arquitetou várias possibilidades que iam de traficante a filho de algum cara da máfia, mas no fim resolvi ficar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a opção mais óbvia: Ele era um músico famoso. Não aqui no Brasil, mas famoso em algum lugar distante, já que eu nunca ouvira falar sobre ele.

Mas eu ouviria. E ouviria muitas vezes ao longo dos próximos anos. O que, naquele dia chuvoso em que o conheci, não passou pela minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 2

Chovia. Chovia muito, muito mesmo. Era sexta-feira à noite e eu estava presa naquele maldito hotel, me apertando na minha jaqueta de couro marrom, encolhida debaixo da marquise do hall de entrada. O vento frio entrava pelos buracos da minha calça jeans rasgada e congelavam minhas pernas. Meus cabelos já estavam começando a eriçar e minhas botas pretas não conseguiam aquecer meus pés. Eu tinha só alguns minutos até morrer de hipotermia.

Meu celular vibrou e, tremendo, eu o peguei dentro da bolsa. Era uma mensagem de texto:

"Ei, problema! E então?
Vai vir mesmo, ou a gente pode colocar qualquer bêbado no seu lugar? rsrs
Brincadeirainha! XD
Mandei uma carona p/ vc... O cara está num carro preto de quatro portas.
Eu sei que vc me ama, não precisa ficar falando isso p/ o celular!
As pessoas vão achar que vc é mais louca do q parece.
Também te <3 (Não tanto quanto vc me <3, mas podemos discutir isso depois).
Beijo, beijo :*

Enviado às 22:30

— Convencida — eu ri, devolvendo o celular para a bolsa e olhando para os lados a procura de algum sinal da minha salvação.

Haviam muitos carros pretos de quatro portas chegando e saindo, mas todos eram caros demais para o que Clarice geralmente arranjava. Com certeza ela tinha mandado alguém que acabara de conhecer e julgara confiável. Eu não tinha problemas quanto a isso, porque o faro que Clarice tinha para esse tipo de cara certinho costumava ser bom. Exceto quando era para ela se envolver, aí o faro falhava miseravelmente.

Avistei um carro preto, que julguei popular, se aproximando da calçada do hotel e parando. Corri feito louca na chuva, consciente de que meu cabelo estava ficando encharcado, abri a porta do

PERIGOSAS NACIONAIS

passageiro e entrei.

— Chegou na hora certa! — eu ri e torci meus cabelos com as mãos, enxugando-os com meu cachecol. — A Clar não costuma mandar caronas pontuais. O que...

— Oi — o cara do baixo verde estava ao volante, me olhando com aquela expressão divertida, querendo rir da minha cara pela segunda vez.

— Ai, de novo não! — abri a porta do carro e só não saí molhando na chuva gelada, porque ele pegou minha mão e me puxou de volta.

— Espera. Está chovendo! — disse, como se fosse óbvio.

— E-eu me enganei. — sorri, sem graça. — Desculpa. Achei que fosse...

— Sem problemas. Não estou fazendo nada mesmo. — Ele deu partida no carro. — Onde precisa ir?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está brincando, né? Não cara, eu não posso mesmo — reabri a porta.

— Espera. Você já está toda encharcada, vai ficar ainda mais? E eu estou de férias mesmo! — ele deu de ombros. — Eu te levo onde precisa ir.

— Eu agradeço muito, mas eu não posso aceitar!

— Sério. Eu estou meio entediado, Alissie. É só me dizer para onde quer ir e eu te levo.

Apesar de todas as circunstâncias dizerem que aquele cara era uma grande roubada e que além do emprego, eu podia provavelmente perder a vida, me ajeitei no banco da frente e apertei minha bolsa no meu colo, deixando o número de emergência na tela de discagem do celular, caso precisasse. Eu tinha uma certa predisposição em me meter nesse tipo de encrenca, então mantinha alguns recursos prontos.

— É do outro lado da cidade. Eu canto num barzinho — disse, prendendo o cinto de segurança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você pode me dar o endereço? — ele perguntou, me mostrando o GPS do celular.

— Claro. Posso digitar?

— Sim, claro. — Ele me entregou o celular. Eu digitei o mais rápido que pude e devolvi para que ele pusesse de volta no suporte.

— Então, você tem família aqui? — eu puxei assunto, depois de longos minutos em silêncio, enquanto atravessávamos o centro da cidade.

— Não. Eu só vim conhecer.

— Você é Inglês, não é?

— É tão óbvio? — ele riu, concentrado no trânsito lento da cidade.

— É o sotaque. Eu vejo muitas séries e —, ri, nervosa. — você fala como *Jon Snow*, sabe, *Game of Thrones*, *George R.R. Martin*.

Ele gargalhou e era aquele tipo de risada que te contagia e te faz sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espero que isso não seja uma cantada — brincou ele.

— Não! Claro que... não! — a minha voz foi morrendo de novo e afundei um pouco mais no banco.

—Quais séries você gosta?

— Ham... — forcei a minha mente a trabalhar e me senti meio estranha com a pergunta. — Estou vendo *Penny Deadfull*, as dos heróis da *Marvel*... — Eu não conseguia lembrar de nenhuma outra série no momento, então me calei.

— As dos heróis da Marvel são ótimas.

— Eu... aprendi a falar inglês assim. Cantando também, mas, as séries me ajudam muito. E filmes, claro. Eu sou meio louca por filmes e... — Mordi os lábios. Estava começando a tagarelar.

—Você fala bem.

— Obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas seu sotaque é diferente das outras pessoas que moram aqui.

— Você é muito observador! — comentei. — Eu não sou daqui. Sou nordestina, sabe, Bahia.

— Ham... Salvador?

— Porto Seguro. Na verdade, Santa Cruz de Cabralia. — Eu quis evitar o silêncio que se seguiu, mas nada útil surgia na minha mente, até me lembrar do baixo. — Você tem uma banda? — perguntei, imediatamente.

— Tenho — ele respondeu, concentrado na rua e no GPS.

— E é conhecida?

— Não muito.

— É de lá da Inglaterra?

— Não. Todos os outros são americanos. — Outra dose de silêncio, e eu suspirei, mordendo a unha do indicador.

PERIGOSAS ACHERON

— O que foi? — ele me olhou por um instante e voltou a atenção para a rua.

— É que... estou muito envergonhada! — admiti. — Sério, eu não... não faço isso, mas é que comecei a tossir feito uma louca e me sentei na cama para...

— Ainda está preocupada com isso? — ele sorriu. Seu rosto iluminado pela luz vermelha do semáforo. — Não se preocupe. Não me importo com essas coisas! Nem olhei para aquela cama enorme. Até tirei um cochilo naquele sofá, se quer saber. Eu prefiro assim.

— Posso fazer uma pergunta indiscreta?

— Ham... acho que sim — sua voz soou indecisa.

— Por que veio para um hotel tão *cinco estrelas*?

— Ah, dizem que é mais seguro, mas, sinceramente, eu preferia um lugar mais barato e pequeno no centro da cidade. Pena eu ter um

PERIGOSAS ACHERON

empresário e uma namorada tão paranoicos!

— Mas eles estão certos! Esse hotel nem é tão seguro. Pelo que sei, posso ser uma psicopata assassina e você estar em perigo agora — tagarelei de novo, tentando não parecer decepcionada por saber que ele era comprometido.

Ele riu, balançando a cabeça negativamente, ainda com a atenção voltada para o sinal vermelho. Eu ergui uma sobrancelha e cruzei os braços.

— O que é? Isso é tão impossível assim?

— Você não é assim. Se fosse, estaria numa *Ferrari* ou em um *Porsche*, com algum empresário, não em um *Ford* alugado com um baixista de uma banda.

— É. Faz sentido — eu ri. — Você é bom!

— Meu amigo Stieve sempre diz isso — ele riu de novo.

— É ali! — eu apontei para a fachada do bar e Henry Moritz logo estacionou o carro, bem em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frente.

— *Lost?* — ele leu o letreiro em neon, com dificuldade.

— É. Tipo a série.

— Parece que as pessoas aqui são meio maníacas por séries.

— Ah, elas são — afirmei. — Lar, doce lar! — sorri, sem graça novamente. — Olha, obrigada mais uma vez e... desculpe mais uma vez. Minha amiga tinha arrumado uma carona para mim, e ela disse que era um carro preto de quatro portas, mas ela é um pouco lerda... ou cruel... ela me paga, aliás! Nem para me dizer o modelo do carro. Com essa chuva toda eu me enganei e...

Ele sorriu, se inclinou e beijou meus lábios que pararam de tagarelar no mesmo instante.

— Você é linda, Alissie — ele acrescentou, agora puxando meu rosto e espremendo meus lábios nos seus de novo.

PERIGOSAS ACHERON

Emendei outro beijo, puxando-o pela nuca, agarrando os fios castanhos claros do cabelo dele entre os dedos. Ele fez o mesmo com o meu cabelo e apertou os braços em volta da minha cintura. Era como se, em algum lugar do meu cérebro, uma frase em néon piscasse: “Ele tem namorada! Ele tem namorada!”. E era como se eu não ligasse a mínima.

Então o telefone dele tocou, nos tirando repentinamente de perto um do outro, como se tivéssemos sido pegos em flagrante.

— Ham... eu preciso atender — ele se desculpou, segurando o celular que iluminava suas sobrancelhas agora unidas, em uma expressão aborrecida.

— Claro. Ham... a gente se vê — repeti a frase dele, abrindo a porta do carro e vendo, de relance, os olhos dele pela última vez.

Entrei correndo no bar, pela porta dos fundos, e já dei de cara com Clarice.

— Posso saber por que você demorou tanto? —
PERIGOSAS ACHERON

ela me seguiu, de braços cruzados, pelo pequeno camarim improvisado, equilibrando-se no seu salto vermelho.

— Eu só... preciso de um tempo. E uma vodca.
— Sentei-me no banquinho de frente para o espelho da penteadeira, e comecei a desembaraçar meus cabelos com um pente quebrado.

— Não sei se quero saber, mas... experimente!
— ela sorriu, secando meu cabelo com uma toalha. Seus dentes brancos, da mesma cor dos cachos curtos de seu cabelo, contrastavam com seus lábios vermelhos e faziam com que ela se parecesse com Marilyn Monroe. Não dava para discutir com alguém vestida assim.

— Eu conheci um cara — ainda estava tentando processar o que acabara de acontecer.

— Sério? Você gostou do cara que mandei para te buscar? — ela ergueu uma sobrancelha. — Ele tem, tipo, uns cem anos no mínimo!

— Não vim com o cara que você mandou. Aliás, você tem que ser mais específica nas suas
PERIGOSAS ACHERON

referências! “Carro preto de quatro portas” ?

— Eu não sou muito boa com essa coisa de modelos, Liz! — justificou ela, passando blush na minha bochecha. — E, cara, eu paguei para te buscarem, sabia? Foram quase trinta paus!

— Não me daria uma bronca se tivesse visto o cara. — Eu destampeei o lápis de olho e comecei a pintar as pálpebras. — Ele parece um dos *Hanson*.

— Quem?

— Os *Hanson*! Aqueles irmãos adolescentes bonitinhos dos anos 90.

— Lissie, eu provavelmente não era nem nascida nessa época.

— Você vai mesmo mentir a idade para mim nessa altura do campeonato? — Cerrei os olhos para ela. — Enfim, ele toca em uma banda que, creio eu, é grunge. Sem dúvidas é grunge. Ele parece o Kurt Cobain, um pouco. Mas tá mais para um dos *Hanson*. Você se lembra dos *Hanson*! Eu tenho certeza! Ah, e ele tem o sotaque do *Jon*
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Snow, porque ele é inglês, e tem um baixo verde que você ia adorar! Mil vezes melhor do que aquele seu, desculpe, mas é verdade.

— Liz —, ela apertou os olhos, me olhando pelo espelho. — Você pegou carona com alguém que acabou de conhecer?

— Não foi bem isso, eu... meio que... já tinha falado com ele mais cedo, então...

— Mas você não estava trabalhando?

— É.

— Ah, não. Não, não, não, Liz! — ela se sentou na cadeira ao meu lado. — Ele é um hóspede!

— Calma, foi só um beijo! Não vou ver ele nunca mais! Relaxa.

— Lissie, se você perder esse emprego, eu juro...

— Eu não vou perder!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uhum. — Ela se levantou, virou as costas para mim e saiu do camarim, já pedindo uma tequila para o garçom.

Subimos para o palco sem terminar a conversa, mas eu entendi que ela não queria saber. Eu aceitei a raiva dela, porque eu sempre trazia problemas que a deixava em maus bocados para conseguir pagar o aluguel. Não tinha o direito de dizer nada. Absolutamente nada. Então, apenas cantei como nunca naquela noite, no mesmo palquinho improvisado de sempre, de frente para as mesas lotadas.

Quando cheguei àquela cidade, encontrei aquele lugar como quem encontra um tesouro, um oásis no meio do nada para descansar do mundo. Lá eu cantava e lavava minha alma. Lá eu me redimia por tudo o que era e fizera. Lá eu voltava a ser digna de algum sentimento positivo, mesmo depois de todos os meus crimes.

As pessoas aplaudiam e se levantavam das mesas para cantar junto e pular. Algumas pessoas jogavam sinuca lá atrás e alguns casais até

PERIGOSAS ACHERON

arriscavam uns passos desajeitados em frente ao palco, nas canções mais lentas.

As luzes giravam e eu me sentia livre, como se pudesse voar.

— Boa noite, queridos — sorri para a pequena plateia que aplaudia e gritava em suas mesas. — Como estão nessa sexta-feira congelante? — eles gritaram novamente, erguendo suas enormes canecas de Chopp. — Alguém quer pedir alguma música?

Avistei uma mão erguida, perto do balcão de bebidas, e forcei os olhos para tentar enxergar, mas meu meio grau de miopia me atrapalhava nessas horas. Só quando um grande feixe de luz branca foi jogado no bar é que pude distinguir a silhueta.

Henry, com sua jaqueta de couro marrom, ergueu sua própria caneca de Chopp e gritou alguma coisa que não consegui ouvir.

— Olá. — Sorri ao microfone. — Bem-vindo

PERIGOSAS ACHERON

ao *Lost*! Espero que você se encontre aqui.

A galera gritou e aplaudiu. Ele sorriu e bebeu mais um gole do seu copo de bebida, e cumprimentou algumas pessoas em resposta.

—Hum... eu não entendi a música que você quer. Desculpe — disse em inglês, olhando furtivamente para Clarice, e ela franziu o cenho, sem entender. Ele gritou novamente, e só então pude entender. Ele tinha pedido uma dos *Hanson* e eu comecei a rir. As pessoas se perguntavam o que ele dissera, e alguns casais começaram a vir para a frente do palco novamente, para dançar ao som de *Save me*, a única dos *Hanson* que eu conhecia.



Minha cabeça latejou de leve.

Apertei os olhos com força, sentindo a primeira pontada de uma dor um pouco mais forte que as de costume, que aumentaria gradativamente ao longo do dia. Eu a conhecia muito bem. Era o primeiro

PERIGOSAS NACIONAIS

indício de que eu estava de ressaca.

Havia uma claridade batendo em cheio no meu rosto. Minhas pálpebras estavam pesadas, e a tal luz incomodava, fazendo minha dor de cabeça piorar. Virei de costas na cama e esfreguei os olhos com as mãos, depois os abri devagar.

A primeira coisa que vi foi um lustre bonito de vidro, cheio de contas e pequenas gotas. A semelhança a pingos de chuva congelados no teto me fez querer rir. Estranhei as paredes com desenhos vermelhos e o teto branco. Não me lembrava de nada, absolutamente. Não fazia ideia de como tinha chegado ali e nem com quem eu estava.

Tentei me lembrar de alguma coisa da noite anterior, e só o que me vinha à mente era o *Lost* lotado. Também me lembrava do beijo dentro do carro, mas considerei como um sonho ou algum efeito da bebida. Isso não era raro de acontecer quando eu misturava aspirina com um pouco de álcool.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentei-me na cama e olhei para a janela. As cortinas estavam abertas e eu podia ver a cidade inteira dali. Era uma vista linda, mas não quando se está de ressaca. Apertei os olhos, passei a mão pelos meus cabelos que estavam totalmente bagunçados, e olhei para baixo. Estava sem roupa, para variar.

Deitei e me cobri com o edredom. Passara a noite com alguém e só precisava esperar para descobrir quem era. Não estava afim de fingir que me lembrava, ou de me explicar. Cobri a cabeça e torci para que a tal pessoa não tivesse ido embora antes de mim, como era comum. Eu não tinha dinheiro para pagar um quarto como aquele.

A cama era macia e o edredom era aconchegante. Seria fácil dormir de novo naquele colchão. O cheiro do travesseiro era inacreditável também. Lavanda com madressilva. Parecia os alvejantes do *Vivaldi Plaza Hotel*.

Sentei-me de uma vez, deixando o edredom cair e me deixar nua de novo. Dei uma boa olhada em volta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus! — levei as mãos à boca, para sufocar um grito. Eu estava no hotel, naquele quarto do hotel, no quarto do baixista! — Não foi um sonho. Eu... ele... eu estou ferrada! Muito ferrada!

— Alissie? — o cara do baixo verde saiu do banheiro com uma expressão preocupada e seus cabelos tão desalinhados quanto os meus.

Eu agarrei o edredom e escondi meus seios, me mantendo afastada, encarando-o com um misto de deslumbramento e pânico.

— Eu estou... ferrada! — balbuciei, meio sonolenta, meio assustada, olhando para aquele cara que não combinava em nada com o quarto.

— Você está bem? — ele franziu o cenho, preocupado.

— Am-ham — afirmei, acenando a cabeça. Olhei para o outro lado e a luz fez minha cabeça latejar. Apertei os olhos com força. — Se importa em fechar as cortinas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você deve estar de ressaca. Desculpe. — Ele rodeou a cama e as fechou. — Melhor?

— Melhor — tentei sorrir, mas os músculos da minha boca estavam rígidos.

Ele sorriu e se deitou ao meu lado na cama, apoiando o braço no travesseiro para me olhar.

— Costuma se xingar assim pela manhã? — Ele brincou, encostando os lábios nos meus enquanto falava.

Sorri e o abracei, apertando os dedos contra suas costas macias e quentes. Ele tinha um cheiro bom que eu não conseguia identificar, mas não era um perfume com o qual eu estivesse acostumada.

— Henry — sussurrei.

— Hum — respondeu, sem parar de beijar meu pescoço.

— Eu e você... nós... ah, droga! — praguejei e encarei minha calça jeans que estava jogada junto a dele no chão, perto da cortina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi?

— Vou estragar tudo se disser que não me lembro de nada?

— De nada, tipo...

— Tipo tudo. Não me lembro de absolutamente nada.

— Sêrio? — ele deu uma risadinha e olhou para mim. — Nada mesmo?

— Bem, só me lembro do bar cheio de gente e daquele nosso beijo no seu carro.

— Parece que você esqueceu as melhores partes — sorriu.

— É. Preciso parar de beber!

— Pois é — ele se deitou de costas ao meu lado e suspirou, fitando o teto. Seus cabelos esparramados pelo travesseiro branco. — Depois daquele beijo dentro do carro, você entrou no bar e eu pensei que não devia deixar você voltar para

PERIGOSAS ACHERON

casa com a carona que sua amiga conseguiu para te buscar no hotel.

— Poxa, ele era a minha primeira opção da noite — lamentei, fingindo tristeza, passando os dedos pelos cabelos para arrumá-los.

— Então, eu entrei —, ele continuou. — Pedi uma dose de rum e fiquei ali no bar, conversando com um cara. Você cantou algumas músicas... a propósito, você canta muito bem!

— Obrigada. — Sorri.

— Depois você desceu do palco, nós dançamos, alguns caras foram hostis comigo e a sua amiga Clarice me disse que eles sempre tentavam assustar os seus namorados para te proteger, e que eram uns “idiotas machistas”. Ela é engraçada, a sua amiga. Depois nós começamos a conversar, quando o bar ficou vazio.

— Essa não! O que foi que eu te disse?

— Nada demais. Só o nome do seu cachorro, histórias da sua infância, da sua mãe, dos seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irmãos e de todos os seus ex-namorados... ufa! Achei que a noite nunca fosse terminar! — Ele me olhou sério e depois sorriu.

— Eu devo ter bebido bastante! — disse, me aninhando nos braços dele. — Porque eu não tenho irmãos e nem cachorro.

— Na verdade, você só contou coisas sobre a cidade, e depois nós saímos para você me mostrar os pontos turísticos.

— De madrugada? — ergui uma sobrancelha.

— Sim. Ah, você também disse que gosta de ser chamada de Lissie. Desculpe não ter te chamado assim agora a pouco.

— Sem problemas.

— E, por fim —, continuou ele, — e com muito custo, porque você não conseguia se localizar nas ruas, viemos para o hotel.

— E... aqui estamos nós! Eu sem meu emprego, claro, mas tudo bem. — Afaguei seu queixo.

PERIGOSAS ACHERON

— Como assim? — ele perguntou, preocupado.

— Existe uma regra idiota no hotel sobre empregados e hóspedes. Aparentemente, eu violei mais da metade delas, então já era pra mim.

— Lissie, eu sinto muito. Se soubesse disso, teria te levado para outro lugar.

— Não, tudo bem. Eu cuido disso depois.

Ele ficou em silêncio por um tempo, encarando o teto. Imaginei que talvez fosse a hora certa para cair fora antes que ele mesmo fizesse as honras, mas continuei ali, olhando para ele e penteando seus cabelos com os dedos.

— Você se esqueceu de tudo mesmo? — murmurou ele.

— É... eu sinto muito. — Tirei minhas mãos de seu cabelo e me deitei de costas também. Era agora. Ele provavelmente aproveitaria esse deslize para dizer que foi legal, mas que eu já devia ir. Eu não estava exatamente com medo disso. Seria melhor para mim, de qualquer forma, porque me pouparia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de inventar qualquer desculpa. Era sempre eu quem tinha que terminar os lances. Resolvi levar o fora dessa vez.

— Então... você não se lembra do que conversamos sobre mim. — Ele concluiu.

— Ham... não. — Minha voz tremeu. Talvez não fosse tão simples assim, afinal. Talvez ele diria que estava fugindo da polícia por algum crime e que agora teria que me matar.

— Ótimo — ele suspirou e voltou para a posição de antes, escorado em um dos braços, olhando para mim. Ele fez uma longa pausa que me deixou paranoica. Comecei a pensar em formas rápidas de fugir dali ou pedir ajuda, caso a coisa ficasse feia.

— O que foi? — perguntei apreensiva, me sentando na cama, ainda com o lençol cobrindo os seios.

— Ontem nós chegamos e... Nos beijamos, não é? E você tirou minha camisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu me lembro disso — pisquei algumas vezes, porque as imagens das quais me lembrava pareciam partes de um sonho confuso. — Você não curte essa coisa de sadomasoquismo não, né? Porque algumas garotas estão nessa de achar isso um sonho agora, por causa daquele filme. Inclusive a Clar! Quero dizer, tudo bem, cada um com a sua vida, mas eu... — eu mordi os lábios e sorri, envergonhada. Estava tagarelando de novo, mas pelo menos o fiz rir.

— Não, não é isso.

— Sem chicotes, algemas e coisas assim? — perguntei.

— Sem chicotes, algemas ou coisas assim. — Prometeu ele, ainda sorrindo, mas fitando as minhas mãos, que ele acariciava com as pontas dos dedos, agora. — Lissie, eu sou transgênero.

— Ah, é mesmo, eu vi as suas cicatrizes! — eu sussurrei, passando as mãos sobre elas. Eram duas cicatrizes rosadas, logo abaixo do peito. — Perguntei o que tinha acontecido.

PERIGOSAS ACHERON

— É.

— E você disse que tinha feito uma cirurgia há uns dois anos.

— Isso.

— Nós conversamos um tempão sobre isso, mas lembro de poucas coisas.

— Sim. Nós conversamos bastante — ele disse, e me olhou de um jeito estranho, como se esperasse algum tipo de reação. Também dava para perceber que ele estava um pouco decepcionado por eu ter esquecido a conversa.

— Henry, desculpe. Eu... — tentei dizer alguma coisa, mas estava muito sem graça para isso. Eu com certeza tinha feito perguntas idiotas para ele e isso não era legal. — Eu tenho uma memória terrível e estava bêbada e... tenho essa mania de confundir o que eu sonho com o que acontece de verdade. — Peguei seu rosto entre as mãos e o beijei. — Você me desculpa por ter esquecido? E se eu tiver dito alguma coisa que não foi legal, te peço desculpas também.

—Claro! — ele pareceu surpreso, mas suavizou sua expressão rapidamente. — Lissie esquecida, Lissie esquecida... — brincou, sorrindo, distraído com uma mecha do meu cabelo.

Eu estava me sentindo péssima por ter esquecido. Não parecia ser o tipo de coisa da qual ele costumava falar abertamente com quem acabava de conhecer e, por algum motivo que eu desconhecia, havia confiado em mim. E eu estava arruinando tudo!

E arruinaria ainda mais porque precisava ir embora antes que acontecesse o pior. Cada parte de mim pedia para que eu ficasse um pouco mais, mas eu fugiria no fim das contas. Era raro haver qualquer grau mínimo de intimidade entre mim e qualquer pessoa, mas quando havia eu costumava dar o fora antes que pudesse me magoar ou magoar alguém.

Levantei e abri o frigobar, em uma busca desesperada por água. Bebi tudo de uma vez só e, enquanto terminava, pensei em perguntar sobre a

PERIGOSAS NACIONAIS

namorada dele, mas não era uma boa hora para o assunto. Talvez pudéssemos conversar sobre isso depois. Em algum momento entre o nunca e o jamais, mais precisamente, porque eu não estava disposta a encarar o fato de que dormira com o namorado de alguém.

Nós conversamos por um tempo sobre coisas triviais. Eu falei a maior parte do tempo sobre viagens que gostaria de fazer, lugares onde já estivera e sobre festas e comidas típicas do Brasil, e cantarolei canções brasileiras até faltar assunto. Foi quando ficamos em silêncio e ele caiu no sono.

Ele parecia ser do tipo de pessoa que dorme com extrema facilidade e não acorda ao som do menor ruído. Não acordou nem quando eu me levantei para vestir minhas roupas, e nem quando o olhei por um tempo imaginando um mundo onde nossas realidades não fossem tão distintas.

Também não acordou quando abri a porta e saí sem dizer nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 3

Caminhei, vigilante, pelos corredores do hotel, tentando passar despercebida. Se tivesse sorte ninguém me veria ou talvez não reconheceria. Assim meu emprego ainda estaria seguro. Mas, como o *karma* é infinito, quando as portas eletrônicas do elevador se abriram, dei de cara com a gerente do hotel.

— Alissie — ela me lançou um olhar de triunfo, olhando para minhas roupas e depois para meus cabelos bagunçados.

— Mariana — disse sem emoção, entrando no elevador.

— O que está fazendo aqui a essa hora, sem o uniforme?

— Eu perdi a hora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estava indo justamente procurar por você.

— É mesmo? — eu sorri, fingindo surpresa.

— É. No quarto de um dos hóspedes.

— Você não poderia fazer isso.

— Por que não?

— Porque seria invasão de privacidade.

— Você entrou aqui ontem, bêbada, acompanhada de um dos hóspedes — ela sussurrou, bem perto de mim agora. — Você feriu o nosso regulamento.

— Eu sei. Desculpe.

— Desculpas não vão adiantar.

— Então o que quer que eu faça?

— Por hora você vai ter uma conversa com o gerente geral.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é inaceitável! — dez minutos depois, o gerente geral dizia, bem na minha frente, com fogo nos olhos. — Você violou todas as regras do hotel! Não foi só uma ou duas, foram todas!

— Eu sinto muito — eu disse, sem conseguir olhar para ele.

— O que disse?

— Que eu sinto muito.

Ele pareceu assustado porque, milagrosamente, eu não revidara ou tentara me justificar. Isso pareceu desarmá-lo e ele abaixou o tom de voz.

— Você não pode sair com um hóspede e sabe disso!

— Eu sei, mas... aconteceu! — ergui os olhos, dignamente, sem demonstrar um pingo de arrependimento. Tudo o que eu não estava agora era arrependida.

— Dessa vez passa, Alissie, mas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Dessa vez não passa nada! Vocês vão me demitir, não vão? — cruzei os braços, ameaçadora.

— Estamos te dando outra chance para...

— Obrigada, mas eu não quero. Eu violei as regras, não violei?

— Sim, mas...

— Passo aqui na segunda para assinar os papéis! — levantei-me da cadeira e fui até a porta.

Eles não disseram nada e nem poderiam porque eu estava certa, afinal. Odiava que me dessem carta branca pelas coisas. Eu sempre fazia coisas erradas, mas nunca aceitava não pagar por essas coisas. Se ninguém me punisse, eu mesma o fazia.

Por isso me demiti naquele dia e por isso estava fugindo do cara mais legal que conhecera na vida, exatamente como fugi da minha cidade natal sem dizer para onde ia. Porque eu não merecia nada de bom. Porque o que eu fizera não tinha perdão. E eu me puniria para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cheguei à minha casa amparada pela garoa e pela névoa que caía sobre a cidade naquela manhã. Eu morava em um conjunto de prédios feitos para universitários, no centro e, quase sempre, me deparava com alguns garotos voltando para casa de manhã, quando eu ia para o trabalho. Mas, naquele dia, era eu quem estava voltando. Suspirei ao pensar no sermão que ouviria pelas próximas quatro horas.

Conhecia Clarice desde a quinta série, quando ela veio dos Estados Unidos para morar com o pai por uns tempos, e desde então nunca nos separamos. Ela foi meu maior apoio quando tive que fugir de casa, sumir, desaparecer.

Lembro que, depois de tudo, ela não pensou duas vezes em me acompanhar até São Paulo e, de lá, para onde quer que eu fosse. A primeira opção era seguirmos para o Chile ou Argentina, mas acabamos parando em Gramado. Depois de um tempo, percebi que eu não precisava ir tão longe. Eles nunca me achariam tão longe de casa, porque nunca se dariam ao trabalho de me procurar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E Clarice sempre esteve comigo. Sempre. Por isso não era fácil decepcioná-la. Foi ela quem fez tudo! Ela nos sustentou durante meses, com os fundos que o pai dela havia juntado para sua faculdade e foi ela quem encontrou nosso apartamento, também foi ela quem me indicou na maioria dos empregos que perdi. Assim como o que acabara de perder.

Subi para o terceiro andar, escolhendo minha melhor expressão para que ela não ficasse tão furiosa. Pensei até em inventar alguma mentira, mas Clarice me conhecia muito bem e perceberia que eu estava tentando aliviar a minha barra com ela. Entrei na cozinha e dei de cara com a minha melhor amiga, descabelada, sentada em nossa pequena mesa de granito, vestindo uma blusa velha, chorando enquanto encarava sua caneca de leite frio.

— O que foi, Clar? — aproximei-me e sentei ao seu lado, pegando suas mãos.

— Eu... ontem eu... quero dizer... — Ela não conseguia continuar nenhuma frase.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você tem?

— Eu sou uma burra, Lissie! Sou uma completa idiota!

— Foi o Marcos, não foi? — perguntei e ela só acenou que sim.

Clarice era o tipo de garota que se apaixonava, rápida e perdidamente, por qualquer homem que lhe desse um pouco de atenção. Isso se devia aos longos anos em que sua autoestima fora bombardeada por estar fora de padrões de beleza idiotas que as pessoas exigiam. Eu não era lá muito diferente — nós tínhamos sido unidas pelo *bullying*, afinal — mas eu costumava lidar de outra forma. Aprendi que manter distância das pessoas e ser superficial era sempre mais seguro e ainda estava nessa. Mas a Clar sempre terminava ali, sentada na mesma cadeira, com a mesma xícara de leite, chorando por algum imbecil.

Marcos era o imbecil da vez. Tinha trinta anos, fora modelo por um tempo, e agora morava de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

favor na casa da avó, sem perspectivas de se sustentar sozinho algum dia. Mas era bonito. Muito bonito! E, infelizmente, minha amiga se sentia atraída mais por beleza do que por caráter.

Eu costumava dizer que os dois eram como um brinquedo de vai e vem. Uma chatice sem tamanho. Um dia ele dormia na minha casa, e eu tinha que sair por aí para dar privacidade. No outro, ela já estava brigando com ele no estacionamento, sendo assistida por uma plateia animada e fofoqueira de estudantes.

Eu sempre preferi ficar longe do amor e todas essas coisas complicadas. Odiava namoros e qualquer coisa que fosse duradoura. Tinha preguiça de todas as regras e joguinhos dos relacionamentos. Não nascera para essas coisas, definitivamente. Dar satisfações, inventar desculpas esfarrapadas, aguentar os defeitos de alguém e brigar até de madrugada por uma coisa que nunca ia mudar? Deus me livre!

Eu preferia fazer do meu jeito: Começar bem, curtir um pouco e terminar quando a coisa

PERIGOSAS ACHERON

começasse a ficar séria.

— Ele é tão babaca e... — Clarice tentava dizer, com raiva, fungando e secando as lágrimas.

— Não precisa explicar. Eu já sei — levantei-me e fui procurar algo para comer. — Ele veio aqui, dormiu com você, foi uma gracinha a noite toda e de manhã virou abóbora.

— Eu virei abóbora! — ela soluçou, recomeçando a chorar.

— Não, não foi o que eu quis dizer — abracei seus ombros largos e afaguei seus cabelos. — Você precisa se desprender desse cara!

— Mas eu gosto dele, Lissie.

— Mas pode deixar de gostar!

— Como?

— Sei lá, mudando o foco. Você sempre arruma esses caras mais velhos. Acho que você devia procurar alguém mais jovem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você acha?

— Claro que acho! Procure alguém diferente, Clar.

— Talvez seu baixista tenha algum amigo, não?
— ela fungou e sorriu, limpando o rosto. — Como foi com ele, por falar nisso?

— Foi ótimo! — olhei para ela, sem muito entusiasmo.

— Como assim “Foi ótimo”? — ela arregalou os olhinhos de boneca para mim. — Eu quero que me conte tudo! Em detalhes!

— Não tenho nada para contar, Clar! Foi muito bom, mas eu virei abóbora — rumei até o quarto e me joguei na minha cama.

—Você perdeu o emprego por isso, não foi? — ela suspirou.

— É, eu perdi. Desculpe, Clar. Odeio te decepcionar, mas...

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem. Já estou acostumada — ela disse, jogando-se na cama dela e fitando o teto. — O que vai fazer agora?

— Não sei. Eu nunca sei o que estou fazendo, não é?

Nós duas rimos e logo ela dormiu, me deixando sozinha com o vazio que eu geralmente via em meu futuro. Nenhum lugar para onde ir, nenhum sonho ou meta. Às vezes, tudo o que havia à minha frente era escuridão.

Mas naquele dia o que eu vi foi diferente. Henry aparecia vez ou outra na minha mente, enquanto eu imaginava coisas infantis e clichês como o final de *Uma linda mulher* ou de *Um lugar chamado Nothing Hill*. Talvez eu só tivesse uma obsessão secreta pela *Julia Roberts*, ou estava vendo filmes demais.

Acordei às seis da tarde, com a campainha gritando no corredor. Meu quarto já estava escuro e havia uma música horrível tocando no apartamento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em frente, que eu só começara a perceber agora. Era isso todos os sábados à noite: Os estudantes sempre faziam festas que só terminavam na segunda-feira.

Eu adorava aquelas festas quando era convidada. Bebia até cair e dormia esparramada em um dos apartamentos, quase sempre com um estudante de administração ou de direito. Os universitários eram os mais divertidos e os mais distantes. Não se prendiam a ninguém e só queriam diversão. O tipo perfeito para mim.

Mas, naquele dia, eu não tinha sido convidada e minha cabeça estava explodindo. Não queria ouvir barulho e nem som, mas os estudantes estavam lá fora, gritando e dançando. Cobri a cabeça com o travesseiro e virei para o outro lado.

— Lissie — Clarice entrou, sussurrando baixinho. Sentou-se na minha cama e me sacolejou.
— Lissie, acorda.

— O que foi? — eu ergui a cabeça e olhei para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O cara do baixo verde.

— O quê? — sentei-me na cama, jogando o travesseiro longe.

— Ele está lá na cozinha. Disse que quer falar com você.

— Diga que eu... eu... estou doente. Muito doente e que é contagioso. Diga qualquer coisa, mas faz ele ir embora!

— Claro que não! Levanta logo daí e vá falar com ele.

— Não! Eu não posso — sussurrei, forçando-a a abaixar a voz.

—Para de se comportar como uma velha rabugenta e vai lá. Anda! — ela sussurrou de volta, entre dentes.

—Tá bom! Mas vou mandá-lo embora — avisei, me levantando, ajeitei o pijama e fui andando. Clarice me puxou pelo braço e me empurrou de volta para a cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não vai falar com ele assim!

— Assim como?

— Como uma mulher das cavernas!

— Ah, se toca, ele já me viu assim.

— É, mas agora é diferente!

— Que diferença que...

— Calada!

Depois de acender a luz, Clarice penteou meus cabelos, fez uma maquiagem bem leve no meu rosto e me vestiu em uma de suas camisolas de seda que ela chamava de “vestidos de ficar em casa”. Vesti minha jaqueta de couro preta por cima e amarrei meu cabelo. Era um exagero estar arrumada e só pioraria as coisas.

— Agora posso ir? — perguntei, bocejando. Não precisava de nada daquilo para dar o fora nele. O que eu precisava, na verdade, era de uma enorme força de vontade.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está linda! — ela sorriu e pegou minha mão. — Lissie, você se lembra daquela música do *Eagles* que nós treinamos outro dia? *Desperado*?

— Ah, não, Clar... — Revirei os olhos.

— *You better let somebody love you* — ela citou a canção e sorriu. — Só dessa vez.

— Você sabe o que significa *desperado*, não sabe?

— *Tô indo para festa!* — ela me deu um beijo no rosto, limpou o batom da minha bochecha e saiu, me deixando sozinha em casa com aquele cara que, por mais que doesse, eu deveria mandar embora.

Quando cheguei à cozinha, o vi sentado numa das minhas cadeiras, vestido em sua jaqueta de couro marrom de novo. Por um segundo pensei que ele combinava muito melhor com meus móveis do que com aquele quarto infestado de ácaros onde estava hospedado. Ele sorriu e me desarmou, fazendo minhas mãos tremerem. Eu fiquei paralisada, e cruzei meus braços para esconder

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas mãos.

— Bonita jaqueta — ele comentou.

— Obrigada — disse, incisiva. — Como descobriu que eu moro aqui?

— Perguntei para uma funcionária do hotel. Eu queria me desculpar. — sua expressão ficou séria.

— Pelo quê?

— Você perdeu seu emprego por minha causa.

— Não. Não é sua culpa.

— Sério, eu não sabia dessa regra e poderia ter evitado isso se tivesse te levado para outro lugar.

— Não se preocupe, Henry. É sério. Está tudo bem.

— De qualquer forma, eu... Só vim te dar um presente e me despedir.

— Ham, não precisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele abriu aquele sorriso simples e me entregou seu baixo verde, com um laço de fita vermelho enrolado nas cordas.

— O que é isso? Eu não posso aceitar — protestei, sem pegá-lo.

— É o baixo que você gostou.

Eu fiquei em silêncio, sem me mover, até ele deixar o baixo sobre a mesa e se levantar, sem graça.

— Está tudo bem? — ele perguntou, coçando a nuca.

— Henry, eu tenho um lance com um cara aí e... — menti, olhando para meus pés.

— Ah, tudo bem. Eu entendi.

— Não é que eu não tenha gostado, é que...

— Aham, eu já sei — ele disse, indo até a porta. — Não precisa dizer nada. Eu já devia ter me acostumado com isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com isso, o quê?

— Nada. Então, tchau! — ele acenou e abriu a porta.

— Espera, Henry, você não está pensando que é por você ser trans, está?

— Olha só, não... não deixe as coisas piores, tá?
— ele pediu, antes de sair para o frio lá fora.

— Henry, espera! Não é nada disso! — ele parou, quase no fim da escada e escondeu as mãos nos bolsos da jaqueta marrom. — Sou eu! — continuei. — Eu não sou exatamente o tipo de pessoa com quem se deva ter alguma coisa além de uma noite. A Clar não me chama de “problema” à toa — dei uma risadinha nervosa, começando a gaguejar de frio.

— “Não é você, sou eu.” — ele suspirou e fitou o chão, com um meio sorriso nos lábios. — Eu já ouvi essa.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para ele e me senti ainda pior. Pior porque eu nunca conseguia fazer nada direito. Tive que me segurar para não descer as escadas e agarrá-lo pelo colarinho da jaqueta, para fazê-lo entender o quanto ele estava equivocado. Eu só precisava que ele fosse embora, porque eu não podia me apaixonar. Eu não podia ter nada de valor, porque eu não sabia cuidar de nada e nem de ninguém. Eu sempre magoava as pessoas importantes. Eu estava fazendo isso agora.

—Henry, — eu disse, descendo os degraus depressa para pegar em seu braço. — eu sei que existem pessoas idiotas que dizem coisas ruins e que pensam coisas ruins sobre você, mas, eu juro, eu não estou entre elas! É só que eu sou uma bagunça e... você é incrível e, sabe, eu não quero estragar o que tivemos. Eu sei, eu estou sendo precipitada. Não é como se fossemos nos casar ou qualquer coisa do tipo, eu não quero parecer do tipo chiclete e nada disso...

Eu parei de tagarelar repentinamente quando ele pegou meu rosto entre as mãos e me beijou, antes de perguntar com um meio sorriso:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você poderia me dizer onde está essa garota problema? — ele franziu o cenho. — Porque eu não a vejo quando olho para você.

— Acho que você não devia ficar para descobrir, sabe? — disse, sem jeito.

— Como você disse, não é como se fossemos nos casar amanhã — ele deu de ombros, sorrindo. — Eu vou embora no próximo domingo e só queria passar esses dias com você. Sem pressão, eu prometo! — Ele ergueu os braços em sinal de rendição.

— Bom, eu acho que tenho algumas horas vagas na minha agenda — sorri para ele, passando os braços em volta do seu pescoço. — Desculpe por ter desaparecido daquele jeito.

— Tudo bem. — Ele me abraçou e ficamos assim por um tempo, até a Clarice gritar “Que fofos!” da janela do vizinho e me obrigar a puxar Henry de volta para o apartamento.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não repare a desordem — eu disse, chutando meia dúzia de roupas para debaixo da minha cama. — Eu sou muito bagunceira.

— Tudo bem. Eu também sou — ele sorriu, indo em direção a janela de vidro. — Gostei daqui.

— Daqui do meu quarto, daqui do prédio, ou daqui do Brasil?

— De tudo — ele riu. — Mas esse prédio é muito diferente. Sempre quis estudar em uma universidade e dividir o apartamento com uma galera, mas tive que me dedicar à banda desde muito cedo.

— Quantos anos você tinha?

— Dezesseis.

— Tão cedo assim?

— É — ele deu um meio sorriso e se recostou no batente da janela.

— Você tem certeza que não é um dos *Hanson*?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho — ele riu.

— E essa coisa de trabalhar tão cedo não te atrapalhou? Escola, amigos... garotas?

— Não. Eu continuei na escola e as garotas...
— ele riu, sem graça. — Elas continuaram sendo um problema tanto quanto antes.

— Garotas podem ser cruéis — comentei, me jogando de costas na minha cama. — *Pessoas* podem ser cruéis. — Corrigi a frase, pensativa.

— É. Pessoas sabem dizer coisas bem dolorosas de se ouvir.

— Você já ouviu muitas coisas ruins?

Ele se deitou na minha cama, se aninhou nos meus braços e fitou o teto por alguns minutos, pensativo.

— Eu tinha uns nove ou dez anos e... — ele começou a contar. — Eu ainda estava naquela fase

PERIGOSAS ACHERON

bem infantil, você sabe, esportes, videogame, aulas de guitarra... As meninas nunca tinham me despertado interesse, mas então teve essa aluna nova. Ela era de outro país, eu acho, não me lembro qual. Os meus amigos recebiam cartinhas todo o tempo e, como eu nunca tinha recebido nenhuma, eu decidi enviar alguma coisa para essa menina. Eu não entendia muito bem porque eu não podia fazer isso. Na verdade, ainda não entendo. Enfim, a coisa foi bem pesada e... minha mãe teve que me mudar de escola por isso. — Ele terminou de contar, mais sério do que antes.

— Foi tão ruim assim? — franzi o cenho.

— Foi muito pior do que ruim! Acho que, até aquele dia, ninguém tinha realmente me notado, você entende? Ela fez com que toda a atenção da escola se voltasse para mim, de um maneira muito negativa, claro.

— Que menina idiota!

— Não. Ela era criança, Liz. A culpa era dos pais dela e dessa sociedade que não ensina respeitar

PERIGOSAS NACIONAIS

as diferenças. As crianças não nascem com esse tipo de preconceito, elas aprendem.

— Você tem razão. Mas é muita idiotice.

— É sim.

— Eu sinto muito, Henry — disse, beijando sua têmpora.

Ele não respondeu, mas sorriu e me beijou para encerrar o assunto de vez. Não pude deixar de me sentir culpada por ter tocado nesse assunto, até porque ele tinha sido educado o bastante para não perguntar sobre o momento “pior do que ruim” da minha vida.

— O que a sua banda toca? — perguntei, fazendo círculos no ombro dele.

— Algo entre rock, folk e... qualquer coisa que se possa fazer com guitarras, bateria e baixo. Acho que somos *indie*, sabe? — ele contou, sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum... vou parecer menos interessante se disser que não sei o que é *indie*?

— Não, não vai — ele riu. — E a sua banda? Toca o quê?

— Eu não tenho uma banda! — disse, vendo as luzes da festa girarem no teto do meu quarto. — Nós nos apresentamos no bar, mas não é nada sério. Não temos nem mesmo um nome.

— Deviam. Vocês mandam bem.

— Ham... acho que não. Eu não quero cantar.

— Sério? — ele franziu o cenho e se deitou sobre mim. — Achei que você gostasse.

— Eu gosto, mas não quero trabalhar com isso.

— Acho que é a primeira vez que ouço isso, sabia? Todos os músicos que conheço dizem que seu maior sonho é a estrada.

— Não é meu caso.

PERIGOSAS ACHERON

— Então qual é o seu sonho, Lissie Problema?
— ele perguntou, me beijando ao mesmo tempo. O tipo de coisa que ele fazia.

— O meu sonho? Hum... — pensei por um momento e descobri que não tinha nenhum. Então apenas disse a primeira coisa que me veio à mente.
— Acho que é o contrário disso. Eu quero uma casa. A minha casa.

— Tipo mãe e esposa? — ele arriscou.

— Não — eu ri, penteando seus cabelos com os dedos de novo. — É que eu vivo na estrada, de certa forma. Então, eu queria encontrar um lugar de onde eu nunca mais quisesse ou precisasse sair.

— Entendi. Você quer um lar.

— É. Seria bom. E o seu sonho sempre foi ser baixista?

— Não necessariamente. Eu sempre quis ser escritor.

— Quis? — ergui uma sobrancelha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda quero. Mas não tenho tido tempo e...
— Ele riu, apertando os olhos, um pouco constrangido. — Na verdade, esse era o meu plano para essas férias.

— Ainda pode ser. Quero dizer, eu posso te ajudar. Não sou boa em escrever, mas posso te dar apoio moral.

— Eu agradeço, mas não acho que vai adiantar. Eu não consegui escrever uma linha sequer durante a viagem para cá e devo continuar assim até a volta. Às vezes, tenho esses bloqueios irritantes.

— Você só precisa sair por aí, ver coisas e pessoas. Já sei, vou te levar para um *tour* pela cidade amanhã, o que acha? De dia, dessa vez — prometi. — E sem embriaguez!

Ele ficou me olhando por um tempo, sorrindo daquele jeito tímido, sem mostrar os dentes, abrindo suas covinhas nas bochechas.

— O que foi? — ri, me levantando da cama e pegando um pouco de água do mini filtro rosa da Clar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada — ele respondeu e ligou seu celular.
— Ah, droga!

— O quê?

— Eu tenho que ir.

— Algum problema? — amarrei meus cabelos e fui até a janela.

— Não — ele sorriu, vindo até mim. — É só que... Eu faço terapia hormonal, então, sou meio rigoroso com horários.

— Ah, claro! — concordei, recebendo um selinho nos lábios.

— Você podia vir comigo — ele sugeriu.

— Para o hotel? Melhor não. Você é que podia ficar.

— Eu adoraria, mas eu realmente preciso seguir à risca o tratamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Você pode ir e depois voltar para cá — sugeri, tentando fazê-lo entender que eu o estava convidando oficialmente para passar a noite.

— Eu aceito o convite — ele se deu por vencido e amarrou os cabelos num elástico, como um rock star.

— Você pode ficar mais tempo, se quiser — eu estava mesmo convidando-o para “se mudar” por alguns dias e isso não era algo Lissie Problema.

— Obrigado, Liz, mas não quero incomodar.

— Você não vai incomodar. Quero dizer, eu não tenho hidromassagem, ou lustres de cristal, mas...

— Você sabe que só preciso de um sofá, não é?
— ele sorriu, me dando mais um selinho.

— Também não tenho sofá, mas posso encher minha cama com algumas almofadas e vai ficar bem parecido.

— Acho que vou ter que recusar. Sem sofá,
PERIGOSAS ACHERON

nada feito — ele brincou e me beijou de novo.

— Você não combina com aquele lugar.

— Eu sei. Mas o meu empresário insistiu que eu ficasse em segurança — ele rolou os olhos.

— Problemas com fãs? — sorri.

— Alguns. Eu realmente tenho que ir agora, Liz.

— Sabe, Clarice está sempre na casa de algum cara, então... estou planejando cozinhar alguma coisa e ver alguma série.

Sim, eu estava mesmo propondo um programa de namorados e, considerando a gentileza de Henry, era pouco provável que ele recusasse de cara. Na verdade, eu estava esperando algo bem gentil, quando ele disse simplesmente que voltaria às dez.

Eu gastei boa parte da noite dando um jeito na

PERIGOSAS NACIONAIS

minha bagunça e abrindo um espaço no armário para que ele colocasse as coisas dele. Clarice chegou bem na hora em que eu estava preparando um arroz diferente que encontrara na internet, o que ela estranhou. Eu não costumava cozinhar.

— O que está acontecendo aqui? — ela perguntou, destampando a panela.

— Estou fazendo esse negócio aí — apontei para a receita no computador. — Ou tentando.

— Ótimo! Estou mesmo com fome — ela sorriu, se sentando à mesa e abrindo uma cerveja.

— Ham... eu tenho um encontro, Clar — murmurei.

— A Lissie *tá* namorando! A Lissie *tá* namorando! — ela cantarolou.

— Para com isso! Não é nada sério.

— Aonde vocês vão?

— Nós não vamos à lugar nenhum. Vamos ficar

PERIGOSAS ACHERON

aqui — Virei-me para lavar algumas louças que sujara. — Eu o convidei para ficar aqui até o fim das férias dele.

— Você *tá* brincando, né Liz? — ela perguntou, um pouco indignada. — Esse lugar mal cabe nós duas!

— Henry não ocupa muito espaço. Ele pode dormir comigo.

— Qual é, Liz? Eu também durmo naquele quarto!

— Clar, eu não posso voltar ao hotel! — disse, me virando para ela, finalmente.

— E chegamos à outra questão: Você está desempregada.

— Eu sei. Vou começar a procurar alguma coisa na segunda. Ah, por favor, Clar! Quebra essa para mim! — implorei.

— Tudo bem, eu vou ver se posso ficar na casa do Marcos hoje — ela se levantou. — mas só se PERIGOSAS ACHERON

você me deixar cantar.

— Cantar o quê?

—A Lissie *tá* namorando! A Lissie *tá* namorando! — Ela saiu dançando, em direção ao quarto, escapando de um pedaço de cenoura que joguei nela.

Eu estava grata por não termos brigado. Odiava brigar com a Clar, principalmente quando eu estava errada. E eu sempre estava errada. Ela era o tipo de pessoa que fazia o possível para que as coisas ficassem em ordem, e eu sempre arruinava tudo com a minha impulsividade e inconstância. Mas dessa vez eu tinha um pouco de razão. Não tinha nada demais em hospedar alguém no apartamento, apesar do pouco espaço. Eu mesma tive que aturar o Marcos enxotado no meu quarto por quase dois meses, quando Clarice começou a ficar com ele. E ele não tinha nem metade da educação e gentileza de Henry.

Ela saiu, carregando umas coisas na mochila, e cantou mais um “Lissie *tá* namorando!” antes de

fechar a porta atrás de si.

Às dez em ponto, abri a porta para Henry com um sorriso adolescente no rosto. Ele me deu um selinho e entrou para a cozinha, carregando uma mala pequena e uma mochila.

— Liz, você tem certeza que... — começou a dizer, mas eu o calei com um beijo e peguei suas malas.

— Eu separei um lugar no armário para você guardar suas coisas. Você tem certeza que trouxe tudo? — franzi o cenho, achando aquela mala pequena demais.

— Deixei algumas coisas no carro.

— Depois você pega. Eu estou fazendo um arroz... carreteiro. — disse, espiando disfarçadamente a receita no computador. — Sabe, comida típica.

— Uau! O cheiro é bom!

— Eu espero que o gosto também — admiti, com um sorriso amarelo. — Fique à vontade! — disse, saltitando até a cozinha para verificar o andamento da comida.

Quando voltei, suas malas ainda estavam no chão e ele olhava para a minha parte do guarda-roupas, onde estava minha coleção de CD's e fitas K7.

— Ham... não era para você ver isso — cocei a testa, envergonhada.

— Você tem bastante coisa do Oasis aqui — ele sorriu, pegando o meu *Definitely Maybe* original. — Você tem todos!

— Eu fui meio tiete na adolescência. Mais do Noel Gallagher, na verdade — admiti.

— Qual desses é o mais novo? — Ele perguntou, se referindo à coleção inteira.

— Esse — peguei o meu *The best of Bob*
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dylan, que encontrara em um brechó semanas atrás.

— Gostos peculiares — ele sorriu. — Isso é atraente.

— É vergonhoso. Alguém que ainda compra CD's ao invés de comprar em mp3 — disse, sentindo meu rosto queimar.

— Estou falando do seu gosto musical — ele sorriu, lendo o encarte do CD. — Que aliás é excelente. Vamos ouvir esse! — Ele olhou em volta, procurando o aparelho de som.

— E essa é a outra parte vergonhosa. Eu não tenho *CD player*. Nem no meu computador. Quero dizer, eu tinha, mas tive que vender para o vizinho, sabe, para tentar concertar o *player* do computador. O que acabou não rolando, porque... enfim — parei de tagarelar, e comecei a mordiscar uma unha.

— Onde ele mora?

— Aqui ao lado — indiquei com um aceno de cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Já volto — Henry disse, indo para a cozinha, ainda com o CD em mãos.

— Henry, o que você vai fazer? Espera aí! — Corri atrás dele, mas ele já estava na sacada, indo em direção a porta ao lado. — Henry, não faça isso, esse cara é meio... — sussurrei, mas ele já tinha tocado a campainha, o que me fez dar um pulo para trás e voltar a me esconder na cozinha.

Cinco minutos depois e Henry estava de volta, com meu antigo *Micro System* portátil em uma das mãos, e o CD na outra.

— Seu vizinho é um cara legal! — ele disse, sorridente, fechando a porta de correr da cozinha e colocando o aparelho sobre a mesa.

— Quanto deu a ele? — perguntei, cruzando os braços.

— Nada. Conversei um pouco sobre games e... *Voilà!* — Ele colocou o CD e apertou o *play*. — Eu dei alguns reais também — admitiu, assim que viu

PERIGOSAS ACHERON

minha expressão. — Mas é nosso! Quero dizer, seu... de novo.

— Você não fez isso.

— O quê?

— Comprou ele de volta!

— Eu comprei sim. Eu não conseguiria olhar para todos aqueles CD's bons e não ouvir nenhum.

— Henry, você não precisava fazer isso.

— É claro que eu precisava! Eu estava quase voltando para o hotel com a perspectiva sombria de ficar sem música pelos próximos dez dias!

— Eu tenho um mp3, Henry.

— Não, um mp3 não chega nem perto disso. Você consegue ouvir a vibração na janela?

Eu estava resistindo para não rir. Acabara de perceber que ele sabia que eu estava zangada e fazia gracinhas para aliviar a tensão, o que estava

funcionando.

— Tudo bem, olha, eu vou te pagar depois...

— Não. É um presente.

— Henry, você precisa parar de me dar presentes. Sem pressão, lembra?

— É o último, eu juro! — ele fez cara de inocente.

— O jantar está pronto — anunciei, abrindo o armário de louças, para encerrar o assunto.

Jantamos ao som suave do folk de *Bob Dylan*, que continuou tocando a noite toda, madrugada adentro, enquanto Henry e eu conversávamos sobre tudo, menos as partes tristes e desagradáveis de nossas vidas pessoais. Parecia haver um consenso silencioso sobre isso. Quando os assuntos ruins emergiam, mudávamos logo o rumo da conversa, trocando o CD, ou puxando o outro para dançar.

Ouvimos de *Oasis* a Chico Buarque naquela noite. Ouvimos até alguns CD's pop de Clarice, PERIGOSAS ACHERON

que incluíam *Kesha* e *Beyoncé*. Mas, para dormir, preferimos o silêncio.

capítulo 4

O sol já estava à pino quando uma gritaria do lado de fora me acordou. Levantei, sobressaltada e corri até a janela. Havia uma pequena multidão se formando aos poucos no meio do estacionamento. Eles observavam o que parecia ser uma briga entre uma garota e um cara.

Eu era meio míope, mas não precisava de óculos para saber quem eram aqueles dois.

— O que é isso? — Henry perguntou sonolento, quando voltei para o quarto.

— Não é nada. Não saia daqui! — disse, vestindo uma jaqueta e amarrei os cabelos em um elástico, enquanto descia as escadas correndo. Já era a quinta vez que aquilo acontecia e eu não estava nada feliz com isso.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei com raiva para uma menina assustada, com rosto repleto de creme verde.

— Eles estão brigando — a menina respondeu.

Fui empurrando algumas pessoas quando finalmente consegui enxergar minha amiga chorando, enquanto Marco ainda gritava com ela, segurando seus ombros.

— Conta quem é, Clarice! — ele gritava. — Qual desses moleques? Conta!

— Marcos... — comecei a dizer.

— Não se mete, Lissie! — ele me interrompeu, apontando o dedo para mim e se voltou para Clarice outra vez, exigindo alguma coisa que eu não conseguia entender.

— Eu já *tô* bem cheia disso, Marcos. Ou você vai embora agora, ou vou chamar a polícia — ameacei.

— Conta para ela, Clarice — ele falou, dando

PERIGOSAS ACHERON

um tapinha no ombro da garota, que só sabia chorar e esconder o rosto. — Conta, Clar! — ele gritou e a empurrou. Clarice caiu no chão e por lá ficou, ainda chorando.

— Você ficou maluco? Não encosta nela! — comecei a empurrá-lo com força. — Seu imbecil! Idiota!

— Vá para o inferno, Lissie! — ele esbravejou, se esquivando dos meus empurrões. — Você não sabe o que ela fez. Se soubesse, me daria razão.

— Claro! Eu acho super válido constranger alguém como você está fazendo com ela! Qual é o próximo passo? Apedrejamento? — ironizei, cruzando os braços. — Isso é agressão, seu machista do... — a próxima palavra que eu disse horrorizou até o universitário mais punk do prédio.

— Conta para ela, Clarice! — Marcos ordenou, pegando o pulso dela com força e levantando-a do chão. — Conta o que você fez!

— Cara, não faça isso. Você está machucando a menina! — Henry apareceu do nada, tentando

PERIGOSAS ACHERON

amenizar a situação, mas em inglês, o que não era boa ideia.

— Henry, por favor, volte para o apartamento — pedi, controlando meu nervosismo.

— Quem é esse aí? É o seu namorado? — Marcos perguntou.

— Não te interessa.

— Já vi o que aconteceu. Foi você! Você convenceu ela a fazer isso, não foi?

— Eu não sei o que ela fez, mas se ela tiver arrumado outro cara, fui eu mesma que aconselhei.

— Eu sabia! Eu disse para a Clar ficar longe de você porque você é uma vagabunda e...

— Cala a boca, Marcos! — Clarice gritou, finalmente conseguindo se levantar.

— Não me manda calar a boca que eu *tô* certo e você sabe disso — ele murmurou, entre dentes, apertando o rosto dela com uma das mãos,

agressivamente. — Você devia me agradecer por estar com você, por eu ser o único cara que tem coragem de te levar por aí, mesmo você sendo gorda e vagabunda!

Aquilo foi a gota d'água e eu não fiz as contas do peso dele com o meu, e o quanto ele teria milhões de vezes a minha força. Parti para cima dele, para livrar Clarice de suas mãos, mas meu soco nas suas costas nem chegou a fazer cócegas nele. Minha mão, ao contrário, parecia ter se partido em mil pedaços, mas eu aguentei firme a dor e desferi uma ladainha de xingamentos até que ele se virou para mim.

Foi muito rápido. Nem deu tempo de me esgueirar. Vi seu punho vindo em minha direção e só pude fechar os olhos antes de senti-lo atingir meu nariz como um pedaço de concreto. Caí no chão com a mesma força e senti minhas mãos rasgarem no cimento, na minha tentativa inútil de amortecer o impacto.

— Ei! Qual é seu problema? — ouvi Henry, em algum lugar, no auge de sua indignação, o que não

PERIGOSAS NACIONAIS

era boa coisa. Mas, quando consegui entreabrir os olhos, vi Marcos correndo e luzes vermelhas girando em um carro. A polícia.

— Lissie, o seu nariz. — Henry surgiu, preocupado, me pegando no colo.

— Está tudo bem — sussurrei, tocando o rosto com uma das mãos.

— Você precisa ir ao hospital.

— Clar? — olhei para os lados, procurando por ela.

— Ela correu para a sua casa. A polícia vai querer te fazer algumas perguntas, eu acho.

— Ah, não — lamentei, rouca.

— Vamos tentar estancar esse sangramento para você falar com eles — ele me carregou de volta para o prédio.

PERIGOSAS ACHERON

Cada mínimo toque fazia meu nariz doer como o inferno, me fazendo considerar a possibilidade de fazer um raio-x, mas o meu horror a hospitais falou mais alto e continuei ali, com Henry fazendo o que podia com alguns curativos.

— Eu devia ter batido nele — Henry murmurou com raiva, segurando um pedaço de algodão em baixo das minhas narinas.

— *Au!* — exclamei quando ele apertou um pedaço de gelo contra a minha pele.

— Desculpe.

— Eu teria revidado, mas não quis parecer briguenta para você — brinquei, só para ver o sorriso dele no lugar da expressão furiosa, no entanto ele continuou sério.

— Você não é briguenta. Aquele cara que é um idiota! Você só estava tentando ajudar sua amiga.

— Não tem nada de nobre naquilo, Henry, sério, eu... estou envergonhada — disse, sem graça, pegando o gelo das mãos dele.

— Não fique — ele olhou nos meus olhos. — Está tudo bem. Você só estava defendendo ela. O que mais ninguém tentou fazer. As pessoas daqui não se importam?

— Ah, não. Aqui existe um ditado idiota que diz “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”. Ninguém tenta separar não.

— E aí a mulher pode ser agredida assim?

— Se o cara for o namorado ou marido, pode. Nós estamos em um país machista, Henry. Muito machista. Mulheres são vistas como propriedade dos homens.

— É ridículo!

— Ridículo é pouco — suspirei. — Caramba, são as suas férias! Você devia estar se divertindo e descansando, não separando brigas ou fazendo parte delas.

— Liz.

— É sério. Eu vou entender se você for embora,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voltar para o hotel.

— Os caras costumam reagir mal? — ele perguntou.

— Já aconteceu — respondi.

— Você já ouviu muitas coisas ruins? — ele repetiu a pergunta que eu lhe fizera no dia anterior, e sorriu ao perceber a semelhança.

— Ah, nunca disseram nada. Só pegaram as roupas e caíram fora. Mas, sabe, as coisas são assim mesmo e... tudo bem! Eu não sou o tipo de garota que os caras levam para jantar, de qualquer forma — dei de ombros e comecei a morder uma unha para parar de tagarelar.

— Existe um tipo específico de garota para se levar à um jantar? — ele continuou sorrindo, refazendo o curativo da minha mão.

— Ah, você sabe, aquelas garotas comportadas, sem palavrões, sem gritos, sem brigas com babacas que namoram a amiga.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós vamos ao hospital agora para cuidar desse nariz. Está horrível, Liz! — ele franziu o cenho, enquanto me olhava nos olhos, decidido.

— Mas... — comecei a protestar. Eu ia usar o argumento de que precisava falar com a polícia e ele não poderia recusar, mas ele não me deu tempo.

— E depois nós vamos jantar no restaurante que você quiser — ele acrescentou, me entregando minha bolsa. — Se você quiser jantar comigo, claro — ele sorriu.

— Eu quero, mas...

—Não existe essa coisa de “garota para levar à um jantar”! — ele acrescentou, enquanto saía rumo ao estacionamento.

Perdemos uma boa parte da tarde no hospital, enquanto o médico decidia se enfaixava ou engessava a minha mão. O fato é que eu tinha uma lesão no nariz e um dos dedos quebrados, e não podia nem chamar a polícia para Marcos. Não que

PERIGOSAS ACHERON

já não tivessem feito isso no prédio onde eu morava, mas ele não ganharia uma noite a mais na cadeia por minha causa, infelizmente. Eu poderia processá-lo por lesão corporal, mas levaria muito tempo até que ele pagasse. Isso se ele fosse condenado.

Henry cumpriu o prometido e me levou para jantar em um restaurante muito bonito, mesmo com a minha aparência horrorosa de quem foi atropelada por um ônibus.

— Ainda acho que você devia dar queixa daquele cara, Lissie — Henry disse, pegando minha mão sadia por cima da mesa.

— Eu vou fazer isso — afirmei, com voz anasalada. Meu nariz ainda doía, apesar dos analgésicos. — Mas não sei se vai adiantar. Justiça não é uma coisa que funciona bem nesse país.

— Você precisa tentar!

— Podíamos procurar algum lugar com flores e essas coisas amanhã — eu disse, desviando o assunto para diminuir a tensão. Estava começando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a me dar conta de que, pela primeira vez na vida, levara um soco de um cara e isso tinha começado a me deixar abalada. — Você não viu o Brasil se não deu uma boa olhada nas paisagens.

— É o que dizem — ele concordou, reabrindo o cardápio.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 5

Quando entrei no meu quarto naquela noite, encontrei Clarice agarrada ao meu travesseiro, assistindo tv.

— Posso dormir com você hoje? — ela pediu, com voz de choro. — Eu não queria atrapalhar, mas...

— Pode — respondi, tirando minha blusa com cuidado. — Henry pode ficar assistindo alguma coisa no notebook, ou dormir na sua cama. A gente vê.

— Deixa eu ver o seu rosto — ela acendeu a luz, mas eu me virei para procurar um pijama.

— Eu estou bem, Clar! — disse.

— Não! Você está horrível, Liz! — ela se levantou e deu uma boa olhada no meu rosto. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Desculpe.

— Não é sua culpa. Marcos é que é um idiota.

— V-você vai denunciar ele, não vai?

— Vou. Mas não hoje. Hoje eu só quero dormir!

— Não queria que você soubesse, não queria que ninguém soubesse — ela se lamentou, agarrando-se ao meu travesseiro de novo. — Mas eu... eu me senti tão... bonita, interessante, ou sei lá.

— Você é bonita, Clar. Você é linda! — sentei-me perto dela e peguei sua mão com a minha mão inteira.

— Não. Eu não sou. Marcos está certo! Eu sou gorda e...

— E linda! — completei, abraçando-a antes de me levantar para procurar minha escova de dentes. — Que tal esquecer essa briga toda e me contar a parte legal? Pode começar me contando sobre esse cara.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não conhece ele — ela disse, sentando-se de pernas cruzadas e enxugando as lágrimas que finalmente começaram a secar. — Marcos supôs que ele era daqui, mas ele não é. Ele é de São Paulo, só está aqui por uns tempos, fazendo um curso de fotografia.

— E ele é mais novo?

— Um pouquinho. Mas ele parece mais velho e bem mais maduro.

— Viu? Eu disse que a idade não importa!

— Você não disse.

— Disse sim. Mas continua contando — incentivei e comecei a escovar os dentes, de pé, escorada contra a parede.

— Não tem muito o que dizer. Além de que ele é fotógrafo e também que é super atencioso e... que me ligou no dia seguinte.

— Que raro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, é — ela ficou me observando por um momento, até seus olhos alcançarem o baixo verde ao lado do armário. — Você ainda não fofocou comigo nada sobre Henry Moritz e seu baixo verde — ela se esticou para pegar o baixo e tocar algumas notas, distraidamente.

— Acho que não tivemos tempo, não é?

— Ele parece legal — ela disse, abaixando o tom de voz para que ele não ouvisse.

— Ele é — afirmei.

— Ele lembra o André.

— Não comece, Clarice! — cantarolei. Ela tinha essa teoria de que eu escolhia os caras a partir do padrão “André de qualidade”, o que era totalmente sem fundamento. Eu não fora apaixonada pelo nosso amigo André a esse ponto! Só tive uma leve quedinha que me fez cair na cama dele uma noite, mas nunca passou disso.

— De qualquer forma, parece que você acertou dessa vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tem nada do tipo “acertou”, Clar. Não vai dar em nada! Ele vai embora no fim da semana.

— Liz, existe uma coisa chamada internet e outra chamada telefone. Existe também uma coisa bem útil que se chama avião. Você pode utilizar isso tudo para namorar à distância.

— Existe outra coisa chamada “ele já tem namorada”.

— Não acredito que você está fazendo isso, Liz! — ela me repreendeu, depois de fazer uma expressão de incredulidade, com os lábios vermelhos formando um “o”.

— Olha quem fala! Você acabou de trair seu namorado com um fotógrafo desconhecido.

— Ele não é desconhecido.

— Não fui apresentada a ele até hoje.

— No meu caso é diferente, Liz.

— Bom, é, mas, e se a tal namorada for igual ao

PERIGOSAS ACHERON

Marcos...

— Você está racionalizando — ela observou.

— Eu sei. Eu sei. — sentei-me na minha cama, com o rosto entre as mãos. — Quer saber, você tem culpa nisso!

— Eu?

— É. Eu ia me afastar dele e você insistiu para que eu continuasse, com toda aquela conversa de música do Eagles.

— Eu não sabia que ele tinha namorada — justificou ela.

— Tudo bem, a culpa é minha. A escolha é minha, não é? Mas, é que... tenho me sentido tão sozinha.

— Ah, eu percebo a sua solidão, todo fim de semana, com os universitários daqui.

— Não é a mesma coisa. Nenhum deles se importa comigo, realmente. E eu também não me

importo com eles, de qualquer forma. É só sexo! — dei de ombros e comecei a morder minha unha do polegar. — Você já esteve com alguém que parece tão humano que te faz lembrar que você também é?

— Não sei do que você está falando, mas pode continuar.

— É como se... é como se todo esse tempo eu estivesse tentando não precisar de afeto ou de toque, ou de qualquer outra coisa. É como se todo esse tempo eu só estivesse interessada na superfície de todo mundo. Só a pele, você entende? É como se tivesse me transformado em uma máquina a tal ponto que começasse a enxergar as outras pessoas como máquinas também. E é como se tivéssemos que ser fortes e indestrutíveis o tempo todo, independentes e distantes. Todos esses caras, e também as garotas, passaram pela minha vida e nunca perguntaram nada sobre mim e eu também não estava interessada em saber sobre eles. É a diversão. Só isso que interessa, não é?

“Mas aí eu conheço esse cara e, de repente, eu

me lembro de que sou de carne e osso, que existe muito mais do que a superfície, e aí eu quero mais e mais disso. Eu quero ouvi-lo contar sobre a vida dele, quero que ele se sinta bem, quero vê-lo feliz e recebo tudo isso em troca. Coisas desagradáveis acontecem, mas ele fica. Ele continua aqui, fazendo um curativo nas minhas mãos e eu não quero que isso acabe.”

— Clar, você está chorando? — franzi o cenho, ao ouvi-la fungar de maneira fingida.

— É que isso foi lindo! Foi como ler um livro da *Jojo Moyes* ou do *Nicholas Sparks*.

— Tudo bem, você está me zoando — levantei-me e saí para o banheiro, para guardar minha escova de dentes.

— Espera, eu não quis ofender.

— Você estragou o momento — resmunguei.

Dei uma espiada em Henry, para me certificar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de que ele não tinha ouvido nada. Por sorte ele não estava na cozinha. E com mais sorte ainda ele não entenderia uma palavra se quer do meu idioma, ou as coisas ficariam estranhas.

— Lissie, — Clarice sussurrou, quando voltei.
— Acha que está apaixonada por ele?

— Não, claro que não! — exclamei. — Eu o conheci ontem, Clar!

— E você acha que existe um tempo estatisticamente certo para essas coisas acontecerem? — sua voz saiu em tom de ironia, mas não respondi.

Voltei para a cozinha e encontrei Henry com um copo de café quente nas mãos.

— Você aceita? — ele ofereceu. — Encontrei uma cafeteria que funciona até mais tarde.

— Não, obrigada — agradei. — Tenho uma má notícia. Não dormiremos juntos hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Clarice?

— É. Ela quer que eu durma com ela.

— Acho que essa era uma boa hora para ter um sofá por aqui — ele olhou para um pequeno espaço vazio perto da mesa onde estava.

— Pode dormir na cama dela. Se quiser, eu fujo para lá quando ela estiver distraída — sorri para ele.

— Eu acho que vou tentar escrever alguma coisa, se você não se importar.

— Claro que não! Fique à vontade. Tem cerveja na geladeira. Tem chá também, se você quiser uma coisa mais “escritor” — fez o sinal das aspas com os dedos e aquelas covinhas apareceram de novo, de cada lado do sorriso dele.

— Eu estou bem, Liz. Muito obrigado.

Eu lhe dei um beijo de boa noite e voltei para o quarto.

PERIGOSAS ACHERON

A noite foi ruim. Não que eu não gostasse de dormir com alguém, mas dormir com Clarice naquela noite foi terrível! Ela se debateu tanto que acabei amanhecendo na cama dela e estranhei quando me dei conta de que Henry não tinha ido para lá, como achei que iria.

Caminhei até a cozinha e não o encontrei lá também. Seu notebook parecia intacto sobre a mesa, ao lado de uma caneca de chá vazia. Saí para a sacada e não o vi. O prédio estava deserto como em toda segunda-feira, e ventava muito, apesar do sol já brilhar lá fora. Vasculhei o estacionamento em busca do carro de Henry e dei umas duas voltas até encontra-lo.

Ainda estava estacionado no mesmo lugar, molhado de orvalho e seu motorista estava ali, encolhido no banco do carona, sem se dar conta do sol no seu rosto. Bati no vidro com o nó dos dedos e ele se levantou, sobressaltado.

— O que está fazendo aqui? — perguntei. Ele pareceu confuso e abriu o vidro rapidamente quando percebeu onde estava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ham... eu... ia comprar o café da manhã e acabei caindo no sono — ele mentiu, bocejando.

— Sei. Vamos subir. Ainda dá tempo de você dormir numa cama quentinha — abri a porta do carro e o puxei pela mão, escada acima.

Clarice foi para seu trabalho, e eu e Henry pudemos ter um pouco de privacidade, afinal. Nós dormimos a manhã toda e nos levantamos pouco antes do meio dia para almoçarmos em algum canto da cidade. Eu queria mostrar a ele todos os pontos turísticos que conhecia, mas ele estava relutante, com medo de ser reconhecido por alguém ou algum jornalista à paisana.

Ainda havia a paisagem que ele deveria conhecer, mas era inverno e todos os lugares que eu conhecia estavam meio secos e queimados de geada. Sugeri então que saíssemos da cidade à procura de qualquer flor que florescesse naquela época. Apontei em uma direção qualquer e lá fomos nós, pegando a estrada para lugar nenhum.

PERIGOSAS ACHERON

Henry não dirigia um metro sem ouvir alguma música no rádio do carro e não demorou muito para que algum *folk* que eu não conhecia começasse a tocar.

— O que é isso? — perguntei, apontando para o rádio.

— *The tallest man on earth* — ele respondeu. — É meu álbum favorito.

— *The tallest man on earth* — repeti lentamente. — *The last man on earth*. O que você faria se fosse o último homem na terra?

— Essa é uma pergunta existencial ou sexual? — ele sorriu e olhou para mim. Eu lhe dei um tapinha no ombro, para repreendê-lo.

— Existencial, seu bobo. Tipo, o que você faria se fosse o último da espécie? Como *Sr. Ninguém*. O último mortal.

— Acho que enlouqueceria.

— Eu não. Eu acho que teria mais silêncio,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe, na mente — toquei a têmpora com os dois dedos que seguravam um cigarro que eu acabara de acender.

— O barulho na mente não vem do lado de fora, Liz — ele tirou o cigarro da minha boca e deu um trago.

Então eu vi, pela janela atrás dele, uma plantação enorme de flores do campo brancas. Parecia até mentira que elas florescessem naquele frio, mas estava claro que eram muito bem cuidadas por algum fazendeiro ali perto.

— Pare aqui! — pedi ao Henry e ele estacionou o carro à beira da estrada.

Corri para as flores e fiquei parada por um tempo entre elas, sentindo o calor fraco do sol na pele competindo com o vento gelado que entrava pelas tramas da minha blusa de lã.

— Parece que você encontrou um lugar bonito — ele disse, encolhendo-se na sua jaqueta marrom.
— Bonito e frio.

PERIGOSAS ACHERON

— Congelante! — eu estremei, me aproximando dele para nos abraçarmos.

— Ei! Fique parada! — ele sussurrou, bem perto do meu ouvido.

— O que foi? — perguntei, assustada, apertando os braços em volta da cintura dele. — É um bicho? Diz que não é um bicho! Se for um louva-a-deus eu sou capaz de morrer, é sério! — afirmei, porque ele começara a rir baixinho.

— Fique bem quieta — ele disse no mesmo tom de voz.

Ficamos em silêncio por um tempo, abraçados e aquecidos apesar da ventania congelante. Eu fechei os olhos. Poderia facilmente dormir ali, exatamente daquele jeito, sem mover um dedo. Eu poderia ficar assim para sempre, também, mas isso já era mais difícil, para não dizer impossível.

— Você está vendo isso?

— O quê? — abri os olhos e perdi o fôlego. Haviam dezenas de borboletas voando ao nosso

PERIGOSAS ACHERON

redor. Algumas deviam ter pousado em nossas roupas, mas eu não queria me mexer e assustá-las. Eram coloridas, de um laranja incrível, com asas quase cintilantes por causa da luz do sol.

— Eu tenho medo de insetos! — sussurrei, rindo.

— Elas têm mais medo de você do que você delas. E elas tem razão! — ele assegurou, ainda cochichando, sem se mover.

— Você está dizendo que sou uma perigosa assassina de insetos?

— Todos nós somos. Nós somos assassinos de qualquer coisa, aliás. Até de nós mesmos — ele refletiu, ainda muito quieto.

— Henry, você vai mesmo começar a filosofar aqui?

— Desculpe — sua voz estava divertida agora.
— Acho que escrever um pouco me inspirou.

— Fico feliz que tenha conseguido escrever. Eu
PERIGOSAS ACHERON

vou poder ler?

— Tem uma aqui, bem no seu cabelo — ele sussurrou ainda mais baixo, ignorando minha pergunta.

— Ai, meu Deus. Tira. Tira — choraminguei.

— Calma.

Ele se mexeu, lentamente, e me soltou. Ergui os braços bem devagar. Pelo menos três delas estavam nas mangas da minha blusa e outras tantas estavam espalhadas pelo meu corpo e no meu cabelo, de onde elas fugiam vez ou outra quando o vento mexia as mechas.

Haviam várias delas na jaqueta marrom de Henry e uma pousou em seu nariz. Ele apertou os olhos e riu até que ela voasse para outro lugar.

— Isso é quase um milagre! — ele riu, observando bem de perto uma delas.

— Sim. Eu nunca consegui que nenhuma posasse em mim. *Nenhumazinha.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que entenderam que não somos uma ameaça. Mas o milagre é elas estarem aqui, na verdade. Borboletas não gostam de lugares frios.

— Elas estão certas — sussurrei, começando a me acostumar com suas perninhas quase imperceptíveis na minha pele.

— Sabe de uma coisa, sobre as borboletas? — ele perguntou, observando uma que tinha pousado em seu dedo indicador.

— Eu sei que era meu *pokemón* favorito.

Ele riu e continuou:

— Dizem que nosso corpo é como um casulo e a alma é a lagarta dentro dele, se transformando. Então, dessa forma, a vida seria meio que uma transformação. Portanto, morrer seria o início de outra vida e não o fim como todo mundo pensa.

— É uma teoria interessante.

— Acho que li em alguma rede social — ele admitiu, fingindo constrangimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você acha que essas borboletas são humanos que evoluíram?

— Não. Não é bem assim — ele riu mais alto agora, espantando algumas delas e eu fiz “shh” para ele.

Ficamos em silêncio, observando as borboletas, sem nos movermos. Eu pensei em mil coisas naquele momento. Em tudo o que fizera na vida e o que estava fazendo com ela agora. Tudo ainda parecia confuso e estranho, mas eu conseguia sentir paz, e não era ruim.

— Você já perdeu alguém importante, Henry? — eu perguntei, vendo as borboletas voarem a medida em que eu me mexia. Havia somente uma agora, pousada na tala que imobilizava meu dedo fraturado.

— Perder, tipo, morte? — ele perguntou, abaixando-se devagar para devolver uma borboleta para a pétala de uma flor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É.

— Eu perdi meus avós. Foi bem ruim. Mas na época eu acreditava em coisas como céu e inferno, então entendi que era melhor para eles e que, você sabe, faz parte da vida — deu de ombros.

— Essa teoria aí não diz para onde a alma vai?

— Acho que sim, mas esse é o tipo de coisa que nunca se tem certeza até, você sabe...

— Até que seja a sua vez — completei.

— Isso — ele soprou a última borboleta de sua mão e ela voou para longe.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 6

Foram dias incríveis ao lado de Henry Moritz. Apesar de às vezes não fazermos nada mais interessante do que ficar de bobeira na cama, assistindo qualquer coisa que passasse na tv.

Na manhã de quarta-feira, nós resolvemos que devíamos sair de casa um pouco. E quando dizíamos “de casa” nos referíamos ao Brasil também. Eu estava tomando meu café e procurando por emprego no jornal e na internet, quando Henry apareceu com um *mapa mundi* bem surrado, com vários “x” vermelhos em pontos espalhados.

— Os que estão em vermelho são os que já visitei — explicou ele. — Na verdade fiz show em todos eles, então, corre o risco de alguém me reconhecer se voltar lá.

— Acho melhor evitarmos esses, então.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— Você tem poucas opções — observei, dando uma boa olhada no mapa e vendo que as marcações se espalhavam pela Europa, Ásia, Oceania e as Américas. — Você nunca foi à África!

— Acho que não estou pronto para uma aventura tão grande e... pode haver alguma confusão dependendo do país. Alguns documentos ainda não estão com o meu nome social, então, você sabe.

Não posso dizer que não fiquei curiosa quanto ao nome que seus pais lhe deram, mas evitava essas perguntas. Eu não queria ser aquele tipo de pessoa desconfortável que está sempre querendo saber sobre coisas delicadas. Ele me contaria quando e se sentisse vontade.

— Assinale os países onde você acha que não será reconhecido aqui na América do Sul. Vamos nos limitar às aventuras menores por enquanto — sorri, devolvendo-lhe o mapa. Ele o examinou por alguns minutos e marcou quase todos, o que era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ótimo.

— Ei! Esses estão bem próximos daqui! — observei, apontando para Argentina, Chile e Uruguai.

— Sim. Cheguei a considera-los antes de escolher o Brasil.

— E por que escolheu meu país? — perguntei, mordendo a colher do cereal que tomava.

— Bom, é mais difícil de ser reconhecido aqui e achei que seria seguro, por estar em uma cidade pequena... — ele parou de falar quando engasguei com o cereal. — O que foi?

— Seguro? Sério? — franzi o cenho.

— Bom, eu sei que tem umas coisas ruins por aqui, mas achei que se escolhesse uma cidade pequena, estaria melhor.

— Ok, Henry, eu não estou falando de violência do tipo assalto e essas coisas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não?

— Henry, esse é o país que mais mata gays, lésbicas e transexuais no mundo. Você definitivamente não veio à um lugar seguro.

— Mas... — ele pareceu assustado. — Aqui não é, sabe, o país do carnaval?

— Sim, mas até o carnaval está longe de significar igualdade ou respeito, ou qualquer coisa próxima disso. As pessoas são misóginas, homofóbicas e transfóbicas.

— Não existem leis para isso?

— Infelizmente não.

— Então, eu não posso ir ao carnaval? — ele pareceu decepcionado.

— Claro que pode, mas não agora porque o carnaval só acontece em Fevereiro. Olha, não estou dizendo que você não pode sair aqui nunca, só que não é seguro e isso é uma droga. Eu me envergonho disso, aliás — abaixei os olhos para o jornal

PERIGOSAS ACHERON

novamente e tentei encontrar uma forma de amenizar a decepção dele — mas esqueça o carnaval! Eu conheço lugares melhores para te levar. — Sorri para ele. — Então... para qual desses nós vamos primeiro?

— Você quer dizer, no futuro?

— Não. Quero dizer hoje! — eu disse, jogando o jornal no chão. — Não encontrei emprego nenhum mesmo e estou precisando de umas férias.

— Quer mesmo viajar hoje? — ele parecia perplexo.

— Sim, Moritz! — tomei o mapa das mãos dele. — Nós podemos começar pelo Uruguai, depois ir para a Argentina, dar um pulo no Chile e voltar. Acho que podemos passar um dia em cada país, se não tiver outros planos, claro.

— Você está falando sério? — ele sorriu.

— Claro! Eu estou cansada de ficar nesse apartamento e ontem visitamos todos os melhores pontos turísticos daqui. Estou ficando sem ideias!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nem sei o que dizer.

— Diga sim e elimine três países da sua lista! Fica faltando esses outros da América do Sul e alguns “países-não-preconceituosos” da África que podemos pesquisar depois.

— Eu topo!

Às quatro da tarde já estávamos em um ônibus, a caminho de Porto Alegre, porque eu estava decidida a leva-lo à uma boate de um amigo de Clarice, antes de continuar a viagem. Ficamos em um pequeno hotel no centro da cidade até anoitecer e, depois, Henry pôde finalmente conhecer o meu tipo preferido de carnaval.

Claro que eu sempre fora mais atraída por shows de rock, mas, quando estava com Clarice e seus amigos, gostávamos de habitar lugares alternativos, com músicas diferentes e algumas garrafas de Catuaba.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Henry não parecia do tipo que se jogava na pista, então ficamos mais isolados, bebendo e observando as pessoas e as luzes, cantarolando as letras das canções.

— Muito diferente do que você está acostumado? — perguntei em seu ouvido.

— Não —, ele sorriu. — é que não saio muito. Quero dizer, eu nunca saio.

— Eu sempre achei que a vida de um rock star fosse cheia de festas, sexo e bebida, amanhecendo em camas diferentes em cada dia da semana, frequentando lugares badalados — ri, abraçando-o.

— Eu não sou um rock star! — ele sorriu, me beijando. — E essa vida é mais para os vocalistas e os guitarristas. Baixistas e bateristas não costumam ter esses privilégios.

— Acho que os integrantes do *Guns 'n Roses* discordariam de você.

— É, bom, acho que eu não sou muito de festa, essa é a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas hoje você está aqui para sair da rotina, portanto, vamos já para a pista!

Puxei-o pela mão no exato momento em que começou a tocar uma das animadinhas do *The 1975*. Levei-o até o meio das pessoas que dançavam, animadas, se abraçando e rindo, virando garrafas de bebidas fortes nas bocas umas das outras. Ganhamos algumas doses deles e eu fiz com que Henry se mexesse um pouco no ritmo da música.

Ele conseguiu se soltar mais lá pelas duas da manhã — mais pela bebida, claro — mas evitou conversar com as pessoas. Eu me dei conta de que, talvez, não tivesse sido tão boa a ideia de leva-lo para uma festa tão cheia e tão, como ele diria, *indie*. Ele tinha esse medo constante de ser reconhecido e saímos de lá correndo pouco antes das três, porque ele teve certeza de que o DJ o reconheceria, lá de cima do palco, quando jogara bebida em sua boca.

De manhã, já estávamos descendo o Oceano Atlântico em um navio cargueiro de um ex-ficante meu, que morava em Rio Grande e estava indo para

PERIGOSAS NACIONAIS

as Malvinas. Descemos em Montevideu, onde comemos *Parrilla* e tomamos vinho *Tannat*, depois de visitarmos a praça da Diversidade Sexual, onde tomamos nosso café da manhã, nos aquecendo um pouco ao sol.

Ao começo da noite, pegamos carona em um barco até Buenos Aires, na Argentina, para vermos A Casa Rosada e ganhamos alguns *pesos* em um Cassino, graças a minha habilidade para o *poker*.

Estava muito frio pela manhã, quando chegamos a Santiago, no Chile, e meus agasalhos insuficientes me deixaram resfriada, o que estragou os planos por um dia. Henry pagou um hotel duas ou três estrelas, e ficamos assistindo TV o dia todo, quando conseguimos achar um canal em inglês.

— É engraçado — ele disse, massageando minha cabeça com a ponta dos dedos para melhorar a dor. — Quando te vi deitada naquela cama do hotel, jamais pensei que um dia estaria aqui, no Chile, como se fosse mais um turista viajando com a namorada. Sem seguranças ou agendas lotadas de compromissos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ignorei o “namorada” e assoei o nariz antes de continuar a conversa com minha voz anasalada.

— Aposto que a primeira coisa em que pensou foi que eu era uma fã louca, não?

— Passou pela minha cabeça —, ele admitiu — mas considere a opção mais óbvia: Era uma armação de Stieve. É bem o tipo de coisa que o Stieve faria.

— Esse seu amigo parece ser um cara legal.

— É um grande idiota, mas eu gosto dele.

— Ele sempre põe camareiras na sua cama? — perguntei, depois de tossir um pouco.

— Não. Não camareiras.

— Ah, entendi. Garotas fantasiadas de camareiras.

— Acho que ele ainda não pensou nessa fantasia em especial, mas é por aí — ele comentou, rindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Stieve é um cara de poucos horizontes, pelo jeito.

— Um pouco.

— Mas, elas foram legais com você? — dei ênfase na palavra “legais”, para torná-la maliciosa.
— Quero dizer, as garotas que ele colocou em seu quarto...?

— Foram. Eu é que não fui muito legal com elas.

— Como assim? —franzi o cenho.

— Eu as pedi, educadamente, para que fossem embora.

— Oh, meu Deus! Você é tão certinho!

— Sabe o que dizem dos britânicos, não é? — ele beijou o alto da minha cabeça e apertou seus braços em volta de mim. — Bom, é que não gosto da ideia de pagar alguém para estar comigo, sabe? Eu gosto que as pessoas estejam comigo por vontade própria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, se uma delas recusasse o dinheiro de Stieve... — Propus, me virando de bruços e apoiando o queixo no peito dele.

— Ham... — ele apertou os olhos, pensando. — Talvez.

— Talvez — ri e beije seus lábios.

— Você devia dormir um pouco — ele puxou a coberta mais para cima, até cobrir meus ombros e meu pescoço.

— Eu não consigo! Esses remédios me deixam com sono, mas me deixam agitada ao mesmo tempo.

— Você está inventando isso! — sua voz estava divertida.

— Não, eu juro! — assegurei. — Conte uma história engraçada para eu dormir.

— Tudo bem. Ham... — ele fez uma pausa e pude perceber que ele ainda sorria. — Quando eu tinha uns sete anos, eu fugi de casa para ir à um

PERIGOSAS ACHERON

show do *Eminem*.

— Gostos peculiares, não? — comentei, mas ele não prestou atenção e continuou:

— Eu achava que podia caminhar cento e quinze quilômetros a pé, se comesse espinafre de duas em duas horas.

— Por que espinafre?

— Você se lembra do Popeye? — ergui uma sobrancelha para ele e ri. — Então, eu achei que não ficaria cansado e que também poderia me defender de qualquer monstro que encontrasse pelo caminho. Enfim, depois de dois dias a polícia me encontrou desidratado e com frio, à cinquenta quilômetros da minha casa.

— Ei, foi quase a metade do caminho!

— É, foi.

— Nada mal — afaguei seu braço. — Mas você ficou de castigo, não ficou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu fiquei no hospital por três dias! — ele riu. — E depois ganhei mais um mês de castigo, porque eu podia ter morrido, sido sequestrado e etc.

— A sua mãe deve ter ficado uma fera!

— Ah, ela ficou sim. Mas a minha mãe sempre foi do tipo que perdoa fácil, então cumpri só metade da pena.

— Sua mãe parece legal.

— Ela é. Ela ia adorar você — ele disse, beijando o topo da minha cabeça.

— Acho que quero um refrigerante — levantei-me bruscamente e pulei da cama, indo direto para o *freegobar*, para mudar de assunto o quanto antes.

— Acho que não é uma boa ideia — ele surgiu no segundo seguinte, tirando a lata de refrigerante da minha mão. — Vou pedir algo quente para você.

— Um dia consigo decidir se você é um cara atencioso ou um grande estraga prazeres — disse, jogando-me no lado da cama que ficava mais perto

PERIGOSAS ACHERON

do aquecedor.

Ele pediu um minuto, acenando com o dedo indicador, enquanto pedia uma sopa pelo telefone. Eu aguardei, trocando de canal na tv, sem realmente prestar atenção à programação.

Entrei no modo “Clarice-sonhadora”, e imaginei como seria, em algum universo paralelo, conhecer a mãe dele, o pai, toda a família em um jantar, em uma daquelas casas inglesas com móveis do século passado e papel de parede nas paredes. E me apeguei à ideia de tal forma que não pude me conter em saber mais sobre eles.

— Seus pais? Como são? — perguntei, quando ele se sentou na cama ao meu lado.

— A minha mãe é legal — ele respondeu, distraído. — Meu pai... — seu rosto se contraiu, indeciso.

— Ham... a sua mãe é legal como?

— Bom, a minha mãe é, sabe, mãe — ele franziu o cenho, talvez tentando entender a
PERIGOSAS ACHERON

pergunta. — Se intromete na vida dos filhos, tem ciúme das namoradas, quer saber que horas eu volto quando saio, faz drama se fico muito tempo sem ligar, e essas coisas.

— E o seu pai? — encorajei para que ele continuasse.

— O meu pai... é um pouco complicado falar sobre ele. Ele não aceitou, sabe, a minha transição. Foi uma briga bem feia. E os seus pais, como são? — eu percebi seu esforço para mudar de assunto logo.

— Bom, não há muito o que dizer, já que não fui criada por eles. Os meus avós, pais da minha mãe, me criaram. Eles são maravilhosos, como todos os avós são. A minha mãe é bailarina e foi embora para a Europa quando eu era bem pequena. Eu a vi umas duas vezes ao longo da vida, então não saberia descrevê-la. Já meu pai, eu nunca conheci.

— Às vezes, as famílias são complicadas, não é? — refletiu ele. Seus olhos fitavam algo distante,

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma lembrança que acabara de lhe ocorrer. — Sabe, de tudo o que herdei da minha mãe, tem uma coisa que nunca vou conseguir aprender com ela.

— O que é?

— A minha mãe é capaz de ver todas as pessoas do mundo como seres humanos, iguais, independente dos erros e de tudo o mais. Sabe, se alguém faz algum mal a ela, ou algo parecido, ela consegue perdoar com uma facilidade que... é muito difícil entender. “Eu sempre tento enxergar o Deus interior das pessoas”, é o que ela diz.

— Olha, eu também gostaria de ter isso. Economizaria alguns ossos. — ergui minha mão enfaixada.

— Sabe, logo no início da transição, eu tinha muita dificuldade em me encaixar entre os adolescentes. Os meninos não me aceitavam como amigo, nem as garotas. Aí, uns garotos da escola resolveram que seria legal se aproveitar da minha solidão e disseram que eu poderia entrar para o grupo deles, se eu aceitasse cumprir alguns desafios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— seus olhos continuavam distantes, mas, mesmo assim, me olhavam vez ou outra para checar se eu estava prestando atenção. Imaginei que as pessoas não costumavam ouvir suas histórias, ou talvez não dessem a devida importância para o que ele tinha a dizer.

— Eu tinha treze anos e tudo o que eu queria era ser aceito — continuou ele. — Foi a única vez em que a minha mãe perdeu a capacidade de ver o Deus de cada um. Ela ficou uma fera! — ele sorriu, mas era só para aliviar a tensão. Havia muita tristeza no que ele dizia e eu não quis perguntar detalhes do que aconteceu. Concluí que aqueles garotos fizeram coisas horríveis e apertei meus braços em volta do seu pescoço, não para dizer, com o gesto, que eu entendia. Eu não fazia ideia do que tinha acontecido e nunca saberia como era passar por tudo isso. Abracei Henry porque era a única coisa que eu podia fazer por ele naquele momento.

— Acho que ela ficou muito frustrada porque — continuou — eu tinha acabado de contar a ela como me sentia sobre meu gênero e nós

PERIGOSAS ACHERON

conversamos tanto! Ela se sentou e me ouviu. Só isso. Não precisou de muito para entender e apoiar. Acho que ela esperou que as outras pessoas fossem fazer o mesmo. Eu também, na verdade. Eu gostaria de ser um pouco como a minha mãe, só para perdoar e esquecer isso tudo.

Eu não sabia o que dizer. Não só porque eu nunca havia passado por algo semelhante, mas também porque eu estivera do lado de lá um dia. Não do lado dos garotos que agrediram Henry, mas do lado daqueles adolescentes burros que se acham donos da verdade e imortais, aqueles que se tornam criminosos por uma estupidez, porque não entenderam que as suas ações podem ter consequências trágicas nas vidas das pessoas.

Eu estivera do lado dos que ferem e marcam a vida de alguém para sempre. Talvez, se a mãe de Henry me visse, se ela estivesse entre aquelas mães arrasadas pelo que eu fizera, não conseguiria ver Deus nenhum em meu interior.

— Eu também não sei nada sobre perdoar — eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse. — Acho que nunca perdoei ninguém. Nem a mim mesma — refleti. — Eu nem sei se essa coisa de perdoar existe, na verdade.

— Talvez tenha a ver com esse dom da minha mãe, com essa coisa de ver o Deus interior — seu tom de voz era mais leve agora, como se, assim, quisesse encerrar o assunto.

— A sua mãe parece muito, muito legal, mas eu não faço ideia do que ela está falando — eu subi, devagar, para cima dele, apoiando os joelhos no colchão, um de cada lado de sua cintura.

— Eu também não — ele sorriu e puxou minha camiseta para cima. Eu ergui os braços e deixei que ele a tirasse. Abaixei até seu rosto e beijei seus lábios, suas bochechas, suas pálpebras fechadas e o caminho de seu maxilar até o queixo.

—Você devia dormir — ele riu.

— Eu sei.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes das dez da manhã, eu já estava com um folheto de guia turístico fornecido pelo hotel em mãos, folheando para escolher algum lugar interessante. Comemos algumas comidas estranhas em um restaurante no centro da cidade e depois perambulamos por lojas de discos e coisas parecidas. Henry ficou algumas horas procurando por um baixo diferente, mas não encontrou nada que lhe despertasse interesse.

Compramos bilhetes para um filme de terror e rimos descontroladamente nos primeiros vinte minutos. Primeiro porque ele não entendia nada de espanhol e o filme não tinha legendas em inglês, segundo porque os efeitos especiais eram péssimos. Nos minutos finais nos concentramos em nós mesmos, dando alguns amassos nas poltronas do canto da fileira, o que pareceu atrair a atenção de um lanterninha que nos pediu, encarecidamente, que nos retirássemos pouco antes dos créditos finais.

Se houve algum momento em que me senti mais feliz e mais jovem, não me lembrava quando. Henry também parecia alguém que acabara de sair

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de uma prisão de anos. Queria experimentar tudo e fazer todos os tipos de loucuras em que conseguia pensar. Pediu cigarros para pessoas desconhecidas, comprou bebidas em um bar meio estranho e alugou uma moto de um motoqueiro meio rapper que encontramos por acaso.

Passeamos pelas ruas do centro e nos perdemos algumas vezes até eu perceber que estava lendo o mapa de cabeça para baixo. Quando Henry devolveu a moto, eu pensei que teria que chamar a polícia. O motoqueiro inventou um arranhão diferente dos que existiam e procurou briga, mas eu paguei uma rodada de cerveja para nos três e no fim o cara acabou pedindo desculpas, nos oferecendo algumas doses de *Pisco Sour*.

Anoitecia quando decidimos caminhar sem rumo, nos perder de propósito, para sair um pouco da nossa zona de conforto.

— Já estamos perdidos? — ele perguntou, observando os prédios em volta.

— Provavelmente. Eu não saberia dizer. A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha memória fotográfica é praticamente inexistente.

— Não é verdade!

— É sim — assegurei.

— Qual era a cor da minha camiseta no dia em que nos conhecemos?

— Não faço ideia.

— Eu peguei pesado, não é? — ele passou um braço em volta do meu pescoço, descontraído.

— Não se preocupe, eu não lembro nem da roupa que usei ontem — dei de ombros.

— Você devia... — ele parou abruptamente e me soltou. — Precisamos ir! — avisou, voltando alguns passos, apressado, para virar em uma esquina próxima.

— O que foi? — perguntei, seguindo-o.

— Não olhe para trás.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não estou olhando! — disse, ofegante, tentando alcançar seu ritmo. Ele quase corria agora.

— Fique deste lado da calçada, ok?

— Por quê? Henry? — perguntei, um pouco mais alto, enquanto ele atravessava a rua, sem olhar para mim. — Você vai me dizer o que está acontecendo? — atravessei a rua.

— Não grite! Você ficou maluca? — ele murmurou entredentes. — É só que... — ele olhou para os lados e para as janelas das casas da rua. — Eu vi alguém conhecido e perdi o controle. Desculpe.

— Você me assustou de verdade, Henry. Que droga! — praguejei, atravessando a rua e deixando-o seguir sozinho na outra calçada.

Caminhamos lado a lado, um em cada lado da rua, sem nos olharmos uma só vez. Cheguei ao hotel primeiro, porque apertei o passo, e subi direto para o quarto, sem conversar com ninguém. Estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confusa e assustada, sem conseguir entender porque ele tinha sido tão rude. Eu sabia que encontrar alguém conhecido podia significar um escândalo na vida dele, mas me sentia estranha, como se algo tivesse sido roubado de mim.

— Desculpe, Liz — ele pediu, assim que fechou a porta do quarto atrás de si. — Era um fotógrafo, dos que sempre estão no nosso pé e... eu não esperava vê-lo aqui.

— Está tudo bem, Henry. Eu entendo — eu disse, me afastando dele, com a desculpa de pegar um pouco de água.

— Ele está sempre atrás de alguma fofoca.

— Tudo bem. Já entendi.

— Você está brava? — ele perguntou, constrangido.

— Não — bebi um gole de água. — Você me assustou. Eu fico irritada quando me assusto.

— Desculpe.

PERIGOSAS ACHERON

— Acha que ele tirou uma foto? — perguntei, sem realmente estar interessada.

— Não sei. Foi muito rápido.

— Talvez você tenha se confundido.

— Tem razão — ele se aproximou, lentamente, e puxou meu rosto para beijar meus lábios. — Eu vou tomar um banho, ok?

— Vou logo depois de você — sorri, me jogando na cama e ligando a tv.

Lá pelas dez da noite, eu acordei com as luzes coloridas da rua passando no teto e pensei que deveria também tomar uma ducha. Henry dormia no sofá, enrolado em seu moletom cinza-chumbo duas vezes maior que ele. Ignorei a vontade de vê-lo dormir e o quanto ele ficava lindo de moletom, e arranquei minhas roupas a caminho do banheiro.

Ele apareceu de repente, me dando um susto ao entrar debaixo do chuveiro, me beijando e me

fazendo engolir um pouco de água. Eu ri da forma como ele me encostou contra os azulejos e juntou minhas mãos no alto.

— Nunca te ensinaram a bater na porta? — perguntei, enquanto ele mordiscava meu pescoço.

— Será que eu posso ficar aqui para sempre? — ele sussurrou no meu ouvido. Suas palavras bloqueadas pela água em seus lábios.

— Acho que o hotel não aceita hóspedes por tanto tempo assim. Se aceita, deve sair bem caro — brinquei, espalmando minhas mãos em suas costas quentes.

— Não me lembro de nenhum momento em que tenha me sentido assim.

— Assim como?

— Como se o mundo coubesse nas minhas mãos.

— Você fica bem romântico quando está chapado — brinquei. — Não vá embora — pedi em

PERIGOSAS ACHERON

seu ouvido. — Nós dois podemos ficar aqui, tomando *Pisco Sour* e trabalhando em qualquer coisa. Espanhol nem é tão difícil assim, afinal.

— Eu adoraria — ele sorriu e me levantou do chão.

— Ei, o que está fazendo?

Ele me carregou até a cama, enquanto eu gritava, rindo, para que ele me soltasse.

A verdade é que, independente das doses elevadas de *Pisco Sour*, eu também me sentia exatamente assim: Como se o mundo coubesse nos meus braços. Pela primeira vez na vida eu me sentia livre e, pelo que parecia, Henry também. Parecia que, por alguns segundos, toda aquela cidade lá fora, aquele país e tudo o mais era tão infinitamente pequeno que não tinha mais importância.

Eu nunca havia sentido algo parecido antes. Estava sempre preocupada com todas as coisas que

PERIGOSAS ACHERON

deveria fazer ou ser, com a maneira como deveria me comportar. Mas ali, naquele quarto com Henry, eu estava tão longe de casa, tão longe de todas as pessoas que conheciam a velha Lissie Problema, que eu podia ser o que quisesse. Qualquer coisa. E isso era libertador.

E me sentia imensamente feliz por Henry sentir o mesmo.

capítulo 7

O último dia foi o mais estranho.

Não só porque tomamos café no quarto, ou porque Henry evitava as camareiras e espiava a rua através das cortinas de cinco em cinco minutos, mas também porque aquele sentimento de liberdade havia desaparecido completamente.

Eu já estava preocupada com os últimos centavos na minha conta bancária e com o que enfrentaria quando voltasse para casa. Ficar soterrada de classificados e currículos não era nem um pouco animador.

Henry continuava tentando se agarrar ao último resquício de diversão, e se esforçava para inventar coisas legais para fazermos. Todas dentro do quarto.

— Há tantos lugares para visitarmos ainda! Eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vi na internet um museu que... — Tentei argumentar.

— Desculpe, Liz, mas não acho uma boa ideia sairmos — ele disse, checando a janela pela milésima vez.

— Por causa do fotógrafo?

— É. Eu liguei para a Mey, e ela disse que ele esteve sumido esses dias. Então, ele pode muito bem estar aqui.

— Entendi — disse para não render assunto, tentando ignorar a vontade de perguntar quem diabos era Mey.

Depois de assistirmos à um filme, eu resolvi descer para fumar um cigarro do outro lado da rua. Já estava entediada e frustrada por não podermos aproveitar mais um dia de liberdade irresponsável. Sentia que poderia enlouquecer se ficasse mais um minuto naquele quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi quando um cara se aproximou pedindo emprestado o isqueiro. Não reparei muito nas suas roupas e nem nos objetos que carregava, tão absorta eu estava com toda a minha frustração e com a falta de perspectivas da minha vida. Eu estava mais preocupada com todas as minhas opções de trabalho dali em diante, do que com um desconhecido qualquer.

Voltar a ser camareira, garçonete ou vendedora não estava nos meus planos. Mas eu não tinha plano algum. Eu queria algo diferente, eu queria ter um caminho, uma paixão, uma coisa que fosse a luz no fim do túnel para todos os dias em que me sentisse desmotivada, sem vontade de me levantar da cama.

Uma luz disparou ao meu lado, rápida como um relâmpago, e só então acordei para o mundo real. O tal estranho estava tirando fotos do hotel, escondido atrás de um carro, fumando o cigarro enquanto esperava por mais um clique.

Aquilo era surreal. Eu me sentia dentro de uma novela ou um filme de suspense. Precisava voltar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o hotel com urgência, antes que Henry resolvesse descer para tentar me esconder, mas eu também não podia sair correndo, ou o fotógrafo descobriria quem era a amante do *rockstar* daquela banda... aquela que eu nem sabia o nome.

Comecei a andar o mais calmamente possível naquela circunstância, na direção oposta, como se planejasse entrar na padaria que havia ao lado do hotel. Disfarcei um pouco, olhando para os pães de mel expostos na vitrine e resolvi comprar uns dois para ganhar tempo. Eu já estava no caixa, confusa sobre qual moeda eu deveria usar, quando o cara entrou e pediu um maço de cigarros à um vendedor. Era a minha deixa.

Joguei uma nota qualquer para o caixa e saí, o mais rápido que podia, corri até a recepção do hotel e subi três lances de escada, como se minha vida dependesse disso.

— Pães de mel! — sorri, quando abri a porta, me esforçando para não ofegar o suficiente, torcendo para que Henry não percebesse nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele falou com você? Responde, ele falou com você? — Henry estava tão arfante e pálido quanto eu.

— Não sei do que está falando, Henry.

— Do fotógrafo! Eu vi! Ele falou com você.

— *Tá*, tudo bem, ele pediu meu isqueiro e depois ficou tirando umas fotos — admiti, me jogando em uma poltrona.

— Suas? — ele começou a entrar em pânico.

— Não. Do hotel. Das janelas.

— Ai, meu Deus, nós temos que voltar! Nós temos que ir embora antes que...

— Calma! Talvez ele nem seja quem você está pensando.

— Eu disse que não era boa ideia sairmos.

— Ele nem me conhece, Henry. Relaxa!

PERIGOSAS ACHERON

— Relaxa? — ele ergueu a voz, indignado. — Qual é o seu problema? É a minha imagem que aquele cara vai detonar lá fora! Sou eu quem ele vai destruir — eu fiquei boquiaberta, enquanto ele gesticulava, furioso, à minha frente. — Eu não sou igual a você! Eu não posso simplesmente quebrar uma regra e perder o meu emprego por um caso de férias. Não é um emprego qualquer, Lissie! É a minha vida!

— O meu emprego era importante para mim! — eu respondi, mantendo a voz no tom normal, mais por estar em choque do que por querer ser educada. — Eu tenho que pagar aluguel e todas as minhas coisas. Eu não tenho um agente, um produtor ou, sei lá, um empresário para fazer isso por mim. E também não posso ficar nas costas da Clarice.

— Você acha um emprego como aquele facilmente, Lissie — ele uniu as sobrancelhas.

— Ah, sim, eu acho mesmo! A economia do meu país permite que eu mude de emprego como troco de roupa, aliás — eu disse, sarcasticamente.

— Sabe, você precisa de um pouco mais de realidade, Moritz. Não é só o seu mundinho que existe, o seu país rico e a sua vida rica.

— Olha só, dá para parar de insinuar que eu sou esnobe?

— Dá sim, se você parar de menosprezar a droga da minha vidinha sem importância! — eu gritei.

Havia me esforçado para controlar o tom de voz e para sair com um pouco de dignidade daquela conversa, mas eu estava tão decepcionada com aquele novo Henry, me sentindo tão enganada por ele ou por mim mesma, pela ilusão que criei, que não consegui me conter.

— Isso tudo é por causa da sua namorada, não é? — eu disse depois de alguns minutos, depois de ir para o banheiro e respirar um pouco. — Você não quer que ela saiba.

— Co-como sabe que eu tenho namorada? —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele perguntou, aproximando-se devagar.

— Você disse. No primeiro dia, quando entrei no seu carro por engano. Você comentou que ela fazia questão de um hotel cinco estrelas — eu disse, abaixando o rosto para não olhar para ele.

— Lissie, me desculpe — ele se aproximou e pegou meu rosto entre as mãos. Eu ergui os olhos, mas não consegui sustentar o olhar. — Eu sinto muito. Eu tenho sido um babaca e, por favor, eu não quero que você pense que eu sou assim.

— É, você tem sido mesmo — concordei, cruzando os braços.

— Desculpe por dizer aquelas coisas. Eu estive... estou muito estressado. Por isso as férias, por isso tão longe de casa. Eu queria só me afastar um pouco e esse cara vir atrás de mim é simplesmente uma merda.

— Eu quero ir embora — eu disse, me abaixando para recolher algumas roupas minhas que estavam espalhadas pelo chão do banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, espera — ele pediu, me puxando de volta para ele. — Fica. Nós podemos nos divertir, podemos fazer muitas coisas...

— Aqui no quarto — completei, finalmente encarando-o. — Eu sinto muito, Henry, mas as férias acabaram.

Ele tentou me convencer mais algumas vezes, andando atrás de mim, enquanto eu juntava as minhas coisas de qualquer jeito na mochila. Depois ele desistiu e ficou sentado de frente para a lareira, enquanto eu tentava encontrar um voo disponível para aquele mesmo dia. Henry não iria voltar comigo, porque planejava despistar o fotógrafo, mas prometeu voltar à minha casa para buscar as suas roupas na primeira oportunidade que tivesse.

Ele nunca voltou e nem mandou alguém para buscar suas coisas.

Eu doeie tudo depois de um ano e só fiquei com o baixo verde e a lembrança do último pedido de desculpas, com os olhos marejados e um beijo meio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amargo de café.

Los Angeles, EUA
inverno de 2016

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 1

O interfone tocou às dezoito e cinquenta e seis, e eu ainda não estava pronta. Não que faltasse muito, eu só precisava escovar os dentes e passar o batom rosa que Clarice me emprestara, prometendo me deixar com uma imagem menos “garota problema”.

É claro que eu continuava sendo a Lissie de sempre, com todas as minhas confusões de sempre, mas, mesmo assim, eu queria causar uma impressão de garota certinha, do tipo que não arrasa o coração do filho de alguém.

O interfone tocou de novo e dessa vez eram dezoito e cinquenta e oito. Ben tinha essa desconfortável mania de sempre estar adiantado.

— Sim? — respondi, ainda com a escova na boca, segurando o fone com a mão livre.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lissie? — a voz entediada de Max, o porteiro, soou. — Tem um cara aqui na portaria, dizendo que...

— É o Ben. Manda ele subir.

— Tem certeza?

— Claro, estou esperando por ele.

Atirei o fone de volta no gancho e corri para o quarto, procurando meus sapatos de salto que não usava há anos. Passei o batom e me olhei no espelho: Vestido preto, jaqueta de couro vermelha, meia-calça preta, sapatos pretos.

Não! Eu definitivamente não era aquela pessoa!

Por fim optei por algo mais Lissie: Calças jeans, botas estilo coturno e uma blusa de bolinhas com gola *Peter Pan*. Coisas que a convivência com a Clarice me trouxera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não costumava ser o tipo de pessoa que ligava para a opinião alheia, mas aquela ocasião pedia cuidado. Primeiro porque eu nunca tinha namorado alguém a ponto de conhecer a família, ou ser apresentada como namorada e não como “a amiga-da-fulana”, como tinha acontecido quando namorei uma garota. Não fazia ideia do que falar ou do que não falar naquela situação. Também não sabia como agir, o tipo de piada que eu deveria fazer ou se era melhor não fazer piada nenhuma.

Ben tinha essa desconfortável mania de fazer mistério quanto à sua família e isso só atrapalhava as coisas. Ele dizia que eu tinha que ver com meus próprios olhos, que qualquer coisa que ele dissesse atrapalharia minhas impressões. Na verdade, ele achava engraçado me ver nervosa. “Relaxa, eles são legais! ”, ele dizia, com aquele olhar sádico.

Em segundo lugar, eu era imigrante. Uma imigrante ilegal, o que fazia algumas pessoas daquele país torcerem o nariz para mim.

Claro que o plano inicial tinha sido ficar apenas seis meses nos Estados Unidos, aperfeiçoar o inglês

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e conseguir juntar uma boa grana para comprar um apartamento quando voltasse para o Brasil, mas só Clarice conseguira ter sucesso nessa parte e em muitas outras. Ela já tinha cidadania, graças à sua mãe, mas também tinha sido contratada por uma empresa de decorações, o que a deixava em uma situação mais do que ótima.

Claro que tudo isso a ajudava bastante, mas o meu fracasso maior se devia a minha dificuldade inata em ter alguma disciplina para seguir planos sem desistir a meio caminho.

Desta forma, ali estava eu, sem curso de inglês, com o visto vencido há tempos, servindo mesas e lavando privadas seis dias da semana, das oito às dezoito, em um *fast food* de uma família mexicana que aceitou me dar um emprego sem fazer perguntas.

Mas as coisas estavam melhores, de certa forma. Eu estava feliz, apesar de tudo. Claro que naquele momento em especial eu nem desconfiava que essa felicidade toda estaria ameaçada. Em menos de uma hora, para ser mais exata.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ainda estava procurando minhas chaves quando a campainha tocou. Olhei pelo olho mágico e o vi, recostado contra a porta do vizinho da frente, segurando uma jaqueta jeans no ombro direito. Os óculos estilo aviador de sempre, mesmo durante a noite, pendurados em seu nariz longilíneo. Seus cabelos médios escovados para trás, e grudados de gel, como um ator de filme antigo, e uma parte da franja escapando para a testa, fazendo com que ele passasse os dedos pelos cabelos vez ou outra para arrumá-la.

Ben tinha um desconcertante charme de *rockstar* que, para alguns, era apaixonante. Eu estava entre essas pessoas, por mais que não gostasse de reconhecer.

— Oi — ele sorriu, tirando os óculos e os pendurando no colarinho da camiseta, assim que abri a porta.

— Oi — eu sorri.

— Você me olhou por tanto tempo pelo olho mágico... — ele piscou para mim. — Estou bonito?

PERIGOSAS ACHERON

— Achei meio anos 60, mas gostei.

— A minha mãe estava assistindo *Grease* hoje. Achei que um estilo John Travolta combinaria com a ocasião.

— Pelo menos agora tenho um assunto com a sua mãe.

— “Olá, mãe do Ben, muito prazer, sou a Lissie. Você gosta de *Grease*?” — ele fez uma imitação caricata da minha voz. — Isso vai ser interessante.

Ele riu e me puxou para o abraço de sempre: Os braços em torno dos meus, unindo as duas mãos nas minhas costas e encostando os lábios no topo da minha cabeça. Era reconfortante. Muito reconfortante.

— Senti saudades — ele sussurrou.

— Eu também — disse, aspirando o cheiro de perfume e alvejante da camisa dele.

— A Clar disse que era para eu garantir que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você usasse saltos hoje — ele disse, percebendo que eu ainda estava bem mais baixa que ele.

— Você não precisa contar para ela.

— Ela me ofereceu uma boa grana.

— Eu cubro a oferta!

— Podemos negociar — ele me olhou por um momento. — Você está linda!

— Obrigada.

— E... está tremendo. O que foi? — ele se afastou um pouco para me olhar nos olhos.

— Eu? Não. Não estou tremendo! — afastei-me gentilmente e me ocupei com a porta do apartamento, que só trancava se a chave fosse girada do jeito certo.

— Você está nervosa, não está?

— É. Um pouco — admiti, a contragosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Se quiser podemos marcar para outro dia — ele disse, escorando na parede ao lado da porta, para me olhar mais de perto e acariciar minha bochecha com o polegar.

— Não — ergui os olhos para ele. — Nada disso. Se temos que fazer isso, que seja hoje. O pior que pode acontecer é eles me odiarem e...

— E dane-se. Eu já disse que a opinião deles não importa. Eu vou ficar com você de qualquer jeito.

— Que agressivo! — ri, guardando as chaves na bolsa enquanto andava até o elevador.

— Quero dizer, a menos que você não me queira mais — ele disse, em tom de desafio.

Ben era o tipo de cara confiante. Confiante até demais.

Ele costumava ser aquele estereótipo conquistador, que não se prendia a ninguém. Não até agora, pelo menos. Eu sabia que a pose de *bad boy* era uma defesa contra relacionamentos

PERIGOSAS ACHERON

duradouros, já que ele vivia viajando com a banda da qual era produtor. E sabia também que essa era uma das razões que faziam o nosso namoro dar certo, já que eu não era diferente. Nós dois não queríamos nada sério, mas acabou acontecendo.

— De qualquer forma você ainda está em período de experiência — comentei, olhando para o painel do elevador e acompanhando os números mudarem a medida que passávamos pelos andares.

— Esta noite é a grande decisão? É isso? Você vai me dizer se estou aprovado ou não? — ele ergueu uma sobrancelha, me encarando pelo espelho.

— É por aí.

— Ficou frio de repente, não é? — ele estremeceu e vestiu sua jaqueta.

— Tá bom! Você venceu! Eu admito que estou aterrorizada — rolei os olhos. — Eu nunca conheci a família de nenhum cara e, apesar desse batom rosa da Clar, eu ainda sou uma imigrante ilegal e a sua mãe realmente vai pensar que...

— Ei, ei, para com isso! — ele pegou meu rosto entre suas mãos e olhou nos meus olhos, com uma expressão bem séria. — Nada dessas coisas definem quem você é. Ela vai ver exatamente o que eu vejo: A garota mais interessante e corajosa que alguém pode ter o prazer de conhecer.

— Você tem que parar de usar as letras das músicas da sua banda nas nossas conversas, Ben — eu disse, tentando não sorrir pelo elogio.

— Você sabe que elas são sobre você, não é? Todas elas — ele piscou e me estendeu a mão, para atravessarmos a garagem até seu carro.

— Mas você não escreve as letras.

— Eu mando escreverem — ele ergueu uma sobrancelha e eu dei uma risada sarcástica.

— Você também não contou nada sobre mim para eles, acertei?

— Eu gosto de surpreender — ele abriu a porta do carro para mim e eu hesitei um pouco antes de

PERIGOSAS ACHERON

entrar.



Entramos em um bairro nada modesto de Los Angeles. As casas eram lindas e enormes, com jardins maravilhosos e isso me deixou mais intimidada que antes. Que ele tinha dinheiro eu já sabia. Apesar das suas roupas surradas e seu carro ser um *Mustang* 67 em estado de decomposição, eu sempre soube que ele tinha algum dinheiro. Eu só não me dera conta, até aquele momento, de que era dinheiro o suficiente para ter uma casa naquele lugar.

Eu estava começando a me preocupar com coisas como qual garfo eu deveria usar primeiro, quando ele parou bem em frente a uma casa pequena e simples. Um sobrado de dois andares, com um jardim pequeno e uma porta de entrada verde.

— Chegamos — ele disse, apontando para a

casa. — Eu sei. Parece destoante, não é?

— Parece sim.

— A minha mãe nunca gostou da ideia de morar em um bairro como esse. Ela odeia essas coisas de gente rica — disse a última frase afinando a voz e forçando o sotaque britânico para imitar a mãe.

— Como ela consegue morar aqui? É... intimidante!

— Para mim tanto faz. Eu não tenho dinheiro nenhum mesmo! Tudo o que nós temos é governado pelo tirano do meu padrasto. — Ele saiu do carro e eu o acompanhei.

— Então... é isso. É aqui. Gostei da sua casa — disse, mordendo os lábios.

— Menos nervosa?

— Não — admiti, respirando fundo.

— O que eu faço com você? — ele riu, dando

PERIGOSAS NACIONAIS

um passo para me encarar de frente. — Relaxa, Liz! — ele esfregou meus ombros e me sacudiu um pouco.

— Eu estou bem. Eu só... acho que você podia me adiantar algumas coisas.

— Quer um cigarro? — ele mudou de assunto rapidamente.

— Eu tô legal!

— Tem certeza?

— Vamos logo.

— Espera. — Ele me segurou pelo braço e me puxou de volta para perto dele. — Acho que você precisa de um beijo de boa sorte.

— Não, Ben.

— Precisa sim.

— A sua mãe pode ver. — Olhei preocupada para as janelas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, meu Deus, isso é terrível! — ele arregalou os olhos, imitando o sotaque britânico da sua mãe de novo. — O meu filho não é mais virgem de boca!

— Imagine até ela saber do... — Ele me calou com o tal beijo de boa sorte, que nos fez rir e cambalear pelo jardim.

Naquele momento, eu não me dei conta de que, em algum lugar no céu, Saturno completava a sua volta e, sempre que isso acontecia, vidas inteiras eram reviradas de cabeça para baixo, num caos profundo. Nós rimos, sem saber que aquele riso estava prestes a ser dizimado pela movimentação de um corpo celeste idiota, em algum lugar idiota, do universo igualmente idiota.

Ben, inocente da movimentação dos planetas, se inclinou para me dar mais um daqueles beijos de sempre: a mão direita na minha nuca, a esquerda na minha cintura, o lábio inferior entre os meus e o meu lábio superior entre os dele, como se eu fosse a última garota da terra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 2

Peguei a mão que Ben me ofereceu para andarmos juntos pelo caminho de pedras até a porta. Segui-o, passando pela porta verde de madeira e percebendo, com espanto, que a casa não era muito diferente do meu apartamento. A escassez de móveis e a ausência de qualquer decoração sofisticada me deu a sensação de estar em casa, o que me fez sorrir e baixar um pouco a tensão.

Havia uma escada carpetada, com um corrimão dourado que já tinha sido brilhante um dia. Talvez na década de 20. Havia um lustre enorme no teto, com apenas uma lâmpada acesa em um dos cinco bocais, os outros quatro estavam vazios. Exatamente como seria se aquela casa fosse habitada por mim.

Nada de estátuas de *Vênus de Milo* ou algum quadro de *Monet*. Nenhum piano de cauda ou tapetes caros no chão. Só uma casa simples e limpa, sem exageros caros ou banais.

Ben tirou meu casaco e o pendurou em um cabide pequeno de madeira. Haviam vários casacos ali e isso fez meu estômago congelar por um instante. Quantas pessoas eu iria conhecer naquela noite? Quantas delas me avaliariam?

—Não repare a bagunça, ok? Ainda estamos ajeitando as coisas por aqui — ele sorriu, pegando minha mão e me puxando para a sala de estar.

Uma música vinha de algum lugar da casa, e logo reconheci *it must have been love* de *Roxette*. Na sala de estar haviam dois sofás simples de couro sintético marrom e uma mesinha de centro de frente para uma televisão de 42 polegadas que estava desligada.

—Boa música —sorri para o Ben, que foi me puxando para o interior da casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Minha mãe gosta de cozinhar ouvindo clássicos. —Ele continuou me puxando, passando pela sala de jantar pequena e indo para a cozinha.

—Mais uma coisa sobre a sua mãe. — observei.

—Olá, mãe do Ben, como vai? Você gosta de Roxette! — ele imitou minha voz, enquanto me puxava para outro cômodo. —É, pode dar certo. — Ponderou.

Haviam algumas fotos espalhadas em quadros na parede da sala de jantar e uma cortina de renda na janela, além de uma mesa de vidro grande, mas não tinha nada mais do que isso.

—Toc, toc? —Ben disse um pouco mais alto.

—Você sabe onde eu estou, Ben! —A mãe dele gritou e logo a vi, vestindo um conjunto de moletom cinza e um avental vermelho por cima.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não podia acreditar que, depois de ter imaginado algo bem próximo ao elenco de *Desperate Housewives*, não havia considerado um tipo menos estereotipado de mãe. Estava meio decepcionada comigo mesma e meus preconceitos.

Aquela mulher podia muito bem ter sido amiga de Courtney Love ou Rita Lee, em algum momento da juventude. Tinha o cabelo bem curto tingido de um rosa choque único, usava as unhas pintadas de preto e suas orelhas eram repletas de argolas e pequenos brincos de prata. Ela era tão jovem! Como eu podia nunca ter considerado essa possibilidade?

—Era para você ter dito "Quem bate"! —Ben protestou.

—Eu odeio essas piadas idiotas — ela revirou os olhos e bebeu um gole de vinho.

—Mãe, essa é Lissie — ele me puxou para seu abraço.

—Muito prazer, sou Barbra. Você é uma garota linda! —Ela sorriu, dando-me um beijo na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bochecha e um abraço. —Ben não me contou nada a seu respeito. Eu achei que ele estava inventando uma garota para...

—Mãe, tem cerveja? — perguntou ele, constrangido, abrindo a geladeira.

—Claro que tem. Você não me deixou esquecer um segundo dessas bebidas — ela franziu o cenho e depois voltou a me olhar. —Você é latina, não é?

—Eu sou brasileira — respondi, um pouco tímida.

—Ô, meu Deus! Eu amo o Brasil! Amo! Eu fui ao rock ‘n rio em 85 e... Você aceita um baseado? — Ela perguntou bem perto do meu ouvido, segurando meu braço.

—Mãe! — Ben ralhou com ela.

—O que foi? — Ela o olhou, assustada.

—O que eu disse sobre...

—Ok! Ok! —Ela ergueu as mãos para o alto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Vocês são muito caretas. C—A—R—E—T—A—
—S! —Depois de soletrar a palavra, Barbra voltou para o fogão e acenou para mim, antes de Ben me puxar de volta para a sala.

—Ela ainda não conseguiu sair da fase punk — disse ele, oferecendo-me uma cerveja que recusei. Ainda não estava segura o suficiente para consumir álcool naquela casa.

—Estou furiosa com você! —eu disse. —Por que não me contou que a sua mãe era tão legal?

—Que bom que gostou dela! A ex-namorada do Stieve saiu daqui correndo depois que a minha mãe ofereceu maconha para ela.

—Eu não acredito, Ben! — cerrei os olhos para ele.

—O que foi? — ele me olhou, assustado.

—Você estava com medo que eu viesse com algum preconceito formado sobre sua mãe? É por

PERIGOSAS ACHERON

isso que não contou nada? —sussurrei, irritada. —
Você achou que eu ia, sei lá, gostar menos de você
ou coisa assim?

Ele mordeu os lábios e desviou o olhar.

—Você é um idiota — cruzei os braços e subi o
primeiro degrau da escada, mas ele me puxou de
volta.

—Não fica brava, Liz —pediu, me abraçando.
—Eu também sou novo nessa coisa de namorar
sério. Minha mãe nunca conheceu nenhuma
namorada minha. Eu não sabia o que fazer. Então
fui pela experiência que já tinha e...

—E, como você também não contou sobre
mim...

—A minha mãe tem mania de não gostar de
ninguém que o Stieve traz. Só gosta da Danna
porque eles se casaram e ela foi obrigada, então eu
achei que...

—Que as chances de nos darmos bem seria
melhor se você não influenciasse isso? Errou feio,
PERIGOSAS ACHERON

Ben!

—Liz, por favor, dá pra esquecer isso? Eu estava nervoso. Desculpe.

—A gente pode continuar essa conversa depois.

—Não. Eu não quero que fique assim comigo a noite toda.

—Tudo bem. Eu desculpo — cedi, rolando os olhos. —Mas, Ben, eu quero que da próxima vez você fale comigo.

—Eu falo.

—Promete?

—Prometo — ele sorriu e me deu um selinho antes de me puxar para a escada.

O corredor do segundo andar não era mais luxuoso ou destoante do que o que eu já tinha visto da casa. As portas de madeira estavam todas fechadas, o chão carpetado cheirava a desinfetante e as paredes azul claro estavam vazias. Não havia

PERIGOSAS NACIONAIS

nenhum quadro, nenhum enfeite e haviam apenas dois pendentos dourados no teto. Apenas um deles estava aceso.

Ben parou bem em frente a uma das portas e bateu três vezes na madeira com os nós dos dedos.

—Quem está aí? — um cara disse do outro lado da porta.

—Sou eu, Stieve. O que vocês estão fazendo?
—Ben perguntou, girando a maçaneta da porta, sem sucesso.

—Qual é a senha? —Stieve brincou e a porta se abriu.

—Por que vocês trancaram a porta?

—Stieve — sussurrei fracamente.

Por alguns segundos o mundo se transformou em um borrão confuso. Eu tinha consciência da conversa entre Stieve e Ben, do murmurinho das

PERIGOSAS ACHERON

risadas das outras pessoas que estavam dentro do quarto, do barulho dos carros passando lá fora e do rock *new wave* que Barbra ouvia no andar de baixo. Mas todos esses sons e todas as imagens em volta tinham se transformado em um ruído de fundo indistinguível e distante.

Não vi Stieve.

Não vi Ben.

Também não vi os móveis do quarto ou o lustre no teto.

Não vi mais ninguém que estava no quarto.

Como se eu estivesse em um teatro, as luzes se apagaram e havia apenas um canhão de luz branca e forte iluminando um ponto exato do quarto para onde meus olhos e todos os meus sentidos foram puxados.

Do outro lado do quarto, perto da janela de vidro aberta com as cortinas creme farfalhando. Lá estava ele, escorado contra a janela, o vazio às suas costas, segurando um cigarro entre os dedos e uma

PERIGOSAS ACHERON

pequena garrafa de cerveja na outra mão. Henry e sua velha jaqueta de couro marrom, seus cabelos agora em corte militar, seu sorriso distraído, antes de levar o cigarro aos lábios e erguer os olhos.

Senti uma espécie de estalo em algum lugar da minha mente. Alguma coisa dentro de mim simplesmente estalou, como uma casa que está prestes a desabar, como o último aviso antes do telhado vir abaixo.

Houve um silêncio de um segundo, onde tudo pareceu acontecer em câmera lenta. O segundo em que aqueles olhos verdes finalmente ergueram-se para mim e encontraram os meus, aquele momento silencioso de reconhecimento que ninguém percebeu a não ser eu e ele.

Então, tudo voltou de uma vez só, como se o mundo tivesse voltado ao normal. As vozes, os cheiros, os barulhos. Finalmente me dei conta da mão de Ben entrelaçada à minha e seus dedos alisando minha pele amorosamente. Desviei os olhos de Henry e segurei o braço de Ben com a outra mão para conseguir apoio, como se isso fosse

PERIGOSAS NACIONAIS

me proteger de cair no abismo que se abria bem debaixo dos meus pés.

—Você existe! —Stieve sorriu para mim, oferecendo sua mão tatuada em cumprimento.

—S-sim — eu gaguejei, apertando sua mão, tentando sorrir e não olhar mais para a janela.

—Todo mundo jurava que era mentira — ele riu e me abraçou. —Fizemos até uma aposta.

—Stieve é o engraçadinho da família —Ben bateu no ombro dele com tanta força que até eu senti a dor.

—É —Stieve me lançou um olhar de criança, esfregando o braço e se afastando.

Ele era parecido com Ben, exceto por sua ausência de cabelos, seu estilo mais casual e todas aquelas tatuagens nos braços e pescoço. Mas, observando bem, ele tinha um ar sério que fazia ele parecer mais velho, ou talvez mais forte.

PERIGOSAS ACHERON

—Prazer em conhecê-lo, Stieve — eu sorri, apertando sua mão.

Ben foi entrando no quarto e me puxando pela mão. Henry parecia um fantasma que só eu conseguia ver, ali à espreita, observando cada movimento meu. Eu não queria entrar no quarto. Queria ir embora e não encarar aquilo, mas não queria que Ben desconfiasse de nada.

Então, o primeiro amigo, Toni, me foi apresentado. Era o baterista da banda e não parecia se preocupar tanto com estilo quanto os outros. Vestia roupas simples e básicas, mas também era muito gentil e engraçado.

A namorada de Stieve, Danna, também me foi apresentada, menos simpática do que achei à primeira vista, me dando apenas um breve sorriso e se afastando de volta para seu celular em segundos. Era muito bonita, de forma exuberante, o que ficou explicado quando Ben disse que ela era modelo.

E então, restaram as duas últimas pessoas do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto, as que eu não queria encarar.

—Sou Ivi — uma garota pequena e esguia disse, acenando com empolgação. Suas bochechas vermelhas e suas roupas românticas me confundiram um pouco e, por um instante, achei que ela fosse uma prima adolescente de Ben, mas ela não era. Eu entendi que não quando ela puxou Henry pela mão, fazendo sair de sua pose de estátua.

—Venha conhecer a Lissie, amor.

—Prazer em conhecê-la — ele me estendeu a mão, um pouco mecanicamente, e eu a apertei. Estava gelada, mas não tanto quanto a minha.

—Prazer em conhecê-lo — sussurrei, engolindo em seco.

—Esse é James J. Crawford, mas o chamamos de JJ. — Stieve jogou o braço sobre os ombros dele. —É um baixista meia boca que conseguimos arranjar — ele sorriu para o amigo e lhe deu um soco leve no estômago.

PERIGOSAS ACHERON

—James —repeti o nome, tentando organizar a minha mente.

Nada fazia sentido naquele momento. Eu tentei, em segundos, decidir se aquele era mesmo Henry ou se era a minha imaginação pregando uma peça. Porque, se ele fosse mesmo Henry Moritz, significava que ele havia mentido para mim. Mais uma atitude decepcionante para a minha coleção.

James agiu com naturalidade depois disso e eu tentei fazer o mesmo, apesar do choque. Mas não pude deixar de me perguntar: Será que tudo o que eu sabia sobre ele era mentira? Será que ele não tinha ficado nem ao menos envergonhado por ter mentido sobre seu nome e sabe Deus sobre mais o quê?

Eu queria confrontá-lo, pedir explicações sobre tudo, queria xingá-lo um pouco também, mas não valia a pena. Ele com certeza diria alguma coisa sobre eu ser imatura e dramática, que já faziam três anos e que eu deveria esquecer, tocar a minha vida, desencanar. Essas coisas que os homens sempre

PERIGOSAS ACHERON

diziam para mim.

—Você é linda mesmo —Toni comentou, desviando minha atenção dos meus pensamentos. —Todos pensamos que era mentira quando Ben disse que estava namorando, de verdade, uma garota.

—Vocês combinaram isso, não é? —Ben perguntou, com uma voz ácida.

—Qual é, Ben? É a verdade! Você nunca trouxe nenhuma namorada aqui.

—Vocês querem parar com isso? Que tipo de cara a Lissie vai achar que eu sou?

—Lissie, fique tranquila, tá? O Ben é um amor. Eles só estão com inveja — Ivi assegurou, gentilmente.

—É, ele só era meio *bitch*. —Toni riu, dando um beijo estalado na bochecha de Ben.

—Eu realmente não preciso de inimigos — Ben disse, enxugando a bochecha.

—Stieve, eu preciso ir para casa. — Danna disse, jogando o celular dentro da bolsa e caminhando até ele.

—Antes do jantar? —Ele perguntou, entredentes, constrangido.

—E daí? —Ela retrucou, como se fosse óbvio.

—Danna, nós temos visitas.

—Não se incomo... — comecei a dizer, mas Ben apertou minha mão em sinal de alerta para que eu não me metesse.

—Stieve, eu—quero—ir—em—bo—ra! —ela disse, começando a ficar nervosa.

—Então vá! —ele jogou uma chave para ela e, depois de um minuto de olhar fulminante, ela saiu, pisando firme.

—Lissie, desculpe, a Danna... —Stieve começou a se explicar.

—Tudo bem. Sem problemas — eu disse, para

PERIGOSAS ACHERON

que ele não continuasse.

—O jantar está pronto! —Barbra gritou e todos nós descemos, em fila indiana pelas escadas, até a sala de estar.

Ben e eu nos sentamos à mesa de jantar, ao lado de Stieve. Nas cadeiras da frente estavam James, Ivi e Toni, tagarelando e brincando com algumas ervilhas. O *new wave* ainda tocava, nostálgico na cozinha e cantarolar as canções baixou um pouco a minha tensão.

—Gosta de comida vegetariana ou prefere carne, Lissie? —Barbra perguntou, colocando uma tigela de salada entre uma bandeja de salmão e um prato com bifes de cor estranha que eu não pretendia tocar.

—Carne — respondi, de olho no Salmão.

—Lissie não se importa em ser uma impiedosa assassina! —Ben afirmou, dramático, antes de tomar um gole de vinho e ser acertado por uma

PERIGOSAS ACHERON

ervilha que veio das mãos de Ivi.

—Eu não sou tão evoluída espiritualmente para recusar uma picanha. —Dei de ombros, enquanto Barbra ria e nos servia.

—Ben, eu gostei da sua namorada. Aliados, Lissie? —Toni ergueu a taça de vinho e brindamos, rindo.

—Você está com qualquer um que aprove comida, Toni. —Stieve comentou, rindo para o amigo.

—Eu só estou cansado de comer carne de soja por causa dessa família — ele resmungou. —Agora Barbra tem um motivo a mais para fazer carne de verdade.

—Não seja tão dramático, Toni! Eu, Ben e Mey também comemos carne! —James disse, servindo-se de tiras finas de salmão.

—Estou trabalhando para mudar isso. —Ivi disse, retirando alguns pedaços de salmão do prato dele e devolvendo para a bandeja. Ele não fez nada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a não ser se servir de um pouco de salada, ainda rindo.

—Tudo bem, crianças. Vamos parar de discutir e nos concentrarmos em comer? —Barbra disse, sentando-se em sua cadeira na cabeceira da mesa. —Lissie é brasileira, sabiam?

—Sério? —Toni ficou animado. —Eu tenho muita vontade de conhecer o Rio de Janeiro.

—Eu simplesmente amei o Rio! Mas isso foi na década de 80. — Barbra disse. —Hoje, talvez, esteja melhor ainda, certo Lissie?

—Bom, eu gosto mais do Nordeste, na verdade — eu disse, servindo-me de um pouco de risoto. — Bahia, que é onde eu nasci.

—Eu já ouvi dizer que tem umas praias lindas na Bahia —Barbra disse. —Não tive tempo de conhecer quando fui ao Brasil. Teria perdido a viagem, de qualquer forma. Eu sempre estava muito chapada para me concentrar em pontos turísticos e coisas do tipo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—James foi ao Brasil a uns, o quê, dois anos, amor? —Ivi perguntou.

—Acho que foi. Não lembro direito — ele disse, distraído com seu prato. Eu tentei ignorar a vontade de perguntar “É mesmo? Você não se lembra?”, e mordi os lábios para ficar em silêncio.

—Achei engraçado o seu nome, Lissie. Não parece muito brasileiro.

—Na verdade, o meu nome é Alissie — expliquei. —A minha mãe é bem criativa. Mas eu só me apresento como Lissie, desde que algumas pessoas começaram a me chamar de Liz, por causa de uma piada.

—Você pode nos contar?

—Ah, não é nada demais. Só... —eu olhei para Ben, sem graça, e evitei o olhar de James. —Era um garoto que gostava de mim e cantava um trecho de uma música.

—Música brasileira? —Barbra pareceu interessada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Sim. De um cantor chamado Djavan. Se chama Flor de Lis e diz assim: E o destino não quis, me ver como raiz, de uma flor de lis — cantarolei e depois traduzi para o inglês.

—Parece bem romântico — ela sorriu, cortando um pedaço do bife de soja.

—É.

—Ivi, você estava pensando em fazer o casamento em uma praia. Podia escolher o Brasil — ela olhou para a garota, que sorriu, animada.

—Sim, seria incrível! —Ivi disse com um ar sonhador. —Lissie, qual praia você recomendaria?

—Ham... Não sei. Eu gosto muito dos Lençóis Maranhenses, é lindo, mas acho que é preciso algumas pesquisas sobre casamentos e... — enfiei um pedaço de salmão na boca para parar de tagarelar e tentei esconder meu rosto entre os cabelos, porque sentia-o queimar.

—O que você acha, amor? —ela perguntou ao James.

PERIGOSAS ACHERON

—Acho que não seria uma boa ideia. O Brasil não é um bom lugar para mim — ele bebeu três goles seguidos de vinho, forçando um sorriso e fitando o forro de mesa, como se fosse coisa de outro mundo. Ela o olhou por um momento, mas não disse nada. Voltou para seu prato e seu bife de soja, silenciosamente.

—Nem acredito que esse menino já vai se casar —Barbra suspirou. —Ontem mesmo ele ainda era um garoto bobinho e bagunceiro.

—Mas ele ainda é bobinho e bagunceiro, mãe. —Stieve riu, mastigando uma folha inteira de alface. —A diferença é que agora ele é levemente mais bonito.

—Obrigado, Stieve. —James sorriu e jogou uma ervilha no amigo.

Minhas mãos tremiam de nervosismo e eu praticamente lutava para cortar o bife de soja que, sabe Deus porque, acabara de pegar. De repente, a faca deslizou e o pedaço de soja voou do prato. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

congelei até Ben espetar o pedaço fujão com o garfo e comer, olhando para mim com expressão divertida e desafiadora. Ele ainda pensava que eu estava nervosa por conhecer sua família. Mal sabia ele que eu tinha motivos muito piores para surtar.

O meu medo de não ser aceita pelos Hughes parecia coisa de criança agora e eu só conseguia pensar no quanto a vida gostava de tirar sarro da minha cara. Não era para eu ter reencontrado Henry. Não era para ele ser amigo de Ben. Estava tudo errado! Mas esse era o tipo de coisa que acontecia comigo. O tipo de coincidência que eu atraía. O meu *Karma* negativo me tornava um imã colossal de coincidências tão estúpidas quanto essa.

Henry, ou melhor, James, também parecia se perder em seus pensamentos vez ou outra, entre uma piadinha e outra. Mas ele evitava meu olhar, evitava participar da conversa enquanto eu estivesse participando dela. Ele me evitava com tal força que dava a impressão de ignorar que eu estivesse ali. E isso não era nada legal para o meu ego.

PERIGOSAS ACHERON

Pela graça de algum Deus, acabamos o jantar e fomos para a sala, onde parecia menos desconfortável. Só parecia, porque Ivi fez questão de sentar bem ao meu lado e ficar comentando a minha roupa, tão tagarela quanto eu. Ben me ofereceu uma taça de vinho e eu a aceitei, corajosamente, planejando me embebedar o suficiente para ficar tranquila. Barbra trouxe o seu *notebook* com sua *playlist*, e nós nos agrupamos em volta da mesa de centro — uns sentados no sofá, outros esparramados no chão — para conversarmos ao som das canções mais antigas da Madonna.

O assunto deixou de ser a nova namorada de Ben em instantes, e se tornou uma discussão acalorada sobre shows e equipamentos. Eu fiquei feliz por ser esquecida e me aninhei nos braços de Ben, fingindo prestar atenção na conversa, enquanto bebia meu vinho e tentava me concentrar em coisas aleatórias que estivessem bem longe daquela sala, daquela família, daquele baixista.

—Ben, onde é o banheiro? — perguntei, quando senti uma enorme necessidade de falar com Clarice.

PERIGOSAS NACIONAIS

—É só seguir pelo corredor, a terceira porta à direita — ele me soltou e pegou a minha taça para encher.

Entrei no banheiro e tranquei a porta. Tentei respirar e manter a calma, enquanto ligava para Clar. Para o meu azar, o telefone tocou três vezes e caiu na caixa postal.

—Droga, Clar! Atende. —Praguejei para o azulejo e tentei mais algumas vezes. Nada.

Continuei respirando enquanto enviava uma mensagem, mas não teria retorno tão cedo então desisti. Depois de um minuto me dei conta de que estava exagerando. Estava sendo ridícula! Eu não precisava realmente da Clar agora. Eu podia lidar com isso. Não era assim tão ruim. Era só alguém que fez parte da minha vida em algum momento, mas que não fazia agora. Ou melhor, fazia, mas de um jeito diferente. Não tinha motivos para surtar, até porque ele não havia contado para ninguém sobre mim, pelo que parecia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Respirei mais uma vez, retoquei o batom rosa da Clar, tomei coragem, abri a porta e minhas pernas congelaram no mesmo instante em que quase colidi com James, que me empurrou de volta e bateu a porta atrás de si.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 3

—O que está fazendo aqui? — ele perguntou, segurando meus ombros com força, prestes a me sacudir. —Você ficou maluca? Você quer ferrar com a minha vida, é isso?

Eu demorei pelo menos uns trinta segundos para responder, enquanto tentava entender como uma pessoa tão calma e tranquila podia se transformar em alguém tão rude em fração de segundos. Não era a primeira vez em que essa pergunta me perturbava e não era nada agradável me sentir de volta àqueles dias, pouco depois da volta para o Brasil, em que eu tentava decidir o que fazer com as roupas deixadas por Henry.

—Talvez você não tenha notado, mas estou namorando Ben — respondi finalmente, soltando-me dos braços dele com a mesma estupidez com

PERIGOSAS ACHERON

que ele me tratara.

—Não vem com esse papo pra cima de mim! Olha só, aquilo é passado, entendeu? Eu acabei de marcar a data do meu casamento...

—Parabéns — disse, com ironia até me dar conta do que realmente estava acontecendo. — Espere um segundo... —Eu respirei fundo para organizar meus pensamentos. —Você acha que estou aqui por sua causa?

—E porque mais seria?

—Olha só, eu nem ao menos sabia sobre a sua amizade com Ben. Nem sabia o nome da sua banda. Aliás, você nem ao menos me disse o seu verdadeiro nome, James. —Dei ênfase o bastante no nome para deixa-lo envergonhado, e saí batendo os pés com raiva.

Por sorte não havia ninguém no corredor e ninguém pôde ver que estivéramos, eu e James, trancados no banheiro por poucos segundos. Tentei me recompor até chegar à sala, mas não era boa em atuar. Então fingi uma enxaqueca repentina causada

PERIGOSAS ACHERON

pelo vinho e me despedi de todos, agradecendo mais de uma vez a hospitalidade e o jantar. Ben me levou de volta para casa e não questionou quando pedi que ele não passasse a noite. Eu não estava nada bem para ter outra companhia além de Clarice.

Percebi, enquanto abria a porta do meu apartamento, que também não queria ver Clarice, mas era tarde demais.

—E aí, como foi? — ela perguntou, empolgada, com um balde de pipocas na mão.

—Você não checkou seu celular, checkou? — perguntei desanimada, trancando a porta e me jogando de costas no sofá de três lugares.

—Não. Estava fazendo maratona de *Crepúsculo* —ela se justificou, pegando o celular e dando um gritinho após ler a mensagem. —Henry? Aquele Henry? O baixista?

—Ele mesmo —murmurei, cansada. —Clar,
PERIGOSAS ACHERON

tem certeza que você não sabia sobre ele? Quero dizer, você é fã da banda, não é?

—Sou, mas nunca fui muito tiete. Só escuto as músicas, porque Ben me passou. Nunca nem fui à um show! Mas, Liz, não tem um Henry na *Blue Vanilla*.

—Porque não há um Henry nem na vida real. Nunca houve. Ele mentiu —sentei-me e roubei uma pipoca do balde. —Ele se chama James.

—O JJ? Não, Liz. Não é o JJ. Acho que você se enganou. —Ela voltou a dar play em *Lua Nova*, — que ela estava assistindo pela milésima vez — e continuou mastigando sua pipoca.

—Isso mesmo. JJ. Foi assim que Stieve o chamou.

—Liz, o JJ é trans.

—Sim.

—V-você sabia? —ela franziu o cenho.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Sabia.

—Espera, você é lésbica? —Ela perguntou, depois de uma pausa breve.

—Clar, que parte de “gênero é diferente de sexualidade” você não entendeu? James é um homem.

—Tá, desculpa. Eu posso ser ignorante nesse assunto?

—Não, não pode! Olha só, um homem trans pode ser hetero ou homossexual. Certo? Porque ele é do gênero masculino, o que não necessariamente tem a ver com a sua sexualidade. Entendeu? Enfim, nosso lance era hetero, entende? Falo isso porque eu não sou hetero, eu sou Pansexual. Aliás, não acredito que você está perguntando isso! —bufei, incrédula. —Clar, acorda, eles são amigos! Melhores amigos! Trabalham juntos. Você tem noção do quanto eu estou ferrada?

—Tá, tá, eu entendi —ela se defendeu. —Eu só... Fiquei confusa. Achava que você era hetero.

PERIGOSAS ACHERON

—Clarice, eu namorei uma garota uma vez, lembra?

—Mas você tinha quinze anos e... Eu também beijei uma garota nessa idade. Sabe, coisa de adolescente.

—Clar, você deu um *selinho* em uma garota. Eu *namorei* com a Dani até... Você sabe. —Eu encerrei o assunto e Clarice não insistiu. Ela sabia que eu não gostava de falar sobre isso, então se levantou de um salto e foi para a cozinha, ainda murmurando sobre como James tinha sido meio sacana ao mentir o nome.

—Não é? Eu estou furiosa com isso e nem tenho esse direito porque, qual é? Isso foi há três anos.

—Você ainda gosta dele —ela disse.

—Não! Claro que não! —protestei. —Claro, eu não posso negar que, sabe, foi forte o que rolou entre mim e James e, por mais que seja passado e agora ele esteja noivo daquela garota... Você precisava ver a garota, Clar. Ela parece uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menina de dezessete anos, tipo a Bella, mas a filha da mãe é linda e gentil e eu... Eu simplesmente não consigo pensar em como ele pôde tê-la traído comigo. Quero dizer, espera, será que ele a traiu? Será que ela é a tal namorada de três anos atrás? Ah, meu Deus, estou muito pior agora! —Dei um tapa estalado na testa e me sentei numa cadeira, começando a hiperventilar.

—Não, Liz, não surta. Vamos ser racionais, ok?

—Essa fala é minha. —acusei, aceitando o copo de água que ela me oferecia. Aquilo não estava certo! Eu era a garota que dava conselhos e Clar a que surtava.

—Ben sabe disso? Quero dizer, do lance entre você e Henry?

—James —corrigi. —Aparentemente ninguém sabe. Acho que não teriam me tratado tão bem se soubessem.

—Então é sinal de que ele não contou para ninguém, então não vai ser um problema.

PERIGOSAS ACHERON

—Ele me acusou de estar lá por causa dele — contei, quando terminei de tomar a água e percebi que isso tinha me magoado um pouco.

—Na frente de todos? —ela arregalou seus olhos de boneca.

—Não, ele se trancou comigo num banheiro.

—Tem certeza que foi só isso que rolou? —ela deu um sorriso malicioso.

—Dá pra você se concentrar no meu problema?

—Olha, Liz, ele não vai contar para ninguém! Relaxa! Não vai ser nada demais.

—É. Talvez não mesmo.

—Mas você ainda gosta dele, não é?

—Não, Clar, eu estou apaixonada por Ben — rolei os olhos. —E já faz tanto tempo que fiquei com Henry, ou James, ou sei lá.

—Por favor, você é bi e não acredita que pode

PERIGOSAS NACIONAIS

gostar de duas pessoas ao mesmo tempo? —ela cerrou o cenho e pôs as mãos na cintura.

—Você precisa rever seus conceitos sobre sexualidade, Clarice. Ser bi quer dizer gostar de pessoas do gênero masculino e feminino, mas não necessariamente ao mesmo tempo. E eu não sou bi, eu sou pan, o que quer dizer que gosto de pessoas, independente de gênero.

—Tudo bem! Não precisa dar uma palestra — ela deu de ombros e voltou para a sala.



Eu não me sentia muito bem quando acordei de manhã e tive que correr para o trabalho. Meu sono tinha sido arruinado por uma dor de cabeça incômoda e insistente que custou a desaparecer, então eu estava conformada em transitar pelo salão como um zumbi o dia todo quando cheguei ao Hernandez Café.

PERIGOSAS ACHERON

Não seria tão difícil se o Hernandez-Pai não estivesse presente. Eu até poderia dar um cochilo rápido, se a demanda de clientes fosse baixa naquele dia. Os dois Hernandez-Filhos costumavam ser bem tolerantes comigo, sobretudo Diego, o Hernandez-Caçula.

Mas eu não tive um minuto se quer de descanso. A minha esperança morria e meu sono aumentava a medida que mais e mais clientes chegavam e alimentavam a fila infinita do meu caixa.

—Lissie, você errou o troco de novo? —Diego cochichou para mim, enquanto pedia desculpas à uma mulher bem furiosa e lhe dava a quantia certa.

—Desculpe. Não dormi bem hoje —justifiquei.

—Acho melhor você deixar eu assumir o caixa. Vá atender as mesas —ele disse. —Aliás, tem um cara na mesa dez que pediu para chamar você.

—Não é aquele garoto do colégio de novo não, né? Hoje eu não estou com paciência pra ele. —Avisei, arrumando meu bloco de anotações.

—Não. É adulto... E gato —ele completou, sorrindo e dando uma piscadela.

—Eu tenho namorado — cantarolei.

—Mas eu não. —ele cantarolou de volta e acenou para que eu fosse logo.

Apesar de estar sem energia e com um péssimo humor, consegui me sentir feliz por trabalhar com o Diego. Ele fazia tudo parecer muito mais leve. Quando me aproximei da mesa nove, e pude ver quem ocupava a mesa dez, desejei de todo coração que Diego estivesse ali para fazer qualquer uma de suas piadas e usar seu melhor humor negro. Nada além disso poderia me salvar.

James estava sentado bem no canto da cadeira acolchoada, olhando para algum ponto além da janela. Vestia sua velha jaqueta de couro marrom e, não fosse pelos seus cabelos em corte militar e sua atual hostilidade, ainda seria o cara que conheci há três anos. Eu quase dei meia volta, mas ele me viu

PERIGOSAS ACHERON

antes que eu tivesse a chance.

—Oi —eu disse, tentando não parecer tão ressentida.

—Oi, Lissie. —ele disse, educadamente.

—Posso anotar seu pedido? —perguntei, constrangida, e ele sorriu. O mesmo sorriso leve e descontraído de sempre.

—Acho que vou precisar de um cardápio.

—É verdade. Só um minuto. —Eu obriguei os meus pés a darem um passo de cada vez pelo piso encerado, indo até o balcão, e voltando com a mesma precisão quase robótica. Entreguei-lhe o cardápio e esperei, como faria com qualquer outro cliente.

—Eu... —ele abriu e fechou o cardápio, fazendo uma pausa desconcertante pelo que pareceu uma eternidade. —Eu vim me desculpar por ontem. Fiz um mal julgamento de você e... Eu sinto muito por ter mentido o meu nome e por ter sido um idiota.

—Henry... —eu tossi, tentando disfarçar. — James, está tudo bem. —eu disse, o mais friamente possível.

—Nunca vi Ben tão feliz e... Acho que vocês formam um casal e tanto —ele sorriu. —Eu desejo que dê certo pra vocês.

—Obrigada.

—Então...Sem ressentimentos? —Ele fez uma expressão infantil que não me deixou alternativa a não ser sorrir e concordar. —Acho que vou querer um *Big Ultra Nacho* e um suco de abacaxi.

—Boa escolha! —anotei e voltei para o conforto da cozinha, bem longe do salão, onde eu finalmente podia surtar.

Eu estava tremendo, da cabeça aos pés, em um misto de raiva e confusão. Por um lado, tinha achado legal da parte dele tentar uma reconciliação em um ambiente neutro, onde não houvesse a família inteira do meu namorado bem ali ao lado, prestes a ouvir uma mínima palavra do que disséssemos. Por outro lado, eu estava furiosa

PERIGOSAS ACHERON

porque não contara com isso. Achava que as coisas continuariam pesadas entre nós e assim eu poderia continuar com aquele velho rancor confortável que sentia por James desde que ele era Henry, desde que dissera todas aquelas coisas estúpidas sobre a minha vida não ser tão importante quanto a dele.

Agora eu precisava perdoá-lo, ou pelo menos desculpá-lo, e isso me custaria muito mais do que eu estava disposta. Resolvi que, por hora, levaria seu pedido até sua mesa e depois tentaria dar um cochilo para renovar as forças.

Ainda atendi algumas mesas antes de perceber que um dia ruim sempre podia ficar pior. Quando cheguei à mesa de James, equilibrando seu pedido em uma bandeja, fui surpreendida por um beijo de Ben.

—Oi — ele sorriu e olhou para o lado. —JJ? O que está fazendo aqui?

—O que parece? — ele perguntou, enquanto eu lhe entregava seu *Big Ultra Nacho*.

—Isso são *Nachos*? — Ben se jogou bem ao

PERIGOSAS ACHERON

lado de James e o empurrou.

—Ham, a Lissie estava dizendo que fazem muitos desse por dia, sabia? —ele disse, com sarcasmo, enquanto Ben lhe roubava um gole do suco de abacaxi.

—Você parece abatida, Liz —Ben observou, sem dar ouvidos ao amigo.

—É aquela dor de cabeça de novo —respondi.
—Não consegui dormir direito.

—Você precisa de férias. —Ele beijou o dorso da minha mão. —Eu vou dar uma palavrinha com o Hernandez-Pai qualquer dia.

—Ah, por favor —pedi.

—Ele não vai resistir ao meu poder de persuasão.

—Talvez ele te contrate. —James sugeriu.

—Não seria má ideia. Posso apostar que Lissie ganha mais do que eu.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Eu posso apostar que não — discordei. —
Você quer que eu traga alguma coisa, Ben?

—Não. Eu tinha planejado comer umas
batatinhas, mas já que encontrei o JJ, vou comer
um pouco dessa coisa de queijo que ele pediu.

—Você é bem folgado, sabia Ben? — James
resmungou, mas sem parecer verdadeiramente
irritado.

—Saio em meia hora — eu disse e voltei para a
cozinha antes que finalmente desabasse de sono.

Eu consegui cochilar dez minutos no banheiro
antes de ser flagrada por Diego, acompanhado de
um balde e um esfregão.

—Eu sinto muito, Liz, mas precisamos deixar
os banheiros limpos.

—Ah, não! Por favor, quebra essa pra mim —
implorei. —Eu mal consigo me mexer.

PERIGOSAS ACHERON

—Isso depende. —Ele se sentou no fraldário, como sempre fazia. —Você conseguiu o telefone do bonitinho da mesa dez?

—Não. —eu disse, fechando os olhos, derrotada. Ainda tinha esperanças de ter tido apenas uma alucinação pela falta de sono.

—Ele é hetero, acertei? —ele perguntou, um pouco desapontado.

—Sim. E está noivo.

—Ah, fala sério, Lissie! Você não conhece gente solteira, não?

—Conheço. Você —ri, retocando meu batom e me levantando para abraça-lo. —Relaxa, eu vou encontrar a sua alma gêmea. Sou boa nisso!

—Que engraçada! —ele rolou os olhos, mas aceitou meu abraço.

—Eu preciso ir.

—Ah, que bonita, acordou! —sorriu,
PERIGOSAS ACHERON

falsamente.

—Amanhã eu faço todo o seu trabalho. Prometo —dei-lhe um beijo na bochecha e voltei para o salão.



Havia estrelas a mais naquela noite. E eu só conseguia pensar que elas sempre estiveram ali, brilhantes no céu, e nunca era possível enxergar porque as luzes da cidade as ofuscavam. Por sorte fomos premiados por um breve blecaute aquela noite e, por mais sorte ainda — ou não — eu estava deitada no capô do carro de Ben, atrás do letreiro de Hollywood, quando aconteceu.

—Não acha perigoso ficarmos aqui? — argumentei, quando Ben insistiu para que não fôssemos embora.

—Eu protejo você. —ele sorriu e puxou meu rosto para mais um longo beijo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Claro —ironizei. —Porque você é faixa preta e tudo.

—Exatamente —ele riu. —E... Tem um segurança da banda atrás daquela árvore.

—Você tá brincando! — olhei para trás e vi um homem de terno preto, bem carrancudo, iluminado pela luz da lua. —Você é inacreditável, Ben!

—Qual é o problema? Ele estava lá sem fazer nada, aí eu o chamei.

—Ele vai ficar nos olhando?

—Por quê? Você estava planejando alguma coisa mais sórdida?

—Claro que não!

—Eu falo para ele olhar para o outro lado — ele insistiu.

—Não, Ben!

—Ham... Tudo bem, então — ele pareceu

PERIGOSAS ACHERON

desapontado.

—Foi por isso que me trouxe aqui, não é?

—Não! Claro que não — afirmou, sem olhar para mim.

—Ben, tem um segurança pessoal ali atrás nos vigiando — cruzei os braços.

—Tá, tudo bem. Eu admito que passou pela minha cabeça —ele ergueu as mãos em sinal de rendição.

—Hoje eu estou muito cansada para uma aventura sexual atrás do letreiro, Ben. Desculpe.

—Tudo bem — ele sorriu e me puxou de volta para seus braços. —Pena que vou ter que pedir para acenderem as luzes da cidade, agora.

—Você é uma figura, sabia? —sorri, me debruçando sobre ele para tentar enxergar seu rosto no escuro.

—Não. Eu sou, no máximo, um cara acima da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

média — ele fingiu modéstia e ficou acariciando meu maxilar com as costas da mão por um tempo, pensativo.

—Eu sei que está escuro, mas posso ver essa ruguinha bem aqui — apertei um ponto em sua testa, entre os olhos, com o dedo indicador. —O que foi?

—É que eu estava pensando... Você devia largar esse emprego, Liz.

—Eu não posso, Ben. —voltei para a posição de antes: de costas, fitando as estrelas. —Eu demorei quase um ano para encontrar esse e não posso depender da Clarice por mais tempo. Eu fiz isso por quase a minha vida toda!

—Mas é que me mata ver você ofuscada naquele lugar, fazendo sempre a mesma coisa.

—Ah, não é assim tão ruim. Eu sou feliz lá.

—Mas é isso que você quer fazer a sua vida toda? Você deveria, sabe, seguir seus sonhos.

PERIGOSAS ACHERON

—Eu não penso muito nessas coisas — admiti, me sentando.

—Ah, qual é? Todo mundo tem um sonho. Sei lá, ter um negócio próprio ou algo assim.

—Acho que sou uma exceção.

—Não diga isso! —ele se sentou para tentar olhar em meus olhos. —Você é tão inteligente e esperta, Lissie! Poderia fazer qualquer coisa que quisesse.

—É, mas... Eu não tenho nada em mente —dei de ombros. —Tá, eu admito que estou meio perdida e que não faço ideia do que estou fazendo com a minha vida. Mas estou feliz do jeito que estou. E, Ben, não sei por que se preocupa com isso.

—Só acho que você não está bem naquele lugar e...

—É, mas eu estou. E tem mais, eu sou ilegal nesse país. As coisas são muito mais complicadas! Não é como se eu pudesse simplesmente abrir uma sorveteria no centro da cidade — eu disse, um

PERIGOSAS ACHERON

pouco irritada. Quem ele achava que era para dizer o que me fazia feliz e o que não?

—Tudo bem, desculpe! —disse, envergonhado.

Eu não disse nada e continuei olhando para os faróis dos carros lá em baixo. Não era o tipo de conversa que eu gostava de ter. Sim, eu não estava tão feliz quanto gostava de demonstrar, mas pensar nisso não ajudaria em nada. Não mudaria o fato de que, caso eu procurasse outro emprego, poderia ser facilmente encontrada pela imigração e acabar deportada no dia seguinte.

—Ham, o pessoal está organizando uma festa surpresa para mim no sábado. — ele quebrou o gelo.

—E como você sabe? — eu perguntei, pouco interessada.

—Eu ouvi uma conversa. —respondeu

orgulhoso, sorrindo como um garoto arteiro.

—E você vai fingir que não sabe?

—É o meu plano — ele voltou a se deitar, com as mãos unidas atrás da cabeça. —Ivi provavelmente vai te ligar em algum momento, então... Finja que não sabe.

—Não sou muito boa nisso, mas vou tentar.

—Você vai adorar a Mey! A vocalista da banda — acrescentou ele, quando demonstrei confusão à menção do nome. —Ela vai estar na festa.

—Quem disse que eu vou? —brinquei.

—Ah, eu esqueci de dizer, o convite é irrecusável.

—Isso não existe! —protestei.

—Na minha família sim. Se você não for, coisas estranhas vão começar a acontecer e você pode amanhecer um dia com uma espinha bem feia, daquelas verdes, bem no meio da testa e...Bom, na

melhor das hipóteses, claro.

—Claro — concordei, sorrindo, antes de lhe dar um breve selinho.

Eu estava cansada demais para investigar nas minhas lembranças se James alguma vez mencionara Mey, e distraída demais para dar importância. Era apenas mais um membro da família que eu iria conhecer e isso já não era tão assustador assim àquela altura.

Mas havia uma coisa que eu não sabia, algo importante que eu ignorava naquele momento: Mey, a tal vocalista da banda, já tinha ouvido falar de mim.

capítulo 4

Muitas coisas aconteceram naquele sábado. Todas ao mesmo tempo e sem muito espaço para que eu assimilasse ou me recuperasse. Talvez todas aquelas emoções em conjunto resultaram no meu total colapso ao fim da noite, o que quase me rendeu uma passagem só de ida para o Brasil.

Tudo começou com uma batida forte na porta do meu quarto, às seis da manhã, que me tirou bruscamente de um sonho bom.

—Lissie? Lissie? — ouvi a voz da Clar e virei para o outro lado. Se a ignorasse, talvez ela fosse embora. —Lissie, você está bem?

—Acha que ela morreu? —Agora a voz sussurrada e texana de Jerry, o namorado dela.

—Jerry! —ela o repreendeu.

—O quê? Um tio meu morreu dormindo — ele argumentou.

—Mas não foi isso o que aconteceu. Lissie?

—O que foi? — murmurei alto o suficiente para tranquiliza-la, apesar da irresistível vontade de me fingir de morta.

—Você está bem?

—Ainda pode ser o espírito dela. —Jerry comentou. —É sério! Ela pode não saber que está morta. Os espíritos ficam muito confusos quando desencarnam.

—Cala a boca, Jerry! —eu murmurei de novo, me levantando.

—Lissie, dê uma olhada em volta e veja se encontra seu corpo.

—Eu vou encontrar é o seu cérebro.

—Liz, já está tarde! — Clarice choramingou. —Você vai se atrasar.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Que pena! Uma menina tão nova e, sabe, ela estava indo bem... Eu podia ver algo bom nela. A aura dela estava começando a clarear.

—Você quer ficar quieto? — eu a ouvi sussurrar.

Era divertido ouvir os dois trocarem crenças esotéricas todo o tempo, especialmente porque Clarice realmente acreditava em cada palavra e se emocionava toda vez que ele tinha visões e impressões sobre as pessoas. Claro que eu achava tudo uma grande baboseira, mas gostava de testar a crença de Jerry só por diversão.

—Jerry, é normal ter uma coisa brilhante em volta da gente? — perguntei, fingindo espanto.

—Ham... Lissie, acho que... Acho que você deveria se concentrar em ver uma luz em algum lugar, ou um anjo.

—Ah, não! Lissie? Amiga? —Clarice voltou a esmurrar a porta até que eu a abrisse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Eu estou bem, eu estou bem. Não morri, só estava brincando. —eu a abracei para tranquilizá-la.

—Não se brinca com coisas assim, Liz —ela murmurou.

—Infelizmente não consegui achar seu cérebro, Jerry. Talvez da próxima...

—Você acabou de atrair mais um Karma negativo para você — ele disse, bebericando seu café, cheio de razão.

Talvez ele estivesse certo, afinal. Mas, considerando tudo o que já fizera na vida, a minha cota de Karma negativo já era tão alta que eu precisaria de umas quinhentas vidas para pagar meus pecados. Então eu simplesmente dei de ombros e fui preparar meu café da manhã.

—Você está muito atrasada, Liz? Posso te dar uma carona. —Clarice se ofereceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Ah, não, tudo bem. Eu peguei folga hoje e amanhã. É aniversário do Ben e eu fui intimada a distraí-lo para ele não descobrir a festa surpresa.

—Vai ter uma festa? Que legal da sua parte não me convidar — ela bebericou seu cappuccino, sombriamente.

—Eu ia falar com você.

—Sei.

—Eu não... —Meu celular tocou e eu o desliguei imediatamente. —Ah, droga! Ivi não para de me ligar.

—Ivi tem seu número? —Clar arregalou os olhos.

—Foi ela quem me convidou. Oficialmente, pelo menos. E eu fiquei de falar com você sobre a decoração da festa também.

—Que legal! Você só ia me chamar para trabalhar e não para curtir a farra?

PERIGOSAS ACHERON

—Clarice. —Cantarolei, nervosa.

—Você agora só se importa com esses seus novos amigos. —ela deu de ombros, fingindo ciúme.

—Ah, claro, porque eu e Ivi somos muito íntimas, não é Clar? —Ironizei, batendo a porta da geladeira com uma força maior do que gostaria.

—Vocês até dividiram o mesmo namorado por um tempo.

—Se você continuar com essas piadinhas eu vou te desconvidar.

—Você não pode. Eu sou amiga de Ben.

—Espera, Ben era namorado da Ivi? —Jerry perguntou, confuso, passando manteiga em um pedaço de pão.

—Não. Ivi é a noiva de James, que namorou com Lissie há alguns anos, mas, na época, ele disse que se chamava Henry. E agora ela está saindo com o Ben, amigão de James.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Lissie, as suas histórias são sempre tão confusas assim? —ele perguntou, enquanto mastigava lentamente e tentava absorver a ideia.

—Olha só, não era nem para você saber dessa história —abriu o jornal, com raiva. —Você já foi melhor em guardar segredos, Clarice.

—Não esquentar! Jerry não vai contar para ninguém.

—Acho bom mesmo, porque Ben já está chegando. E, Clar, tenta manter sua boca fechada durante a festa, ok?

—Liz, eu acho melhor não ir. Não vou saber lidar com essa situação. Quero dizer, James já me conhece e... É embaraçoso.

—Ah, pelo amor de Deus, fui eu quem transou com ele! Se posso lidar com isso, você também pode.

—Faz algum sentido, —Jerry entrou na conversa, como sempre. —mas não diria que você está conseguindo lidar com isso, Liz. Eu vejo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não quero saber —cantarolei por trás do jornal. O interfone finalmente tocou e eu engoli o resto de café de uma vez, enquanto Clar atendia.

—De qualquer forma, você deveria tomar cuidado essa semana, Lissie. Eu vi...

—Hoje não, Jerry! —gritei para ele, enquanto abria a porta para um sorridente e florido Ben.

—Por que todas essas flores? —ri, puxando as mangas de sua camisa havaiana com as pontas dos dedos.

—Achei que seria divertido se eu parecesse casual quando recebesse a surpresa.

—Então, isso é um pijama?

—Não, necessariamente. —ele beijou minha bochecha e entrou, se jogando no sofá e ligando a TV. —Se importa se eu terminar o jogo que estava ouvindo no carro?

—Fique à vontade. *Mi casa, su casa.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não entendi —ele franziu o cenho.

—Esquece.

—Você está bem? —perguntou ele, me puxando pela mão.

—Claro que estou!

—Parece nervosa.

—É que não gosto muito de surpresas. Tenho medo de dar errado.

—Mas já deu errado! —ele sorriu. —Qual é, Liz? Vai ser divertido! Depois do jogo vou te mostrar as expressões de surpresa que tenho treinado para você escolher a melhor.

—Pelo menos eu vou rir, não é?

—Isso! Isso é a vida! —ele me puxou de volta, quando tentei sair, e apontou para os próprios lábios para que eu o beijasse antes de voltar para a cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levei uns dez minutos para lavar a louça e depois li o resto do jornal, antes de emprestá-lo à Jerry. Não queria ficar com Ben enquanto ele via seu jogo, porque eu realmente não via graça nenhuma em beisebol, então perambulei um pouco pela casa, dando um jeito na bagunça só para matar o tempo.

Haviam mais roupas no chão do meu quarto do que no armário, mas, mesmo assim, quase fui soterrada por uma avalanche de roupas emboladas quando o abri.

—O que acha desse vestido? —Clarice surgiu, vestindo um vestido de tule branco.

—Para você se casar? É perfeito! —respondi, me sentando no chão para tentar separar as roupas sujas das limpas.

—Não estou parecendo uma noiva! —ela protestou.

—Não mesmo! No máximo uma dama de honra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Por que você está tão mal-humorada hoje? —
ela se sentou na minha cama e abraçou meu urso de
pelúcia.

—Não estou. —defendi-me, irritada.

—Você sempre é, mas hoje você está mais...
Pesada.

—Lá vamos nós! —revirei os olhos e me
levantei para pegar alguns cabides.

—É por causa da festa?

—É por causa de tudo. —confessei. —Eu só
não estou no clima para festas hoje.

—Ah, vai ser legal! Vou ali pegar meus sapatos
novos para você usar. — Meu urso voou direto para
a minha cabeça, enquanto ela dançava de volta ao
seu quarto.

—Não, Clar. Eu não preciso! Vou usar meu
coturno... Se eu conseguir encontrá-lo.

—Talvez você o encontre com o Leão de
PERIGOSAS ACHERON

Nárnia! —ela gritou, lá do quarto dela.

—Deve estar por aqui, em algum lugar — subi na cama para alcançar a parte de cima do armário, afastei algumas caixas, abri outras, sem sucesso. Foi quando o encontrei. Ainda estava embrulhado em papel *kraft*, bem ao fundo do armário, atrás de caixas e papéis sem importância.

Desci, fechei a porta sem fazer ruído, e o tirei de lá. Ainda era leve como uma pluma e me rendeu alguns espirros quando rasguei o papel e o plástico bolha. Mas ainda estava intacto, apesar de uma ou duas cordas terem arrebentado sozinhas. O verniz ainda era tão brilhante quanto antes e o degradê, do preto para o verde, ainda fazia daquele baixo o mais raro. Fiz alguns acordes nas cordas que sobraram, mas não saiu som algum.

Houve um tempo em que considerei vende-lo, doá-lo, ou simplesmente deixa-lo para trás na casa antiga, como se tivesse esquecido. Mas não consegui me desfazer dele. Achei melhor esquecê-lo no fundo do armário, atrás de milhões de coisas que me impedissem de vê-lo. Eu tinha uma

fantasiosa esperança de que, um dia, ele sumisse sozinho como aqueles pares de meia que desaparecem misteriosamente.

—Lissie? —Clarice me assustou.

—O-o que foi?

—Eu trouxe os sapatos!

—Tá —enrolei algumas partes do baixo com o resto de papel *kraft* que sobrara e o escondi no lugar de sempre.



Estávamos quinze minutos atrasados quando entramos no bairro de Ben. Ele tinha planejado uma entrada triunfante e bem exagerada como um desmaio ou algo tão dramático quanto, mas eu o convenci a ficar só com o atraso e uma enorme expressão de surpresa quando acendessem as luzes.

—Olha como são previsíveis! Deixaram todos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os carros estacionados aqui fora. —ele riu, ajeitando o colarinho da camisa. —Como estou?

—Está bonito, apesar da blusa meio “tiozão” — ele franziu o cenho, pois não tinha entendido o termo que fazia mais sentido em português. — Relaxa, eles vão perceber que você sabia de qualquer jeito — murmurei saindo do carro.

—Não vão, não! Eu sou um ótimo ator. Ninguém vai desconfiar de nada.

—Quero só ver.

—Espera. —Ele me puxou pelo braço e pegou meu rosto entre as mãos. —Você é linda e tenho muita sorte por ser seu namorado.

—Ben, não é hora para...

—Deixa eu terminar. Eu nunca comemorei meu aniversário com nenhuma garota.

—Mas e aquela vez na Holanda?

—Tá, eu nunca comemorei meu aniversário

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com nenhuma garota que estivesse vestida.

—Mas também teve aquela garota no...

—Com nenhuma garota que eu pudesse apresentar à minha família —ele tentou de novo.

—Nossa, Ben, que frase machista! —
Repreendi-o.

—Ah, você entendeu.

—Não entendi não — cruzei os braços, me divertindo com o nervosismo dele.

—Nunca passei meu aniversário com alguém que eu amasse e que não fosse desaparecer no dia seguinte.

—Como sabe que não vou desaparecer? —
Desafiei.

—Eu só sei —afirmou, me olhando nos olhos. Eu fiquei nas pontas dos pés para beijá-lo até ele me lembrar o motivo de estarmos ali, no jardim de sua casa.

PERIGOSAS ACHERON

Caminhamos de mãos dadas pelo caminho de pedra e passamos pela porta principal. As luzes estavam todas acesas e o *new wave* de Barbra vinha da cozinha, como de costume.

—Mãe? —Ben chamou, encenando seu personagem enquanto eu tentava não rir. —Mãe, onde você está?

—Estou aqui fora, Ben! —Sua voz veio dos fundos da casa e a seguimos, atravessando a cozinha.

Assim que Ben pisou o gramado as luzes se acenderam de repente e todos surgiram de uma vez, cantando parabéns. Eu olhei para o rosto de Ben e sua expressão não convencia. Ele falava “Oh! Meu Deus” sem parar, o que fazia sua atuação péssima.

—Ele está fingindo! —disse uma garota que eu não conhecia, antes de abraça-lo e lhe dar um soco forte no peito. —Ele já sabia, esse idiota!

—Não, eu não! —ele se defendeu.

—Você é um ator de merda, Ben. Sempre foi

PERIGOSAS ACHERON

— ela argumentou.

—Foi a Lissie, não foi? Só pode ser! —Ivi acusou, rindo.

—Ele já sabia. — confessei. —OuvIU uma conversa há alguns dias sobre a festa.

—Não era para você contar, Liz! Que sem graça. —Ele murmurou.

—Eu disse que você não convenceria ninguém com aquela expressão, Ben.

—Lissie? —Mey se aproximou, interessada. — Finalmente tenho o prazer de conhecê-la.

Não foi um cumprimento. Não chegava nem perto disso. Ela ficou parada, de braços cruzados, me avaliando sem disfarçar. Eu sabia que sua intenção era me assustar, como uma irmã faria, então estendi a mão para que ela a apertasse.

Seu aperto de mão foi mais forte do que achei

possível, mas combinava com sua atitude e suas roupas que ficavam entre o *folk* e algo que vikings usaram séculos atrás. Seus cabelos eram raspados nas laterais e tinha pequenas tranças espalhadas por todo lado.

—Sou Mey, a propósito. Mas você já deve ter ouvido falar de mim.

—Algumas vezes. —eu sorri e ela sorriu de volta.

Ben parecia se divertir com a atitude hostil de Mey, o que me deixou mais tranquila. Ele provavelmente combinara isso com ela, só para rirem as minhas custas depois. O tipo de coisa que Ben gostava de fazer.

Barbra nos chamou para um local perto da piscina, onde uma fogueira começava a tomar forma no centro de um círculo com bancos de madeira. Havia violões e um *ukulele* perto da mesa lotada de comidas exóticas, haviam lanternas de papel por todo canto e fitas de cetim coloridas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Chegava bem perto de uma festa junina, o que fez com que eu me sentisse em casa.

—A ideia foi minha. —Ivi cochichou, quando reparou que eu estava admirando a decoração. —Fazer uma coisa meio country. O que achou?

—Eu adorei. Ficou lindo! Você leva jeito para isso.

—Obrigada —ela sorriu, empolgada. —Estou louca para conhecer sua amiga e trocar algumas figurinhas com ela. Ela também é arquiteta, não é?

—Não. Pelo menos não ainda. Você é arquiteta?

—Sou. —ela sorriu. —É impressão minha ou você parece surpresa?

—Eu estou surpresa. —confessei. —É que você parece tão nova.

—E indefesa? É, a maioria das pessoas acha isso.

PERIGOSAS ACHERON

—Desculpe. Eu tenho essa mania horrível de julgar as pessoas pela aparência.

—Relaxa! Todos nós temos. Ou você acha que consegui trocar uma só palavra com Danna desde que a conheço? Jamais consegui ir além das aparências com ela.

—Ham... Ela é um pouco distante, não é?

—Para não dizer metida.

—É, isso mesmo que pensei — tentei parecer culpada.

—Temos algo em comum. — ela sorriu para mim, sem imaginar que tínhamos muito mais em comum do que uma simples opinião.

Aos poucos todos foram tomando seus lugares, enquanto mais pessoas chegavam e completavam a roda em volta da fogueira. Eu fiquei boa parte do tempo sozinha, bebericando um copo de refrigerante interminável, tentando não parecer deslocada. Eu já considerava a possibilidade de puxar assunto com Danna, quando Barbra,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

motivada por alguns copos de *Cubra Libre*, intimou todos os convidados para o que chamou de “Roda de canções”.

Foi divertido ouvir canções dos anos 70 e 80, com as pessoas errando a letra e alguns casais arriscando passos de dança. Toni e Mey eram os mais animados, arriscando passos de *Rockabilly*, improvisando rodopios inexistentes na dança. James e Stieve eram os músicos oficiais, tocando violão e *ukulele*, respectivamente.

—Acabou a cerveja! —Mey gritou e recebeu vários “oh, não!” como resposta. —Lissie, você pode vir comigo para me ajudar?

—Claro! —concordei feliz, já que era uma possibilidade de quebrar o gelo entre nós.

Eu a segui até o carro de Ben. Ela girou a ignição, ligou o rádio e sorriu para mim antes de arrancar o carro.

—Então, você é a Lissie — ela disse, prestando atenção na estrada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Sou — confirmei, sem graça.

—Eu ouvi muito sobre você.

—Ben é um tagarela, mesmo — sorri, sentindo que a conversa começara a fluir.

—Eu não estou falando de Ben.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 5

Ela continuou dirigindo, esperando uma reação, enquanto eu estava paralisada, calculando se sobreviveria caso abrisse a porta e me jogasse do carro em movimento.

—Olha, —ela continuou —eu não sei qual é a sua e nem porque diabos está namorando Ben, mas eu só quero deixar claro que estou de olho em você. Esses garotos são meus amigos há anos! E se você os magoar, eu vou fazer você se arrepender de ter nascido. Entendeu?

—Alguém mais sabe? —eu perguntei, sem de fato prestar atenção às ameaças dela.

—Não. Eu sou a confidente oficial de James. Para sua sorte... Ou não —ela sorriu, maquiavélica.

Quando ela finalmente encontrou uma loja de conveniências, eu precisei de um grande esforço para sair do carro. Meus músculos estavam todos rígidos e minha cabeça começara a latejar quase instantaneamente.

Pedi um analgésico no balcão, enquanto Mey abastecia um carrinho de compras com garrafas e mais garrafas de cerveja. Engoli o remédio a seco e me sentei em um banquinho para manter os olhos fechados por um minuto. Era só isso que eu precisava: sessenta segundos para recobrar os sentidos.

Eu demorei metade desse tempo para me dar conta de que Mey estava sendo injusta. Afinal de contas, ela só ouvira a versão de James e era a que preferia. Eram amigos, afinal. E, como ele mesmo acreditara no início, ela pensava que eu só estava namorando Ben, para me aproximar de James.

—Ele contou que mentiu para mim? —eu a confrontei, enquanto guardávamos as cervejas no porta-malas do carro. —Ele se apresentou como Henry Moritz.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Como se você não pudesse procurar na internet —ela zombou.

—Ele nem ao menos disse o nome da banda e... Eu não quis saber.

—Você quer que eu acredite que esse lance entre você e Ben é coincidência? —ela pousou as mãos na cintura, desafiadora.

—Pelo amor de Deus, já faz três anos! — argumentei, mas ela continuou impassível. —Quer saber? Acredite no que quiser! Mas eu juro que não sabia sobre a amizade dos dois. —Joguei o último saco cheio de bebidas no banco de trás e bati a porta.

—Lissie! —ouvi uma voz quase angelical gritar da janela de uma *kombi* 65, que parou abruptamente e deu ré, de forma perigosa. Jerry não era exatamente um exemplo de motorista.

—Clar? —eu quase corri até ela. Queria abraçá-la por ter me salvado, mas fiquei exatamente onde estava.

PERIGOSAS ACHERON

—O que está fazendo aqui? —ela abriu a porta e pulou para fora, metida em um vestido de chita e botas texanas que combinariam perfeitamente com o tema da festa de Ben.

—Eu estou indo para a festa. Acha que estou muito atrasada? —perguntou ela, desamassando o vestido.

—Nem um pouco —ironizei.

—Não vai me apresentar, Lissie? —Mey indagou, tomando a frente e estendendo a mão para Clar. —Sou Mey.

—Mey? Mey Carter? —Clarice sorriu e começou a tremer.

—Eu mesma. —Mey riu em resposta.

—Oh, meu Deus! Eu sou uma grande fã! —ela exclamou, apertando Mey em um abraço que a deixou vermelha. —Jerry, olhe quem está aqui. É a Mey da *Blue Vanilla*!

—Então você conhece a *Blue Vanilla*. —Mey

PERIGOSAS ACHERON

comentou, como um detetive que acaba de descobrir a evidência que estava faltando.

—EU—SOU—FÃ! —Clarice forçou o inglês, bem lentamente, para que Mey entendesse.

—Ela entendeu, Clar. —disse eu, desanimada.

—E vocês são amigas? —Mey perguntou para mim, dessa vez.

—Somos — murmurei, tentando conversar com Clar por meio de sinais faciais. —Mas isso não quer dizer nada! A Clar só conheceu vocês através de Ben — argumentei, enquanto ela voltava para o carro. —Clar, me ajuda.

—O que está rolando? —Ela sussurrou em português.

—Ela sabe sobre mim e está prestes a me matar e me esconder em algum canto perto do letreiro de *Hollywood* — respondi, irritada. —E você acabou de piorar as coisas.

—Quer uma carona? — ofereceu ela,
PERIGOSAS ACHERON

envergonhada.

—Você não vem? —Mey gritou do carro e eu, resignada, voltei para o banco ao seu lado.

O clima não melhorou quando voltamos e Ben percebeu que havia algo errado quando perguntou o motivo de eu estar tão pálida. Para minha sorte a atenção de todos recaiu sobre Clarice, que só recebia elogios de Barbra e Ivi. Num instante elas estavam trocando informações sobre signos e mapas astrais, com a ajuda de Jerry.

Eu aproveitei a deixa para me ocupar escolhendo uma das comidas estranhas da festa. Fiquei feliz quando finalmente achei metade de um bolo de chocolate ao lado de uma bandeja de sanduíches veganos.

—Não comeria isso, se fosse você. —James apareceu, de repente. —Esses bolos de Barbra costumam ter um ingrediente especial.

—É, talvez eu deva comer algo menos calórico — brinquei, abandonando o pedaço de bolo e pegando um sanduíche. Tudo o que eu não
PERIGOSAS ACHERON

precisava naquele momento era de um alucinógeno para me deixar pior do que eu já estava.

—Parece que a Clarice ganhou uma admiradora. —ele comentou, apontando para onde Clarice estava sendo paparicada por Mey.

—Acho que é recíproco. Clarice ficou beijando os pés de Mey hoje mais cedo, dizendo que é muito fã da banda e que era um prazer conhecer um integrante.

—Mas ela já conhecia um integrante — ele lembrou, distraído.

—A propósito, você devia ter uma conversa com a sua amiga, porque eu sou uma mulher morta se magoar Ben...Ou você —Eu quase sussurrei a última parte, constrangida por ter tocado no assunto.

—Mey é um pouco temperamental, mas é uma pessoa maravilhosa. Só dê um tempo a ela.

—Ajudaria se você contasse a ela que eu costumava sair com o Henry e que, Henry, —
PERIGOSAS ACHERON

Enfatizei. —não tinha nenhum amigo chamado Ben.

—Você ainda está zangada por isso?

—Agora que isso não está mais só entre nós dois, sim.

—Relaxa, Liz. A Mey é para mim como a Clar é para você.

—Não me chame de Liz — avisei entredentes e rumei, determinada, para bem longe dele.

Sentei-me ao lado de Ben, para me aquecer um pouco perto da fogueira e me juntar ao cover de *Sweet Home Alabama*, de *Lynyrd Skynyrd*, que estava sendo majestosamente executado por uma dúzia de convidados desafinados. Eu finalmente teria um pouco de diversão, afinal. Quando a canção acabou, Clarice pegou emprestado o violão de Stieve e cantou *Detalhes*, do *Roberto Carlos*, para que Barbra relembresse sua visita ao Brasil.

Não sei bem como e nem porquê, mas em determinado momento eu e Ben nos tornamos o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assunto principal da roda de pessoas, e as perguntas se alastraram como uma praga pelos convidados. Eles queriam saber tudo sobre mim, e Ben estava achando um máximo eu ser interrogada pela família dele.

—Como vocês se conheceram? —Ivi perguntou, depois de virar um *shot* de Tequila de uma vez e devolver o copo para a bandeja que Mey segurava.

—É, Lissie, eu também quero saber como vocês se conheceram. —Mey sorriu falsamente, me oferecendo um *shot* de Tequila da bandeja. Eu virei a bebida de uma vez e ela desceu queimando a minha garganta.

—Eu quero contar essa! —Ben disse, depois de também engolir uma dose de tequila. —Eu estava em Nova York e um temporal estava caindo naquele dia. Quero dizer, eu também não estava lá essas coisas para dirigir, eu confesso.

—Acho bom confessar mesmo — comentei, ameaçadoramente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Lá estava eu, — continuou ele. —tentando voltar para o hotel, com a visibilidade baixa, — devido, também, à umas duas taças de vinho. Três no máximo! — quando um carro bateu em cheio bem no meu para-choque. —Ele esmurrou a palma da mão com o punho, para simular a cena. —Aí eu saí do carro, com o celular em mãos, já discando para a polícia, determinado a ferrar com a vida do idiota, quando vi uma garota linda, de jaqueta de couro vermelha, os cabelos pregados de chuva, me pedindo, com um sotaque charmoso, para que eu não chamasse a polícia pois ela era ilegal e isso lhe traria graves problemas. O que posso dizer? —ele deu de ombros. —Foi amor à primeira vista.

Não tinha sido bem assim, mas eu achei melhor não corrigi-lo na presença de todos. Ben gostava de dramatizar as coisas e inventar histórias que dessem à vida um certo colorido, um teor mais teatral e romântico. Às vezes isso me irritava, como agora, mas eu considereei que sua família estava acostumada com suas fantasias irreais, e apenas sorri. Até porque nem tudo era mentira.

Houve um acidente. E também houve uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pessoa que desceu do carro para esbravejar e me xingar de nomes que eu nem entendia, mas essa pessoa não era Ben. Era uma garota exageradamente arrumada, com o mesmo estilo sofisticado de Danna, e estava tão bêbada que eu nem precisei pedir para que não chamassem a polícia. Ao invés disso, eu liguei para um amigo meu que trabalhava em um serviço de guincho e o esperei segurando os cabelos da garota enquanto ela vomitava.

Ben, que estivera apagado no banco de trás, só acordou quando fomos obrigados a tirá-lo de dentro do carro. Ele tagarelou todo o tempo, pedindo desculpas mais de mil vezes para mim, prometendo que iria pagar tudo.

—Está tudo bem, tudo bem. —eu disse pela décima vez, enquanto tentava encontrar um táxi vazio.

—Olha só, eu juro que não lembro como isso aconteceu. Eu nem sei quem é ela!

—Seu cretino — ela se levantou, ainda

PERIGOSAS ACHERON

cambaleando e lhe deu uma bofetada em cheio no rosto.

—Desculpe — ele pediu para ela, apavorado.

—Cara, você está muito transtornado. Quer, por favor, se sentar e esperar pelo táxi? —pedi, empurrando-o para a calçada.

—Desculpe — disse, sentando-se no meio fio.

Quando finalmente consegui um táxi, percebi que não me livraria de Ben e sua namorada assim tão facilmente. Ela havia desmaiado de novo, no colo dele, e ele mal conseguia segurá-la. Empurrei os dois para dentro do táxi e Ben murmurou um endereço para o motorista.

—Essa garota não vai vomitar aqui não, né? — O taxista perguntou.

—Não. —Ben prometeu e segurou-a de forma que a cabeça dela ficasse perto da janela o suficiente.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Talvez devêssemos leva-la para o hospital.
—eu sugeri.

—Acho melhor leva-la para o meu hotel primeiro. Até ela melhorar e me dizer onde mora, pelo menos. Não moro aqui, sabe. — ele se justificou.

—Entendi.

—A propósito, sou Ben. —ele estendeu a mão para que eu o cumprimentasse e não consegui recusar.

—Lissie. —eu me apresentei.

—Você é latina, não é?

—Sou Brasileira.

—Eu percebi pelo sotaque — ele sorriu.

—E você? —Continuei a conversa, para mantê-lo acordado. Não precisava de mais uma pessoa em coma alcoólico naquele carro.

PERIGOSAS ACHERON

—Sou Inglês. Quero dizer, a minha família é. Eu nasci aqui, mas morei por um tempo em Londres. Mas faz, tipo, um século.

—É. Acho que você não tem mais aquele sotaque.

—Às vezes, eu ainda converso cordialmente — ele disse, imitando o sotaque britânico perfeitamente. — Principalmente porque trabalho com dois ingleses, amigos meus. Eles ainda moram por lá, então não perderam o sotaque.

—Você trabalha com o quê?

—Sou agente de uma banda. *Blue Vanilla*. Já ouviu falar? Claro que não — ele sorriu, satisfeito, quando eu apertei os lábios, tentando lembrar. —É uma banda *underground*, entende? Shows em bares *cult*, para um público mais alternativo.

—Estranho. Eu costumo gostar de músicas assim, mas nunca ouvi falar da banda.

—Posso te passar uma música. Qual o seu número? —ele pegou o celular, mas continuei em
PERIGOSAS ACHERON

silêncio. —Desculpe. Não estou dando em cima de você, se é o que está pensando.

—Não pensei nisso, é que... Não conheço você.

—Eu entendo.

—E bati no seu carro.

—Não se preocupe com isso. Eu realmente não sei como ela pegou as minhas chaves e nem como entrei. Acha que ela conseguiria me carregar até lá?

—Acho pouco provável.

—Eu sou um idiota. —ele murmurou.

—Todos nós somos. Relaxa. —disse, para fazê-lo se sentir melhor.

A garota acordou pouco antes de chegarmos ao hotel e nos contou seu nome e endereço. Levamos uma hora para chegar até o outro lado da cidade, onde deixamos a garota em casa, e mais uma hora

PERIGOSAS NACIONAIS

até Manhattan, onde ele estava hospedado. Durante esse tempo conversamos sobre músicas, filmes, a falta que não sentíamos de não ter feito faculdade, trocamos experiências de porres mal sucedidos e terminamos a conversa em um café, ao lado da minha casa. Houve apenas um curto espaço de tempo até a minha cama, onde permanecemos o fim de semana todo.

Ben era engraçado e romântico, mas odiava a ideia de ser íntimo de alguém, exatamente como eu. Demoramos um tempo para perceber que estávamos realmente envolvidos e mais um bom tempo para admitir isso. Nos limitamos a uma amizade colorida cheia de idas ao teatro, à bares alternativos e à motéis, sem a obrigação de ligar no dia seguinte.

Mas ligamos. E conversamos por horas até ele conseguir me convencer que Los Angeles era o melhor lugar do mundo. Eu aproveitei que meu visto tinha vencido e me mudei para a Califórnia, para desaparecer, trazendo Clarice comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu estava tão absorta em minhas lembranças, que não notei que Ben sumira e que eu estava, novamente sozinha, entre os convidados da festa. Pensei em me refugiar perto de Clarice, mas ela estava observando atentamente a leitura que Jerry fazia em uma das mãos de Toni, o baterista, que parecia assustado com o que ouvia.

Encontrei Ben a meio caminho da cozinha e, julgando pelo seu nível de alegria, ele tinha comido pelo menos uns dois pedaços do bolo de chocolate.

—Pessoal! —ele gritou, me puxando pela mão, de volta ao meio da festa. —Pessoal! —ele gritou mais alto agora, batendo uma colher contra sua garrafa de cerveja quase vazia e os convidados fizeram silêncio, ainda rindo da embriaguez do aniversariante. —Pessoal, eu quero dizer algumas palavras —ele disse, me puxando para seu abraço. Eu me esforcei para engolir logo o resto de um sanduíche e sorrir ao lado dele.

—Primeiro eu queria agradecer a todos que estão aqui. Vocês são a melhor família que alguém pode ter e, o que posso dizer, vocês também são

meu trabalho, meus melhores amigos, minha vida. —Sua voz começou a ficar fina e embargada, então ele fez uma pausa para segurar o choro.

Eu queria rir da cara dele, mas não podia estragar o momento, então me uni ao coro de “own” que foi emitido por todos.

—Vocês são os melhores. E eu estou bem chapado. —ele riu. —Mas é tudo verdade, eu juro. E eu quero aproveitar que estão todos aqui para dizer que finalmente encontrei a mulher da minha vida.

—Você diz isso para todas! —Toni gritou e recebeu um gesto obsceno de Ben em resposta.

—Eu sei o que todos vão dizer, que estou me precipitando, que é muito cedo, mas danem-se vocês! Com todo respeito —acrescentou. —Quando você encontra a pessoa certa não pode desperdiçar nenhum segundo.

Eu percebi, tarde demais, que aquilo não era um efeito do bolo batizado de Barbra, tampouco uma declaração de amor motivada por uma dúzia de PERIGOSAS ACHERON

garrafas de cerveja. Era algo além disso, algo que eu não esperava, algo que eu não considerava possível na minha vida e para o qual não estava preparada. Eu estava hiperventilando e uma dor pulsante começara a crescer na minha têmpora esquerda.

Ben se ajoelhou aos meus pés, abrindo uma caixa de veludo vermelho com a ponta dos dedos trêmulos.

—Quer se casar comigo? —foi a última coisa que ouvi antes de tudo desaparecer.

capítulo 6

Eu ouvi vozes distantes, discutindo sobre coisas que pareciam não fazer sentido. Reconheci a de Ben, ainda embriagada, mas sem a entonação divertida que usara antes.

—Ela não pode ir para o hospital, Toni. Ela é ilegal. —Disse ele.

Eu quis rir de sua voz arrastada, mas estava zozza demais para isso. Tudo em volta parecia acontecer lentamente, mas eu sabia que era só a minha percepção das coisas. Isso já havia acontecido antes e eu sabia exatamente o que fazer. Mantive os olhos fechados por um tempo, respirei fundo algumas vezes e tentei me levantar, sendo imediatamente impedida por Ben.

—Continue deitada. —Ele sussurrou, me oferecendo um copo de água.

—Acho que ela se emocionou com seu pedido, Ben. —Disse Barbra, sonhadora, ao lado de Ivi, James e Jerry.

Todos os convidados da festa estavam ali, a minha volta, me olhando com preocupação, como se eu estivesse à beira da morte. Eu tinha a horrível sensação de ser uma cobaia em laboratório, analisada e observada, então fechei os olhos, novamente, e tentei me concentrar em melhorar, em fazer a minha cabeça não parecer tanto com um balão de gás hélio.

—Ben, você já perguntou a ela? —Stieve apareceu no meu campo de visão, roendo as unhas.

—Ainda não. —Ben respondeu.

—Então pergunta.

—Você pode esperar um pouco, por favor? —Ele se irritou.

—Eles acham que você está grávida. —Mey surgiu, desafiadora, ao lado de Stieve. —O que justificaria Ben te pedir em casamento com cinco

PERIGOSAS ACHERON

meses de namoro.

—Cala a boca, Mey. —Ben ordenou, sem olhar para ela. —Eu já disse que não sei.

—Lissie, isso é importante. O médico de Danna quer saber se... —Ivi se adiantou.

—Eu não estou grávida! —Avisei, conseguindo finalmente me sentar.

—Tem certeza?

—Tenho.

—Ela não pode. —Clarice murmurou, com um fiapo de voz, à cabeceira de onde eu estava deitada.

—Lissie, você pode ir à Malibu amanhã às três?
—Danna veio da cozinha, com o seu fiel celular em uma das mãos. —O meu médico não está na cidade hoje e só pode te atender amanhã.

—Eu não preciso de um médico. Estou bem! Foi só uma queda de pressão. —Insisti, envergonhada.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não precisa ter medo, Lissie. Danna explicou sua situação e ele vai te atender na casa dele. Ninguém vai saber de nada. —Ben assegurou.

—Mas eu estou bem. —Insisti.

—Por favor, só passe por lá. Só para me deixar tranquilo. —Ele pediu.

—Foi só algo que comi, gente, é sério. —Sorri, para tentar aliviar a tensão.

—Lissie, já é a segunda vez que você desmaia só esse mês. —Clarice argumentou. —Você tem que ver isso e sabe muito bem o porquê.

—O que aconteceu? —Ben olhou de Clarice para mim, confuso.

—Tá bom, eu vou. — aceitei, me dando por vencida, antes que Clarice começasse a contar toda a minha vida para aquelas pessoas. Lancei um olhar de fúria para ela, porque ela sabia que eu não gostava de tocar naquele assunto, e me levantei para demonstrar que estava ótima.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não se preocupe, Lissie, Heitor é de confiança. —Danna sorriu para mim — pela primeira vez — e me entregou um cartão de visitas com o endereço do médico. —Eu expliquei sua situação e ele prometeu não envolver a imigração nisso.

—Obrigada. —Retribui o sorriso, meio culpada pelo que costumava pensar dela.

Ben insistiu para que eu subisse para seu quarto e dormisse um pouco, mas preferi ir para casa com Clar e Jerry. Havia uma briga com Clarice me esperando em casa e também um pedido de casamento que eu estava disposta a ignorar o quanto fosse possível. Convenci-o a aproveitar o fim de sua festa e fui embora, antes que ele tivesse a chance de protestar.

Não tive mais tempo para pensar em nada no dia seguinte. Pelo menos não até o horário da consulta, quando joguei meu avental e meu bloco de notas em cima do balcão e joguei um beijo para o Hernandez-caçula, enquanto corria para o estacionamento.

PERIGOSAS ACHERON

Eu estava dez minutos atrasada quando cheguei a *Malibu* e comecei a procurar pelo endereço. O GPS do celular me levou à uma mansão inacreditavelmente grande, com um jardim imenso, que quase me fez desistir de tocar o interfone. Mas toquei, porque prometera ao Ben e à Clarice que iria, e porque não podia fazer uma desfeita com Danna.

Mas não fui recebida por uma governanta ou por uma empregada, como esperava. O próprio Dr. Heitor abriu a porta, gentilmente, e pediu para que eu o acompanhasse. Por dentro a casa era ainda mais luxuosa, mas eu tentei não reparar em tudo até chegar ao seu escritório, e me sentar na maca onde ele pediu.

—Você é Brasileira? — ele perguntou, enquanto media minha pressão.

—Sou — respondi, tentando me adaptar ao incomodo aperto no meu braço.

—Eu também sou imigrante. Quero dizer, a minha família é — ele contou. —Os meus pais

vieram da Bolívia, nos anos 70. Eu nasci aqui, na verdade, mas isso não me protegeu de sentir na pele como é ser ilegal. Ter de se mudar várias vezes fugindo da imigração, não poder ir a um hospital, não ter documentação, praticamente não existir.

—Mas você se saiu bem. — eu disse, olhando para todos os livros, quadros, e luxuosos enfeites das prateleiras.

—Sim. Eu fui adotado por um casal de americanos quando meus pais foram presos e deportados.

—Ham... —Murmurei, sem saber o que dizer. Esperava uma história um pouco mais feliz do que essa.

—Danna disse que você desmaiou? Havia se alimentado mal ou ingerido bebida alcoólica? — Ele foi direto ao assunto.

—Não estava com fome, se é que o quer saber. —respondi, descendo da maca e indo me sentar na cadeira em frente a sua escrivaninha. —E tomei uma ou duas cervejas, mas estou acostumada com PERIGOSAS ACHERON

isso. —Dei de ombros.

—Estava sob forte emoção?

—Não necessariamente. Eu fui pedida em casamento, mas não acho que seja isso.

—Houve algum episódio parecido esse mês?

—Não costumam me pedir em casamento com tanta frequência — respondi, confusa e ele riu.

—Estou me referindo ao desmaio.

—Ah, claro. Aconteceu uma vez, no início do mês, mas eu tinha trabalhado quase vinte e quatro horas, então...

—Houve algum episódio parecido outras vezes nos últimos dois ou três meses? —ele perguntou, registrando no computador, tudo o que eu dizia.

—Olha, eu sei onde você quer chegar e, não, eu não estou grávida. Eu não posso ter filhos.

—E, o que me diz dos últimos seis meses?

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não aconteceu nada parecido — eu disse, impaciente. Já estava ficando de saco cheio de tantas perguntas.

—Tem tido dores de cabeça recorrentes?

—Tenho, mas isso é de família. A minha mãe e a minha irmã têm enxaqueca. —Eu tinha começado a tagarelar, porque pressentia que em algum momento teria que relembrar aqueles malditos velhos tempos, os quais eu gostava de manter bem longe da minha consciência.

—Lissie, eu gostaria de examiná-la melhor em uma clínica. Gostaria de fazer uma tomografia. Seria possível?

—Ham... Eu não posso pagar — admiti, constrangida.

—Você não precisa. É uma clínica pública onde trabalho.

—Eu não posso... —Tentei inventar uma desculpa, mas não tive criatividade o bastante.

PERIGOSAS ACHERON

—Se identificar? Eu sei. Mas, se for comigo agora, eles nem vão precisar saber que foi atendida.

—Você acha que tenho alguma coisa? — Estava começando a ficar preocupada com a insistência dele.

—Não. Eu só quero confirmar que você não tem, para partirmos para outras hipóteses. —Ele explicou.

—Tudo bem — concordei, apesar de querer muito sair correndo dali, e o segui, de carro, até a clínica que ficava em *Downtown*.

Eu não gostava da sensação de entrar em um tubo e não poder me mexer um milímetro. Tinha sido bem difícil as primeiras vezes que precisei passar por isso, anos atrás, sobretudo porque eu tinha a impressão de ter sido enterrada viva, e isso era mais do que eu podia suportar devido às circunstâncias.

Fui aconselhada, na época, a imaginar coisas tranquilas enquanto me submetia a qualquer exame que fosse e, no caso da tomografia ou da

PERIGOSAS ACHERON

ressonância, eu gostava de imaginar a praia que havia perto da minha casa, em Porto Seguro, onde eu gostava de ver o pôr-do-sol quase todos os dias, quando era criança.

Mas dessa vez eu não tinha memórias ressentidas de casa e também não havia nenhuma paisagem que me interessasse o bastante para onde eu pudesse fugir por alguns minutos.

Pensei em ligar para Clarice, em adiar o exame ou simplesmente fugir, mas eu sabia que, devido ao meu histórico, aquilo podia ser sério, então criei coragem e me deitei na esteira da máquina, fazendo o possível para manter a respiração equilibrada.

Tentei buscar lembranças de Porto Seguro, da temporada em que vivi em São Paulo e dos meses que morei em Nova York em um cômodo comercial, dividindo uma cama de solteiro com Clarice, mas nada disso me trazia tranquilidade. Todas essas lembranças eram carregadas de sentimentos pesados como medo e saudade, ou simplesmente me levavam ao meu velho sentimento de estar perdida, à deriva, sem norte e

sem lar.

Eu me agarrei a imagem de um barco e tentei imaginar que ele me levava até um lugar seguro. Eu pude vê-lo nitidamente, cortando as ondas, e meus dedos na superfície da água. Então a imagem mudou para uma lembrança simples e corriqueira, algo que eu não tinha ideia de onde vinha: Eu estava em um carro, com a janela aberta, olhando para o céu lá fora, e podia sentir o vento no rosto, bagunçando meus cabelos.

Dr. Heitor foi quem me acordou, minutos depois, já com as imagens em mãos. Ele me levou até a sua sala e pendurou as chapas contra a luz.

—Lissie, você sofreu algum tipo de trauma? Talvez um tombo quando criança ou na adolescência? —Dr. Heitor perguntou, olhando para os desenhos do meu cérebro que eu mal conseguia distinguir.

—Eu sofri um acidente de carro há alguns anos — contei, fitando meus dedos trêmulos, tentando me concentrar em pontos onde meus anéis

PERIGOSAS NACIONAIS

começavam a oxidar, até sentir que poderia contar o que acontecera, sem me deixar abalar. Como se tivesse sido com outra pessoa. —Eu fiquei em coma por uma semana. Fiquei alguns dias sem me lembrar de nada e demorei um pouco para conseguir andar.

—Parece sério — ele comentou, um pouco assustado. —Tem acesso aos exames da época?

—Não. Eles ficaram no Brasil.

—E seria possível alguém enviá-los para você?

—Eu... Eu posso tentar — disse, sem realmente querer tentar. Contatar a minha família e tocar nesse assunto era a última coisa que eu planejava fazer na minha vida. —Mas, por que você está perguntando isso?

—Bom, eu não sou neurologista, claro que preciso de uma segunda opinião aqui, mas... Já posso adiantar que, se o seu acidente foi tão grave assim, ele parece ter deixado algo para trás. Você fez algum tratamento?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Fiz, mas, eu recebi alta e nunca mais voltei. Não me disseram que eu precisava, de qualquer forma. —Me levantei da cadeira e caminhei até a janela. Não havia nada de interessante onde eu pudesse focar minha atenção, mas escolhi um pedaço de concreto para me concentrar.

—Parece que precisava — ele concluiu. — Olha, Lissie, eu vou conversar sobre o seu caso com uma neurologista e vou pedir para que você volte na próxima semana, sem falta, para fazermos outro exame. Você pode fazer isso?

—Ham... Eu já disse que...

—Você não precisa pagar por nada — ele me interrompeu, antes que eu pudesse usar essa desculpa novamente.

—Certo. Ham... Eu preciso ir. Tenho que voltar ao trabalho — disse, juntando as minhas coisas e fazendo o possível para sumir dali o quanto antes. —Ah, será que você pode não comentar nada com Danna? Eu não quero que ninguém fique preocupado antes da hora.

PERIGOSAS ACHERON

—Se prometer voltar... — ele sorriu, gentilmente.

—Eu prometo — tentei sorrir de volta, antes de fechar a porta.

Não queria ter feito consulta nenhuma, para início de conversa, e só me odiava cada vez mais por ter cometido a besteira de desmaiar na frente da família toda de Ben. Mas o que podia fazer? Não era algo que eu pudesse controlar.

Meu celular tocou quando eu estava bem no meio da *Skid Row*, e, para meu azar, era Ben. Eu estivera tão concentrada em fazer os problemas da velha Lissie voltarem para o fundo da minha mente — de onde não deviam ter saído — que me esquecera do grande problema da Lissie atual: o pedido de casamento.

Eu gostava de Ben, e gostava de ser sua namorada, mas casamento nunca estivera na minha lista de desejos. Além disso, nos conhecíamos há pouco tempo e não parecia fazer sentido nenhum

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que nos casássemos agora. Por isso, desliguei o telefone e o joguei em algum canto do meu carro, fazendo parecer que o havia perdido, e rezei a qualquer deus que pudesse me ouvir, para que Ben não aparecesse na minha casa de repente, como costumava fazer quando não conseguia falar comigo.

Não que algum deus fosse, por acaso, começar a me ouvir, mas, naquele dia em especial, todos eles estavam de folga. Quando cheguei em casa e abri a porta do meu apartamento, Ben já estava lá... E não era a única surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 7

—Mãe? — eu exclamei, paralisada no meio da sala, quando ela saiu da cozinha.

—Alissie! —ela me abraçou, toda sorridente, e me olhou por um longo e constrangedor minuto. — Você está linda! — disse ela, penteando, com os dedos, mechas do meu cabelo.

—O que está fazendo aqui? C-como você está aqui? — perguntei, atônita.

—A Clarice passou o endereço de vocês para o Chico.

—Chico? —Meu cérebro falhou por um segundo e tentei não pensar no que acabara de ouvir do Dr. Heitor. —Ah, o pai dela.

—É. E esse menino educado me deixou entrar. —Ela apontou para Ben, que nos observava com

PERIGOSAS ACHERON

espanto, porque ele não entendia uma palavra do que dizíamos em português. —Eu senti saudades.

—E-eu preciso tomar um banho. —
Desconversei e rumei para meu quarto.

—Lissie, eu acho que vou indo —Ben disse, enquanto seguia meus passos, deixando minha mãe sozinha na sala. —Vocês não se veem há tanto tempo, não é?

Duas forças internas digladiavam entre si. Uma parte de mim queria muito pedir para que ele ficasse, para eu não ter que encarar minha mãe sozinha. Mas a outra parte me lembrava de uma proposta de casamento que eu não estava pronta para discutir.

—Tudo bem, eu... Falo com você depois — disse, escolhendo dos males o menor: a minha mãe. Pelo menos eu sabia o que falar para ela.

—Fiquei preocupado com você — ele se aproximou e entrelaçou os dedos nos meus.

—Eu estou bem. —Ensaiei um sorriso, mas não
PERIGOSAS ACHERON

aconteceu. Meu rosto ainda estava congelado pelos sustos daquele dia.

—Você foi ao médico da Danna?

—Fui. Ele disse que foi uma queda de pressão.
— dei de ombros, tranquilamente.

—Que bom que não é nada sério. Eu te liguei várias vezes. Queria ter ido com você.

—Você ligou? —Fingi surpresa. —Não vi... Ah, droga! De novo não — resmunguei, revirando a bolsa. —Perdi meu celular.

—O terceiro em dois meses. Que recorde! — ele riu e me puxou pela cintura para um abraço.

—Talvez eu devesse aprender com Danna como fazer esse troço se tornar parte do meu corpo.

—Talvez funcione. —Ele se inclinou e me deu um beijo demorado, que quebrou um pouco o gelo entre nós dois. —Você vai ficar bem?

—Se eu sobreviver à minha mãe, vou sim.

—Eu gostei dela.

—Acho que estamos quites agora, não é? Eu conheço a sua mãe, você conhece a minha...

—Totalmente — disse ele. Depois apertou os lábios contra minha testa e saiu, me deixando sozinha com a conversa que eu não queria ter.

Demorei o máximo que pude no meu banho e aproveitei para depilar as pernas, secar o cabelo e tirar o esmalte descascado das unhas. Eu estava desesperada para que Clarice chegasse, trouxesse Jerry, e começasse a ler o mapa astral da minha mãe. Enquanto desejava ter meu celular por perto para pedir ajuda, imaginei se a Clar não sabia da visita surpresa e me perguntei se minha melhor amiga não me avisaria antes. A resposta para as duas perguntas parecia ser sim.

Quando não pude mais enrolar, voltei resignada para a sala, interrompendo a leitura da minha mãe.

—Machado de Assis. De novo. — Eu apontei

PERIGOSAS ACHERON

para o livro que ela segurava.

—Você sabe que eu amo Dom Casmurro — ela sorriu para mim, tirando os óculos. Sim, era uma das poucas coisas que eu sabia sobre ela. —Você devia ler.

—Já li, para o vestibular, mas não lembro — comentei, me sentando ao lado dela.

—Devia reler.

—Eu devia muitas coisas, mãe. Aliás, todo mundo “devia”, muitas coisas. —Dei ênfase na palavra. Por muito pouco não fiz as aspas com os dedos. Quem era ela para me dizer, a essa altura, o que eu devia ou não fazer?

—Lissie, eu sei que não sou a melhor pessoa para...

—Comparado a quem? —provoquei.

—Eu sinto muito por ter deixado você e a sua irmã — ela abaixou os olhos. —Eu já disse isso milhões de vezes, mas nunca parece o bastante.

—Não se preocupe. Meus avós cuidaram bem de nós duas. Muito melhor do que você cuidaria, com certeza. —Eu sabia que estava exagerando na hostilidade, mas era muito difícil me controlar quando estava perto daquela mulher.

—Não tenho dúvidas quanto a isso. Olha, eu não espero que você entenda, mas ainda espero que você me perdoe.

—Eu parei de tentar da última vez — cruzei os braços, evitando olhar para ela.

—Lissie, eu fui te visitar, eu juro, mas você já tinha ido embora.

—Sim. Você foi me visitar um ano depois de eu quase ter morrido!

—E eu fiquei muito preocupada durante esse tempo todo! Mas a companhia estava fazendo uma turnê e...

—Dá pra parar de fingir que se importa? Aliás, você nem devia ter vindo aqui! O que você estava pensando? —Me levantei, sem conseguir segurar a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

raiva. —Que eu perdoaria você e que iríamos juntas fazer compras no shopping? Você foi embora quando eu tinha três anos! Eu nem lembro direito. Não tenho sentimentos por você, porque jamais convivi com você! Você é uma estranha pra mim. Uma estranha que só mandava presentes no meu aniversário e que eu via de cinco em cinco anos. Faz dez anos que não vejo você! Malditos dez anos!

—Eu estava conseguindo dinheiro pra vocês!
— ela se justificou, usando a mesma desculpa de sempre. —Eu queria que você e a Bia tivessem um futuro melhor. E vocês tiveram uma vida confortável, graças a mim.

—E por que não teríamos uma vida melhor morando com você em Paris, ou seja lá onde você morava?

—Eu viajava muito com a companhia, Lissie. Já te expliquei isso antes. Não tinha espaço para...

—E eu continuo sem entender — cruzei os braços, impassível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tudo bem. Você está certa — ela empinou o nariz, orgulhosa, e pegou suas coisas. —Foi um erro eu vir aqui.

—É, foi mesmo.

—Você já teve um sonho, Alissie? — indagou ela, a meio caminho da porta. —Algo que quis muito fazer, a única coisa no mundo que daria sentido à sua vida?

—Claro que sim —menti. —Mas não tenho nenhum filho para criar.

Ela abriu a boca algumas vezes, mas não emitia som algum. Esperei que ela fosse embora, mas ela não se mexeu. Então rumei, decidida, até a porta e a abri para incentivá-la. Ela me olhou uma última vez antes de sair.

Tentei não pensar muito nessa conversa, e esconder a minha raiva em algum canto onde eu não pudesse ver. Liguei a TV em um volume razoavelmente alto e abri meu notebook para matar o tempo em alguma rede social.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Clarice chegou pouco depois, tentando disfarçar enquanto procurava minha mãe pela casa. Mal conseguiu esconder a frustração quando não a encontrou e começou a fazer perguntas indiretas sobre alguém procurando por ela, ou coisas do tipo.

—Ben esteve aqui, se é o que quer saber — contei, fingindo não entender o que ela dizia.

—Ah, é mesmo? E vocês conversaram sobre...
—ela perguntou.

—O casamento? Não. Acho que estamos evitando o assunto.

—E você já tem uma resposta? —ela sorriu, esperando que eu dissesse algo positivo.

—Ainda não.

—Ah, qual é, Liz? —protestou.

—O quê? É um passo importante! Não posso simplesmente decidir me casar de uma hora para outra. Eu o conheci ontem, praticamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Mas vocês passaram tanto tempo juntos que equivale a uns dois anos de namoro — ela argumentou.

—Clar, eu sou ilegal. Não dá para casar assim.
—Estalei os dedos.

—Exatamente por ser ilegal você devia se casar.

—Clarice! — exclamei, repreendendo-a.

—É a maneira mais fácil para conseguir um visto definitivo.

—Mas não é certo! Não é certo com Ben, com a família dele e nem com os Estados Unidos.

—Desde quando você começou a se preocupar com um país?

—Eu não vou aceitar, tá legal? Não até ter certeza que é o que quero.

—Lissie, Ben é a sua melhor chance! —ela insistiu.

PERIGOSAS ACHERON

—Isso é tão antifeminista, que eu nem quero continuar essa conversa! —Voltei a atenção para a TV e ela não insistiu mais. —A propósito, a minha mãe esteve aqui.

—É mesmo?

—E você já sabia.

—Eu?

—Foi seu pai quem deu o endereço para ela, e você deixou a chave com o porteiro.

—Desculpe, Liz — ela pediu, com a sua vozinha infantil de arrependimento. —É que os seus avós têm perguntado tanto! Eles sentem sua falta e odeio ter que mentir, ter que dizer que não tenho notícias suas quando eles perguntam. Eu só queria te reaproximar da sua família.

—E aí você chama a pessoa que eu menos considero da família?

—Você tinha que começar por algum lugar, não é? Seus avós estão velhinhos demais para viajar e a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua irmã é sempre a pior opção. A sua mãe já estava por aqui, por causa da companhia, e meu pai aproveitou e veio com ela.

—Como é? Por que o Chico veio com ela?

—Eles...Eles estão namorando —ela contou, temerosa.

—Há quanto tempo?

—Acho que uns três anos. Claro que eles namoram à distância, mas... — ela deu de ombros. —Nós somos oficialmente irmãs. —Ela empinou o nariz, orgulhosa. —É claro que ser irmã da Bia não é tão vantajoso, mas seus avós fazem tudo valer a pena.

—Você podia ter me contado. — Levantei-me, ressentida, e fui até a cozinha para beber alguma coisa com álcool.

—Eu teria contado, mas você nunca gosta de falar sobre sua família, principalmente sobre sua mãe —ela argumentou, me seguindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Mas isso eu deveria saber.

—Por quê? Que diferença faz, Liz?

—Faz toda a diferença.

—Você só está com raiva porque ela está feliz e isso te incomoda, não é?

Revirei os olhos e bufei, voltando para meu quarto sem responder ou argumentar mais nada. Eu não estava mesmo com ânimo para continuar aquele assunto e nem para falar sobre minha mãe e sua felicidade.



Eu pude desfrutar de um pouco de paz, quando Ben viajou com a *Blue Vanilla* para alguns shows e minha mãe desapareceu do mapa novamente. Aproveitei para tirar um tempo sozinha, visitar alguns *sets* de filmagem abertos ao público, ver uma exposição de uma cliente da lanchonete e não

PERIGOSAS ACHERON

pensar.

Era o mais difícil. Não pensar em nada do que a visita da minha mãe trouxe de volta à minha mente, não pensar nas expectativas que Ben depositava em nosso relacionamento, não pensar nos meus avós e no quanto me sentia triste por não falar com eles. Não que tivéssemos brigado em algum momento, eu só não podia entrar em contato com mais ninguém que fazia parte do meu passado.

Fazia parte da punição que criara para mim mesma.

Mas a segunda-feira exterminou minha paz de uma só vez. Desde o início do dia eu tive que lidar com problemas que eu não conseguiria resolver tão cedo: meu carro quebrou, eu não tinha dinheiro para pagar o mecânico, Clarice começara a falar de novo na real e próxima possibilidade de se mudar para o Texas com Jerry, e a secretária do Dr. Heitor ligou para marcar uma consulta urgente para o outro dia, no primeiro horário da manhã.

Eu não fazia ideia do que esperar quando

cheguei ao hospital público em que o médico de Danna trabalhava, sem um centavo no bolso para pagar o ônibus da volta para casa. Primeiro, porque eu não poderia pagar por consultas ou procedimentos novamente e, segundo, porque eu estava preocupada com o que ele tinha para me dizer.

—Eu não vou mentir para você, Lissie, as notícias não são boas — ele disse, depois de me apresentar à sua amiga neurologista, Teresa. — Descobrimos que você tem mesmo um aneurisma e seu tamanho e localização nos deixou bem preocupados.

—O que isso quer dizer? —eu perguntei, olhando de um para o outro.

—É claro que faremos outros exames. — Teresa se adiantou. —Mas, aparentemente, não parece o tipo de aneurisma que permite intervenção cirúrgica. Seria arriscado.

—E, o que eu devo fazer?

—Primeiro, eu gostaria de pedir para que você

PERIGOSAS ACHERON

tente recuperar seus antigos exames, da época do acidente. Eu preciso ver a evolução do seu quadro.
— ela respondeu.

—Eu posso tentar.

—Acho que seria interessante repetirmos a tomografia. Podemos fazer isso hoje?

—É tão urgente assim? — perguntei, começando a suar frio só por ter de voltar para dentro daquela máquina claustrofóbica.

—Achamos que sim.

Eu voltei, resignada, para dentro da máquina e me concentrei na imagem da janela do carro aberta, como fizera antes. Dessa vez eu esperei mais tempo do que a minha ansiedade era capaz de suportar, até que finalmente me chamassem de volta ao consultório e confirmassem o que eu temia: Que o aneurisma havia crescido em apenas uma semana.

Eram poucos milímetros, mas que faziam uma
PERIGOSAS ACHERON

grande diferença. Saí de lá com a missão de recuperar meus exames antigos — o que significava ligar para o Brasil —, uma consulta marcada para a próxima semana, e um diagnóstico grave.

Segundo Teresa, o aneurisma poderia se romper a qualquer momento. Podia acontecer em semanas, meses ou anos, mas também poderia acontecer em algumas horas ou até mesmo minutos, e seria fatal. Não havia nada que eu pudesse fazer para evitar, a não ser tomar alguns medicamentos que controlassem minha pressão arterial que, ao contrário do que eu pensava, estava mais elevada que o normal. Eu também deveria ficar quieta, sem fazer atividades físicas, o que eu considerava praticamente impossível trabalhando no Hernandez café.

Mas ainda havia algo pior que a morte. Caso eu sobrevivesse, e se o aneurisma continuasse crescendo no mesmo ritmo, eu começaria a perder meus movimentos, minha consciência, minha visão, minha memória.... Eu começaria a definhar, lentamente e, para mim, essa era a pior das

hipóteses.

Mal consegui chegar ao ponto de ônibus e me sentei no chão, sem dar importância ao fato de que estava no lugar mais perigoso de Los Angeles e que ficar na rua não era uma boa ideia. Por um instante nada fez sentido e eu repetia que ia morrer, indefinidamente, enquanto tentava ao menos chorar. Mas eu não conseguia ficar triste. Pela primeira vez em anos eu estava feliz.

Não, não era porque a minha morte estava mais perto, não era nada mórbido do tipo. Eu estava triste. Não queria morrer. Eu era jovem demais, gostava de onde estava, das pessoas a minha volta e de todas as coisas da vida e acabara de me dar conta disso. Até o café da manhã que eu tomara, de repente, parecia a coisa mais incrível do mundo simplesmente porque poderia ser o meu último café da manhã. Eu não estava pronta para perder todas aquelas coisas, nem a consciência, nem o meu corpo. Isso era horrível e me tirou o chão.

Mas eu estava feliz, porque o diagnóstico me fizera abrir os olhos. Eu tinha desejado ter morrido

tantas vezes desde o acidente, sempre me culpando por ter sobrevivido, e agora que estava prestes a morrer, queria desesperadamente continuar viva e aproveitar cada mísero segundo que tivesse.

Ironicamente, junto ao diagnóstico de morte iminente, eu acabara de ganhar vida.

Quando Jerry me buscou, eu não tinha nenhuma noção do que faria daquele ponto em diante. Eu sabia que deveria mudar muitas coisas, mas não sabia por onde começar, então comecei pelo que julgava mais incoerente:

—Jerry, você disse que tinha visto algo outro dia, que era para eu tomar cuidado. O que foi que você viu? — perguntei a ele.

—Olha só, Lissie, o meu trabalho é sério. Eu sei que você adora debochar e que você não acredita, e eu sempre levo na brincadeira, mas eu não gosto que...

—Não, não. Eu estou perguntando de verdade,
PERIGOSAS ACHERON

o que foi que você viu? Eu estou interessada em saber.

—Ham... — ele me olhou, relutante, e voltou sua atenção para a rua. —Não foi nada demais, Lissie. Foi só uma carta. Clarice estava preocupada e pediu para que eu fizesse uma leitura para você.

—E qual carta você tirou?

—Foi a morte. Mas não quer dizer morte física, tá bom? Indica transformação, mudança, morte de um ciclo. Coisas do tipo.

—Então, por que você ia me avisar aquele dia?

—É que a Clarice ficou com medo de que fosse algo ruim e pediu para que eu te alertasse. Na verdade, havia outra carta, um arcano menor... claro que você não vai entender. —Ele disse, mais para si mesmo. —Esse arcano menor reforçava a mudança, o que deixou a entender que seria algo muito drástico, uma transformação imensa em toda a sua vida.

—Entendi — murmurei, perplexa.

—Mas deve ser sobre o seu casamento, não é?

—É. Deve ser — concordei, para não dizer o que realmente estava pensando. —Mas, você consegue prever a morte de alguém no tarô?

—A morte física? Dificilmente. O tarô não é tão específico assim. Ele trabalha com simbologias. Mas se a pessoa perguntar se vai morrer, talvez apareça na leitura. Ninguém nunca perguntou isso, aliás... interessante! —Ele começou a falar consigo mesmo de novo.

—Talvez elas tenham medo da resposta — concluí, abrindo a porta da *Kombi*, quando ele parou em frente ao Hernandez café.

Eu não sabia o que queria fazer com aquele dia, mas sabia que não queria passa-lo em uma lanchonete lotada, atolada de tarefas até o pescoço. Refleti sobre isso todo o tempo, enquanto servia mesas e anotava pedidos. Pensei no que sempre queremos fazer, mas deixamos para depois porque temos obrigações, contas para pagar e

PERIGOSAS ACHERON

compromissos. Eu quis pedir demissão, mas havia uma realidade que eu não podia ignorar: Este também podia não ser o meu último dia. Este também podia não ser meu último mês, ou meu último ano.

Ficar sem casa, comida ou essas coisas básicas, não me parecia uma boa maneira de viver os dias que me restavam. Chegar à essa conclusão me deixou triste, porque havia um sistema que mantinha a sociedade funcionando, um sistema do qual eu não poderia fugir sem perder coisas que eram importantes para mim. Então, eu precisava encontrar um meio termo. Mas qual seria a medida? Qual seria o limite entre viver como se fosse o último dia, mas fazendo coisas para garantir o amanhã, caso ele chegasse?

—O que faria se hoje fosse seu último dia de vida, e você soubesse, claro? —Perguntei ao Diego, mais tarde, depois de fechar a lanchonete, enquanto organizávamos os enfeites da nossa confraternização anual de funcionários.

—Que pergunta macabra é essa, Lissie? —ele

riu, cortando um pedaço de fita adesiva com os dentes.

—Mas eu estou falando sério. Nunca parou para pensar nisso?

—Não! Porque eu vou morrer com oitenta anos, bem velho, na minha mansão em Santa Monica.

—Tudo bem. Vou reformular a pergunta: O que você faria se, sei lá, o mundo fosse acabar amanhã? Sabe, tipo um meteoro gigante, ou a explosão do sol, ou uma invasão alienígena.

—Eu amo a sua imaginação! —ele riu. —Tudo bem, eu... acho que eu iria para Las Vegas jogar muito, porque não faria diferença se eu perdesse ou ganhasse. Eu encheria a cara e beijaria muitas bocas. O que eu teria a perder, afinal? —ele deu de ombros, antes de pular da escada onde estivera e voltar para a cozinha.

Eu concordei que seria uma boa ideia, mas não era isso o que eu queria fazer. Então, resolvi observar todos os Hernandez ali, reunidos e felizes, servindo seus funcionários como se também

PERIGOSAS ACHERON

fizéssemos parte da família. O Hernandez-Pai, por mais severo que parecesse, sorria ao lado de sua esposa Carmen. Os Hernandez-Irmãos também pareciam satisfeitos e realizados, apesar de eu saber que o sonho de Diego era ser ator e que ele já estudava para isso. De todo modo, eles não pareciam desejar estar em nenhum outro lugar do mundo naquele momento, naquela noite, e então percebi que precisava rever meus conceitos de felicidade.

Mais para o fim da noite, após ouvir a história da família pela centésima vez, eu já havia formulado um pequeno plano para os próximos dias:

1º — Eu não contaria a ninguém sobre a doença. Não queria que as pessoas me tratassem de modo diferente, ou que comesçassem a dramatizar demais as coisas. Eu já havia concluído que morrer a qualquer momento não era um privilégio meu, podia acontecer com qualquer pessoa do mundo, mesmo que ela gozasse da melhor saúde de todas.

2º — Eu seguiria à risca as recomendações dos

PERIGOSAS NACIONAIS

médicos, o que significava nada de cigarros, bebidas e exercícios físicos pesados.

3° — Eu faria uma lista de coisas para fazer por mim mesma. Não seria nada parecido com algum romance do *Nichols Sparks*, porque eu não esperaria que alguém chegasse e realizasse os itens da lista por mim. Já estava mais do que na hora de eu começar a fazer algo por mim mesma.

E, o primeiro item da lista, eu realizaria imediatamente.

Peguei uma taça de vinho, pedi licença, e fui para o lado de fora da lanchonete. Liguei para o celular de Ben, e, antes que ele dissesse alguma coisa, eu disse:

—Sim. Eu quero me casar com você.

—Lissie? —sua voz parecia fraca.

—Sim, sou eu.

—Onde você está?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Ainda estou aqui na lanchonete. Hoje nós tivemos um jantar para os funcionários.

—Estou chegando.

—V-você está em Los Angeles?

—Sim. Eu vim antes de todos, porque tinha que resolver umas coisas. —Ele disse, enquanto estacionava o carro do outro lado da rua.

—Mas já? — sorri, acenando para ele.

—Eu pensei em te buscar para vermos um filme, ou algo do tipo. —Ele desceu do carro, com suas velhas roupas *vintage*, seus óculos pretos de aviador e um novo e brilhante topete sessentista.

—Você cortou seu cabelo? —perguntei, ainda pelo celular.

—O JJ me convenceu. Um corte meio parecido com o dele, sabe? Agora somos irmãos gêmeos. Claro que o cabelo dele é mais claro, e eu sou mais bonito. —Ele deu de ombros e desligou o telefone, me puxando para um beijo quando se aproximou.

PERIGOSAS ACHERON

—Ben, eu sou ilegal e isso... isso pode ser um pouco complicado, sabe? A sua família e a imigração — comecei, em uma tentativa de retornarmos ao assunto importante.

—Tudo bem. Eu meio que já conversei com o pessoal lá de casa. Todos já sabem o que dizer para a imigração quando começarem as entrevistas.

—Mas eu ainda não tinha aceitado — protestei.

—Eu sei, mas eu esperava que você dissesse sim. E você disse —ele sorriu ao se lembrar disso.

—Mas, Ben, eles vão pensar que só quero o visto e...

—Eles quem?

—Todo mundo — argumentei.

—Eu meio que tenho um amigo na imigração que vai adiantar as coisas para nós.

—Você subornou alguém? —Serrei os olhos para ele e lhe dei um soco leve no ombro. —Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

retiro o meu “eu aceito” agora.

—Relaxa, Liz. Não é nada demais. Ele foi namorado da minha mãe e ainda é amigo dela. Não vamos fazer nada errado, ele só vai dar uma ajuda para não demorar tanto quanto normalmente demora.

—Mas ele sabe a verdade, não sabe?

—Ele sabe a história que ele tem que saber.

—E qual seria? —incentivei.

—Que nós nos conhecemos há um ano e que moramos juntos há seis meses.

—Mas isso é mentira! Ben, não vai dar certo. Eles vão pedir provas.

—Por isso mesmo temos que começar a criar documentos a partir de agora. —Ele pegou o celular e ligou a câmera. —Vamos lá! A família Hernandez é importante nas nossas vidas, não é? —ele sorriu, me puxando para dentro da lanchonete.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 8

Parecia surreal que, após duas semanas de entrevistas e de ter a imigração na minha cola o tempo todo, eu já estivesse há apenas uma hora de me tornar Alissie Hughes.

Ben pensava que a minha pressa para nos casarmos se devia à minha vontade de sermos logo e oficialmente um casal. Mas, na verdade, eu estava ficando sem tempo. Já fazia um mês que eu recebera o diagnóstico e, de lá para cá, meu aneurisma aumentara consideravelmente. Eu tinha começado a perder um pouco do meu otimismo e, às vezes, perdia o sono por medo ou ansiedade, ou qualquer coisa parecida. É claro que as pessoas começaram a perceber minhas olheiras e alguns quilos a menos, mas eu sempre inventava uma desculpa e mudava de assunto.

Naquele dia, no entanto, eu precisava de ânimo

PERIGOSAS NACIONAIS

e um pouco de fé. O que não era tão difícil quando se tinha alguém como Clarice te seguindo o dia todo.

—Oh, meu Deus, você está linda! —ela tapou a boca com as mãos, quando terminou minha maquiagem, e seus olhos já estavam cheios de lágrimas.

—Clar, não precisa chorar! É só um casamento. Relaxa — dei de ombros, ajeitando os cachos dos meus cabelos soltos.

—É o seu casamento! Eu nunca realmente pensei que você se casaria algum dia.

—Eu também não — admiti.

—Porque, sabe, você sempre foi o tipo de garota livre, sem se prender. Claro que você se apaixonou algumas vezes, não é? O Ben e o... — Ela apontou para o lado de fora. —Mas se casar? Não! Você não é o tipo de garota que quer se amarrar, ficar com uma pessoa só a vida toda, fazer o jantar, lavar roupas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Ok, Clar. Já chega! Estou começando a sentir vontade de desistir.

—O que foi que eu disse?

—Nada demais. Só alguns estereótipos machistas sobre casamento.

—Você sabe que estou brincando, não é?

—Eu te conheço o bastante para saber que não.

—Onde está a noiva? —A cabeça de Ivi apareceu na pequena fresta da porta entreaberta.

—Aqui — acenei, olhando-a pelo espelho.

—Oh, meu Deus! Parece outra pessoa! —Ivi exclamou. Sim, era um elogio, apesar de eu não concordar em parecer outra pessoa no dia do meu casamento ou em qualquer outro. Mas eu conseguia reconhecer que minha aparência não estava das melhores nos últimos dias. Eu nem ao menos parecia saudável, e era assustador até para mim.

—Obrigada — balbuciei.

PERIGOSAS ACHERON

—Liz, está na hora do vestido. —Clar avisou, tirando o vestido branco do cabide e abrindo o zíper. Eu ergui os braços e o vesti facilmente. Não quisera usar nada escandaloso ou elegante. Comprara o vestido mais simples que encontrara no *ebay*. Na verdade, Clarice escolhera para mim um modelo bem hippie para agradar Ben e sua obsessão pelos anos 70 e eu aceitei sem pensar muito sobre. Os detalhes me preocupavam muito pouco. Eu só queria me casar logo, antes que morresse sem saber como era.

—Lissie, posso entrar? —Danna bateu na porta e entrou com uma pequena caixa de veludo em mãos. —Eu trouxe algo azul.

—Azul? —franzi o cenho, sem entender.

—É. Sabe, algo antigo, algo novo, algo emprestado, algo azul? —Ivi disse.

—Não temos isso no Brasil — expliquei a minha ignorância sobre o assunto.

—Eu achei que seria legal. —Danna justificou e abriu a caixa exibindo um colar de pedras azuis.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—E essa peça funciona como algo antigo, emprestado e azul. Era da minha avó, passou para a minha mãe e ganhei quando me casei com Stieve.

—I-isso é de verdade? —perguntei.

—Como assim? —ela perguntou, confusa.

—Ela quer saber se são pedras preciosas —Ivi disse, olhando espantada para a peça.

—São ametistas. — ela informou.

—Danna, eu agradeço, mas é só um cartório e...
—Tentei argumentar.

—Ela vai aceitar, Danna. —Clar me interrompeu, pegou o colar e pôs no meu pescoço.
—Cala a boca e aceita —sussurrou em português, no meu ouvido.

—Mas...E se me roubarem? Se...

—Aproveite, Lissie. Pode ser a primeira e última vez que você vai usar um desses na vida. —
Eu tomei sua última frase como um lembrete dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus planos mais recentes, e aceitei.

As flores brancas e azuis — artificiais, pois Clarice se negava a matar plantas — já enfeitavam a casa quando desci as escadas e fui diretamente para a garagem, proibida de transitar por qualquer lugar que me desse uma visão dos fundos da casa.

Eu não protestei quando Clarice insistiu em produzir uma pequena festa para comemorar meu casamento, já que era seu trabalho e era a primeira vez — e única — que eu me casava.

—Oi! Você já está aqui!? —James saiu do carro e abriu a porta para que eu entrasse.

—É —murmurei, sem graça. Minhas mãos começando a suar, segurando o buquê. — Ham...Você viu o Ben?

—Não. Ele já foi — ele sorriu. —Você nem poderia ver ele, na verdade. Ivi deixou isso bem claro e ela pode ser mortal às vezes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Por quê? —eu franzi o cenho, esquecida das tradições sobre casamentos.

—Dá azar, sabe, o noivo ver a noiva...

—Ah, isso! — dei um leve tapa na testa ao me lembrar.

—Por falar em Ivi, onde ela está?

—Elas estão terminando de se vestir.

—Eu acho que vou pegar um copo de água. Você quer?

—Não. Eu estou bem.

—Se quiser, pode ligar o rádio do carro e...

—Eu estou bem, James. Obrigada — respondi, para encerrar o assunto e ele saiu.

Odiava quando eu e James tínhamos qualquer tipo de contato, porque o meu corpo começava a funcionar de um jeito estranho e idiota. E eu já estava nervosa o bastante para ter de lidar com

PERIGOSAS ACHERON

reações involuntárias.

Graças aos céus Clarice chegou para me fazer companhia e em poucos minutos já estávamos subindo as escadas do pequeno cartório onde me casaria. Eu respirei fundo e entrei na sala de espera. Ben veio me receber, sorridente como sempre, fazendo a coisa toda parecer mais fácil do que realmente era.

—Você está incrível! — ele pegou minha mão e me fez girar.

—Obrigada. E você está... Moderno! — observei, surpresa.

—Ivi —ele explicou. —E Danna também. Mas eu não abandonei completamente o meu estilo. — Ele apontou para as calças pretas de alfaiataria e desabotoou, discretamente, um botão da sua camisa branca.

—Você está lindo — eu comentei quando ele me abraçou e só então me dei conta de que todos da família — e os Hernandez — estavam olhando para nós, como se esperassem alguma coisa. —Acho
PERIGOSAS ACHERON

que está na hora.

—Acho que sim.

Foi um casamento simples e rápido, como imaginei. Dissemos algumas palavras um para o outro — as de Ben foram mais dramáticas, claro —, assinamos alguns papéis e voltamos para a casa dele, onde a festa nos aguardava.

Claro que havia muito mais convidados na festa do que o cartório suportaria, então tivemos que reproduzir os votos na frente de todos os que não estiveram presentes na cerimônia. Gregory, o padrasto de Ben, fingiu ser o juiz, e até que foi engraçado ouvir todas as piadas deturpadoras de Toni, pontuando cada frase de Ben com comentários irônicos.

Já havia anoitecido quando recebemos os últimos cumprimentos, guardamos os presentes no carro, e fomos para casa. Eu tinha certeza que ficaríamos morando no apartamento com Clarice por um tempo, mas percebi que Ben tinha outros

PERIGOSAS ACHERON

planos quando entramos em *West Hollywood* e ele estacionou o carro em frente à um prédio de cinco andares.

—O que estamos fazendo aqui? —perguntei, olhando pela janela.

—É que... Chegou a hora do meu presente para nós dois. Quero dizer, meus presentes —ele se corrigiu. —O primeiro está aqui dentro do carro. — Ele puxou o retrovisor interno e tirou um envelope branco.

—O que é isso? — eu perguntei, abrindo o envelope. Havia duas passagens, marcadas para o dia seguinte, com nossos nomes. O destino era Porto Seguro, no Brasil.

—Eu pensei que seria uma ótima oportunidade para eu conhecer a sua família — ele disse. —Você não gostou? — perguntou, preocupado com meu silêncio.

—Eu... Não posso ir até lá, Ben — murmurei. Sentia raiva por não ter sido consultada sobre a viagem e mais raiva ainda por querer,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desesperadamente, rever meus avós antes que fosse tarde demais. Mas eu não podia. Eu simplesmente não estava preparada para o que me aguardava caso eu voltasse.

—Aconteceu alguma coisa? —ele parecia bem mais preocupado agora.

—Não. —Tentei suavizar a minha voz e a minha expressão. —Eu só... Não gosto da ideia.

—Nós podemos trocar. Acho que dá tempo.

—Não, tudo bem. Eu preciso visita-los de qualquer forma.

—Tem certeza que pode fazer isso?

—Eu me casei hoje! Depois disso, posso fazer qualquer coisa —sorri e lhe deu um beijo antes de sair do carro e acompanhá-lo até o meu outro presente.

Subimos três lances de escada e ele abriu a

PERIGOSAS ACHERON

porta de um dos apartamentos. Havia poucas mobílias, mas era um lugar claro e arejado, sem luxos ou exageros.

—Esse é o presente! —ele abriu os braços e sorriu, esperando que eu tivesse algum tipo de reação alegre.

—Eu imaginei. —respondi, caminhando até a janela para olhar a rua lá em baixo.

—Você não gostou? —perguntou ele, frustrado.

—É claro que gostei, Ben. Só não estou surpresa. —Voltei para abraça-lo. —Obrigada por procura-lo sozinho. Eu não estou com cabeça para lidar com burocracias e alugueis.

—Mas não é alugado. É nosso. Eu comprei.

—O quê? Você está falando sério? Mas... Esse lugar deve ser uma fortuna!

—Não foi tão caro. Eu já tinha pensado em comprar um lugar aqui, porque o estúdio é há apenas cinco quadras, e Gregory comprou um

PERIGOSAS ACHERON

espaço aqui perto para montarmos a gravadora.

—Gravadora?

—Ah, eu esqueci de comentar —ele sorriu, orgulhoso. —Nós vamos montar uma gravadora juntos. Achamos que seria interessante expandir os negócios.

—Ben, isso é maravilhoso! —Agora sim eu me esforçara para fazer a melhor versão de uma “reação alegre”.

—E merece uma comemoração! —ele sorriu, me puxando para a cozinha. —Vinho ou Martini?

—Nenhum dos dois. Eu não estou bebendo nada que tenha álcool ou algo semelhante.

—Por quê? —ele perguntou intrigado.

—Ham... Eu estou tentando ser mais saudável — menti, desconcertada. Não gostava de mentir para ele. Eu estivera perto de contar a verdade, inúmeras vezes, tanto para Ben quanto para Clarice, mas não encontrara uma forma de dizer sem

parecer algo desesperador.

—É verdade, sabe, aquilo que a Clarice disse? Que você não pode ter filhos? — ele perguntou, distraidamente, procurando algo saudável pela cozinha.

—É.

—É alguma coisa de nascimento ou...

—Foi um acidente de carro. Eu fiquei em coma por um tempo e peguei uma infecção. Enfim, a coisa foi bem feia — eu expliquei o mais resumidamente que fosse possível para evitar que ele perguntasse detalhes. —Acho que nunca falamos sobre isso, não é?

—Não — ele respondeu, se esforçando para abrir uma garrafa de refrigerante.

—E, como você se sente sobre isso? — perguntei, pegando a garrafa e abrindo-a facilmente.

—Você acabou de ferir minha masculinidade

PERIGOSAS ACHERON

— comentou, começando a nos servir.

—Você acabou de perder alguns pontos pelo comentário machista.

—Eu não preciso mais somar pontos. —Ele me deu um beijo e me mostrou sua aliança.

—Você está enganado. Agora sim é que o jogo começa.

—Que desafiadora, senhora Hughes!

—Você está fugindo da minha pergunta? — perguntei, franzido o cenho e bebericando um pouco de refrigerante.

—Que pergunta? —ele fingiu não entender.

—Filhos —respondi.

—Certo. Ham... —Bebeu um gole do seu refrigerante e suspirou. —Olha, eu gostaria de ter filhos. Eu meio que tinha um sonho assim, mas... Era algo para daqui uns dez ou vinte anos. Mas, sabe, não me importo se não tivermos um. Além

disso, podemos adotar.

—É. Podemos — concordei e ele mudou de assunto, me mostrando detalhes sem importância da arquitetura do apartamento.

Eu não quis dizer que não pretendia ter filhos de jeito nenhum, porque essa era quem eu era agora. Não sentia a menor vontade de ser mãe e não costumava me cobrar por isso. Aliás, essa era uma das coisas que faziam com que eu evitasse casamentos. Achava assustadora a ideia de que a vida deveria ser como um jogo com fases pré-definidas, em que só existiria felicidade depois que se passasse por todas. E, nessa ideia, filhos vinham logo depois de casamento.

Também havia o fato de que os meus dias estavam contados e eu não podia ser mãe de uma criança, só para tirar isso dela logo em seguida. Mas, por enquanto, eu não contaria isso ao Ben.



PERIGOSAS NACIONAIS

As minhas malas já estavam prontas e empilhadas na sala quando cheguei ao apartamento em que morara com Clarice. Mas haviam outras tantas sobre o sofá e eu não me lembrava de ter tantas coisas assim.

—O que é isso? —perguntei intrigada, quando Clarice surgiu, distraída com sua bolsa.

—São as suas malas. Olha amiga, eu não soube o que você queria levar, então peguei todas as suas coisas e guardei aí dentro. —Ela apontou para as minhas malas.

—Sim, mas, e essas? —Apontei para as do sofá. —Eu disse que não levaria todas as minhas coisas agora. Estou indo para o aeroporto e...

—Ah, não, essas são as minhas e as de Jerry.

—Vocês vão viajar?

—Nós vamos. —Ela fez uma pausa e começou a rir. —Eu não aguento esperar para dar a surpresa, então foda-se. Nós vamos com vocês!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Como é?

—Sim! Nós vamos para o Brasil. Estou morrendo de saudade da minha família e...

—Espera, Clar, mas eu estou em lua de mel. Vocês não podem ir.

—É claro que podemos! É só fingirmos que não sabíamos de nada e nos encontramos lá por acaso.

—Mas isso não é verdade!

—Deixa de ser chata, Liz. —Ela me abraçou e me deu um beijo no rosto. —Eu sei que é difícil para você voltar e não quero deixa-la sozinha.

—Mas eu estou bem — menti. Na verdade, estava aliviada por ter Clarice por perto quando voltasse, mas não queria que ela percebesse.

—E pode ir se preparando para fortes emoções porque a Ivi e o James estão indo também. —ela contou, retocando o batom roxo.

—O quê? —Não. Isso já era demais.

PERIGOSAS ACHERON

—Ela se convidou e eu não consegui inventar uma desculpa boa o suficiente.

—Clar, você não podia ter deixado isso acontecer!

—O que você queria que eu dissesse? “Olha só, Ivi, eu acho que não é uma boa ideia porque a Liz ainda gosta do seu noivo e...”

—Eu não gosto do James! —protestei. —Quero dizer, não tenho nada contra ele, mas não gosto nesse sentido que você está pensando.

—Então, porque se incomoda se ele vai com a gente?

—Não me incomoda — dei de ombros. —Por mim eles podem ir para onde quiserem.

—Ótimo! Porque eu estou louca para mostrar à Ivi a minha coleção de mangás. Você acredita que ela é fã dos mesmos animes que eu gosto?

—Ah, sim, vocês são praticamente almas gêmeas agora. —Desdenhei, abrindo minhas malas

PERIGOSAS ACHERON

para conferir o que estava guardado nelas, até me lembrar de algo que eu não poderia levar para minha nova casa. —Clar, onde... Onde você guardou o baixo?

—Que baixo?

—O baixo, Clar! —Ergui uma sobrancelha.

—Ah, aquele baixo. Escondi nas minhas coisas —respondeu. —Quando eu digo que você ainda gosta dele...

—Você está errada — completei a frase, abrindo minha *nécessaire*.

—Então porque ainda guarda aquilo?

—É um bom baixo, tá legal? Ainda quero aprender a tocar e você não tem nada a ver com a minha vida.

—Tudo bem. Não precisa ser agressiva. Só piora a cor da sua aura e eu me recuso a viajar com alguém carregado de energia negativa. Você sabia que isso pode fazer um avião cair? Eu li em um

PERIGOSAS ACHERON

artigo...

—Clar, eu gostaria muito de ouvir essa teoria, mas estamos atrasadas — informei e começamos a retirar as inúmeras malas para o corredor. Clarice, praguejando sobre o peso delas, e eu calculando o quanto pagaríamos por excesso de bagagem.

Ao meio dia, encontramos James, Ivi, Jerry e Ben no aeroporto e tomamos a fila para o *check-in*, que não tomou muito do nosso tempo. Despachar as bagagens, no entanto, não foi tão simples. Um dos guardas resolveu encrencar com uma das minhas malas e fui encaminhada diretamente para uma sala onde eles revistariam toda a minha bagagem, apesar de todos os argumentos que Ben usou para evitar isso.

Pouco tempo depois, James entrou na sala, carregando sua mochila aberta, com uma expressão de pura irritação.

—Eles vão revistar você também? —perguntei, sem entender.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Parece que sim. —ele respondeu, abrindo sua mochila e começando a jogar as coisas na mesa à sua frente.

—Eu sabia que seria má ideia essa droga de viagem.

—Olha, eu não estou menos desconfortável com isso do que você. Não acho essa viagem uma boa ideia, até porque o seu país é um lugar perigoso para mim. Há três anos as pessoas não sabiam da minha transição, da minha história ou quem eu sou. Mas agora a *Blue Vanilla* é mais conhecida e isso me preocupa. Ivi é tão teimosa! Disse que ninguém vai saber quem sou porque, sabe, a passabilidade cis, mas não me sinto bem com isso. Eu tenho orgulho de quem eu sou, não quero fingir ser outra coisa.

—Eu já te disse isso uma vez, e vou repetir: O meu país é o pior lugar para você, porque as pessoas são intolerantes e conservadoras, não existem leis contra a transfobia, ou contra qualquer outro preconceito relacionado à LGBTs, algumas religiões e pessoas públicas reforçam e incentivam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o preconceito e a agressão. Não estou exagerando, a cada vinte e cinco horas um transexual morre vítima de transfobia. E nós estaremos em uma cidade pequena. Quanto menor a cidade, menor a mente das pessoas, eu acho. —Tirei um par de meias da minha mala e joguei em cima da mesa. — Não acho que as pessoas vão te reconhecer, James, porque a *Blue Vanilla* não é o tipo de banda que as pessoas ouvem por lá. Mas, mesmo assim, você tem toda a razão de ter medo. É perigoso! Muito. Então, só você pode decidir o que é melhor para você. Você sabe pelo que já passou e o quanto isso te afeta. Eu não sei isso e nem Ivi. Nem ninguém mais, aliás. —Cruzei os braços, assistindo um dos guardas furar a minha mala com uma faca sem que eu pudesse fazer nada para impedir. James escondera as mãos nos bolsos do moletom, enquanto os guardas fingiam checar suas malas, e prestava atenção no que eu dizia.

—Olha só, não estou brava com a viagem porque vocês estão aqui — continuei. —Não é nada pessoal, eu juro. Acho que será divertido. Eu só estou nervosa e... Não gosto da ideia de voltar àquela cidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Eu vou estar lá —ele garantiu. —Nós somos uma família agora, certo? Você pode contar comigo.

—Você também pode contar comigo, James —sorri, em agradecimento. —Sabe, se alguém não for legal com você, eu posso quebrar alguns narizes.

—Obrigado, Liz. —Ele retribuiu o sorriso e voltamos para nossas malas reviradas.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 9

—É impressão minha, ou eu era o principal alvo? —Perguntei, enquanto caminhávamos para a sala de embarque, após sermos liberados com diversos pedidos de desculpas.

—Acho que não é só impressão. E também acho que não costumam revistar malas que estão saindo do país —James concordou. —Talvez você seja parecida com alguma pessoa suspeita.

—Ou talvez eu só seja imigrante demais para o gosto desses caras.

—Eu também sou imigrante. E Clarice, e Ivi —argumentou ele.

—Clarice e Ivi parecem atrizes de cinema, e você é inglês, James. Acho que só te chamaram porque você deu o azar de estar logo atrás de mim na fila.

—Talvez você tenha razão. E isso é uma grande imbecilidade da parte deles. Você podia reclamar com alguém.

—É, eu podia, mas não quero gastar meu tempo com isso agora. Na volta eu me vingo deles. — Cerrei os olhos, ameaçadora, e James riu.

As próximas horas foram as mais cansativas da minha vida. Nem um dia inteiro de trabalho no Hernandez Café poderia me deixar tão esgotada. Descemos na Cidade do Panamá, de lá seguimos para São Paulo e, por fim, descemos em Porto Seguro, onde meus avós e Chico, o pai de Clarice, nos aguardavam. E pensar que ainda faltavam quarenta minutos de viagem até Santa Cruz de Cabrália não ajudava em nada.

A aparência da minha avó me assustou. Ela parecia ter envelhecido vinte anos e estava apoiada em uma bengala de madeira. Seu rosto tinha muito mais rugas agora e meu avô também não parecia mais novo do que me lembrava. Eu corri até ela, para que ela não precisasse se mexer, e a abracei.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Você está tão bonita, minha menina! — ela disse, acariciando meu rosto. Meu avô, que enxugava os olhos com um lenço, me puxou para abraça-lo como quando eu era criança e depois recebeu o abraço de Clarice.

—Quem é esse moço? —Minha avó se aproximou de Ben e o abraçou. Ele ficou meio sem graça, e não se moveu.

—É meu namor... Meu marido, vó. Eu nunca me acostumo — sussurrei.

—Ué, você casou? Mas por que não fiquei sabendo?

—Foi meio rápido. Na verdade, foi um pouco complicado porque eu estava ilegal nos Estados Unidos e... Longa história.

—Você é muito bonito! —Ela deu leves tapinhas no rosto dele. —Ele me lembra o seu avô, Liz, quando nos casamos. Ele gostava de se vestir como um ator de filme.

PERIGOSAS ACHERON

—É. O Ben gosta de se vestir como o avô de qualquer pessoa.

—O que ela está falando? —Ben perguntou, já constrangido por não entender uma palavra do que dizíamos.

—Ela está dizendo que você é bonito.

—Como é que se agradece em português?

Eu o ensinei a dizer obrigado e Clarice teve uma crise de risos quando ele disse. Ninguém mais conseguiu para-la, depois disso. Ela importunou Ivi e James por um longo tempo, pedindo para que eles repetissem palavras em português, só para rir da forma como diziam.

Houve uma ligeira confusão até que todos conseguissem pegar suas malas e seguir para o estacionamento, onde estava estacionada a Belina 89 do pai de Clarice.

—Acho que não vai caber todo mundo aí

dentro. —Ben observou, ao perceber o estado do carro. Eu não me lembrava de ver aquele carro tão arruinado assim, e me recusei a viajar nele. Estava disposta, aliás, a não viajar em carro nenhum.

—Nós podemos alugar um carro —Ben sugeriu, após contar todas as malas.

—Eu... Eu acho que... Por que não vamos de ônibus? Seria divertido! —sugeri.

—Alugar um carro é bem melhor. Podemos sair com ele quando quisermos, para onde quisermos. —Ivi apoiou a ideia.

—Mas é que... —eu tentei encontrar uma desculpa melhor que os fizesse mudar de ideia, mas a maioria votou e eu perdi.

Assim, nos dividimos entre os dois carros: Clarice, Chico, meus avós e Jerry na Belina 89 com procedência duvidosa, eu, James, Ivi e Ben em um sedã simples.

—Você está bem? —James perguntou, ao perceber minha relutância em entrar no carro e me

PERIGOSAS ACHERON

sentar no banco do passageiro, ao lado de Ben: o motorista escolhido de forma nada democrática.

—Eu... Só não gosto muito de estradas e... Estamos tão cansados, não é? —Respondi, enquanto tentava prender o cinto de segurança. Minhas mãos estavam trêmulas e eu estava começando a suar frio, o que não era um bom sinal. —Eu... Eu acho que prefiro ir lá atrás. —Apontei para onde Ivi acabara de se acomodar.

—Mas você precisa me guiar —Ben argumentou.

—Eu não estou muito bem. Preciso... Realmente preciso ficar lá atrás.

—Eu troco com você! —Ivi se ofereceu. —Nós temos GPS! —Avisou ela, esfregando a tela de seu celular no nariz de Ben antes que ele dissesse qualquer coisa. — Não estamos nos anos setenta, ao contrário do seu guarda-roupas.

Pulei para o banco de trás e abri a janela. Estava

PERIGOSAS ACHERON

um pouco mais fácil respirar agora que eu podia fechar os olhos e não ver mais nada. A minha cabeça começara a latejar e eu entrei em pânico. Não! Eu não podia morrer agora. Eu tinha que me manter no controle, antes que algo fizesse aquele maldito aneurisma explodir.

—Ja- James —sussurrei para que ele chegasse mais perto. —Pode me emprestar seus fones de ouvido?

—Você está passando mal? Liz, você quer parar em algum lugar? —ele perguntou e o carro parou abruptamente.

—Não. Eu só estou ansiosa. Só preciso... Só preciso dos fones de ouvido.

—Certo. —Ele me entregou seu celular e seus fones, e eu os coloquei imediatamente. Por sorte ele estava ouvindo uma seleção de músicas em *ukelele*, o que surtiu o efeito que eu esperava pelos próximos quarenta minutos. Quando percebi, Ben estava me carregando para fora do carro.

—O que está fazendo? —Desci, confusa, ainda
PERIGOSAS ACHERON

amparada por ele.

—Não quis te acordar. Você realmente está com uma cara péssima! Lissie, você não comeu aquelas tortinhas no avião, não é? —ele me repreendeu.

Eu concordei em comer um grande e fundo prato de arroz, com feijão e carne seca que minha avó fizera para nos esperar, antes de ir com Ben para o meu antigo quarto.

—Você não avisou que estava casada, Liz. Então... Arrumei o seu quarto antigo. Mas se quiser, pode ficar no meu quarto e do seu avô.

—Não precisa, vó — eu murmurei, observando o meu antigo mural de fotos completamente vazio.

—Mas é sua lua de mel, não é? Vocês precisam ficar mais à vontade. —Ela desviou o olhar e suas pequenas bochechas coraram.

—A gente se vira por aqui, vó. Estamos bem. —Tranquilei-a e lhe dei um abraço.

—Eu senti muito a sua falta. Você podia ter ligado algumas vezes pra dizer que estava viva. Clarice nunca disse nada, não é?

—Eu pedia para ela não dizer — admiti, envergonhada. —Eu sinto muito por isso.

—Cheguei a pensar que você não gostasse mais da gente.

—É claro que eu amo vocês, vó! Eu só... É difícil estar aqui. —Eu dei uma boa olhada em volta, observando os rastros que deixara para trás e tendo um pensamento estranho, como se todas aquelas coisas tivessem pertencido à outra pessoa e não simplesmente à minha versão mais jovem.

O dia seguinte pareceu mais fácil. Pelo menos até o café da manhã, quando minha mãe e minha irmã Bia se juntaram à nós na pequena cozinha da minha avó.

—Eu nunca vi essa casa tão cheia! —Minha avó comemorou, trazendo mais um banco de

PERIGOSAS ACHERON

madeira para espremer mais pessoas no curto espaço em volta da mesa. —Eu sabia que quando Lissie voltasse *ia trazer* uma caravana com ela, que *ia ser* um *auê*! —ela disse, me abraçando e beijando o alto da minha cabeça.

—Eu senti tanta falta de ouvir o nosso sotaque, de comer as nossas comidas, desse calor! —Clarice fechou os olhos com uma expressão de total prazer e percebi que eu também me sentia assim. Era como estar de volta ao lar e, de repente, todos os antigos problemas pareciam distantes demais. Apesar de um deles estar sentado do outro lado da mesa, ao lado do pai de Clarice.

—*Oxe!* Agora elas agem como se fossem do estrangeiro —Bia zombou, passando manteiga em um pão, como se tivesse feito uma piada inocente.

—Eu não disse isso, Bia! —Clarice protestou.

—Tá bom. —A minha irmã mordeu um pedaço de pão e ficou mastigando lentamente.

—Eu acho que vou dar uma volta na cidade hoje. Quero rever umas pessoas. Você vem, Lissie?

PERIGOSAS ACHERON

—Clar me perguntou, para mudar o assunto.

—Não acho boa ideia.

—Quando resolver sair por aí, me avisa que eu não quero perder, não — Bia comentou, novamente com ironia. — Tem muita gente esperando sua volta.

—Cala a boca, Bia. —Minha mãe ordenou, num tom de voz que nem eu ousaria contestar.

—Eu acho que já terminei. — Peguei meu prato e me levantei. A pia estava cheia e eu me senti aliviada por ter algo para fazer até que todos, principalmente a Bia, sumissem. Para meu azar, minha mãe apareceu com o restante da louça e um pano de prato para me ajudar na limpeza.

É claro que eu ainda sentia raiva dela e claro que eu demoraria anos para curar a mágoa que sentia, mas me lembrei do motivo de estar ali e do quanto seria ruim se eu morresse sem nunca ter tido uma conversa agradável com ela.

Passei os pratos para ela, tentando encontrar um

PERIGOSAS ACHERON

assunto que fosse leve. Pensei em contar sobre meu casamento, sobre alguma característica engraçada de Ben, pensei em contar sobre as duas vezes que tive que me esconder da imigração, mas nada parecia bom o bastante para começarmos.

Depois que terminamos ela me ofereceu uma tangerina e nos sentamos à mesa, abafadas pelo murmurinho da conversa na sala.

—A Bia está grávida, você sabia? — ela disse e percebi que ela também estivera se esforçando para encontrar algum assunto. —Por isso está mais intransigente que de costume! Você precisava ver como o marido dela saiu daqui. Ele é do exército, sabe?

—Ah, ela se casou — observei.

—Sim. Eu gosto muito dele — ela sorriu e eu lutei contra o desconforto que me causava vê-la feliz.

—E você... Com Chico.

—É. Eu acabei de me aposentar e estou morando com ele agora — ela disse, e começou a

PERIGOSAS ACHERON

mastigar um gomo de tangerina. — Nós começamos a trabalhar em uma empresa de turismo semana passada. Tem dado certo.

—Você voltou para cá? Quero dizer, não vai mais embora do país?

—Por que a surpresa?

—Achei que você estava acostumada com, sabe, uma vida cheia de luxos e essas coisas.

—Era assim que você me imaginava? Em uma mansão ou em um castelo? —ela perguntou sorrindo, mas não com sarcasmo ou ironia.

—Às vezes. —Descasquei outra tangerina, tirei um gomo, e lhe ofereci. —E, às vezes, imaginava que o meu pai era totalmente o oposto e por isso você não quis ele.

—Você acha que eu não quis o seu pai?

—É. E que ele morreu de tristeza. O que foi? —perguntei em reação à sua risada contida. —Eu era criança! Fantasiava essas coisas. Ninguém me dizia

PERIGOSAS ACHERON

nada, então eu tinha que preencher essas lacunas.

—Eu não estou rindo de você, só estou rindo da sua ingenuidade.

—Eu era criança, já disse! —repeti, para me defender. —Ah, esquece.

—Não quer saber o que realmente aconteceu?

—Tanto faz —dei de ombros.

—Ele era político, o seu pai. Um desses bem desonestos, infelizmente — ela começou a contar, juntando sementes da fruta sobre a mesa. —Ele me prometeu muitas coisas e, você sabe, eu sempre quis ser bailarina profissional, mas não tinha dinheiro pra nada. Só ia às aulas porque era de graça. Claro que eu também me apaixonei por ele, não é? Ele mentia muito bem. Sempre vinha aqui no carnaval e me levava pra passear de lancha, me pagava bebidas, comida, roupas, dizia que estava arrumando as coisas para me levar com ele, me enchia de sonhos. Ele me levava para ver as mansões em Trancoso e dizia que a nossa casa seria daquele jeito e que eu nunca mais teria que

PERIGOSAS ACHERON

trabalhar, que eu teria uma empregada pra cada coisa: Uma pra me vestir, outra pra cuidar dos meus cabelos, outra pra levar comida na minha cama... Ele me chamava de “minha índia” e ficava cantando aquela música chata... — Ela contou tudo isso sem me olhar nenhuma vez. Parecia ter vergonha da própria ingenuidade, e parecia sentir-se culpada por acreditar em tudo.

— “Índia seus cabelos nos ombros caídos, negros como a noite que não tem luar...” — cantarolei e nós duas sorrimos, timidamente, antes de voltarmos a atenção para as tangerinas.

— Eu era menina. Achava aquilo tudo um sonho. Achava que ia virar rainha, sabe, que nem aqueles contos de fadas. Aí acabou o carnaval e ele voltou pra Brasília. Sumiu. Eu só esperava, mas nada nunca acontecia. Então, eu comecei a ensinar balé na escola, para o tempo passar mais rápido, sabe? — Ela tentava contar a história como se tivesse acontecido com outra pessoa, do mesmo jeito que eu fazia, com um ensaio de sorriso no rosto. — Aí, veio a Bia e ele veio visitar ela. Trouxe umas roupinhas e disse que da próxima vez

levava nós duas pra longe daqui. Mandava um dinheirinho de vez em quando, mas era só pra me calar mesmo. Eu é que achava que ele era responsável, honesto. Depois saiu um escândalo no jornal, falaram que ele tinha roubado. Você sabe como são essas coisas... Ele fugiu pra cá por um tempo e aí veio você. Mas ele só estava esperando a poeira baixar mesmo. Foi embora e nunca mais voltou.

—Ele sumiu por que você ficou grávida?

—Ele sumiu porque ficou sério, Liz. Ele não podia mais mentir e me fazer esperar. E, obviamente, ele nunca teve a intenção de realmente ficar comigo.

—Por que você não foi atrás dele?

—Eu tentei — respondeu ela, sem olhar pra mim.

—E o que aconteceu?

—Ele me ameaçou. Ele tinha família lá em Brasília — ela deu de ombros. — É assim há mais

PERIGOSAS ACHERON

de quinhentos anos, não é? — Ela sorriu, ironicamente. — O homem branco chega, pega tudo o que você tem de melhor e vai embora. Quem tem mansão, quem tem empregada é elas... — ela apontou para a sala, na direção de Ivi. — As brancas. Eu fiquei com medo de ele me matar, de fazer algo de ruim pra gente. A gente ainda morava na aldeia nessa época.

— Nós moramos na aldeia? — perguntei, espantada.

— Foi só por uns dois anos. Seu avô tinha perdido o emprego e tivemos que morar com a mãe dele, sua bisavó.

— E... O meu pai... Ele ainda está lá? — acenei com a cabeça para algum lugar além da janela. — Ainda está no senado?

— Sim. Ele ainda está lá, fazendo o que faz de melhor: mentir.

— Eu gostaria que vocês tivessem me contado essa história antes. Eu nem imaginava que tivesse morado um tempo na aldeia com seus avós. Quero

PERIGOSAS ACHERON

dizer, nunca nem conheci seus tios. O vovô brigou com eles e a gente nunca pôde visitar ninguém. Eu lembro de alguns meninos me olhando torto na escola indígena, mas achava que era porque eu gostava de meninas.

— Essa briga é muito antiga, Liz, nem vale a pena pensar nisso. Agora, quanto ao seu pai, eu não queria antes e ainda não quero que você ou a Bia vão atrás dele. Eu ainda tenho medo e, você sabe como é a justiça nesse país. Então, sem ideias mirabolantes, ok?

— Eu sei — olhei para a sala por um momento e meus olhos encontraram os de James. Ele os desviou mais rápido que eu. — Eu não vou atrás dele. Não preciso de um idiota desses na minha vida.

— Que alívio — ela suspirou e sorriu. — Achei que você ia mesmo perguntar quem é.

— Não quero saber.

— Alissie, eu gostaria que você entendesse o quanto foi difícil deixar vocês. — Ela arrastou a
PERIGOSAS ACHERON

cadeira para mais perto de mim e pegou minhas mãos entre as suas. —Eu precisava. É muito difícil ser mãe porque, às vezes, significa ter que se anular, e nunca estive pronta para fazer isso. Quero dizer, não deveria ser assim. Para o seu pai foi tão fácil sumir, não é? Ninguém nunca obriga os pais a ficarem, mas as mães, se forem embora... —Ela não terminou de dizer. Talvez por ficar subentendido o que acontecia com mães que deixavam seus filhos para trás para viver seus sonhos. Eu mesma a acusara disso inúmeras vezes. Ela, agora, fitava minhas mãos entre as dela e acariciava meus dedos, como se pudesse se redimir pelo tempo que esteve ausente, sem necessariamente se arrepender por escolher a si mesma. — Quando eu recebi o convite pra ir embora, —continuou ela— era como se a felicidade passasse uma vez só e eu não podia perde-la. Você entende, não entende?

Pela primeira vez na vida eu estava olhando nos olhos dela e realmente tentando entender, mas não conseguia. Eu entendia a parte que ela precisou sustentar e cuidar da família, mas não tinha a menor noção do que ela dizia quanto à felicidade passar. Eu nunca tivera essa sensação. Nunca

existira algo que eu gostasse tanto assim de fazer. Era como se eu fosse vazia, como se não houvesse um norte que me guiasse e por isso eu estava, ainda, andando em círculos.

—Se eu te contar um segredo, você promete não contar para ninguém? —Perguntei, apertando as mãos dela com força e percebendo que o nosso tom de pele era exatamente o mesmo, algo que nunca chegara a reparar.

—Claro. —Ela assegurou, preocupada.

—Mesmo que seja uma coisa muito ruim, se eu te pedir você não conta nem para o Chico, ou pra vó?

Ela soltou minhas mãos, cruzou os dedos indicadores nos lábios e os beijou, em sinal de promessa, como eu fazia com a Clarice na escola.

Foi estranho, mas aquele gesto dela funcionou como um divisor de águas. Eu comecei a vê-la de forma diferente a partir dali. Comecei a imaginar

PERIGOSAS ACHERON

uma versão mais jovem dela, com sua pele bronzeada, seus cabelos negros e lisos como os meus, mas tão mais brilhantes e bonitos que nem existia comparação. Comecei a imaginá-la sorridente e divertida, contando segredos para amigas como Clarice.

—Mãe, eu vou morrer — sussurrei, apertando novamente suas mãos.

—Não entendi. —Suas sobrancelhas se uniram ainda mais.

— Eu tenho um aneurisma e ele está crescendo muito rápido. Então, eu posso morrer a qualquer momento. —Cochichei para ela a última frase, me certificando de que todos ainda estavam na sala. Como ela não disse nada, eu continuei:

—E estive pensando sobre o que você disse outro dia. Sobre ter um sonho. Eu vou morrer e não tenho ideia do que estou fazendo. Sabe, eu queria dizer que te entendo, mas eu não entendo. Não sei do que você está falando.

—Espera, Liz. Mas... Você está exagerando,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não é? — ela começara a chorar e isso era um pouco assustador. —Não é como se você fosse morrer amanhã.

—Não. Pode acontecer hoje, na verdade.

—E... E não há nada que a gente possa fazer? Eu tenho alguns amigos na Espanha que podem...

—Eu estou sendo bem cuidada em Los Angeles, mãe. Mas, obrigada.

Ela me puxou para um abraço que fiquei sem jeito de receber. Eu não sabia o que fazer para consolá-la além de retribuir o abraço, timidamente. Queria saber algumas palavras de conforto, mas eu mesma não sabia mais me confortar. Tudo o que eu sabia era o que herdara de minha mãe: Fingir que estava acontecendo com outra pessoa e seguir em frente.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 10

Minha mãe e eu fizemos um combinado sobre nossos segredos e isso parecia essencial para um recomeço, como uma aliança entre mãe e filha, o que me fazia sentir parte de algo especial, algo como uma família de verdade.

Ela se levantou, após o nosso abraço, e disse coisas religiosas sobre fé e cura. Não faziam sentido para mim, já que eu não compartilhava de suas crenças, mas me senti agradecida por ela tentar me confortar. Depois ela saiu para a sala e convidou todos para um almoço na casa do pai de Clarice — que agora ele dividia com a minha mãe e eu não conseguia dimensionar o quanto isso soava estranho para mim.

Pouco antes das onze, eu já estava na cozinha onde comi pipoca doce inúmeras vezes, contabilizando com Clar a quantidade de bocas que havíamos beijado no carnaval de Porto Seguro. É claro que nunca podíamos ter essa conversa quando

PERIGOSAS NACIONAIS

Chico estava presente, mas ele raramente esteve em casa durante a adolescência da filha. Costumávamos considera-la uma adulta precoce e dávamos muitas festas em sua casa. Na realidade, ela era tão adolescente quanto todos da turma e acabava ficando de castigo mais vezes do que podia contar. Um desses castigos foi o que salvou a sua vida anos atrás, e eu era grata ao Chico por isso.

O almoço não foi tão desagradável quanto eu esperava, já que a Bia resolveu não nos dar a graça de sua presença. Almoçamos na varanda, ao redor da enorme mesa de madeira que agora ficava no lugar da mesa de bilhar, onde eu sempre perdia para o nosso amigo John Lennon (que detestava esse nome porque achava rock uma *breguice* e era fã de Chiclete com banana).

A casa, com suas janelas azuis de madeira, aquela cerca e o portão da mesma cor, o quintal de terra vermelha em volta como se fosse uma casa de roça, as franjas empoeiradas das redes. Tudo naquela casa me trazia lembranças doces e eu

PERIGOSAS ACHERON

sorria, vez ou outra, ao lembrar de alguma das nossas farras, de alguns dos nossos amigos. A minha adolescência agora parecia fazer parte de uma outra vida. Ainda era estranho não conhecer mais ninguém naquela cidade, e isso tudo me deixava triste. Não mais do que eu havia esperado, é claro, mas ainda assim ela estava lá, a tristeza.

Logo depois do almoço, Ben e Jerry foram às compras com minha mãe, sobrando para mim a companhia de James ou a de Ivi e Clarice, no antigo quarto da minha amiga, assistindo à um anime estranho que contava o romance de um extraterrestre com uma humana.

—Vocês já pararam para pensar uma coisa sobre esse *mangá*? —eu observei, roubando uma pipoca do balde de Ivi.

—Anime, Liz. Isso é um anime. — corrigiu-me, Clarice.

—Esse cara veio de um planeta há cem anos luz daqui, certo? — perguntei, para que elas

PERIGOSAS ACHERON

acompanhassem meu raciocínio.

—Certo. —Ivi respondeu, sem tirar os olhos da TV.

—Então ele é um século mais velho que ela, certo?

—É por aí.

—E isso não é meio nojento? Tipo, sei lá, ele é um idoso, praticamente!

—A Lissie não gosta de histórias fantásticas — Clarice explicou.

—Eu gosto sim! —defendi-me.

—Não gosta não. Você disse a mesma coisa sobre Crepúsculo.

—Eu nunca disse que não gosto do filme, ou desse anime aí — protestei. —Eu gosto! Só não concordo com algumas coisas.

—Não é para concordar, Liz, é para curtir —Ivi

disse, apoiada, fervorosamente, por Clar.

—Mas estou curtindo! Eu só... Não vejo muita graça nesse cara. Qual é, um extraterrestre com todos esses músculos exagerados? Daqui a pouco vocês vão dizer que ele tem algum poder especial, tipo uma super força e visão de raio-x.

—Lissie, por favor, vá pegar um *refri* pra gente, e volta daqui umas duas horas.

—Ok, entendi o recado! Eu sei quando não sou bem-vinda! —dei de ombros e saí para a varanda.

Andei um pouco sem rumo pela casa, até perceber que o carro alugado estava na rua, com o capô aberto, e James tentava ler um livro sob o sol escaldante.

—Algo errado? —perguntei, quando me aproximei.

—É. Eu estou tentando entender o manual — ele respondeu, sem tirar seus olhos apertados do

livro.

—Está em português?

—Também. Tem uma parte em inglês, mas acho que não sei o suficiente de mecânica. Tem umas peças aqui que não conheço.

—A gente podia levar em algum mecânico por aqui.

—Não. Eu acho que consigo. É só um problema no radiador... acho. —Ele coçou a cabeça, antes de fechar o livro e voltar para a frente do carro. —E, então? Cansou do anime? —James perguntou.

—Não. Elas me expulsaram da sala — expliquei. —Parece que insultei o desenho e o filme favorito delas ao mesmo tempo.

—Ivi é fã número um daquele anime. Se eu fosse você não falava nada sobre isso.

—Eu sei, a Clar também é. —Disse, enquanto me sentava na calçada, em um pequeno pedaço de sombra, resignada a ficar por ali, conversando com

PERIGOSAS ACHERON

James. Não havia nada demais, afinal. O gelo fora quebrado e aquele lance do nome nem tinha mais importância para mim. A verdade é que James era aquele tipo de pessoa de quem não dava para guardar mágoas por muito tempo.

—Já percebeu uma coisa assustadora sobre esse filme? —ele perguntou, limpando um pouco a graxa em suas mãos com um jornal. —O cara tem mais de cem anos e a menina tem, tipo, uns dezoito.

—Foi o que eu disse! —Estalei os dedos. Ele sorriu, se divertindo com esse pensamento. —Sabe, eu queria ser imortal como aquele extraterrestre *bombadão*. —Refleti, me lembrando que eu não tinha a mesma sorte que aquele personagem.

—Que coisa horrível para se desejar. —Ele franziu o cenho e vasculhou a caixa de ferramentas, à procura de alguma coisa.

—Qual é? Você não gostaria de ser imortal?

—Não — respondeu, sinceramente. —Não que eu não goste da vida. Eu gosto. Mas, sabe, é a ordem das coisas. —Deu de ombros. —Tudo o que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

é vivo deve morrer. Faz parte de um ciclo. Até o sol vai morrer um dia, e a Terra, conseqüentemente.

—E o Nobel de filosofia vai para... —Peguei uma chave inglesa da caixa de ferramentas e entreguei a ele.

—Eu sei, eu sei... Pode zoar —ele riu, pegando a chave. —Eu acho que só estou um pouco empolgado com meu livro.

—Está escrevendo um livro?

—Estou. Há alguns anos. Mas nunca acho que está bom o suficiente para publicar.

—Pode me contar sobre o que é? —Pedi, recebendo a chave inglesa de volta.

—Ham... São contos, na verdade. O mais importante deles é sobre um homem que entra em uma mina antiga e se perde. Quando ele consegue sair de lá, o mundo acabou. Quero dizer, as pessoas, os animais. Tudo sumiu. Não existe nada além de plantas, concreto, carros e tralhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Ele assalta algumas casas e supermercados para conseguir comida e viaja o continente todo em carros que encontra pelas ruas. Tudo o que existe no mundo pertence a ele agora e ele fica em êxtase por isso. Ele pode ter o que quiser, pode dormir na casa em que preferir, vestir qualquer roupa, andar em carros luxuosos, nadar em piscinas enormes e entrar em lugares privativos que ninguém nunca teria acesso, a não ser que tivesse um emprego importante. Ele também pode andar tranquilamente pois não existe perigo. Não existem predadores ou assassinos. É só ele. ”

James fechou o capô do carro e veio se sentar ao meu lado, ainda limpando as mãos com outro pedaço de jornal. Estava tão empolgado, que não percebeu a nossa proximidade e o quanto isso era um pouco estranho. Talvez só eu sentisse aquele constrangimento e, enquanto eu ouvia ele contar sobre seu livro, alguma parte da minha mente perguntou o porquê.

—Até que ele decide pegar todo o dinheiro de um banco e se dá conta, —continuou ele, —de que não há mais ninguém para vender. O dinheiro é inútil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não existe mais economia ou nenhum sistema de trocas. Na verdade, tudo o que ele tem não serve para nada. Ele tem o mundo todo de riquezas, propriedades, bens, toneladas de moedas de todos os países que existiram, mas nada mais faz sentido. Tudo é lixo, sem valor nenhum.”

“Nesse ponto ele percebe que nada do que desejou a vida toda realmente é importante. Ele está sozinho, em silêncio, sem pássaros, sem cachorros latindo, sem motores, sem conversas, sem nada. Não há ninguém com quem ele possa dividir ou compartilhar mais nada. É o último homem da terra. ”

—E acho que te contei a história toda, o que é bastante desagradável. Desculpe — ele riu, sem graça, e desviou o olhar quando percebeu que eu o encarava despidoradamente.

—Eu... Eu adorei a história! —disse, obrigando-me a olhar para algum ponto aleatório na rua. Não estava acreditando que tivera a coragem de encará-lo com esse deslumbramento todo. — Mas...Eu estava vendo uma série outro dia na

PERIGOSAS ACHERON

internet e... — Mordi os lábios, sem graça, em uma expressão de desculpas, enquanto mostrava à ele os resultados da pesquisa que acabara de fazer no celular.

—Você tá brincando, não é? — Ele pegou o celular, boquiaberto. —Já existe uma história assim.

—Sim. Até o título é: O último homem da Terra.

—Eu não acredito. Que droga! — Ele embolou o jornal e jogou no chão com raiva, mas depois começou a gargalhar e me devolveu o celular.

—Eu sinto muito.

—Não, tudo bem. Eu fui meio ingênuo de não procurar se já havia algo do tipo. Na verdade, talvez eu tenha ouvido falar da série, mas isso foi direto para meu inconsciente e aí eu achei que fosse uma ideia original.

—Sério, eu achei a ideia incrível. Essa série é tipo uma comédia e seu conto tem uma vertente

PERIGOSAS ACHERON

diferente.

—Mas não é original — completou ele, sorrindo para esconder a frustração. — Relaxa, Liz. Isso acontece o tempo todo com escritores. Eu dei azar.

—Mesmo assim, ainda quero ler. Posso? — peguei uma pedrinha e comecei a rabiscar o chão.

—Claro! É justo, já que foi você quem me deu a ideia.

—Eu? —Voltei a olhar para ele, um pouco atônita.

—É. Uma conversa que tivemos uma vez, naquele carro alugado, procurando por flores.

Não. Aquilo não podia estar acontecendo. Eu não queria mesmo que retornássemos àquelas lembranças, porque não era, de jeito nenhum, uma boa ideia.

—A-acho que não lembro — eu menti, tentando encontrar uma forma de mudar de assunto.

—*The tallest man on earth* — ele disse, para refrescar a minha memória, mas isso foi como um balde de água gelada bem no meu estômago e, de repente, parecia que eu tinha engolido aquelas borboletas. —Você disse que teria menos barulho se todas as pessoas sumissem.

—Eu... Não. Eu não disse isso! —Usei um pouco de deboche na voz, como se quisesse diminuir a real importância daquela lembrança, para que ele não prosseguisse.

—Você não se lembra? —eu acenei que não, tentando parecer verdadeira.

Mas eu lembrava. Eu lembrava de cada detalhe daquele dia, porque era um daqueles momentos que você tem vontade de guardar em uma caixinha, ou jogar na *penseira* do *Dumbledore*, só para visitar aquele lugar quantas vezes forem necessárias, até que você não se sinta mais tão miserável por nunca

PERIGOSAS ACHERON

mais ter a chance de viver algo parecido.

Eu lembrava das flores e das borboletas e daquele ar tão inglês que acentuou a frase que ele disse: “O barulho na mente não vem do lado de fora.”

Mas a vida não é um livro de *J.K. Rowling* e, se fosse, nenhuma magia seria páreo para meu azar.

capítulo 11

Evitei James pelos próximos dois dias. Não que eu não gostasse de sua companhia, de suas filosofias ou do seu sotaque inglês. O problema é que eu não sabia lidar com aquela situação de outra forma, que não fosse me afastando dele.

Também havia o fato de que eu estava em lua de mel e deveria passar algum tempo com meu marido, então aproveitei para propor dois dias em Porto Seguro, longe de todos, e Ben achou o máximo. Pegamos o carro alugado e, dessa vez, não foi tão difícil pegar a estrada quanto no dia em que chegamos. Tagarelei sobre qualquer coisa durante o caminho, só para me distrair, e evitei olhar para uma das pistas onde, pouco depois do meio fio, as cruzes brancas lembravam que o meu nome quase estivera ali entre os outros seis.

Nós caminhamos à beira da praia, onde eu

PERIGOSAS NACIONAIS

contei aventuras da minha infância, quando acompanhava meu avô em suas tentativas de vender os peixes que pescava. Ben experimentou vários tipos de comidas típicas e algumas bebidas diferentes, que o deixaram alegre até demais. Dançamos em um dos bares mais badalados em Coroa Vermelha, compramos artesanatos na feira e bebemos água de coco.

No outro dia resolvemos viajar mais e enfrentamos uma estrada cheia de buracos até Arraial D'ajuda e finalizamos o dia em Trancoso, admirando de longe as mansões dos famosos.

Porém, o dia todo eu não tive um minuto de sossego, por mais que tentasse me distrair. A minha mente não deu trégua e a imagem de Dani me perseguia, como se ela ainda estivesse ali, viva, me olhando com seus olhos pretos de jabuticaba, os seus cabelos cheios, emaranhados e despenteados, como ela gostava de manter. Era como se, enquanto eu andava à beira da praia de mãos dadas com Ben, um mundo paralelo acontecesse bem ao meu lado, onde ela sorria, correndo para a praia, procurando conchas diferentes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu a vi em todos os lugares, de Coroa Vermelha à Praia do Espelho, em cada canto que um dia visitamos juntas, naqueles dias quentes, quando matávamos aula só para nos distanciarmos um pouco das nossas vidas chatas. É claro que havia o preconceito. Sempre houve. Claro que as pessoas nos apontavam nas ruas e alguns homens faziam comentários nojentos. Mas ela tinha um jeito alegre de lidar com a vida, apesar de tudo. Longe de sua família, que a oprimia em todos os níveis possíveis, ela era somente ela mesma: espontânea, engraçada, cheia dos risos mais barulhentos e com o coração transbordante de compaixão e empatia. Com ela, aprendi tudo o que sabia sobre tolerância, sobre respeito, sobre o amor. Foi ela que, aos poucos, me ensinou que eu poderia ser quem eu quisesse, quem eu realmente era, e que Deus, ou qualquer outra força criadora, jamais questionaria isso.

Depois de Dani, e antes de Henry Moritz, eu havia inventado um jeito de bloquear qualquer sentimento que se aproximasse do que eu senti por ela. Eu não sabia mais como lidar com o amor, porque eu não sabia lidar com outra perda. Eu não

PERIGOSAS ACHERON

sobreviveria se, mais uma vez, amasse alguém tanto e tão profundamente, só para acordar e me deparar com a realidade mais cruel: eu nunca mais a veria de novo. E nunca mais era muito tempo.

Infelizmente, e talvez por consequência desses pensamentos, eu acordei, na manhã seguinte, com uma dor de cabeça terrível que me dava náuseas e tonteira, além de uma enorme e incômoda intolerância à claridade. Eu culpei o calor, para que Ben não desconfiasse, e voltamos para a casa dos meus avós pouco antes do almoço.

Bia foi a pessoa designada para me ajudar com os travesseiros, no escuro, para que eu pudesse descansar, enquanto minha avó preparava seus chás milagrosos contra enxaqueca.

—A vó tá dizendo que você tá grávida. —Ela bufou, com deboche. —Mal sabe ela que nenhum bisneto vai sair de você — comentou, ajeitando os travesseiros com rispidez.

—E vai continuar sem saber — avisei, ameaçadora. —É melhor assim.

—Mas até que não é ruim você não ser mãe, sabia? Você não seria boa para criança nenhuma.

—Bia, será que dá para termos essa conversa depois? Tipo, nunca? —pedi, apertando a compressa de água quente na minha têmpora.

—Sabe, eu nunca entendi o seu ódio pela mãe. Como se você fosse diferente dela, como se você nunca fosse fazer o mesmo. E aqui está você, oito anos depois de sumir sem dar notícias, como se nada tivesse acontecido. —Ela disparou.

—Bia...

—Jesus já perdoou a mãe, Alissie. Pelo menos ela nunca matou ninguém.

Aquilo me atingiu com a força que ela pretendia. A minha cabeça parecia prestes a explodir agora, e, no meu caso, isso realmente poderia acontecer.

—Eu não estou bem, Bia. Eu estou muito mal,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na verdade. Você pode, por favor... —Ela não deixou que eu terminasse.

—Sabe de uma coisa, o senhor me revelou — disse, estapeando um travesseiro. —Você ficou viva pra pagar por ter se aliado com o diabo. E mesmo assim você não aprende a lição. —Ela trocava as fronhas dos travesseiros com muito mais raiva, agora. —Você continua trazendo esse *sodomismo* pra dentro da nossa casa, pra nossa família.

—Bia! — avisei, entredentes.

—Você acha que eu não percebi? Aquele menino e aquela Ivi...

—Aquele menino tem o caráter muito melhor do que muita gente que frequenta a igreja com você, —aumentei a voz o suficiente para abafar a dela. —e eu não vou aceitar que você fale qualquer coisa sobre ele, ou sobre a Ivi... Muito menos sobre a Dani. Ela era a melhor pessoa desse mundo e se você disser aquelas coisas sobre ela outra vez, eu juro que vou ser tão intolerante com você quanto

PERIGOSAS ACHERON

você é com os outros! Eu posso ter muitos pecados, Bia, mas nenhum deles tem a ver com a minha sexualidade. Você não me amedronta mais com essas frases prontas de gente fanática. Eu amo quem eu quiser e eu exijo que você me respeite e respeite meus amigos.

—Você não está em posição de exigir nada! Você sumiu por todos esses anos e agora volta, com o rabo entre as pernas, ainda por cima exigindo que eu aceite o diabo dentro da minha casa?

—Sabe onde o diabo existe, Bia? No seu coração. Se é que gente como você tem um. — Joguei a compressa em algum canto, peguei minha bolsa, e saí.

A minha cabeça não melhorou, mesmo depois de todos os analgésicos e de me refugiar na casa de Chico. Eu queria ir embora, para o mais longe possível, voltar para casa, de onde nunca devia ter saído. Achava a ideia daquela viagem ainda mais estúpida agora, apesar de ter me reconciliado com minha mãe. Ela, inclusive, não saiu do meu lado até

que eu dormisse, depois de me fazer beber uma quantidade inumerável de chás calmantes feitos pela minha avó.

Acordei melhor, depois de algumas horas, e ela ainda estava lá, ao meu lado na cama, a tela do seu celular iluminando seu rosto concentrado. A minha dor sumira, e então eu soube, com alívio, que não havia morrido. Não ainda.

—Quanto tempo eu dormi? —perguntei, me sentando na cama.

—Umas três ou quatro horas. —ela respondeu, ainda teclando no celular.

—*Tá* tudo tão quieto! Onde está Ben e os outros?

—Ben e James foram buscar as malas na casa da sua avó. A Bia passou dos limites dessa vez! —Ela murmurou, nervosa, e olhou para mim. —Não que já não tenha passado antes, não é?

—Tudo bem. Eu não me importo com ela. Eu só fiquei preocupada com James e Ivi.

—Eu sei. Mas ela não vai mais chegar perto de vocês, eu prometo. Vou cuidar dela pessoalmente.

—Obrigada — sorri timidamente, um pouco sem saber o que fazer com o cuidado dela para comigo e para com meus amigos. Meus novos amigos. Não pude evitar o pensamento de que, se ela estivesse presente há nove anos, talvez tivesse conseguido salvar os antigos, me deixando de castigo como Chico fizera com Clarice.

—Você sabe que nem todos os religiosos pensam como a Bia, não sabe? Você sabe que eu não penso, não é? Nem os seus avós.

—Eu sei, mãe. A Bia é só mais uma idiota.

—A sua avó me contou sobre a Dani. Disse que era um amor de menina e...

—Mãe, eu prefiro não falar sobre isso agora. Por favor.

—Desculpe. —Ela pediu e abriu os braços para que eu me aninhasse. Eu fiquei meio sem saber se devia, já que nunca tivemos esse tipo de afeto entre

PERIGOSAS ACHERON

nós duas. Ainda era estranho, mas eu aceitei e foi reconfortante. —Eu nunca pude dizer o quanto sentia muito por tudo o que aconteceu. —Continuou ela. —Mas fico muito feliz por poder dizer hoje que tenho muito orgulho da pessoa que você se tornou.

—Obrigada, mãe, mas a verdade é que não há nada para se orgulhar. Eu não fiz nada até hoje e continuo não fazendo. Eu nem mesmo tenho um sonho para seguir, como você teve. E eu tenho muito menos tempo do que você, essa é a verdade.

—Liz, a vida não é garantida. Eu não sabia quanto tempo tinha naquela época. Ninguém sabe, na verdade. Todo mundo acha que tem muito tempo, mas a verdade é que não tem como saber. —Ela fez uma pausa para dar um beijo no alto da minha cabeça. —E foi exatamente por isso que aceitei o emprego na Europa.

—Eu sei, e é por isso que estou tão desesperada para fazer algo logo. Se eu morrer amanhã, o que eu vou ter deixado? Eu não quero chegar lá, do outro lado, e dizer para a Dani que não realizei nem

metade dos nossos planos. Eu sei que ela esperava isso de mim. —Minha garganta ardeu e eu percebi que estava levando a conversa para o caminho errado. Recuei, sabendo que não conseguiria lidar com aquele assunto. —A minha vida parece tão incerta, tão em branco.

—Talvez você não tenha se encontrado ainda, porque não procurou. Você só precisa tentar. Converse com as pessoas, tente se candidatar para empregos diferentes, faça cursos... Mexa-se! —Ela me sacolejou, com ternura, nos braços dela, e nós rimos. —O caminho é sobre dar um passo após o outro, Liz. Não é sobre chegar. A Clarice me contou que vocês tinham uma banda, quando moravam no sul. —Ela lembrou.

—É, mas era só por diversão. Eu não acho que canto bem. Além disso, nunca nem compus uma canção.

—Você já tentou compor?

—Na verdade, não.

—Devia tentar. —Ela me aconselhou. —Eu
PERIGOSAS ACHERON

tive um namorado que compunha músicas. —Ela sussurrou, como uma confidência. —Ele não cantava, só compunha para vender. E ele sempre dizia que, o segredo para compor uma canção, é pegar um sentimento e escrever sobre ele.

—Eu vou tentar essa técnica.—prometi. No mesmo instante ouvi o murmurinho de conversas lá fora, e resolvi sair para tomar um pouco de ar fresco.

Clarice estava na varanda, tirando *selfies* com Jerry e Ivi, fazendo caretas e rindo. Seus cabelos agora eram ruivos, alaranjados, e combinavam perfeitamente com ela.

—O que aconteceu? —Perguntei, espantada, começando a me questionar se ainda estava dormindo.

—Gostou? —ela sorriu, jogando sua franja de um lado para o outro.

—Eu adorei! Mas... O que deu em você?

PERIGOSAS NACIONAIS

—Você já se deu conta de que eu uso aquele tom platinado desde os quinze anos? Eu encontrei uma foto daquela época no meu computador antigo e fiquei assustada! Nunca mais mudei a cor ou o corte desde aquela época. Isso não combina em nada comigo!

—Eu também nunca mudei — observei, um pouco chateada. Esquecera, por um momento, dos meus planos de fazer coisas que nunca fizera, antes que chegasse a minha hora. Esquecera que podia acontecer a qualquer momento e era assustador perceber que podia ter acontecido há apenas algumas horas atrás. Eu precisava fazer algo a respeito e rápido.

Nesse momento, James chegou carregando as malas que buscara da casa da minha avó, seguido por ela e Ben.

Eu não pensei duas vezes. Era o que eu precisava fazer. Não queria morrer no minuto seguinte e passar o resto da eternidade — ou seja lá o que houvesse do outro lado — me arrependendo por não ter tido coragem o suficiente para isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantei-me de um salto e cambaleei, ainda zozona de sono, embaraçando as pernas nas rendas do meu vestido. Caminhei, decidida, na direção de James.

É claro que algumas pessoas não aprovariam. Claro que eu seria julgada. É claro que era uma decisão drástica, mas eu havia adiado por tempo demais. Naquele momento eu não tinha a menor dúvida de que devia fazer aquilo. Eu nunca tivera tanta certeza na vida.

Parei bem à sua frente, encarei seus olhos verdes e tímidos de sempre, estendi a mão para ele e disse:

—James, me dê as chaves do carro.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 12

As pessoas me olharam torto. Todas elas viravam o pescoço quando eu passei e cochicharam entre si. Eu sabia que haviam inúmeros motivos para que elas fofocassem, afinal de contas, eu sempre tinha sido motivo de fofoca naquela cidade. “Aquela é sapatão”, alguns diziam, enquanto outros simplesmente diziam que eu era uma safada — para não mencionar os outros nomes nada gentis —, porque não me decidia se gostava de meninos ou meninas. Outros, ainda, preferiam uma maior “solidariedade” e só cochichavam algo como: “Coitada, ela não tem culpa de ter nascido assim”.

Alguns anos mais tarde os cochichos tomaram proporções maiores e se transformaram em gritos, protestos e acusações. Por muitas vezes eu tive uma visão grotesca de filmes de terror, onde era caçada por um grupo de pessoas com tochas nas mãos, que me puxavam até o meio da cidade, e me

queimavam viva como fizeram com as bruxas.

Em outras circunstâncias até soaria engraçado pensar isso, mas não naquela época. Não quando eu cheguei a acreditar que merecia isso.

Mas agora eu tinha um motivo diferente para os cochichos e, por alguns segundos, ignorei todos os outros que existiam. Eu tinha um lindo e reluzente cabelo colorido, até o meio das costas, com cachos nas pontas e mechas de cores diversas espalhadas por todos os lados. Também tinha um *undercut* meio tímido acima da minha orelha esquerda, que realçava meus novos brincos de argola que eu comprara de uma mulher lá mesmo, no salão.

—Oh, meu Deus! —Clarice gritou, quando me viu, e veio correndo tocar no meu cabelo. —Você virou um unicórnio!

—Fiquei com inveja de você —dei de ombros. —Mas não se iluda. Ele só tá bonito assim porque acabei de sair do salão. Amanhã mesmo esse *babyliss* vai desaparecer —suspirei, triste.

—Eu disse pra você não fazer progressiva, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse? —ela falou, toda superior, dona da razão.

—Umas duas mil vezes e eu não ouvi.

—Você pode fazer uma transição capilar — sugeriu ela, arrumando as mechas do meu cabelo, como uma cabeleireira profissional. —As suas ondas vão voltar rapidinho.

—Uma mudança de cada vez, por favor. — pedi. —Essa já foi a coisa mais radical que fiz na vida e estou bem preocupada em como vou manter isso. Não tenho as suas habilidades com cabelos e essas coisas de blogueirinha.

—Ah, você vai aprender. —Ela passou um braço ao redor do meu pescoço. —Eu gravo tutoriais pra você, se quiser.

—Você vai fazer um canal no *youtube* só pra mim? Que prova de amor linda! —Pisquei os olhos algumas vezes e lhe dei um beijo no rosto.

—Na verdade eu e Ivi já estamos planejando um.

PERIGOSAS ACHERON

—Sabe de uma coisa? Eu acho que a amizade de vocês está indo longe demais.

—Eu acho que você está com ciúmes.

—Eu acho que sim —admiti.

—Relaxa, Liz. Você sabe que noventa por cento do meu coração sempre será seu, não sabe?

—Eu espero que sim.

De todas as reações à minha nova aparência, a de Ben foi a que mais me surpreendeu. Ele simplesmente odiou!

—Acho que você podia ter conversado comigo sobre isso — ele disse e foi como um balde de água fria.

—Sobre mudar a cor do meu cabelo? — perguntei, sem entender a lógica.

—É. —Sua expressão era quase perplexa, como

se aquela conversa fosse desnecessária por ser óbvia. Eu podia sentir os olhares da minha família e dos nossos amigos, nos observando em silêncio, constrangidos com a discussão.

—E por que eu deveria conversar com você?

—Nós somos casados! —ele argumentou, de novo com o tom de obviedade na voz.

—É, e isso deixou de significar posse há algum tempo, Ben. Não sei se você percebeu. —Ironizei, servindo um pouco de café em uma xícara.

—Até parece que você ia gostar se, de repente, eu resolvesse pintar meu cabelo de verde. —Argumentou ele.

—Acho que você não conhece muito sobre mim, afinal.

Eu achei que ele, mais do que qualquer outra pessoa, entenderia e respeitaria as minhas decisões. Eu até esperei por isso e acreditei que ele adoraria a

ideia. Não era só sobre mudar a minha aparência, era sobre ter autoconfiança e sobre fazer algo que nunca tivera coragem de fazer antes. Claro que ele não sabia meu real motivo, mas comecei a me perguntar se algo mudaria se ele soubesse. E se mudasse, seria sincero?

Sentei-me no banco de madeira, ao lado de uma envergonhada Clarice, e pela primeira vez me arrependi de ter me casado. A conversa que existira antes da minha chegada continuou sem problemas e, enquanto isso, eu me sentia mal e estúpida, por mais que soubesse o significado que aquela mudança radical tinha para mim.

Eu estivera tão feliz, há apenas alguns segundos atrás, por ter tido coragem e por finalmente fazer algo por mim mesma, sem ligar para o que os outros pensavam, e agora mal conseguia olhar para mim mesma sem acreditar que ele tinha razão.

Eu estava envergonhada por passar por isso na frente daquelas pessoas e chateada por aquela vizinha, lá no fundo, que dizia que Ben estava certo e que eu estava ridícula com aqueles cabelos

coloridos. A voz continuava sussurrando que eu havia sido, mais uma vez, inconsequente, irresponsável, imatura. Que nada do que eu fizesse daria um sentido para a droga do resto da minha vida.

Meus olhos encontraram os de Clarice e ela sorriu, sem graça. Foi então que percebi o que estava acontecendo, de onde vinham todos aqueles pensamentos. Lembrei de todas as vezes em que Clar esteve em uma situação como aquela, de todas as vezes que algum namorado dela criticou suas roupas, seus palavrões, seu tom de voz, as dobrinhas do seu corpo, suas estrias. Todas as vezes que perguntaram se ela usaria mesmo biquíni na praia, já que ela estava acima do peso e todas as vezes que a vi sentar ali, bem ao meu lado, encolhida como um caracol, para tentar desaparecer por concordar com o que diziam.

Foi aí que percebi o que ela vivia todos os dias e o quanto ela era forte por resistir, por abandonar todas as dietas malucas que os outros achavam que ela tinha de fazer, por conseguir usar toda a sua coleção de biquínis sem se importar com os olhares

PERIGOSAS NACIONAIS

condenadores das pessoas, por conseguir se olhar no espelho e se achar a mulher mais interessante do mundo todo, a despeito de qualquer comentário ou piadinha idiota.

Foi aí que me dei conta de que eu não estava muito distante do que ela vivera com Marcos, mesmo que em proporções menores. Enquanto Ben ria, como se não tivesse dito ou feito nada grave, eu comecei a pensar que, talvez, tivéssemos nos casado cedo demais.



Eu não estava nem um pouco animada na manhã seguinte, quando Clarice abriu a minha mala e começou a vasculhar em busca de um biquíni para mim, que combinasse com o de babadinhos que ela usava.

—Nós vamos à praia e quero que estejamos bem gêmeas — sentenciou ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Clar, eu não estou afim de nada que tenha a ver com calor hoje. —Resmunguei, escondendo meu rosto debaixo do lençol. Tivera uma noite terrível, com Ben rocando ao meu lado, enquanto eu me perguntava se ainda dava tempo de me separar.

—Ah, você está sim! —Protestou ela. —Todos nós vamos e Ivi já encontrou o biquíni dela.

—Então seremos trigêmeas?

—Claro. Teremos fotos lindas para o meu blog!

—As chances de eu ir aumentaram consideravelmente agora.

—Lá vem você de novo com esse ciúme.

—Eu não tenho ciúmes dela. —Levantei da cama, e peguei um biquíni qualquer na mala.

—Esse não! Não vai combinar.

—Eu só trouxe esse. —Argumentei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Mas, e aquele que te dei no natal?

—Ham... —Apertei os lábios, tentando inventar uma desculpa.

—Eu sabia! Você não gostou!

—Era uma cor muito chamativa, Clar!

—Mas combinaria perfeitamente com o seu cabelo —ela choramingou.

—Ele era amarelo-berrante! —protestei.

—Eu sei. —Ela choramingou um pouco mais alto e suspirou, derrotada. —Eu não vou te dar mais nenhum presente. Não adianta pedir.

—Menos drama —pedi. —*Tá* tudo bem! Eu uso ele quando voltarmos.

—Não tem volta, Lissie. Você me magoou profundamente. —Ela se levantou e foi retocar o batom no espelho. —Agora só posso te perdoar se você aceitar o desafio da...Tirolesa! —Ela abriu os braços e começou a dar pulinhos de alegria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Eu sabia que você usaria isso pra me chantagear. —Cerrei os olhos para ela, indignada, enquanto tentava abotoar a parte de cima do biquíni nas costas. —A sorte é que não tem tirolesa nenhuma por aqui.

—Eu vi no *instagram*. Instalaram duas torres ontem em Coroa Vermelha.

—Pode esquecer — anunciei.

—Mas, e os meus sentimentos?

—Eu te pago um sorvete. — Tentei barganhar.

—Não.

—Eu faço aquela pipoca caramelizada que você ama.

—Não aceito subornos. —Ela cruzou os braços, empinando o nariz de novo.

—Mas faz chantagem? Como você é honesta!
—Ironizei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Vem, deixa eu passar uma *make* em você. —
Ela me empurrou contra a cama.

—Pra quê? Vai sair com a água.

—Você não conhece os meus segredos! —Ela abriu sua pequena maleta de maquiagens e começou a tirar tubinhos e seus pincéis de sereia. —Feche os olhos.

—Mas, Clar... —Tentei protestar.

—Feche os olhos! —Ordenou ela.

Eu os fechei e comecei a trançar meus cabelos, enquanto ela passava pós e pastas de diferentes texturas no meu rosto.

—Clar, você acha que me casei cedo demais? —perguntei.

—Acho que um pouco —respondeu ela e eu notei a cautela com que ela disse.

PERIGOSAS ACHERON

—Sabe, eu gosto de Ben. Achei que ele seria uma boa pessoa para se ter ao lado, mas agora não parece mais uma boa ideia. É claro que ter o visto mudou tudo pra mim, não é? E me sinto um pouco vigarista por pensar assim.

—Você não tinha esse tipo de dúvida antes de ontem, não é? Ou estou errada? Abra a boca... Não tanto, Liz —ela disse, irritada, antes de começar a passar um batom vinho nos meus lábios.

—Eu acho que não tinha pensado nisso ainda — admiti, continuando o assunto.

—Quer um conselho de uma pessoa que passou por isso um milhão de vezes? —Ela se sentou ao meu lado e suspirou. —Converse com ele e diga o quanto ele foi idiota. Se funcionar, bom, você desconstruiu um pensamento babaca de um cara legal. Se não funcionar e ele continuar do mesmo jeito, é porque ele é um babaca que não merece você.

—Acho que tenho medo da segunda opção.

—Eu também tinha, porque achava que

PERIGOSAS ACHERON

precisava ter um cara para ser feliz. Agora... —Ela sacudiu os ombros, como a gente costumava fazer quando ficava “de mal” na escola. —Eu sou suficiente para mim mesma. Se tiver alguém ao lado é muito bom, se não tiver é legal também.

—Ah, Clar, quando foi que eu me tornei essa pessoa tão dependente da opinião dos outros? Eu tenho tanta saudade de quando não ligava a mínima! —Me joguei de costas na cama e ela fez o mesmo, caindo bem ao meu lado. —Você é tão resolvida e eu queria tanto ser como você!

—Não é assim também! O amor próprio é uma luta diária, Liz. Não tem nada resolvido aqui.

—O amor próprio é um campo de batalha. —Eu citei *De repente 30*, mudando uma parte da frase e fazendo-a rir.

—É por aí. —Ela pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. —Sabe, ainda fico mal quando alguém faz algum comentário sobre o meu peso. Não costumo pensar muito nisso, sabe, no meu corpo.

“Um dia, eu estava em uma loja e não encontrava absolutamente nada para vestir. Eu até tentei entrar em um vestido de flores que era simplesmente a minha alma em forma de roupa, — ela fez aquela cara sonhadora de fashionista. —mas não serviu. É claro que comecei a ficar mal, até me dar conta de que o problema não era eu, era o vestido. Aí, comecei a me perguntar se essa coisa de emagrecer era mesmo um desejo meu, ou se era simplesmente uma força externa que me obrigava a querer isso. Naquele dia, eu cheguei à conclusão de que não, eu não quero emagrecer e que eu gosto de ser assim, como eu sou.”

“Eu realmente tento não me preocupar com o que os outros pensam, desde então. Eu gosto de como me pareço, de como fico nas fotos e no espelho. Não tenho mais problema com isso. Mas não é uma coisa pronta, sólida. Ainda é muito difícil quando alguém me lembra que existe um padrão social idiota e que estou fora dele. Aqueles pensamentos voltam. Eu começo a achar que preciso estar no padrão, que preciso me esforçar para perder peso, que talvez eu esteja doente, e tudo o que me fizeram acreditar ao longo da minha vida

volta com força total. E isso é um saco!”

—Ben foi um babaca, Lissie. —Ela voltou a olhar para mim. —E, caramba, por muito tempo eu acreditei em caras babacas e só fui feliz quando parei de acreditar. Você não está ridícula, vai por mim. —Ela mexeu nas tranças do meu cabelo. —Nós não somos ridículas, nós somos fabulosas! —Concluiu, empinando o nariz. Ela sacou o celular de algum lugar que eu desconhecia, ajeitou o cabelo, me abraçou, e tirou uma *selfie* comigo, que recebeu a legenda: “Nós somos unicórnios, e unicórnios são *divos!*”.

Sentia-me um pouco melhor quando sai do quarto, carregando uma enorme sacola de praia, com uma gama dos mais variados utensílios de Clarice. Havia toalhas, dois guarda-sóis, e diversos produtos de pele que eu desconhecia.

—Você quer ajuda? —Ivi, solícita, tirou os dois guarda-sóis para aliviar a minha carga. Eu agradeci e a segui até o carro, em silêncio.

Jerry e James já estavam lá, arrumando as coisas no porta-malas de um jeito que coubesse todas as nossas coisas de extrema necessidade: isopor com bebidas, cadeiras de praia e duas pranchas de *bodyboard*.

Ben tentava, sem sucesso — mesmo que com a ajuda de Chico — amarrar uma prancha de surf no teto do carro e minha mãe já estava dentro da Belina 89, com meus avós, à espera de um milagre que nos fizesse sair antes das dez da manhã.

O santo da minha mãe não estava forte o bastante naquele dia. Já eram pouco mais de dez e meia, quando Chico deu partida no seu carro pré-histórico e James engatou uma ré para sairmos da garagem.

Gastamos mais uns quarenta minutos para nos acomodarmos na praia e, ao meio dia, lá estava eu, à sombra de um guarda-sol ao lado de Ivi, lendo um dos livros de romance que ela me emprestara.

—Eu vou nadar um pouco. Você vem? —ela perguntou, desatando o nó da sua canga.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não agora. Estou terminando um capítulo.

—Avise quando chegar na parte que eles se beijam —ela brincou. —Relaxa, estou brincando. Não é um *spoiler*.

—Obrigada! —gritei, enquanto ela se afastava.

Não demorou muito e Ben apareceu, com um calção de banho floral de gosto muito duvidoso e duas latas de cerveja.

—Trouxe pra você. —Ele me entregou uma das latas.

—Obrigada, mas não quero — recusei, sem tirar os olhos do livro.

—Você está estranha — observou ele.

—É mesmo? — ironizei.

—É mesmo. Eu disse alguma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Ah, não, você só me humilhou na frente dos meus amigos criticando o MEU cabelo. —Dei bastante ênfase no pronome.

—Nossa! Precisava ficar tão ofendida assim?

—Precisava, Ben. Você questionou uma decisão que tomei sobre algo que não te diz respeito e me ridicularizou.

—Desculpe, eu não quis te ofender — disse, antes de bebericar um gole de cerveja.

—Quer saber, eu estou decepcionada com você. —Fechei o livro e o joguei para um lado. Toda aquela baboseira romântica para o quê? Para me sentir pior do que já estava? Não, obrigada. —Você não era assim há algumas semanas. Desde quando a minha aparência importa tanto pra você?

—Desde sempre, Liz! —argumentou ele. —Eu só não dizia nada, porque não queria te magoar.

—Então, existem outras coisas que incomodam você?

PERIGOSAS ACHERON

—É, existem. Mas estou me acostumando.

—Quer saber de uma coisa? Eu acho as suas roupas cafonas e essa sua obsessão pelos anos setenta uma coisa ridícula! Às vezes, esse jeitão *John Travolta* em *Grease* me dá vontade de sair correndo, mas fiz questão de dar o último lance em uma droga de vestido antigo e usado, cheirando a naftalina, só para te agradar no dia do nosso casamento, só porque é importante para você. Não é sobre se acostumar, Ben, é sobre respeito. —Abri a lata de cerveja com raiva, e bebi alguns goles de uma vez só. Ele continuou em silêncio, com uma expressão de espanto no rosto que só desapareceu quando minha mãe o chamou para ajudar com a churrasqueira.

Eu também não fiquei para ver qualquer outra reação da parte dele. Ajeitei meu biquíni e corri para o mar, para me divertir com os outros. Cheguei no meio de uma partida de vôlei totalmente atrapalhada pelas ondas mais fortes, que acabou quando Clarice viu, ao longe, pessoas descendo de tirolesa, passando acima de nossas cabeças, de um ponto a outro da praia.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Nós vamos descer agora! —exclamou ela, puxando Jerry com uma mão e Ivi com a outra.

—Boa descida! —gritei e ela voltou imediatamente para buscar James e eu. —Não, obrigada! —Protestei, tentando me desvencilhar do aperto de seus dedos em meu punho.

—Lissie, nem é alto! —ela argumentou.

—Não, obrigada — repeti, sem conseguir me livrar dela.

—Mas...

—Eu não vou. Tenho medo de altura. —Nesse momento uma criança passou zunindo, lá em cima, com os braços abertos e gritando, mas não de pavor.

—Não me obrigue a cantar... —Clarice ameaçou.

—Não, não, não! Clar! —Protestei, quando ela conseguiu me tirar do lugar e me arrastar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No caminho até a fila para a tirolesa, enquanto Clarice cantarolava “Alissie não é de nada, só come marmelada”, e várias outras crianças desciam de braços abertos, eu aceitei o desafio e coloquei mais esse item na minha lista do que fazer antes de morrer.

James e Jerry vinham em meu encalço, se empurrando como dois adolescentes bobos, e Ivi se limitava a dar pulinhos empolgados quando chegou ao fim da fila. Não demorou muito até que ela aprendesse a cantar com Clar que eu não era de nada, e uma dúzia de crianças logo se juntou ao coro. Dessa forma, e por insistência de Clar, todos cederam seus lugares para mim, sensibilizados pelo meu medo de altura, e eu acabei ganhando o primeiro lugar da fila.

Não, isso não era uma vantagem. Isso era uma grande *zoação* com a minha cara, que não levei para o lado pessoal, claro. Fazia parte da diversão. As pessoas começaram a torcer por mim, logo que subi todos os degraus da escada da torre e fui vestida com todos os equipamentos necessários. O coro de “Alissie! Alissie! Alissie!” ecoava pela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

praia, enquanto eu me preparava para descer. Respirei fundo mais vezes do que era capaz de contar e dei o impulso para frente, quando me disseram que eu podia.

Eu tinha uma imagem triunfante na minha mente: Eu pularia, e todo o resto aconteceria em câmera lenta, como num daqueles filmes de superação. Eu abriria os olhos, os braços, sentiria o vento nos meus cabelos de arco-íris e seria como voar para o infinito. Quando chegasse até a outra torre, lá ao longe, estaria curada do meu medo de altura.

Óbvio que nada disso aconteceu. Assim que dei o impulso, não soube o que fazer e me agarrei no suporte que me sustentava na corda. Meu corpo girou algumas vezes, sabe Deus porque, e eu não consegui, por nada no mundo, abrir os olhos. Um frio congelante fez os músculos da minha barriga se contraírem involuntariamente, e eu fiquei curvada, com lágrimas nos olhos, gritando até chegar à outra torre.

Aconteceu tão rápido e ao mesmo tempo

PERIGOSAS ACHERON

demorou tanto, que cheguei meio desnorteada do outro lado. Ouvia as pessoas torcerem por Clarice agora, e imaginei que a minha fama acabara de cair por terra naquele exato momento. Entreguei o capacete para os responsáveis pelo equipamento, e desci para esperar os outros.

Apesar de tudo, e de saber que não superara meu medo de altura, eu estava feliz por ter eliminado mais um item da lista. Agora, quando chegasse lá do outro lado, eu poderia contar à Diane que não pulei de *bungee jump* como prometera, mas desci de tirolesa, e isso já era alguma coisa.

Mais tarde, depois de um bom banho para tirar o sal da pele e dos cabelos, vesti meu pijama de tecido mais leve. A noite estava tão quente, que seria meio difícil dormir sem um ventilador direcionado bem na minha frente.

Deitei na cama e abri o romance que Ivi me emprestara, determinada a chegar à tal parte do beijo antes de dormir. Mas Ben estava determinado

PERIGOSAS ACHERON

a frustrar meus planos. Entrou no quarto assim que abri o livro, vestido em suas roupas florais de férias, e me entregou uma rosa vermelha, depois de me olhar com uma expressão de arrependimento.

—O que é isso? — eu perguntei, pegando a rosa, de má vontade.

—O cara que me vendeu disse que era uma rosa — ele respondeu, em tom de dúvida, brincando para aliviar a tensão.

—Eu sei que é uma rosa, Ben. Estou perguntando o que é esse...Gesto.

—Estou te pedindo desculpas. Lissie, —ele pegou minhas mãos. —eu fui um idiota, um babaca completo, e sinto muito por isso. Sinto mesmo. Eu não quero te magoar e fico muito mal por saber que fiz isso. Você me perdoa?

—É preciso mais do que uma rosa ou algumas palavras para se desculpar, Ben. —Retruquei, imbatível, deixando a rosa sobre o criado-mudo.

—Imaginei. Por isso... —ele tirou o livro das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas mãos com cuidado e me puxou para fora do quarto, para fora da casa.

Tudo estava escuro, exceto por pequenos focos de luz que vinham de uma infinita quantidade de velas espalhadas pela varanda. Havia duas delas, compridas, no centro da mesa, onde uma toalha branca, flores, duas taças e dois pratos foram cuidadosamente arrumados, claro, por Clarice.

—Por favor. —Ele puxou uma cadeira para que eu sentasse, e se sentou à minha frente. Clarice surgiu, no instante seguinte, com uma grande travessa em mãos, que depositou no centro da mesa, com bastante cerimônia.

—Salmão ao molho de maracujá — anunciou ela, fez uma reverência na minha direção e disse: —Só estou fazendo isso, porque, talvez, diminua meu *karma* negativo.

—Você não tem *karma* negativo —eu disse, servindo um pouco de vinho para mim. Beberiquei um gole e me lembrei de que estava proibida de ingerir qualquer quantidade de álcool.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Clar —ele disse, como sinal de alguma coisa que ela estava esquecendo de fazer ou dizer.

—O que foi? — ela resmungou, meio rude.

—O que combinamos —disse, entredentes.

—*Tá, tá* — suspirou. —Eu fiz o salmão, mas foi Ben quem o pescou — murmurou, mecanicamente, sem emoção, antes de voltar para dentro da casa.

—Só se for de um freezer do supermercado. Aqui não tem salmão. —Ri, debochada, enquanto servia um pouco do jantar para mim.

Nós comemos em silêncio e ele tentou puxar assunto diversas vezes. Comentou sobre o clima — o que é muito clichê — passando por “o que você está lendo” e “você foi incrível hoje na tirolesa”. É claro que eu considerava o esforço que ele estava fazendo, mas não melhorava as coisas. Ainda sentia que ele estava sendo falso e não via muito sentido para aquele jantar, afinal.

PERIGOSAS ACHERON

—Ainda não entendi o que aconteceu ontem, sabe, com a sua irmã. —Ele comentou, depois que Clarice serviu nossa sobremesa: sorvete com bolo de chocolate.

—Ah, não se preocupe. Ela sempre me fez passar por maus bocados e, bom, eu só resolvi que era hora de dar um basta nisso — dei de ombros, provando o sorvete.

—Mas, você pode me contar qual é o problema entre vocês? Quero dizer, se você quiser. —Ele disse, com extremo cuidado nas palavras.

—Ham... —suspirei, me ajeitando na cadeira, para reorganizar as ideias. —A questão é que eu sou Pansexual, e a minha irmã é uma fanática religiosa, intolerante e preconceituosa ao extremo. —Simplifiquei.

—Você nunca me disse isso — ele comentou. Não parecia assustado com a informação, nem empolgado, o que aumentou consideravelmente seus pontos comigo. Por um momento eu imaginei que ele diria alguma coisa bem idiota do tipo

“Então, você topa um *ménage*?”.

—Acho que o assunto nunca surgiu — observei.

—Eu fiquei preocupado com você. Você parecia prestes a desmaiar, ou entrar em colapso. Foi assustador!

—Ela sempre me provoca reações extremas. Mas eu estou bem, não precisa se preocupar.

—Pensei que fosse perder você. —Ele pegou minha mão sobre a mesa e entrelaçou nossos dedos.

—Relaxa, eu tô legal! —menti, desviando o olhar.

—Estou falando sobre hoje, na praia, quando você disse aquelas coisas.

—Você esteve bem próximo disso, acredite — afirmei.

—Ainda preciso de muito para ser perdoado, não é?

PERIGOSAS NACIONAIS

—É bem por aí — pisquei e sorri, antes de comer mais um pedaço de bolo.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 13

Era o nosso penúltimo dia na cidade. Enquanto arrumava as malas, me vi reavaliando tudo o que acontecera nos últimos dias e sentia uma imensa gratidão por tudo o que conseguira fazer por mim mesma. A reconciliação com a minha mãe, o fato de ter conseguido enfrentar Bia, a conversa franca que tivera com Ben, as aventuras que vivera, os desafios que aceitara cumprir.

Um mês atrás, todas essas coisas que me faziam sentir orgulho de mim mesma jamais teriam existido, eu jamais teria feito qualquer uma delas. Um mês atrás essa viagem seria uma insanidade, uma coisa totalmente impossível que eu não faria jamais.

Eu costumava pensar que, se um dia pisasse novamente em Santa Cruz de Cabrália, seria linchada em praça pública. É claro que, em parte, eu aterrorizava a mim mesma com essas imagens e

PERIGOSAS ACHERON

possibilidades drásticas, para não ter de encarar as ruínas do rastro de destruição que eu deixara. Talvez ninguém mais me odiasse tanto assim, afinal. Talvez eu tivesse sido esquecida por todos. Talvez a única pessoa que ainda me condenava, fosse eu mesma. Descobrir o risco de morte iminente muda um pouco as suas perspectivas, mas não garante o perdão de ninguém. Nem o seu próprio.

Clarice entrou no quarto, cantarolando “Alissie não é de nada, só come marmelada!”, e me tirou bruscamente dos meus pensamentos.

— Você não está pronta ainda, por quê? — ela passou os óculos escuros de armação branca para o topo da cabeça e me encarou, inquisidora.

— Porque não vou sair. Já te avisei! — afirmei, e continuei dobrando minhas roupas.

— Liz, para de ser chata! Nós combinamos — choramingou ela. — Vamos, vai ser legal! Nós vamos ao Memorial do Descobrimento, depois vamos à aldeia Pataxó e depois vamos visitar

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela cartomante que fomos uma vez para Jerry e Ivi conhecerem. Vamos ter leituras de búzios, e tudo o mais... vai ser tão incrível!

— Clar, eu não me interesso por coisas religiosas. Respeito vocês, mas...

— Você vai ficar aqui fazendo o quê?

— Eu tenho um romance para terminar! — respondi, intimidadora, erguendo o livro para mostrar-lhe a capa.

— Mas você vai ficar sozinha aqui. Sua mãe vai com a gente, sabia? — o que é um amor, porque ela é evangélica, não é? Acho super fofo ela ter a mente aberta — Clarice uniu as mãos no peito, encantada.

— Eu também acho, mas prefiro mesmo ficar aqui. Vão lá, rezem um pouco por mim, ou orem... ou... faça... o que vocês fazem! — sorri, envergonhada por não saber nada sobre cartas, búzios, e etc. — Eu não posso ir à aldeia Pataxó, de qualquer forma.

PERIGOSAS ACHERON

— É, eu sei. Sua mãe vai ficar esperando no carro.

— Então, tá tudo certo, vou ficar por aqui mesmo.

— Tudo bem, eu faço uma pergunta na consulta aos búzios para você — ela prometeu e saiu, saltitando, gritando por Ivi.

Eu suspirei, vencida pelo cansaço de tentar fazer todas as minhas coisas caberem, de novo, dentro das malas. Escolhi um vestido de tecido leve e fiz uma coroa de tranças no meu cabelo, como Clarice me ensinara. Claro que ficou mil vezes inferior ao que ela fazia, mas dava para me manter confortável, no calor de quase 37 graus que fazia lá fora.

— Lissie, ainda bem que você não saiu! — Ben surgiu, de repente, e me abraçou.

— O que foi? — perguntei, dando leves tapinhas no seu ombro, para consolá-lo, consciente

PERIGOSAS ACHERON

de que ele estava fazendo drama.

— Nós vamos pescar e precisávamos muito da sua mãe como intérprete. Não aguento mais falar com o seu avô por mímica! — lamentou ele.

— E já que não tem ela, que seja eu, não é? — suspirei, vencida, peguei minha bolsa de conchas, joguei o livro dentro dela, e acompanhei Ben até o carro.

Até que o dia parecia promissor e eu estava me divertindo, enquanto mediava a conversa entre Ben e meu avô. Chico, o pai da Clar, se limitava a dar gargalhadas dos fracassos de Ben, enquanto ele tentava entender como funcionava uma vara de pesca, após ter desistido de lidar com a rede.

James já havia desistido há séculos. Apenas abrira um guarda-sol e uma cadeira de praia, antes de se sentar e começar a escrever, compulsivamente, em sua agenda marrom. Parecia pertencer a outro mundo, sério, indiferente às nossas gargalhadas e gritos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos na praia de Arakakaí, que costumava ficar bem deserta e mais silenciosa. As pessoas evitavam nadar por lá por causa das pedras, o que fazia a praia ser perfeita para a pesca. Depois de fazer com que Ben, Chico e meu avô se entendessem, eles não precisavam mais de mim e eu não quis embarcar com eles no pequeno barco do meu avô. Eles precisariam de silêncio e eu não estava nem um pouco afim de me entediar.

Caminhei um pouco, descalça, à beira-mar, juntando as conchas que via pelo caminho, sentindo a água fria nos calcanhares. Foi relaxante estar em silêncio, aproveitando o sol na pele, mas começou a ficar mais difícil quando a imagem de Dani, sorrindo e me jogando água, cantarolando uma música do Rebelde, com os cachos dos seus cabelos molhados, veio à minha mente com a mesma força que estivera usando para escondê-la de mim mesma.

Era como se, durante todo esse tempo, eu estivesse na superfície de mim mesma, lutando para manter a minha vida antiga o mais profundamente soterrada, tanto quanto fosse possível, e estar ali, na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cidade natal, onde eu tinha sido feliz tantas vezes, onde também vivera a pior de todas as dores, onde conheci e perdi a primeira pessoa que amei na vida. Eu ainda a amava, é claro, mas conseguira esconder muito bem até aquele momento.

Estar ali era como ter a ferida reaberta, escancarada novamente, e as lembranças tão felizes agora feriam e queimavam como fogo.

Fui me refugiar ao lado de James, que agora também tinha a missão de cuidar, como um guardião, do nosso isopor cheio de bebidas geladas.

— Quanto é o suco de laranja? — perguntei, me jogando na areia, à sombra do guarda-sol.

— Trinta reais — respondeu ele, abrindo a caixa e me jogando uma lata de suco.

— Credo! Tem diamante nesse suco?

— Por quê? — ele franziu o cenho, sem entender.

— É o suco mais caro que já bebi.

PERIGOSAS ACHERON

— Qual é o equivalente em euros?

— Não sei quanto tá o euro hoje, mas divida por três. É aproximadamente isso.

— Ainda é barato — argumentou ele.

— Para você é mesmo! — beberiquei o suco.
— Vamos imaginar que é ao contrário, então, que o real vale mais que o euro. Multiplique trinta reais por três.

— Certo, entendi. É caro para um suco — ele fez uma pausa e seu rosto se contorceu todo. — Oh, não! — murmurou.

— O que foi?

— Acho que Clarice me passou para trás.

— A Clarice está passando dos limites com vocês.

— Ela vai ter o que merece — ele reabriu sua agenda, vingativo, e ri pensando em como ele não convencia quando fingia estar bravo. Era um
PERIGOSAS ACHERON

péssimo ator. Pobre James, jamais estrelaria um filme em *Hollywood* nem que sua vida dependesse disso.

— Você também não sabe pescar? — perguntou ele, para quebrar o silêncio.

— Eu até sei, mas não me sinto bem fazendo isso. Tenho pena dos peixes — ele me olhou com uma expressão incrédula e riu. — É sério! O pobrezinho se contorce todo e morre asfixiado.

— Mas você não é vegetariana! — ele observou.

— Comer a carne pronta não é o mesmo que ver todo o processo até ela chegar ao prato.

— Não concordo com você, mas acho que faz sentido. Às vezes, precisamos fechar os olhos para algumas coisas, para continuar vivendo.

— É isso aí! — exclamei e bebi mais um gole de suco. — O que está escrevendo aí?

— Algumas cenas para o meu livro e trechos de
PERIGOSAS ACHERON

canções.

— Você é quem escreve as canções da banda?

— Eu e Mey.

— Vai se sentir ofendido se eu disser que nunca ouvi nenhuma música da *Blue Vanilla*?

— Sério? — indagou, mas sem parecer realmente surpreso.

— É. Não sei por que, mas nunca ouvi.

— Eu tenho algumas no meu celular, se quiser ouvir agora.

— Eu quero — aceitei, pegando o celular dele com os fones de ouvido. Não havia nenhum código de bloqueio e era, na verdade, um celular bem simples. James e sua modéstia de sempre. Ignorei a foto de Ivi, no papel de parede do celular, e fui direto para o player onde estavam as canções.

Deitei-me na areia, à sombra do guarda-sol, e ouvi umas três canções, enquanto James se

PERIGOSAS NACIONAIS

concentrava em rabiscar suas palavras na sua agenda. Eram canções animadas e meio country que lembravam, levemente, *Johnny Cash*. Fazia todo o sentido agora — me lembrando do estilo meio *viking* de Mey — que as canções fossem essa mistura de country e folk. As letras das canções também eram interessantes, e uma delas falava sobre tolerância e respeito, com uma batida forte que fazia o coração estremecer. Imaginei que os fãs deviam ir à loucura com aquela.

Mas, a minha preferida de todas foi um cover de *Knee Socks*, do *Arctic Monkeys*, em que o som do baixo conduzia a canção inteira, como se fosse o instrumento principal, apesar da guitarra de Stieve aparecer mais. Era como se o baixo fosse um plano de fundo, um maestro, que regia todos os outros instrumentos.

Foi fácil imaginar James tocando aquele velho baixo verde, dançando ao ritmo da música, com aquele charme com que os baixistas tocam. Seus dedos dedilhando as cordas e seus lábios sussurrando a letra da canção:

PERIGOSAS ACHERON

...She could be my baby...

Levantei-me, sobressaltada, e arranquei os fones de ouvido de uma vez. James não percebeu, tão absorto no que estava escrevendo. Então aconteceu, de repente, vindo do nada. A minha visão ficou turva e a luz do sol refletido na areia fazia meus olhos doerem. Claro, a fotossensibilidade era um dos sintomas que eu teria. Já era esperado. Abri minha bolsa de conchas e peguei meus óculos escuros.

Alguns segundos depois tudo ficou escuro. Como uma TV antiga, a minha visão apagou, como se desligasse, das extremidades ao centro, e eu estava cega. Não consegui conter um muxoxo, a reação ao desespero que eu tentava esconder.

— O que foi? — James perguntou e eu virei minha cabeça na direção de sua voz, fingindo olhar para ele.

— O quê? — simulei um sorriso de desentendimento.

— Você está tremendo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou? — meu olhar foi em direção às minhas mãos, automaticamente, e foi pior ainda não conseguir vê-las. — Ham... acho que a minha pressão está oscilando hoje. Mas um suco de laranja pode resolver — tentei parecer menos preocupada, e sabia que estava falhando.

— Acho que acabou — ele concluiu e eu finalmente consegui vê-lo, ainda um pouco embaçado, fechando a caixa de isopor. — E as cervejas também.

— Quem bebeu tanto assim?

— Não fui eu — ele se defendeu.

— Certo, então você dirige — joguei as chaves do carro para ele.

— Para onde?

— Para o centro da cidade! Temos que comprar mais bebidas. Esse calor está mexendo com a minha pressão — e era verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rodamos um pouco até encontrar o mercado da família de Dani, o único que estava aberto naquele dia. Ao que parecia, o comércio estava todo fechado por causa de um feriado da cidade que eu já não me lembrava mais.

Pensei em pedir que James fosse sozinho, mas concluí que ele não conseguiria se comunicar e precisaria de uma intérprete. Não era a melhor ideia entrar lá, mas respirei fundo e torci para que ninguém da família da minha ex-namorada me reconhecesse ou me visse por ali.

Infelizmente, não foi o que aconteceu.

— O que você tá fazendo aqui? — ela chegou perto de mim tão de repente, que fiquei sem reação. James a olhou, assustado, surpreso com o tom de voz agressivo dela.

— Eu só vou comprar umas cervejas e vou embora — prometi.

— Não tô falando do mercado. Tô falando da cidade. Você devia ter vergonha de pôr os pés aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou embora — disse, tentando tranquiliza-la.

— Meus pais não têm mais idade e nem saúde para isso, para ver a assassina da filha deles!

— Não diga isso como se tivesse sido minha intenção, como se eu tivesse feito de propósito! — pedi. — Karina, eu a amava! Você sabe o quanto e de que forma.

— Como você tem coragem de insinuar um absurdo desses? — Ela arqueou as costas e por um minuto achei que ela me jogaria do outro lado do corredor.

— Insinuar? Você nos viu! — argumentei. — Você viu com seus próprios olhos nós duas nos beijando. Nós nos amávamos! Eu juro que a última coisa que eu queria era machucá-la. Eu sinto muito a falta dela, você...

— Sai daqui! — ela ordenou, apontado para a porta. — Sai daqui agora! — ela alterou a voz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu larguei o cesto no chão, cheio de cervejas, e saí. James arriscou algumas palavras em português, mas desistiu e me seguiu, sem entender nada. Entrei no carro e ele entrou em seguida, me perguntando o que tinha acontecido e o que aquela mulher dissera.

Eu não disse nada e continuei dirigindo, até pegar a estrada e poder acelerar. Eu tinha consciência de sua presença, ouvia suas perguntas e a confusão na sua voz, mas parecia tudo muito distante. Eu só queria acelerar o carro e ir para longe o mais rápido possível.

— Lissie, para onde você está indo? — ele perguntou. — Você está chorando? Liz, pare o carro — ele pediu, tocando meu braço. Eu parei abruptamente e ouvi o barulho dos pneus derrapando na poeira.

Não conseguia mais disfarçar e nem conter minha raiva, meu remorso e a dor profunda que me acompanhava. Fazia muito tempo, mas eu sentia como se tivesse acabado de acontecer. A dor tomou conta do meu corpo todo e eu desabei. Chorei de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma forma que não chorava havia anos, agarrada ao volante do carro. Ouvi James sair do carro e dar a volta, abrir a minha porta e me puxar para fora. As minhas pernas pareciam fracas demais para ficar em pé, mas ele me abraçou e me segurou por um tempo.

— Você quer água? Acho que tem um pouco no carro — ele ofereceu.

— Não — consegui murmurar e comecei, lentamente, a me acalmar.

— O que foi que ela disse que te deixou tão mal, Liz?

— Ela disse a verdade — funguei, voltando para o banco do carro, mantendo minhas pernas para fora, pisando a terra poeirenta com as botas country de Clarice. — Quando eu tinha dezessete anos, eu tinha alguns amigos e... nós éramos como vocês da *Blue Vanilla*. Éramos como uma família. Então teve essa festa, em um sítio aqui perto, e ficamos sabendo que não haveria restrição de idade, porque era uma festa particular, como um

PERIGOSAS ACHERON

aniversário, sabe? — comecei a tagarelar, sabendo que as frases não pareciam fazer sentido. Eu só precisava falar, despejar tudo o que estava na minha garganta, antes que eu explodisse.

“Mas não tínhamos como ir. Aqui só se pode tirar carteira depois dos 18 anos, só eu já sabia dirigir, de qualquer forma, e aproveitei que meus avós não estariam em casa pra roubar as chaves do carro deles. Aquele carro nunca esteve tão lotado! — eu ri, sentindo saudades do início daquele dia. — Nós fomos à festa e bebemos muito. Daniela, a irmã daquela mulher que brigou comigo, tinha roubado mais algumas bebidas no mercado dos pais dela e nós perdemos o controle naquela noite. E eu fui tão burra! — voltei a chorar, mais contida agora.

“Eu achava que nada podia dar errado. Entramos todos no carro de novo e, era tão perto, eu pensei que dava conta de trazê-los de volta. Eu nem sei o que aconteceu ou como. Acordei uma semana depois, sem conseguir falar, andar, ou me lembrar de coisa alguma. E todos estavam mortos! Eu fui a única a sobreviver e não tem um dia em

que eu não pense que deveria ter morrido também. Não tem um dia em que eu não sinta falta deles, de como éramos e de quem eu era antes. Eu era tão mais feliz e mais leve! E não tem um dia em que eu não me culpe por tudo, em que eu não fique imaginando milhões de outras coisas que eu poderia ter feito para evitar o acidente.

— Não tem um dia em que eu não sinta saudades da Dani — olhei para o céu, a procura de ar. — Deus, eu daria tudo para ter a Dani de volta. Nós estávamos namorando fazia uns cinco meses e ela era a melhor pessoa desse mundo! Era a minha melhor amiga depois de Clarice.

— Eu sinto muito. — James pegou minha mão e segurou entre as dele.

— Ela estava me culpando, a Karina. Mas ela estava certa. Eu não devia ter voltado aqui. E esse era o plano quando fui embora: Nunca mais voltar.

— Liz, você tinha dezessete anos. Todo mundo com essa idade é estúpido. Todo mundo acha que é imortal, que nada de ruim pode acontecer, que é um

tipo de super-herói imbatível. Eu mesmo era assim — ele disse, apontando para si mesmo. — Eu me coloquei em situações de risco inúmeras vezes. E você sabe o quanto eu corro riscos. As pessoas são intolerantes, preconceituosas, e tem tanto ódio, que... eu realmente não entendo. E não entendia ainda mais na adolescência. Eu tenho certeza que os seus amigos eram da mesma forma.

— Isso não justifica o que eu fiz.

— Claro que não. Você teve sua responsabilidade sobre o que aconteceu e seus amigos também tiveram. Mas você precisa se perdoar, Liz.

— Não é fácil assim — argumentei, abaixando os olhos para nossas mãos unidas.

— Você vai mesmo viver a vida inteira pagando por um erro? Você realmente acha que as pessoas merecem ser definidas por uma escolha ruim, por uma tragédia? Não parece ser o tipo de coisa que você concorde.

— Não é. — sussurrei. — Mas as nossas
PERIGOSAS ACHERON

escolhas definem quem somos, sim, James! E eu escolhi dirigir bêbada, e sou uma assassina.

— E você não acha que já se puniu o bastante? Você acha mesmo que merece prisão perpétua?

— Não venha com essas... essas filosofias agora, JJ — choraminguei, desviando o olhar dele. Ele sorriu.

— Você nunca tinha me chamado de JJ antes.

— Eu te chamei de JJ?

—Aham — ele riu. — Olha só, você era uma adolescente. Por que você acha que bebida e direção são proibidas para pessoas dessa idade? Aqui, no seu país, pelo menos, é assim, não é?

— Por que pessoas dessa idade são burras? — funguei, limpando o meu rosto mais uma vez.

— Por que pessoas dessa idade ainda são crianças, Liz. Vocês eram crianças brincando de ser adultos. A culpa não é sua, a culpa é dos adultos que se descuidaram. Dos que fizeram a festa e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixaram ela acontecer, mesmo com menores de idade enchendo a cara. A culpa é da maneira como os adultos disseminam essa imagem *glamourizada* de festas e de bebidas, sem contar às crianças as possíveis consequências que existem. Você não estava em condições de escolher nada porque era uma criança, boba e estava bêbada. — ele pendeu a cabeça para um lado e suspirou — Perdoe a si mesma. — pediu. — Você já se castigou por tempo demais.

— Mas, é tão difícil viver com isso! Eu... eu os matei. Eu matei todos eles!

— Foi um acidente, Lissie. Você não fez por querer, você fez por estupidez, irresponsabilidade.

— Não foi só isso. Aqui essas leis não funcionam tão bem quanto deveria e, as pessoas sempre se gabam por conseguirem dirigir bêbadas. Acho que eu me gabei um pouco, eu queria impressionar todo mundo e...

— Viu? Tem muito mais do que só você nessa história. Tem uma cultura inteira que te ensinou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que não era tão grave assim beber e dirigir, o que é cruel porque as pessoas que não te ensinaram isso são as mesmas que te condenaram pelo acidente. Você consegue perceber isso?

— Acho que sim — ele abriu um meio sorriso, quando respondi.

— Olha só, se você quiser que eu volte lá para dar uma lição naquela mulher, eu volto. Quero dizer, não vou dar um soco no nariz dela ou algo assim, mas a Clar me ensinou umas palavras bem feias no seu idioma. É o que você disse que faria se alguém se metesse comigo, lembra?

— Não, obrigada — eu sorri de volta para ele, porque sabia que ele estava brincando e tentando me animar. — Eu só quero ir à um lugar agora. Você me leva lá?

— Claro. — Ele concordou, pegando as chaves do carro.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As cruzes brancas estavam um pouco sujas da terra que os carros levantavam quando passavam na estrada. Não haviam flores ou nada que os homenageasse, o que achei estranho. Esperava encontrar o lugar repleto de velas e fotos deles. Talvez porque, para mim, ainda era como se fosse recente.

Os nomes deles estavam escritos na horizontal e não havia data que demarcasse o nascimento e nem o óbito deles. James apareceu com pequenas margaridas amarelas e eu as deposei debaixo de cada uma das seis cruzes, antes de me ajoelhar e fazer o sinal da cruz. Tentei rezar o pai-nosso, como minha avó me ensinara, mas já não lembrava mais. Então pedi perdão a eles, à Deus, ao universo, à mim mesma. Perdão por toda aquela dor que existia naquelas famílias e dentro de mim. Finalmente consegui lamentar o acidente como uma vítima, como alguém que também sofreu perdas dolorosas demais.

E, depois, finalmente consegui perceber e me lembrar do quanto éramos crianças, do quanto éramos bobos e inocentes, do quanto éramos cegos

PERIGOSAS ACHERON

para a realidade. Éramos, todos, crianças influenciadas por adultos, pela mídia, por outros colegas, tentando provar o quanto éramos fortes, invencíveis, descolados, para nos encaixar na sociedade, para nos sentirmos adultos, para nos sentirmos imortais e no controle das nossas vidas tão jovens e ignorantes.

Eu me vi, com aquelas roupas pretas e a maquiagem pesada, com a jaqueta de couro em pleno verão, com aquela panca de “bad girl” e ri, com saudades da minha infantilidade, com pena por minha ignorância e prometi que não ia mais me castigar. Já tinha feito isso o bastante e eu estava morrendo. Eu precisava viver os melhores últimos dias da minha vida por mim e pelos meus amigos. Eu tinha sobrevivido por algum motivo que eu desconhecia e eu ia fazer valer a pena cada segundo.

Agora, eu era adulta. Eu era consciente e responsável. Eu tinha aprendido a lição e não precisava mais daquelas grades. Eu estava livre.

— Olha, Liz. — James apontou para um

pequeno ponto em uma das cruzes. Havia um casulo de borboleta, escondido em uma fenda na madeira. Uma nova vida se formava, com o apoio de um símbolo que significava a morte de alguém. Isso soava um pouco como as filosofias de James e eu me lembrei de uma de suas teorias sobre as borboletas.

— Você se lembra do que disse sobre as borboletas? — perguntei a ele.

— Hum... Acho que foi uma analogia com almas e essas coisas.

— Sim. Você disse que acreditava que o nosso corpo era como um casulo.

— Eu não penso mais assim. Ainda acredito na analogia, mas de forma diferente.

— E lá vamos nós para outro momento de filosofia. — ri, olhando para ele.

— É que... — ele riu, desviando o olhar e coçando a nuca. — Eu cheguei à conclusão de que nós morremos muitas vezes em uma mesma vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos os dias a gente pode renascer. Olha só pra mim, eu nasci menina e tive que me despedir dela, me transformar em quem realmente era por dentro, em quem eu queria ser. O James que você conheceu há três anos, não é o mesmo James. Eu sou outra versão de mim mesmo.

— Tipo, quando o computador atualiza. — Nós nos olhamos por um segundo e começamos a gargalhar bem alto, antes que ele me puxasse para um abraço reconfortante.

— Você tem o dom de neutralizar minhas teorias filosóficas, não tem? — Disse ele.

— Fazer o quê? Nasci pra isso! — dei de ombros e voltamos para o carro.

— Você sabia que esse lugar tem uma história? — apontei para a praia, quando passamos por Coroa Vermelha.

— A Clar me contou um pouco sobre, mas acho que ela alterou um pouco para uma versão mais fantasiosa.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, não, ela falou sobre os Deuses Astronautas?

— Tipo isso.

— Não tem nada disso. Foram só os Europeus que chegaram aqui, mataram e escravizaram meu povo, e “descobriram” o Brasil. — Fiz o sinal das aspas com os dedos.

— Seu povo? Você é...

— Sim. Foram meus antepassados. Eu não pareço tão indígena por causa do meu pai, mas eu sou.

Levei a tarde toda para contar a história do Brasil e da minha família pra ele, mesmo não sabendo o motivo que fez meu avó brigar com seus pais e abandonar a tribo. E, enquanto ele tirava *selfies* com a placa “Coroa Vermelha, berço da civilização brasileira”, e eu observava os barcos antigos de amigos do meu avô, respirei profundamente, como não respirava havia anos, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me senti mais leve do que nunca.

Há 500 anos, Pedro Álvares Cabral pisava nessas terras, “descobria” o Brasil, que já havia sido descoberto.

Agora, nesse mesmo lugar, eu descobria a mim mesma. Ou melhor, redescobria, como na teoria de James.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 14

A volta para casa não foi menos exaustiva do que esperávamos. Dormi quase doze horas depois de chegar em *Los Angeles* e só acordei porque precisava voltar ao trabalho.

Nem deu tempo de desfazer as malas e mal consegui fazer um coque decente para esconder meus cabelos tingidos debaixo do boné com a logo da lanchonete. Havia uma regra sobre a estética dos funcionários que proibia estilos muito diversificados e isso incluía tatuagens, *piercings*, esmaltes, maquiagens escuras e a cor do cabelo. Portanto, caso descobrissem minha pequena mudança, eu estaria ligeiramente frita.

Fui recebida, calorosamente, pelos meus colegas do trabalho, que agora me viam como uma mulher casada e legalizada, uma verdadeira cidadã americana, o que era o maior desejo de muitos ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não posso dizer que não fiquei feliz quando o Hernandez-pai me chamou para conversar e disse que agora oficializaria minha contratação, com tudo o que eu tivesse direito, inclusive plano de saúde, o que, naquele momento, vinha a calhar.

Por outro lado, eu ainda tinha as palavras de minha mãe ecoando na minha mente todo o tempo. Quando fomos nos despedir, no aeroporto de Porto Seguro, ela me abraçou forte e disse para eu não me perder pelo caminho. Dez minutos de trabalho e eu já tinha começado a pensar que passar o dia servindo mesas era um jeito bem rápido de não seguir o conselho dela, e dentro de mim aquelas duas alternativas brigavam entre si: sair dali e procurar meu caminho, ou ter estabilidade e direitos de trabalhadora garantidos pelo governo americano.

O dia tinha tudo para terminar bem, na medida do possível, já que eu o fecharia com chave de outro na clínica da Dra. Teresa. E quando Ben resolveu vir me buscar, eu percebi que seria cada vez mais difícil manter a paz.

PERIGOSAS ACHERON

— Amor, você não precisa mais trabalhar e ficar cheirando à gordura nesse lugar pestilento! — ele disse, fazendo carinho no meu rosto, depois que lhe contei sobre a proposta dos Hernandez.

— Eu não fico cheirando à gordura! — protestei, me esquivando do afago dele. — E o Hernandez café não é pestilento! É o lugar mais limpo em que já trabalhei e eu adoro eles. Devo tudo a eles! Foi aquela família que me ajudou quando eu estava na pior.

— Por que você ainda não me conhecia, bebê — ele sorriu, empinando o nariz.

— Não é hora para brincadeiras, Ben. Estou feliz por eles me considerarem tanto à ponto de querer me dar todos os direitos que um trabalhador americano tem e você simplesmente desmerece o melhor lugar em que já trabalhei.

— Melhor lugar? Melhor lugar? — ele bufou. — Liz, você vive reclamando de lá.

— Eu confesso que às vezes fico cansada e sem perspectiva de vida, mas isso não te dá o direito de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chamar o meu local de trabalho de pestilento — argumentei, irritada, cruzando os braços e olhando para a rua. Sentia que não podia respirar ali dentro, mas também não era uma boa ideia sair do carro em movimento.

— Tudo bem, desculpe. Eu não quis ofender. Só quis deixar claro que você não precisa mais trabalhar, se não quiser. Eu ganho mais do que o suficiente para nós dois e posso te dar tudo o que precisar.

— E eu vou fazer o quê? Ficar te esperando com o jantar pronto em casa? Não, Ben, eu não sou esse tipo de mulher.

— Eu não entendo. Um monte de mulheres por aí estão procurando exatamente isso: um marido para pagar todas as contas e elas poderem ficar em casa só vendo tv. Você tem isso e não quer! — ele bufou, meio indignado e eu não respondi, porque acabara de ficar sem palavras que não fossem obscenas ou que não provocassem uma briga ainda maior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você pode me deixar perto da estação do metrô? — perguntei.

— Onde você quer ir? Posso te levar lá — disse ele, com o braço dobrado, descansando na janela da porta do carro.

— Não precisa.

— Eu não estou fazendo nada mesmo.

— Ben, eu agradeço, mas quero ir de metrô porque preciso ficar um pouco sozinha. Posso?

— Credo, Liz, você está um saco hoje! O que aconteceu? Está na TPM ou algo assim?

— Quer saber, Ben, eu fico aqui mesmo. Obrigada — aproveitei que ele estava parado no sinal e saí do carro, já fazendo sinal para o ônibus que estava chegando.

Quando cheguei à clínica para minha consulta com a Dra. Teresa, não estava menos furiosa, mas

PERIGOSAS ACHERON

respirei fundo e tentei me acalmar ao máximo. Eu precisaria de bastante calma para enfrentar aquela consulta, agora que tinha os exames da época do acidente em mãos.

— Uma coisa posso afirmar, Lissie, esse aneurisma está aí desde antes do acidente. — Dra. Teresa disse, após examinar todos os raio-x. — Claro que, nessa época, ele estava bem menor. O que me intriga é por que nenhum médico te alertou sobre isso?

— Acho que ninguém na cidade queria exatamente que eu sobrevivesse.

— Receio ter de decepcioná-los.

— Como assim?

— Bom, parece que o tratamento está dando resultados e o aneurisma está ficando estável. Dentro de alguns meses poderemos fazer uma intervenção, se você permitir, claro, por que é um tratamento experimental e...

— Você pode fazer o que quiser com meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cérebro, Teresa. É todo seu — sorri, animada. — Isso...Isso significa que não vou morrer agora, não é?

— Isso significa que você tem que continuar se cuidando, Lissie, com todo o rigor possível.

— Sim, senhora — fiz o sinal de sentido pra ela.

— Como foram as férias? Tranquilas? — ela bebericou um pouco de água.

— Eu diria intensas. Eu tive uma forte dor de cabeça quando briguei com a minha irmã...

— O que eu disse sobre se estressar?

— Mas foi ela quem começou! — argumentei.
— Enfim, uns dois dias depois me estressei com meu namo... marido, porque ele não gostou do meu cabelo e, enfim, no dia seguinte tive uma cegueira temporária.

— Cegueira? — ela se inclinou para frente, com interesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Foram alguns minutos, mas foi horrível!

— Você pode voltar aqui amanhã para fazermos uma nova tomografia?

— Acho que não vou poder amanhã. A lanchonete está lotada esses dias e... eu vou tentar falar com eles. — prometi, quando ela fez uma cara feia para mim.

— Sem problemas. Podemos fazer agora — ela se levantou e abriu a porta.

— Mas... — tentei argumentar, mas ela já tinha sumido no corredor.

Quatro horas depois e ali estava eu, ainda me recuperando da ansiedade que sentia sempre que entrava naquele tubo, observando os desenhos de anatomia humana que haviam no consultório de Teresa, para tentar me livrar do tédio.

— E então? — perguntei, ansiosa, quando ela

PERIGOSAS ACHERON

entrou.

— Lissie, eu vou ser sincera como sempre, ok?

— Manda ver!

— Os resultados me assustaram. O aneurisma não cresceu mais desde o último exame, mas ainda está comprimindo a fibra ótica, e por isso você teve aquela cegueira instantânea.

— Entendi.

— Ainda tenho que discutir sobre seu caso com alguns colegas, mas já posso adiantar que é cirúrgico e urgente.

— Quando posso fazer a cirurgia, então?

— Bom, você ainda não tem plano de saúde, então...

— Entendi. Preciso arranjar dinheiro. Quanto é?

— Lissie, eu posso fazer um desconto pra você,

mas... Vai continuar caro.

— Eu tenho umas economias. Quanto é? — repeti a pergunta, percebendo que ela estava tentando não respondê-la.

— São quinze mil dólares.

— Uau! — recostei contra a cadeira, quase tendo um derrame ali mesmo. — Tudo bem, olha, eu vou tentar arranjar a grana e você pode ir conversando com os seus amigos.

— Assim é que se fala. — Ela sorriu. — Lissie, se metade dos meus pacientes tivessem a animação e a coragem que você tem...

— Não é bem isso... É que eu tenho um propósito. Eu tenho que continuar viva pra cumprir umas promessas que fiz pra uma pessoa.

— Então, é melhor continuar com o tratamento e as minhas recomendações.

— Sem problemas, chefe! — fiz sinal de sentido, novamente, e saí da clínica em um misto
PERIGOSAS ACHERON

de felicidade e a certeza de que estava ferrada.

Cochilei um pouco no ônibus de volta para casa, ouvindo algumas canções da *Blue Vanilla*, até ser acordada pelo toque do meu celular — que também era uma canção da banda.

— Alô? — perguntei, me lembrando de não ter prestado atenção no número antes de atender.

— Lissie, como vai? — A voz de James soou do outro lado da linha.

— Ham... oi... JJ! — me recompus no banco do ônibus e limpei a garganta para ele não perceber minha voz de sono. — Estou bem, e você?

— Bem, também.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

— Não. Só estou te ligando para saber como você está porque, sabe, não conversamos depois daquele dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É verdade. — concordei, meio sem graça. Eu queria muito mesmo contar para ele tudo o que estava acontecendo, e dizer que precisava vender um rim para consertar meu cérebro, mas, ao invés disso, eu me calei e esperei que ele dissesse alguma coisa.

— Então... tudo bem? — ele voltou a perguntar.

— Tudo. E com você? — repeti a pergunta, tolamente.

— Ótimo.

— Então, ótimo.

— É... vai ter um show da *Blue Vanilla* hoje à noite, em *Downtown*, mas... claro que você sabe. — Ele riu, sem graça.

— Na verdade, não estava sabendo disso.

— Ben não disse nada?

— Ben e eu não temos tido tempo de jogar conversa fora entre as discussões.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês estão bem?

— Não. Mas acho que é só uma crise. Normal, não é?

— Com certeza. — ele concordou, sem pensar.
— Bom, então... acho que te vejo no show?

— Sim, vai ser legal. Eu já decorei metade das músicas, então... — dei de ombros.

— Boa, garota! — ele disse.

— Mas é injusto vocês já terem que trabalhar depois da viagem.

— Ossos do ofício.

— Sei bem como é. — concordei, mordiscando uma unha, nervosamente.

— Te vejo lá, certo?

— Vou ser a garota de cabelo colorido — avisei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acredito que não será a única.

— Obrigada por ter ligado, JJ.

— Até mais tarde — ele se despediu.

— Até.

Desligamos o telefone ao mesmo tempo, mas na minha mente a conversa continuou até o fim da noite, enquanto eu ouvia, repetidamente, as canções da *Blue Vanilla* e fantasiava dezenas de fins diferentes para aquela ligação, o que eu sabia que não era nada saudável.

Não quis passar em casa, para não correr o risco de encontrar Ben, então peguei um ônibus para meu antigo apartamento e encontrei Clarice encaixotando uma pilha enorme de coisas.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei, tropeçando em um vaso de cerâmica da época em que Clarice estava testando novos hobbies.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, oi, Liz! Eu... Eu estou só... Movendo umas coisas — respondeu ela, sem graça. — O que foi? Esqueceu algo?

— Não. Eu só não quis ir para casa. O Ben tá dando uma de marido da década de 50 de novo e não estou com o menor saco pra isso. — Empurrei algumas roupas para um lado e me sentei no sofá. — Também porque vai ter um show da *Blue Vanilla* hoje e imaginei que você quisesse ir.

— Ah, meu Deus, o show! — Ela levou as mãos à cabeça e tirou seu laço cor-de-rosa do lugar.

— Você se esqueceu?

— É que eu estou muito ocupada com a mudança...

— Mudança? — questionei, antes que ela pudesse continuar — Que mudança?

— Droga, não era pra você saber ainda.

— Saber o quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou me casar com Jerry, Liz. Quero dizer, não vai ter cerimônia por enquanto, mas nós vamos, sabe, juntar as escovas de dentes.

— Ah, mas isso é ótimo! — Eu sorri e me levantei para abraça-la. — E você vai se mudar pra casa dele?

— Hum... Um pouco mais longe que isso.

— Como assim?

— Nós vamos nos mudar para o Texas. Pronto, falei.

— O quê?

— É que Jerry vai começar um negócio de comidas veganas com a irmã e ele acha melhor estar bem perto nesse início e... — ela disparou a falar.

— Mas... Mas você vai deixar tudo? Seu trabalho, sua vida? — Não tive muito controle sobre mim mesma naquele momento, e acabei perguntado de um jeito rude demais.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou precisar. É que... Eu estou grávida e não quero ficar longe de Jerry por causa do bebê e... É isso. — Ela suspirou, desviando o olhar, como se tivesse acabado de confessar um pecado ou um crime bem grave.

— Você... Está grávida? Que... Que ótimo! Parabéns, Clar! — Eu a abracei forte e engoli o nó que estava na minha garganta.

— É. Eu descobri na semana passada — eu a senti respirar aliviada.

— Você achou que eu fosse surtar, não é? — soltei-a para encará-la.

— Não exatamente. — ela pegou minhas mãos. — É que estamos grudadas uma na outra há tanto tempo que... eu não sei como fazer isso. — ela limpou uma lágrima, antes que ela descesse de seus olhos. — É claro que tem a carreira, e tudo, mas estou tão feliz. E não é como se eu estivesse desistindo. Eu só estou dando um tempo, tentando viver uma coisa nova, sabe como é.

— Eu vou sentir sua falta — confessei, me
PERIGOSAS ACHERON

esforçando para sorrir.

— E eu vou morrer de saudades, Liz. Mas o Texas nem é tão longe.

— Acho que não.

— E você vai poder usar aquelas botas que te dei no natal, sem culpa.

— Eu vou usá-las hoje! — prometi, penteando os curtos cachos dela com os dedos.

Às nove em ponto eu já estava pronta para o show da *Blue Vanilla*, com um vestido longo e as incrivelmente coloridas botas texanas que ganhara de Clar, aceitando que elas não eram tão ruins assim.

— Que tal? — Ben apareceu na sala, vestido com suas roupas de sempre, jogando charme para mim.

— Está bom. Vamos logo! — Levantei do sofá

PERIGOSAS NACIONAIS

e rumei para a porta, mas ele segurou meu braço.

— Ei, espera. Eu queria te pedir desculpas pelo que disse, sabe, sobre o seu trabalho.

— Ben, eu não quero falar sobre isso agora.

— Eu só quero que a gente fique bem. Nem aproveitamos direito os nossos dias de casados e estou cansado de brigar.

— Se você pensar melhor antes de falar, acho que isso pode ser resolvido.

— Eu prometo que vou dar o meu melhor a partir de hoje, certo? — Ele beijou minhas mãos e depois os meus lábios.

— Eu espero que sim — sorri, dando mais uma chance para ele, seguindo-o até o elevador, deixando-o entrelaçar nossos dedos.

Não demorou muito até que nos perdêssemos na multidão que aguardava o show do lado de fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ninguém conhecia Ben, o que nos dava passe livre entre as pessoas, pelo menos até entrarmos pela porta dos bastidores e ouvirmos os gritos ensurdecedores lá fora.

— Você está tão incrível, Liz! Super fashionista, blogueirinha! — Clarice me abraçou e tirou uma *selfie*, me dando um beijo estalado na bochecha, deixando na minha pele a marca de seus lábios carmim. Eu não limpei. Na verdade, queria que ficasse ali pra sempre, como uma lembrança da melhor amiga que já tivera na vida. Eu ia precisar muito dela, todos os dias, e era difícil imaginar a minha vida sem aquela garota por perto.

— Liz! — James apareceu do nada, vestido com uma camisa havaiana de Ben e com o rosto pintado com tinta neon. Ele me abraçou e depois se afastou, bruscamente. — Como vai?

— Eu tô legal. — Tentei esconder meu rosto corado entre os cabelos e saí para cumprimentar todos os outros integrantes da banda, até me deparar com Diego, o Hernandez-caçula. — O que você está fazendo aqui? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu entrei pro seu clubinho. — ele mostrou a língua para mim e voltou a beber sua cerveja.

— O clubinho dos fãs da *Blue Vanilla*? — brinquei.

— Não. O clubinho dos namorados dos integrantes. — Mey respondeu em um canto, e só então percebi sua presença em uma poltrona velha, com uma mulher ruiva sentada em seu colo, em um papo muito amistoso com Ivi em uma língua que eu desconhecia.

— Namorados?

— O Toni resolveu se bandear para o lado colorido da força. — ela respondeu, com aquele jeitão sarcástico de sempre.

— Ninguém “resolve” se bandear para o lado colorido, Mey — Toni respondeu, impaciente. — Eu sempre fui bissexual e você sabe.

— Cinco minutos, pessoal! Os convidados, por favor, me acompanhem! — Um cara de moicano disse e pareceu sério demais para desobedecermos.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós somos *vips* — Clarice sorriu, pegou minha mão, e correu comigo para as cadeiras de onde veríamos o show, na área *vip*. — Olha só, tem todo o tipo de bebidas aqui! Pena que não posso beber nem uma gotinha. — Ela deu um gritinho e fez cara de infeliz.

— É por uma boa causa. — Eu sorri para ela e suspirei, sentindo a mesma frustração, mas por um motivo diferente.

— O que achou do lugar? É só nosso, sabia? Só a família e os convidados têm acesso. — Ben se vangloriou, orgulhoso, servindo-se de uma bebida de cor esverdeada. — Quer um pouco?

— Acho melhor não.

— Aproveita, amor. Você está comigo! — Ele piscou para mim e me puxou para um beijo que eu não estava tão afim de receber.

O show começou. Eles entraram. O público aplaudia com menos êxtase do que eu tinha

PERIGOSAS ACHERON

imaginado, mas ainda assim animados. James estava radiante. Nunca na vida eu tinha visto um baixista com tanta presença. Nem mesmo Clarice, a rainha da popularidade, tinha tanto carisma assim no palco. As luzes iam do rosa ao roxo, num degradê de cores incrível. Eu tinha acabado de perceber que havia tinta fluorescente nos rostos de todos os integrantes da banda, quando Clar passou o dedo indicador da minha testa até o nariz para deixar uma tinta rosa berrante brilhando no meio da minha cara. Parecíamos todos índios de um futuro distante, de um planeta há anos-luz daqui.

Fiquei surpresa ao notar que sabia a maioria das canções e aos poucos fui sendo tomada por aquela energia misteriosa que vinha do palco e das caixas de som. Comecei a dançar e a erguer os braços, embriagada pela melodia. James, lá de cima, com seu rosto colorido pelas tintas, sorriu para mim debaixo da luz negra, e chegou mais perto para cantar comigo, como se fossemos só eu e ele. Eu me sentia uma fã de *boyband*, como aquelas garotas que sempre se interessam pelos músicos da escola.

James pulava e dançava como um guitarrista,

PERIGOSAS NACIONAIS

parecendo engraçado com aquela camisa havaina de flores gigantes que Ben havia emprestado. Eu costumava odiar aquela camisa, mas não naquela noite. Não com todas as luzes girando e a música me fazendo dançar, não com a felicidade eletrizando o meu corpo todo. Não agora que James era o divertido JJ, e atraía meus olhares por mais que eu tentasse evitar, por mais que eu tentasse me concentrar em Mey, Toni, ou até mesmo em Stieve.

As luzes voltaram para o violeta, e James parou de dançar, mas não de sorrir para mim, e não pude evitar o pensamento de que ele ainda era o cara do baixo verde que eu conhecera anos atrás.

No mesmo instante senti meu corpo sair do meu controle, como se eu tivesse sido anestesiada, paralisada, congelada naquela cena, enquanto tudo em volta ainda se mexia em câmera lenta. Mas eu não estava congelada de medo, de pavor, ou de espanto. Era uma sensação diferente, daquelas que você sente quando se dá conta de algo que esteve bem debaixo do seu nariz a sua vida inteira, ou boa parte dela.

PERIGOSAS ACHERON

Eu via agora, com lucidez e perfeição, o que já sabia, mas estivera escondendo de mim mesma como se fosse o lado obscuro da lua: eu ainda o amava. Tanto e tão intensamente, que todas as pessoas gritando, dançando, todas as notas das canções e todos os acordes do baixo, todas as cores e as vozes, tudo em volta parecia uma imensa *bad tripe*. Eu queria parar o tempo e subir no palco, abraça-lo, beijá-lo, fugir com ele para qualquer lugar onde nenhum dos nossos compromissos existissem. Poderíamos fugir para aquele quarto de hotel no Chile, onde o mundo ainda era nosso, onde os anos não tinham passado.

Afundi no sofá por alguns minutos, enquanto tudo girava à minha volta e, quando percebi que não podia mais respirar, me levantei e abracei a Clar com o resto de força que eu ainda tinha.

— Você estava certa. Eu ainda amo o James — cochichei no ouvido dela e ela me abraçou de volta. — E isso é uma droga!

“Coração é terra onde ninguém vai, Liz!”.
PERIGOSAS ACHERON

Minha avó sempre dizia e ela tinha toda razão.



Não demorei muito para sair de casa de manhã, no dia seguinte. Ben e eu tínhamos brigado levemente por causa da forma como eu fazia café e que não agradava a ele, e eu tinha saído mais cedo, sem café, porque perdera o apetite.

Continuei sem café da manhã, no entanto, porque fui chamada na sala do Hernandez-Pai assim que pus os pés no salão da lanchonete. Eu não tivera tempo de arrumar meus cabelos dentro do boné e imaginei que não seria problema deixar para fazê-lo quando chegasse para o trabalho.

— Lissie, você é uma ótima funcionária e eu aceitaria que você viesse trabalhar fantasiada de abóbora, se você quisesse, — disse o Hernandez-pai, por trás de suas enormes sobrancelhas brancas. — mas exatamente por ser uma das melhores, preciso te pedir para que dê o exemplo e, por favor,

não leve para o lado pessoal, mas...

— É sobre meu cabelo. Você quer que eu tinja, certo? — completei a frase pra ele. Ele só afirmou com um aceno de cabeça.

Eu levei alguns minutos para pensar a respeito, e por isso ficamos em um silêncio assustador. Não que eu achasse injusto, apesar de ser. Mas eu considerava aquele lugar como uma grande família, onde seguir regras era essencial para que se mantivesse uma certa ordem. Claro que isso não fazia a menor diferença na prática, já que a lanchonete era sempre tomada por um irremediável caos, mas para os velhos Hernandez era importante manter as aparências, pelo menos.

Eu me perguntei se estava pronta para me anular daquela forma em prol de um emprego que eu só mantinha por amor aos patrões que me acolheram. Fritar batatas para o resto da vida não era bem o que eu queria. Mas, eu realmente não tinha a mínima noção do que queria. Imediatamente me lembrei das sábias palavras de minha mãe, reforçadas durante a despedida: Procure o seu

caminho.

— Eu me demito — murmurei, um pouco culpada e sem forças. Precisava manter a coragem intacta enquanto o Hernandez-Pai levantava seus olhos enrugados para mim e franzia os lábios.

— Liz, eu não estou...

— Eu entendo e juro que não estou fazendo isso por raiva ou nada disso é que... Eu acabei de perceber que preciso encontrar a mim mesma e nunca vou chegar às respostas que preciso aqui. Desculpe. — pedi, me levantando e correndo para abraçá-lo com força. — Eu agradeço por tudo que vocês fizeram por mim, mas eu preciso descobrir o sentido da minha vida.

— O sentido da vida é para frente, filha. — O Hernandez-pai disse, afagando meus braços com uma mão e enxugando as lágrimas com a outra.

— Eu sempre vou lanchar aqui, viu? Vocês têm os melhores *nachos* do mundo inteiro.

Deixei o velho Hernandez entre risos e
PERIGOSAS ACHERON

lágrimas, e voltei ao trabalho, para finalizar meu último dia.

Encontrei meu apartamento tomado pelo breu da noite e abri as cortinas para que a luz da rua entrasse. Aproveitei que Ben não estava para relaxar um pouco, mas meu celular tocou antes que eu pudesse fazer qualquer coisa.

— Lissie, onde você está? — a voz de Clar soou estranha do outro lado da linha. Havia algo errado.

— Em casa. Que bom que você ligou, acabei de me demitir e estou começando a achar que fiz uma besteira. Preciso de um pouco de otimismo. — eu disse, abrindo a geladeira para pegar alguma coisa antes que desmaiasse de fome.

— Po-pode vir aqui? — sua voz estava ainda mais enfraquecida.

— O que aconteceu, Clar? É o bebê?

— Não. Não tem nada a ver com o bebê. — ela respondeu e fungou.

— Fala logo, você tá me deixando preocupada. — ordenei, mastigando minha maçã.

— Quando é que você pretendia me contar que está doente, Liz?

— C-como assim? — perdi um pouco o fôlego e minhas pernas tremeram, o que me fez descer lentamente até o chão da cozinha.

— Eu encontrei um envelope e... — ela fungou. — você ia mesmo fazer isso comigo? Você ia mesmo me contar no último instante, quando estivesse morrendo, quando estivesse tendo uma droga de uma convulsão, ou sei lá? — ela estava desnorteada e eu não sabia o que dizer. Não estava preparada para algo assim. Tive certeza de que ninguém saberia por tanto tempo, que não planejava como agir se caso alguém descobrisse por acaso.

— Eu pensei que fôssemos amigas, eu pensei que você confiasse em mim. — continuou ela. — Já não te dei provas suficientes de fidelidade, Liz?

PERIGOSAS ACHERON

Quando foi que te deixei na mão?

— Você nunca me deixou na mão, Clar. Eu só... eu só não queria que todo mundo me tratasse diferente, que ficassem me tratando com uma moribunda, como se eu fosse de vidro ou coisa parecida.

— Alguma vez já te tratei assim?

— Não, mas você é meio tagarela, não é, Clar?

— Ah, agora eu sou fofoqueira?

— Não foi isso que eu disse.

— Você não podia ter feito isso comigo! — ela começou a chorar bem alto agora e eu já tinha começado a ficar nervosa quando ouvi os passos de Ben no corredor do prédio.

— E você também não podia se mudar para a droga do Texas e me deixar aqui sozinha, mas é o que você vai fazer, não é?

— Eu preciso viver minha vida! — retrucou

ela.

— Desculpe por eu ter te privado disso. — eu murmurei, depois de um amargo silêncio e desliguei o celular.

Naquele momento, pelo menos, Ben voltou a ser o cara legal de antes e ficou abraçado comigo na cozinha, enquanto eu chorava sem dar explicações. E continuou, milagrosamente compreensivo, enquanto conversávamos.

— Mas eu ainda não entendi o motivo da briga — disse ele, depois de eu contar tudo o que aconteceu — omitindo alguns detalhes, claro.

— Ah, eu... eu nem sei explicar, Ben. — murmurei, voltando a chorar.

— Tudo bem, não precisa. Desculpa. Foi um comentário idiota. Não precisa falar sobre isso. Olha só, — ele enfiou a mão no bolso da jaqueta de couro e tirou um envelope meio amassado. — eu trouxe pra você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Diga que é uma barra de chocolate? — pedi, assoando o nariz em um guardanapo.

— É melhor do que chocolate. — ele sorriu. — Abra.

— Hoje eu poderia comer uma caixa inteira de chocolates. — reclamei, abrindo o envelope e tirando dois crachás coloridos de dentro.

— O que é isso?

— Leia.

— *California Paradise*, passe livre, Alissie Hughes. É...

— Um passe livre para o *California Paradise*, o melhor festival da Califórnia, depois do *Coachella*, claro. — Explicou ele, entusiasmado. — Toda a família ganhou um. Até o Jerry e a Clar ganharam. — Ele contou, entusiasmado. — A *Blue Vanilla* vai tocar logo depois do show do *The Kooks* e antes de *First Aid Kit*, aliás, acho que a Clar vai surtar por isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe mais sobre ela do que eu, agora.
— resmunguei, voltando a abraça-lo.

— Espera, eu não contei a melhor parte.

— Tem algo melhor que um passe livre para o *California Paradise*?

— Esse passe dá acesso aos camarins, e eu ouvi dizer que um tal de *Noel Gallagher* vai...

— O Noel? Você quer dizer, o Noel do *Oasis*?
— quase gritei, e comecei a abraçar Ben, histericamente. — Meu Deus, isso é lindo! Obrigada, você iluminou meu dia!

— Graças à Deus! — ele riu, me abraçando e se jogando de costas na cerâmica gelada, me levanto com ele. — Eu consegui!

— Que pena que não posso ligar para a Clar pra contar — lamentei, deitada ao lado dele, admirando meu crachá.

— Eu vou fazer vocês se acertarem, você vai ver.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, Ben. Acho melhor você ficar longe disso.

capítulo 15

É claro que ele não ficou. O dia do festival chegou e, mesmo sabendo que Clarice e Jerry já estavam morando no Texas há umas duas semanas e que por isso não iam ao *California Paradise*, Ben continuou insistindo que esse seria o último dia que eu viveria brigada com a Clar, o que era totalmente uma sandice. Não que eu acreditasse que ficaríamos brigadas para sempre, mas porque meu marido superestimava seus poderes de persuasão — que na verdade, eram bem fracos.

Eu vasculhei o meu guarda-roupas inteiro atrás de roupas *cool* que me deixassem estilosa ao lado dos artistas com quem eu tiraria fotos. Eu tinha decidido que iria conhecer a maioria deles, só por diversão mesmo, e daria uma de adolescente o dia todo.

De fato, eu comecei a fazer isso e conheci uns caras de uma banda húngara, cujo nome jamais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saberei pronunciar. Mas, infelizmente, por falta de tempo, não pude conhecer o meu ídolo maior, o melhor de todos, *Noel Gallagher*.

— Lissie, ainda bem que te encontrei! — Danna disse, surgindo do nada com seu enorme cabelo ruivo debaixo de um chapéu de feltro preto. — Aconteceu um acidente e a banda não vai mais tocar.

— O quê? — perguntei, mais horrorizada com o fato de ela falar normalmente comigo, do que com a notícia em si. — O que aconteceu?

— A idiota da Mey caiu da roda gigante e quebrou o braço. — ela explicou, enquanto me puxava pela mão. — Ela tem essa mania idiota de ficar fazendo gracinha em parques de diversão, só que hoje ela passou dos limites!

Ela parecia furiosa e isso não era surpresa pra mim. Sempre achei que ela tinha o pavio mais curto que o meu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encontrei toda a banda aflita no camarim, e Barbra consolando Stieve à um canto. Senti pena de todos, pois sabia o quanto estavam esperando pela chance de tocar em um festival tão grande e de tanta repercussão.

Ben estava falando ao telefone e Toni se preparava para subir ao palco assim que terminasse o show do *She & Him*, para encarar as vaias do público, já que tinha perdido no palitinho.

Eu me sentei em um banco próximo ao espelho e bebi um pouco de água, tentando decidir se eu tinha intimidade suficiente para sair pelo camarim consolando a todos. Se pelo menos houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudar. Meu olhar foi parar nas maquiagens, tintas e *glitter* espalhados pela mesa. Talvez eu conseguisse me disfarçar bem o bastante para receber as vaias do público no lugar de Toni e não ser reconhecida como a esposa de Ben depois.

Ou...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu posso cantar no lugar de Mey! — eu disse, percebendo os olhares incrédulos de todos. Sim, eles tinham certeza de que eu estava em surto, mas por dentro eu sabia que era a coisa que eu mais queria fazer naquele momento. Eu nunca tivera tanta certeza de algo na vida. O palco, as luzes, a vibração do som no palco. Era exatamente disso que eu precisava.

— Do que está falando? — Danna exclamou, franzindo o cenho e abandonando seu celular por um instante para me encarar com a superioridade de sempre.

— Eu posso cantar no lugar dela e, assim, o público não vai ficar sem o show. — insisti.

— Você enlouqueceu? — Stieve perguntou, e levou um tapa de Barbra que o mandou melhorar os modos. — Não, é sério! Ela não se parece em nada com Mey e não acho certo enganar os fãs.

— Ela não falou em enganar ninguém. Ela só vai substituir a Mey como qualquer baixista poderia me substituir, se eu não pudesse tocar. — James

saiu em minha defesa e Ivi deu um pulo para chegar até mim, eufórica.

— Vem, eu vou te maquiar. — ela me fez sentar em uma cadeira de frente para o espelho e começou a espalhar coisas no meu rosto.

— Não é simples assim! — Toni disse. — Um vocalista é diferente, JJ!

— Você prefere subir no palco e encarar a galera? Fique à vontade!

— Vamos ver o que Ben diz sobre isso. — Ele respirou fundo e pegou seu celular.

— Olha só, você sobe em cinco minutos, Toni. — Ben entrou, com o celular no ouvido. — Stieve, você pode falar com os jornalistas lá fora sobre o que aconteceu?

— Posso. Mas ainda acho que o JJ se sairia melhor. — O irmão de Ben respondeu, coçando sua cabeça desprovida de cabelos.

— Ben, não precisa disso! Eu vou cantar no

PERIGOSAS ACHERON

lugar de Mey. — eu disse, tentando não atrapalhar o trabalho de Ivi.

— O quê? — sua voz subiu um tom.

— Eu disse que é loucura. — Toni disse, sem tirar os olhos da tela do celular. — E Mey disse: “Nem pensar! Em hipótese alguma! Se vocês fizerem isso, eu mato cada um de vocês e...” Não posso falar a próxima coisa que ela disse, porque é meio obscena. — ele suspirou, desanimado, e guardou seu celular no bolso, indo se sentar ao lado de Diego.

— Ela pode me matar à vontade, quando ela sair do hospital! — eu disse. — Vamos, Ben, eu posso cantar só umas duas canções para os fãs não sentirem que gastaram seu dinheiro à toa. — insisti.

— Mas, amor, você não sabe cantar. — ele inclinou a cabeça para um lado, em uma demonstração clara de pena.

— Ela é uma ótima cantora, Ben! — James me defendeu, de novo, e eu só queria ter o controle do meu sangue para ele não ficar todo nas minhas
PERIGOSAS ACHERON

bochechas nesse momento. — Eu já a vi cantar...

— É, um dia, lá no Hernandez Café, nós fizemos uma apresentação. — Inventei, instantaneamente.

— Eu não sei. — Ben ponderou.

— Por favor, amor, eu só quero ajudar e... Na verdade é meu sonho cantar pra um público tão grande! — eu comecei a tremer de euforia, ao ouvir os gritos lá fora. — Sabe, eu costumava cantar em um barzinho quando morava no Brasil e... É a minha chance de saber se quero seguir esse caminho, Ben. — eu disse, abaixando o olhar, sabendo que ele se renderia à isso.

— Se a Mey me matar, eu mato você duas vezes, JJ. — ele apontou para o amigo. — Capricha, Ivi. Eu vou dar uma segurada na imprensa.

Ivi acatou a ordem com maestria e, ao final, eu estava muito parecida com uma alienígena do PERIGOSAS ACHERON

futuro. Não, eu não tinha um terceiro olho pintado na testa, mas havia *glitter* azul nos meus lábios e tranças *viking* nos meus cabelos. Ela também tivera a criatividade de pintar meu rosto com linhas indígenas coloridas, com cores lindas, que combinavam com as roupas que ela tinha improvisado para mim, com franjas e plumas.

Os integrantes da *Blue Vanilla* subiram primeiro, depois de terem suas bochechas pintadas com tintas fluorescentes, e eu fiquei por último. Algumas notas meio eletrônicas começaram a ser tocadas pelo tecladista que eu ainda não conhecia, juntando-se ao folk típico da banda, o que fez a plateia ir à loucura.

Eu podia sentir a vibração e a energia na minha pele, o que me fazia ficar arrepiada. Quando Ben fez sinal para que eu subisse as escadas, eu mal sentia minhas pernas, mas subi, um degrau de cada vez. As minhas mãos tremulavam dos lados do meu corpo, enquanto eu caminhava para o microfone entre Stieve e James.

Fechei os olhos por um instante, respirei fundo,

e soltei minha voz. Parecia cada vez mais fácil, e a letra da canção vinha com muita facilidade. Eu abri os olhos e vi aquela multidão incrível, dançando, com as mãos para o alto. As fileiras da frente estavam tomadas por fãs da banda que tinham os rostos pintados e os cabelos trançados como eu.

Ao final da canção, eu já tinha conseguido destravar meus músculos tensos e dançava, no ritmo da canção que, apesar de lenta, contagiava o corpo todo.

— Quero apresentar a vocês, Lissie Problema: a nossa cantora por um dia. — JJ anunciou, ao fim da canção, e eu fui aplaudida com entusiasmo.

Não havia considerado essa possibilidade em nenhum momento, e a surpresa fez meus olhos arderem. Meu coração quase explodia de alegria e eu queria chorar, mas ninguém entenderia se eu o fizesse. Senti que podia morrer ali mesmo, naquele exato momento, mas queria, desesperadamente, continuar viva. A vida escorria nas minhas veias e eu podia finalmente senti-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tinha encontrado o meu caminho, a minha paixão, a coisa que faria até o último dia da minha vida, até meu último suspiro, e não conseguia acreditar que estivera tão perto todo esse tempo.

Às vezes, a felicidade está bem debaixo do nariz.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 16

— Você foi incrível! — Ben me surpreendeu, me pegando pela cintura antes que eu descesse o último degrau do palco. — Por que não me disse que cantava tão bem? Eu já teria te agenciado há muito tempo!

— Eu não sei. Acho que nunca pensei seriamente em cantar. — respondi

— Você foi ótima, parabéns, Lissie. — Toni me abraçou e depois dele vieram Ivi, Danna, Stieve, Barbra, Diego e por último, mas não menos empolgado, JJ.

— Eu sabia que você ia arrebentar! — ele disse, sem chegar a perceber o rubor das minhas bochechas me traindo novamente, debaixo da tinta fluorescente.

— Arrebentar? Arrebentar é pouco! Eu nem sei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o que dizer. Todos amaram seu carisma, sua presença de palco e sua voz, Liz. Eles estão apaixonados por você! — Ben disse, me puxando pela mão para um beijo de cinema. — E agora eles entendem o que eu sinto.

Suspirei, não por encantamento, mas por aflição. Apesar da minha felicidade, eu estava constrangida com aqueles elogios na frente de todos, principalmente porque Ben estava especialmente produzido naquele dia, suado por baixo de sua camisa branca e seu topete de Patrick Swayze já tinha se desfeito em mechas molhadas pelo seu rosto. Mas ele ainda continuava com a panca de galã de sempre, mesmo depois de passar o que devia ser o maior sufoco de sua carreira como agente, e eu não sentia mais o meu coração bater de um jeito diferente por isso. E era uma pena.

— Alguns empresários vieram falar comigo. Eu posso conseguir um contrato pra você hoje, quero dizer, se você me quiser como agente. — Ele pegou meu rosto entre suas mãos. — Se quiser, posso te indicar outra pessoa.

PERIGOSAS ACHERON

— Ben, espera, eu não tenho canções autorais. Eu acho que não sei compor, nunca tentei.

— Eu posso ajudar. — JJ se ofereceu, enquanto mastigava um pedaço do seu hambúrguer, de pé, ao lado da mesa de refeições que eram oferecidas aos artistas depois do show.

— Isso! — Ben concordou, feliz. — O JJ é o melhor compositor que conheço.

— Eu não sei... — murmurei para ganhar tempo e inventar uma boa desculpa, mas a minha mente se recusava a trabalhar direito.

— Ele pode te ajudar a escrever algumas canções e se você não encontrar um estilo, posso encontrar outras pessoas para ajudar.

— Não, é claro que pode ser o JJ. Eu adoro as músicas da *Blue Vanilla*! — afirmei, antes que transparecesse alguma coisa.

— Pode ser no estúdio, perto da sua casa. Estou livre amanhã. — JJ disse, tranquilo como sempre, antes de virar uma lata de refrigerante garganta

PERIGOSAS ACHERON

abaixo com rapidez impressionante.

— Tá. Pode ser. — aceitei, me dando por vencida.

— Eu vou falar com uns caras agora, tá bom?
— Ben avisou, beijando minha testa antes de desaparecer nos bastidores.

Apesar de praticamente fazer parte da família, eu quase não tinha contato com ninguém, o que me deixou meio avulsa por um tempo, enquanto todos discutiam assuntos que eu não entendia. Coisas técnicas sobre instrumentos, luzes e notas musicais. Fugi para um canto e tentei comer alguma coisa, mesmo com o estômago revirando de ansiedade, até que meu celular tocou dentro da minha bota *over knee* metálica.

— Liz? — Clar disse, quando atendi o telefone.
— Liz, eu não consigo ouvir nada! — ela gritou.

— Espera — pedi e saí correndo, procurando um lugar onde o som do show de *First Aid Kit*
PERIGOSAS ACHERON

fosse abafado.

— Eu vi você na tv, o que aconteceu?

— A Mey quebrou o braço bem na hora do show e eu me ofereci para substituí-la.

— Ela deve estar uma fera! — ela riu.

— Não posso dizer que está feliz.

— Você parecia uma deusa espacial! Estava um arraso com essas botas que, diga-se de passagem, eu dei de presente pra Ivi.

— Clar, você pode me dizer o que as pessoas falaram sobre mim? Quero dizer, sobre minha voz e não as botas, por favor.

— Elas amaram você! Em menos de meia hora você já conquistou fãs. O seu *twitter* está bombando!

— Eu não tenho *twitter* — lembrei.

— Fiz um pra você, enquanto via o show. E dei

uma turbinada no seu *instagram*.

— Como conseguiu a senha?

— O sobrinho do Jerry *hackeou* pra mim. Mas não se preocupe, eu pedi pra ele blindar suas redes sociais e agora só sua assessoria tem acesso.

— Assessoria?

— Sua assessora, no caso, eu — corrigiu ela.

— Clar, eu sinto muito por... — comecei a dizer, depois de um breve silêncio.

— Não, eu é que sinto muito — Interrompeu, ela. — Eu devia ter respeitado sua decisão. Conversei com a sua mãe e ela me convenceu. Quero dizer, ainda não concordo com você fazer segredo para todo mundo. Acho que Ben devia saber.

— Eu prefiro não contar. Se ele soubesse, eu nem teria subido naquele palco, provavelmente. Ele ia ficar me enchendo de cuidados e eu odeio esse lugar de moribunda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, você que sabe. — ela encerrou o assunto. — mas espero que você fique bem logo para sairmos em turnê juntas — ela riu.

— Por que você foi embora sem se despedir? — tentei controlar minha voz para não demonstrar a saudade que estava dela e o quanto queria abraçá-la.

— Porque eu sou uma imbecil, Liz. Desculpe.

— Eu também sou. Devia ter ido na sua festa de despedida.

— Você não perdeu nada. Só o JJ, a Ivi e a minha mãe foram. Acho que estou meio impopular agora.

— Eu sinto muito.

— Relaxa — pediu ela, com o bom humor de sempre.

— Como estão as coisas aí? — perguntei.

— Chatas, por enquanto. Eu estou em uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazenda, no meio do nada, sem ter o que fazer. Mas estou bem.

— Estou morrendo de saudades de você.

— Daqui uma semana eu vou te ver, esqueceu?

— Eu acho que não sabia.

— Dããã, é o casamento de Ivi e James! — ela riu, como se eu estivesse ficando maluca.

— O quê? — caí sentada em uma cadeira que surgiu do nada.

— Você vai ser madrinha! — ela repetiu o tom de ironia. — o que é uma merda, eu sei, porque você gosta dele ainda.

— Psiu! Não fala isso alto! — sussurrei, irritada.

— Relaxa, o Jerry já sabe.

— Quem deixou você...?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fui eu quem contei! Ele viu nas cartas — justificou ela.

— Aham — murmurei, sem acreditar nela. — Olha só, tenho que desligar. O Ben está me chamando.

— Liz, eu te amo — disse ela, surpreendentemente séria, agora.

— Nunca duvidei disso. Nem por um segundo — assegurei, antes de desligar.



Quando acordei, demorei duas horas ou mais para jogar as cobertas de lado e me levantar. Mesmo com Ben roncando ao meu lado — o que me fez acordar bem cedo — eu não pude me levantar antes de ter certeza que já era tarde o suficiente para diminuir aquele dia ao máximo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levei mais quinze minutos para escolher minhas roupas, e procrastinei o quanto pude no chuveiro. Penteei meus cabelos molhados umas quatro vezes e escovei os dentes duas vezes seguidas, só para matar o tempo.

Meu café também demorou mais tempo que o normal. Cortei os pedaços de fruta da minha vitamina em pequenos e precisos cubinhos de quatro centímetros, antes de jogá-los, um a um, dentro do liquidificador.

Ben tinha me convencido a pintar o cabelo de volta para o castanho, alegando que os empresários iriam preferir me ver como eu era normalmente. É claro que era mentira dele, mas eu decidi não me arriscar e aproveitei aquela manhã para passar em um salão que havia no meu prédio, antes de começar meu dia de trabalho.

Qualquer um que visse todas as vezes que conferi o gás, as tomadas e as lâmpadas, pensariam que eu tinha desenvolvido um Transtorno Obsessivo-Compulsivo de um dia para o outro, mas não era isso. Eu estava inventando pretextos para

PERIGOSAS ACHERON

não sair de casa de propósito, tudo para enrolar o dia até não ter de ir ao encontro de James, no estúdio há três quarteirões dali.

Depois de pintar meu cabelo e fazer um corte bem anos 70, com franjinha e tudo — para não abandonar de vez o ar rebelde — , passei em uma lanchonete antes de chegar ao estúdio, e comprei um cappuccino, só para não chegar com as mãos abanando, e para ter uma boa desculpa para o suor que deixava meus dedos escorregadios.

— Toc, toc — eu disse, quando abri a porta do estúdio e entrei. Ele estava lá dentro da cabine à prova de som, sentado em um sofá de couro rasgado, com fones de ouvido grandes, de olhos fechados, solando um baixo branco-gelo.

Não pude deixar de pensar no quanto ele me fazia tremer só de estar por perto e no quanto eu estava ridícula, me sentindo como uma adolescente. Nem Dani tivera esse efeito sobre mim, mas eu sabia qual era o real problema. Eu era esposa do melhor amigo do cara que eu realmente amava, cuja aliança de noivado brilhava em seu dedo

anelar, esperando ser substituída por um dourado anel de ouro em apenas uma semana.

A tremedeira, o suor, e todos aqueles sintomas infantis se deviam ao fato de eu não poder, em hipótese alguma, demonstrar o que sentia por dentro. Eu tinha que fingir que não havia um bando de borboletas voando dentro do meu estômago. Por ironia, era exatamente esta luta interna o que me entregava.

Eu aproveitei sua distração para admirá-lo um pouco, e desejei que não houvesse como ver do lado de dentro a minha cara de hipnose.

Esperanças vãs, afinal. Ele ergueu a cabeça em um instante e acenou para mim antes de tirar os fones e se levantar para abrir a porta.

— Você chegou cedo — ele brincou, voltando a ocupar seu lugar.

— Desculpe. Eu perdi a hora — menti, procurando um lugar seguro onde eu pudesse me sentar e ficar longe dele. — Na verdade eu meio que tinha um horário marcado no salão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. Eu praticamente moro aqui, então não tem problema — respondeu ele, sorrindo. — Gostei do cabelo. *Joan Jett*? — ele apontou para minhas novas mechas.

— Eu levei uma foto da *Karen Carpenter*, na verdade, mas acho que não deu muito certo. Então, você fica muito por aqui? — perguntei.

— Sim. É o único lugar que dá pra compor em paz. Principalmente agora que a Ivi fica falando em decoração e convites o dia todo — o silêncio pesou um pouco depois disso, e resolvi quebra-lo o quanto antes.

— E, então? Qual é a minha primeira lição? — perguntei, pegando um caderno na bolsa, para tomar nota.

— Você não vai precisar disso — ele se levantou e pegou um violão preto, que estivera pendurado na parede. — Você vai precisar disso.

— Mas, eu não sei tocar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma vez você disse que arranhava um pouco — ele lembrou e eu posicionei meus dedos nas cordas, para me distrair.

— Olha só, eu não vou dizer que escrever é simples, fácil. — ele se sentou novamente em seu lugar, e começou a explicar. — Às vezes é muito difícil! Quero dizer, eu não escrevo desde sempre. Comecei em algum lugar. Na verdade, alguém me disse que escrever o que se sente é bom, ajuda muito, e aí eu comecei. Eu costumava escrever poemas sobre minha vida e sobre tudo que eu sentia, sobre o que estava na minha mente, no meu coração, no meu corpo. E depois eu comecei a escrever canções com os poemas. Você pode começar assim e depois encontrar seu próprio caminho. — Ele se levantou e foi procurar alguma coisa em um armário. — Escreva o que você sente! Seja honesta! Escreva tudo o que vier à sua mente, não se preocupe com o que as pessoas irão dizer ou pensar. Escreva tudo, depois você pode mudar algumas coisas para fazer uma canção, com rimas e ritmo.

— Certo.

PERIGOSAS ACHERON

— Pode ficar com essa pasta de canções que não foram usadas na banda. Talvez alguma te inspire — ele disse, me entregando uma pasta preta, daquelas com plásticos e etiqueta de identificação. “JJ Songs”, estava rabiscado na capa.

Depois disso, nós treinamos algumas notas musicais e eu percebi que não era tão ruim no violão quanto pensava. Só precisava aperfeiçoar o dedilhado e aprender a escala, que nunca conseguira antes.

Nem vi o dia passar, e já era tarde quando ele disse que eu podia ir embora, mas que eu tinha uma missão para aquele dia: pegar aquele caderno de notas e dar uma volta com ele na praia, pra ver se eu conseguia escrever alguma coisa.

Não tive muito sucesso, até que uma menina me parou para tirar uma foto comigo e me confundiu com a Mey, o que eu não achei ruim. Era bom que ainda não soubessem meu nome.

Depois disso resolvi molhar os pés, e um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pequeno verso surgiu, depois de eu desenhar algumas estrelas e corações na folha em branco.



Eu tive vontade de arrancar a folha, amassar, e jogar fora, mas não tive coragem.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 17

Não consegui dormir nenhum segundo daquela madrugada. Passei a noite toda na sala, escrevendo e rabiscando no meu caderno de anotações, trechos que vinham à minha mente e palavras que rimavam.

Às seis da manhã eu já tinha algo pronto para James e, apesar das olheiras e da noite em claro, eu não sentia nenhum pouco de sono. Estava empolgada para mostrar meu progresso, apesar de saber que uma das poucas canções que conseguira escrever era totalmente sobre eu, ele e seu melhor amigo Ben.

— Trocou de caderno? — James perguntou, quando abri minha bolsa e tirei minha agenda.

— Você é bem observador, JJ — brinquei.

— É o meu trabalho. — deu de ombros, com os

PERIGOSAS ACHERON

braços descansando sobre o baixo branco.

— Eu fiz a melodia no violão velho do Ben e estava meio desafinado, então... Você pode corrigir algumas notas, se quiser.

— Não se preocupe comigo, Liz. Apenas, toque — ele me incentivou, enquanto eu posicionava minhas mãos no violão preto.

Cantei uma canção em inglês, que não rimava muito, mas soava country e falava sobre uma lenda indígena que meu avô costumava contar para mim.

— Uau, ficou ótima! — James disse, batendo palmas e sorrindo. — Então, o seu estilo vai ser meio *country*?

— Pensei em *folk*, na verdade. Mas nem todas as canções ficaram nesse ritmo.

— Tem outras?

— Eu trabalhei a noite toda! — sorri,

PERIGOSAS NACIONAIS

envergonhada. — Mas escrevi umas poucas canções.

— Eu posso fazer uma crítica?

— Claro.

— Achei que não tinha muita paixão.

— Talvez porque eu esteja cansada — justifiquei, meio tímida.

— Ou talvez porque você não seguiu o sentimento certo. Eu vou te mostrar uma canção que eu fiz, só pra você ter uma ideia.

Ele cantou uma música muito bonita, que falava sobre a cor dos olhos de uma garota e seus cabelos flutuantes. No final a mulher acaba levando-o para o fundo de um lago e ele morre. Parecia mais um conto medieval, mas da forma como ele descrevia dava pra imaginar que ele havia se inspirado em Ivi e a água, no caso, seria uma metáfora para a paixão para onde ela o levou.

PERIGOSAS ACHERON

— Você entendeu. É isso mesmo — ele sorriu, orgulhoso, quando expus minha ideia. É claro que não mencionei Ivi, mas não precisei. — Eu fiz quando conheci Ivi — ele disse, sem olhar pra mim. — Foi amor à primeira vista e eu era meio gótico.

— Como vocês se conheceram? — perguntei, realmente interessada.

— Ham... Bem, foi uma coisa normal. Nada romântico ou diferente, como a música faz parecer. Estávamos em uma parada gay e Mey estava saindo com a irmã de Ivi. Aí eu a conheci e começamos a ficar. Isso foi antes da transição e... Eu ainda achava que era uma garota lésbica. Ivi esteve comigo durante todo o tempo, me apoiou em tudo. Foi bem difícil, sabe, lidar com as pessoas. Ivi é minha melhor amiga, me conhece como a palma da mão e eu a conheço também. Eu aprendi muito com ela.

— Vocês são... — tossi, tentando pensar em algo a tempo. — bonitinhos juntos — tentei sorrir e parecer sincera, mas acho que acabei fazendo uma

careta.

— Obrigado — ele riu, provavelmente do "bonitinhos". — Já foi muito difícil. — ele baixou o olhar para o chão, um pouco triste, como se tivesse sido tomado por uma nuvem negra. — E Ivi me ajudou muito, sabe, a me aceitar. Não algo do tipo salvação ou “sem ela eu não seria nada”. Não é nada disso! Ela só me mostrou outras formas de enxergar a vida, e eu pude ver tudo por outras perspectivas, o que me ajudou a descobrir muito sobre mim.

“Hoje eu tenho orgulho de quem sou, do que fiz. Eu amo algumas coisas sobre mim e aprendi a conviver com outras. Também consegui mudar muitas das coisas que me incomodavam. Não é como se eu já estivesse pronto, resolvido, ninguém está, não é?” Ele sorriu e olhou para mim de novo. Eu estava em silêncio, mergulhada na minha perplexidade. Por que ele escolheu justo aquele momento para desabafar sobre Ivi? As minhas mãos suavam segurando o meu caderno cheio de trechos de canções sobre ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas, enfim, eu acho que aprendi sobre mim mesmo ao longo do tempo e isso me deixou mais leve. Claro que, talvez eu tivesse chegado a esse ponto de qualquer maneira, mas com Ivi, com o amor dela, eu cheguei mais rápido.

— Está dizendo que o amor transforma, JJ? — perguntei, em tom de brincadeira. — Devo anotar esse momento filosófico?

— É por aí — ele riu. — Acho que é isso: escreva com amor.

— Eu vou lembrar disso.

— E então, vamos para outra canção?

— Ham... Eu não tenho mais nenhuma — menti.

— Você disse que escreveu a noite toda — protestou ele.

— Mas são músicas em português. Preciso traduzi-las e achar novas rimas. Não acho que seja isso o que as pessoas esperam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lembra do que eu disse? Não pense tanto nas pessoas.

— Eu sei, mas...

— Cante para eu ouvir — ele incentivou. — Sem me dizer o que significa. É só para ver se sinto algo, sem conhecer a letra. É isso o que realmente importa, Liz, o sentimento.

— Ham... Ok. Mas, olha, eu não sou muito boa com as notas, você viu! — avisei. — Só conheço acordes básicos e...

— Só cante, Lissie — ele insistiu.

— Acho que estou com vergonha — admiti, enquanto escolhia uma música logo e meus dedos passaram pelos rabiscos da que eu mais tinha gostado de escrever.

— Por quê? Já te vi cantar antes — ele franziu o cenho.

— Eu sei, mas...

PERIGOSAS ACHERON

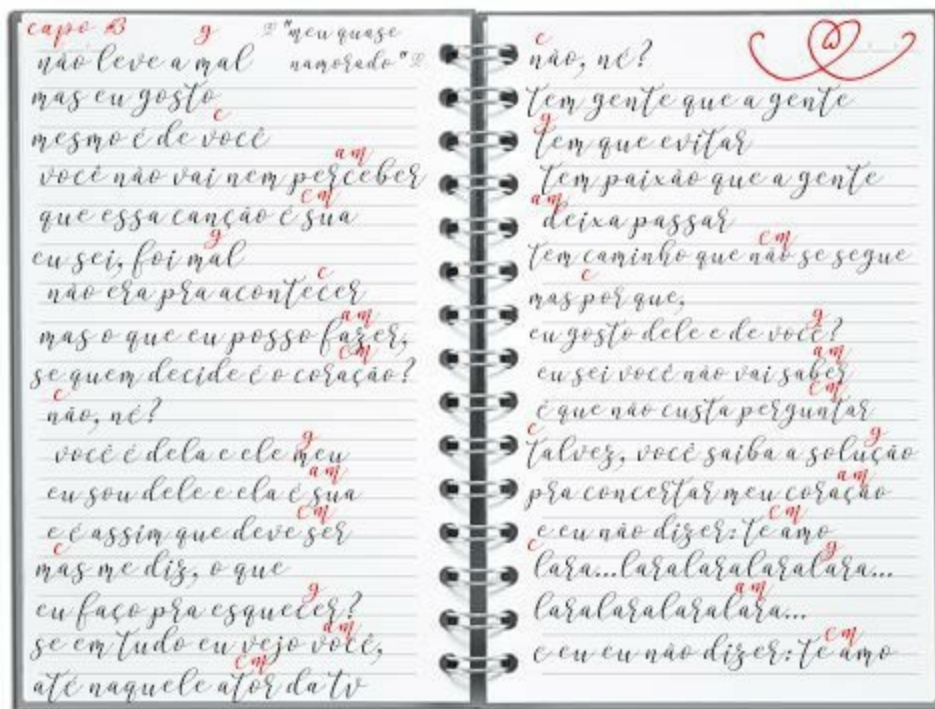
PERIGOSAS NACIONAIS

— Ajudaria se eu ficasse do outro lado do vidro? — ele apontou na direção da sala onde ficavam os computadores e todos aqueles botões que eu nem imaginava para que serviam.

— Acho que um pouco.

— Certo.

Ele largou o baixo sobre o sofá e eu continuei de costas para o vidro. Posicionei o microfone perto da minha boca e comecei a cantar : Meu quase namorado.



PERIGOSAS ACHERON



Fui para casa com uma nova missão. Depois de elogiar a canção, ele pediu para que trabalhasse nos acordes dela e procurasse notas diferentes nas canções que estavam na pasta que ele tinha me emprestado.



Ben me acordou de um cochilo rápido no sofá, com um beijo molhado de cerveja.

— Amor, os convidados já vão chegar — sussurrou, ele.

— Que convidados? — perguntei, sem abrir os olhos.

— Você se esqueceu do jantar?

— Ah, não, Ben, eu não estou no clima hoje — resmunguei, me levantando e tentando calçar minhas pantufas.

— Como assim, Liz? Eu já comprei toda aquela comida e as pessoas estão à caminho — ele bebeu mais um gole de cerveja. — Vamos lá! — pediu. — Vista aquele vestido preto de cetim que está em cima da cama e faça uma maquiagem bem colorida, para eles te conhecerem.

— Que vestido?

— Aquele que comprei para você — eu virei as costas e fui até o quarto para ver o pedaço mínimo de tecido que Ben comprara. — O que te fez pensar que eu usaria isso? — perguntei, quando voltei à sala.

— Eu vi no shopping e imaginei que você ficaria simplesmente sexy nele — ele se sentou no sofá e jogou um braço sobre o encosto, cruzou as pernas e ficou me olhando com aquele jeito de *bad boy*.

— Isso é um pedaço de tecido, Ben. Eu não vou

PERIGOSAS ACHERON

vestir nem a pau — voltei para o quarto, irritada.

— Ah, qual é? Não banque a conservadora agora, Liz. Isso aí é praticamente o traje oficial das feministas.

— Você não entende nada de feministas e nem sobre mulheres — a campainha me interrompeu.

— Eu não vou continuar essa discussão agora — anunciou ele. — vista o que quiser, mas esteja bonita, pelo amor de Deus! Eu estou fazendo isso por você, então demonstre um pouco de gratidão.

— Como assim, “por mim”? — Dei ênfase nas últimas palavras e ele fez sinal de silêncio pra mim, com o dedo indicador na boca. Eu quis mostrar um dos meus dedos pra ele também, mas achei melhor ir para o quarto me enfiar em um vestido qualquer.

Quando voltei para a sala, encontrei pessoas muito diferentes das que eu esperava. Havia um homem magro, de uns cinquenta anos ou mais, vestido com um terno vinho, abraçado à uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher da mesma idade, que fumava um cigarro e ria das piadas dele, pegando em seu joelho, vez ou outra.

— Permitam que eu apresente à vocês: minha estrela, Lissie. — Ben se levantou, pegou minha mão e me fez girar em volta do meu próprio corpo. — Amor, esses são Don e Margaret Jonhson. Eles serão seus empresários.

— Se Deus quiser! — Don sorriu, se levantou e estendeu a mão para mim, com elegância.

Eu estava constrangida. Ben estava claramente atuando um personagem especial para aquelas pessoas, alguém que eu não conhecia e não sabia como lidar. Cumprimentei o casal, cordialmente, e me sentei ao lado de Ben, no sofá. Eles discutiram sobre mim por um longo tempo, e Ben se adiantava em todas as respostas, como se eu não pudesse responder por mim mesma. Todas as vezes que eu tentava falar sobre algo, ele me interrompia, tocando minha mão com gentileza, para que eu me calasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que está fazendo? — cochichei para ele, escondendo minha boca atrás de um copo de suco de laranja. Ele sorriu, tirou meu cabelo do meu ombro com um dedo e me deu um beijo na orelha.

— Eu não quero que ouçam seu sotaque — cochichou, disfarçando com um sorriso.

— O quê? — indaguei, perplexa.

— Liz, você é latina? — Margaret perguntou, acendendo outro cigarro.

— Sim... — comecei a dizer, mas fui interrompida, rapidamente, por Ben.

— Mas é totalmente legalizada — ele sorriu e mostrou sua aliança para o casal.

— *Green Card*? — perguntou ela, intimidante.

— Marge, por favor, não vê que estão apaixonados? É visível! — Don disse, servindo-se de mais whisky. — Perdoem a minha esposa, ela é um pouco conservadora.

PERIGOSAS ACHERON

— Só não quero perder o meu país para pessoas de má fé — justificou-se, ela.

— Liz não é uma pessoa de má fé — Ben disse, prevendo que eu estava bem perto de mandar aquela mulher para o lugar que ela merecia. — Vocês viram o talento dela.

— Inegavelmente — Don descruzou as pernas e tirou sua carteira do paletó. — Ben, você se importa?

— Claro que não. Fique à vontade — Ben, solícito, desocupou a bandeja de petiscos e a virou de cabeça para baixo.

Eu quase pulei para o outro lado da sala quando vi que o homem havia tirado um saquinho transparente da carteira, com um pó branco inconfundível no fundo. E, pior, meu marido estava enrolando uma nota de cem dólares bem ao meu lado.

— Ben! — ralhei com ele, mas ele se inclinou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para frente e cheirou uma carreira inteira de cocaína que o homem acabara de arrumar. Logo em seguida, ignorando meu espanto, ele me ofereceu a nota.

— Não, Ben — recusei.

— Vamos lá, é só para relaxar — Don incentivou.

— Eu não quero. Obrigada — tentei parecer educada e bebi mais um gole de suco de laranja.

— Aceita. Anda. — Ben cochichou entre dentes no meu ouvido, apertando o meu braço com força, sem que o casal visse.

— Eu vou... Pegar uma bebida — sorri, fingindo entusiasmo e fugi para a cozinha, para ter acesso rápido à porta da lavanderia.

Antes que chegasse ao elevador, senti as mãos de Ben ao redor do meu braço de novo, e parecia que ele tinha dedos de aço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está me machucando! — protestei, mas ele não me soltou.

— Custa você dançar conforme a música pelo menos uma vez na vida? — ele cochichou, mas sua expressão era de fúria. Eu nunca tinha visto aquelas rugas de ódio na sua testa.

— Eu não vou usar drogas, Ben! — afirmei, com raiva, tentando me soltar.

— Ah, qual é? Como se você nunca tivesse experimentado.

— Eu nunca experimentei. Nunca precisei dessa merda e não vou precisar agora.

— Ao contrário, meu amor, aquele pozinho branco é o que vai te levar ao estrelato. Entenda isso! Aquele homem vai encher nossos bolsos de dinheiro.

— Eu não quero! — cruzei os braços. — Não desse jeito.

— E de que jeito pretende conseguir?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ben, a gente não precisa disso. Você conhece milhões de outras pessoas que...

— Liz, acorda! É assim que as coisas são — ele me sacolejou. Uma gota de suor escorria por sua têmpora agora e ele estava assustador. —O *show business* funciona assim. Você acha que a *Blue Vanilla* está no topo da *Billboard* hoje sem algumas sujeiras por trás das cortinas?

— Eles sabem disso? O pessoal da banda, eles sabem? — perguntei, indignada. O nariz de Ben há poucos centímetros do meu.

— Não precisam saber.

— É claro que precisam! — alterei a voz e ele apertou ainda mais os dedos ao redor do meu braço.

— Fala baixo! — ordenou. — Não faz ideia do quanto foi difícil trazer esses dois aqui essa noite. Não sabe o que eu tive de fazer.

— Teve que vender drogas? — ironizei e o silêncio dele respondeu. — É sério? Você vendeu...

PERIGOSAS ACHERON

— Transporteí, Liz, mas isso não importa! Eu passei o maior sufoco pra conseguir um horário com eles, então volte para a sala e se comporte. — Ele tentou me puxar de volta para o apartamento, mas eu resisti à sua força.

— Ele é um traficante? É isso? Você transportou pra ele, não foi?

— Gente rica não é traficante, Lissie. Aprenda isso. Eles estão acima da lei e é de pessoas assim que precisamos.

— Que merda, Ben! Você colocou uma porcaria de um traficante dentro da nossa casa. Você trabalhou pra ele... Isso é... É horrível!

— A gente pode ter essa conversa depois — ele passou uma mão nos cabelos para tirá-los da testa.

— E você estava com vergonha da sua mãe porque ela fuma maconha — eu disse. — Ela sabe que você está fazendo isso?

— Eu já disse que podemos ter essa conversa depois. Volta para a sala agora! — ordenou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não!

— Como é que é?

— Eu só volto quando você tirar esses dois criminosos da nossa casa! — não fiz mais questão de manter o tom de voz baixo e virei as costas para Ben, me limitando a apertar o botão do elevador repetidas vezes.

— Liz, não faça isso! Não seja burra. — Ele me agarrou e me encostou contra a parede. — Eu sei o que estou fazendo e é por você. — Ele apontou o dedo para meu rosto e começou a murmurar coisas estúpidas, dizer que eu estava sendo ingrata e que ele poderia ligar para a imigração quando quisesse.

— Se você não me deixar sair eu vou ligar para a polícia! — ameacei.

— Quer saber, liga. Eu tenho uma história muito boa pra contar pra eles — ele me soltou e voltou para o apartamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não vou negar que voltar lá para dentro passou pela minha cabeça. Eu estava com medo de perder o visto e tudo o que tinha, mas concluí, afinal, que não tinha nada. Tudo estava desmoronando na minha frente: meu casamento, minha casa, minha carreira. Eu estava sozinha naquela cidade, naquele país que só queria me expulsar pra bem longe dele.

Enquanto o elevador descia, eu desejei que aquele aneurisma se rompesse logo, que tudo acabasse. Comecei a me perguntar se Ben não tinha razão e se eu não estava sendo uma idiota. Comecei a duvidar de mim mesma, dos meus valores, dos meus princípios. Comecei a me acusar, a me lembrar dos meus próprios crimes e erros, e comecei a pensar que não estava em posição de julgar ninguém.

Eu estava me sentindo péssima. A pior pessoa do mundo.

Quando cheguei à rua, não sabia para que lado seguir, para onde fugir. Eu andei algumas quadras e parei em uma lanchonete 24horas. Pedi um café, só para poder me refugiar em uma mesa bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escondida e o mais distante possível da entrada, e ignorei o olhar acusador da garçonete.

Eu quis muito ligar para Clar e pedir para que ela desmentisse tudo o que eu estava pensando sobre mim naquele momento, mas sentia vergonha por não ser mais tão forte como costumava.

Depois de um tempo me perguntando sobre o que estava acontecendo comigo e tentando me reconhecer naquela pessoa que eu me tornara tão de repente, eu comecei a fazer perguntas sem respostas: Quando foi que começara a aceitar aquele tipo de coisas? Quando foi que as palavras de uma pessoa começaram a soar tão verdadeiras? Tão mais verdadeiras do que minhas próprias palavras e convicções? Eu me dei conta, com certo espanto, de que estava em um casamento ruim, com uma pessoa ruim, e isso não é o tipo de coisa fácil de admitir nem para si mesma.

Não ficou muito melhor depois de perceber que eu estava com medo de voltar para casa sozinha. Só Deus sabe o que Ben seria capaz de fazer comigo depois de perder todo o dinheiro que estava em

PERIGOSAS ACHERON

jogo. Logo ele, que nunca pareceu se importar com grana. Será que aquele homem era o mesmo com quem eu me casei? Será que é possível alguém se transformar em tão pouco tempo, ou será que eu não quis ver?

As perguntas eram tantas que minha cabeça doía e, só então, me lembrei de que café não era uma boa bebida para quem tinha uma sentença de morte assinada pelo próprio cérebro.

Eu decidi não voltar para casa. Podia ficar ali, cochilando com a cabeça apoiada na janela até amanhecer, e depois eu pediria ajuda. Eu não estava sozinha. Tinha a Clar, os Hernandez, o JJ e a Ivi. Ficaria tudo bem, na medida do possível. Tinha que ficar.

Isso se Ben não me encontrasse antes, o que eu estava torcendo pra não acontecer.

Então, a sineta da porta tocou e senti um calafrio gelado na barriga. Apertei os olhos e tentei esconder o rosto entre os cabelos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero um cappuccino, por favor — a pessoa pediu à garçonete, que parecia mais feliz em vê-lo.

— Com o dobro de chocolate? — a voz dela estava risonha.

— Você me conhece! — o jeito brincalhão dele me fez erguer a cabeça no mesmo instante que ele olhou para mim. — Liz? — perguntou ele.

— Ei, JJ. Como vai? — murmurei, me levantando subitamente, mas me lembrando de sentar logo depois, como uma pessoa normal e não como alguém que estava apavorada.

— O que faz aqui? — perguntou ele, se aproximando.

— Ben resolveu dar uma festinha e eu precisava de um lugar tranquilo.

— Veio ao lugar certo.

— À primeira vista achei que seria expulsa à vassouradas — sussurrei, olhando de esguelha para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a garçonete.

— Relaxa, a Marlene é bacana depois que você vem aqui umas três vezes.

— Parece que você vem muito aqui.

— Quase todo dia! — ele riu e deu uma piscadela para a garçonete quando ela lhe trouxe sua bebida fumegante. — Noite, na verdade. Eu prefiro esse horário para compor.

— Mas você não mora por aqui, JJ.

— Ham, eu meio que estou sem casa por esses dias. Não gosto de ficar lá com a Barbra, porque ela sempre me põe para ajudá-la em alguma tarefa da casa.

— Ah, isso é horrível!

— Sim, e também não gosto muito de ficar na casa do Stieve, então estamos em um hotel aqui perto, porque gosto de trabalhar no estúdio durante a madrugada.

PERIGOSAS ACHERON

— Estamos? — perguntei sem entender, esquecendo por um segundo que James tinha uma noiva.

— Eu e Ivi — ele disse, desviando o olhar. — Mas, e aí? Algum progresso? — indagou, apontando para minhas mãos vazias e a falta do meu caderno.

— Bem pouco — menti, tamborilando a tampa do meu copo de café.

— Você parece triste.

— É que... a minha vida não está lá essas coisas esses dias — resolvi desabafar logo, porque sentia que ia explodir a qualquer momento.

— Alguma coisa que eu possa ajudar?

— Não, é só... — respirei fundo e não consegui me conter. Abaixei a cabeça para ele não me ver chorando, mas quando uma de suas mãos tentou alcançar a minha, eu resolvi me recostar na cadeira e deixar minhas mãos caírem sobre meu colo. — A Clar foi embora e nem se despediu, o que é uma PERIGOSAS ACHERON

merda porque eu precisava muito dela agora, mas eu sempre fiquei empatando a vida dela e isso é muito injusto. — Comecei a tagarelar e percebi que dessa vez não era de nervosismo. — Só que ela não entende as minhas razões para esconder algumas coisas dela e de todo mundo. Eu só preciso de espaço e só preciso viver isso sozinha porque, no fundo, eu acho que mereço passar por isso dessa vez. Mas eu sempre vivo tudo sozinha, no fim das contas. A verdade é que eu tenho sérios problemas para me relacionar com as pessoas, você já deve ter percebido, eu... — mordi meus lábios para não continuar e acabar falando o que não devia.

— Vai se sentir ofendida se eu disser que não entendi nada do que disse? — ele perguntou. Seus lábios por trás do copo descartável ainda fumegante, com uma carinha feliz que tinha sido desenhada por Marlene, a garçonete.

— Desculpe. A minha mente está uma bagunça. Eu estou uma bagunça — escondi o rosto entre as mãos. — James, eu estou morrendo.

— O quê? — ele deixou o copo sobre a mesa e

sua expressão ficou séria em um segundo.

— Eu tenho uma porcaria de um aneurisma no cérebro e ele pode se romper a qualquer momento. Então, eu estou bem perto de, sabe, bater as botas.

— Eu tentei aliviar a tensão com a piada, mas não deu certo.

— Quando descobriu isso?

— Faz um tempo. Aliás, foi por isso que a Clar brigou comigo. Ela achou que não confio nela, mas... eu só não queria que as pessoas ficassem me tratando como se fosse a última vez, sabe? Eu passei por isso antes e é horrível! Elas estão sempre se despedindo e a sensação que eu tinha, na época do acidente, é que todo mundo queria que eu fosse embora logo para aquele tormento acabar. Ninguém gosta de gente doente, essa é a verdade. A família tem que ficar em volta de você e dá pra perceber que todo mundo te trata como se você fosse de porcelana e as pessoas que você conhece, bem, elas não te visitam porque elas não querem ficar frente a frente com a morte, com a fragilidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu discordo de você — ele sorria agora, o que me deixou meio ofendida. — Sabe, eu tinha uma prima que teve câncer e as pessoas faziam questão de ver como ela estava. A casa dela vivia cheia e a família fazia questão de se reunir e revezar para estar com ela. Foi assim até o dia em que ela se curou e as pessoas perceberam que não precisavam mais cercá-la de cuidados. Ela já conseguia se cuidar sozinha. Na semana passada ela me ligou, chorando, dizendo que estava louca para que chegasse logo o dia do meu casamento porque ela não aguentava mais a solidão. Ela queria ver todo mundo e ela fez exatamente a pergunta: “Será que as pessoas só gostavam de mim quando eu precisava delas? Que forma doente é essa de amar os outros?”

— O que você quer dizer com isso?

— Eu quero dizer primeiro que existem várias maneiras de ver uma mesma situação. A minha prima, por exemplo, se sentia amada na doença. Talvez, você tenha medo do cuidado, de ser amada, de ver as pessoas preocupadas com você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não é isso.

— Então me responda uma coisa: Você já contou para o Ben?

— Não — abaixei os olhos para minhas mãos suadas.

— Talvez, se você contasse, ele não seria tão idiota, imaturo, e se tornaria o cara de quase trinta anos que ele realmente é.

— Eu não quero falsidade, James. Eu não quero que o meu marido me trate com respeito só porque eu vou morrer.

— Se você pensar bem, você não está em uma situação diferente do resto das pessoas do mundo — ele chegou para frente, lentamente e sussurrou: — Tá vendo a Marlene cochilando ali no balcão? Ela pode ter um infarto fulminante daqui três minutos e nem vai saber o que a atingiu.

— Não, ela tá legal! — discordei, tentando não rir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá brincando? Essa mulher bebe café de dez em dez minutos para ficar acordada e durante o dia eu sempre vejo ela fumar pelo menos um maço de cigarros. Eu contei, sabia?

— James, você é um cara muito desocupado — brinquei.

— Não. Eu só passo boa parte do meu tempo observando — ele cerrou os olhos. — Quer outro exemplo?

— Manda.

— Está vendo aquela mulher ali do outro lado da rua? — ele apontou para uma mulher que estava no ponto de ônibus e eu comecei a observá-la. — ela pega o ônibus todo dia às quatro e meia. Deve trabalhar bem longe daqui, creio eu. Você já imaginou que voltar para casa, pra ela, pode ser uma vitória todos os dias? Enquanto estamos aqui ela pode ser assaltada, ou atacada por um psicopata. Ela pode dormir e cair bem na frente do ônibus e o motorista nem vai ter tempo de parar. Ela pode ser acertada por uma bala perdida ou um daqueles

PERIGOSAS ACHERON

vidros daquela janela quebrada pode cair bem em cima da cabeça dela.

— Qual é a probabilidade dessas coisas acontecerem? — perguntei, porque ele já estava começando a exagerar.

— A mesma do seu aneurisma se romper.

— Acho que não.

— Não dá pra saber, Liz. Talvez eu tenha um problema em algum lugar do meu corpo e morra primeiro que você. Você sabia que uma inflamação no apêndice pode matar em apenas três horas?

— Acho que não é tão rápido assim.

— Eu confesso que li isso em alguma rede social — admitiu ele. — O fato é que, nós podemos morrer a qualquer momento e não dá pra saber quem vai primeiro! Eu penso nisso todos os dias. Eu vou morrer. Esse corpo um dia vai parar de funcionar, como uma máquina, ou sei lá, e talvez não tenha como trocar as peças — nós rimos da analogia e eu engoli o choro provando um pouco do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

café dele, só para descobrir que estava doce demais. — Pode ser hoje, amanhã, ou agora mesmo, enquanto tomo esse café.

— Não ficaria surpresa. As chances de você ter um ataque de diabetes é enorme — fiz careta para o café.

— Não existe um ataque de diabetes — argumentou ele.

— Continue tomando café doce assim e veremos — desafiei.

— Sabe, eu fico louco pensando no que estou fazendo com a minha vida — disse ele, após beber o café e fazer uma expressão de sonhador só para me provocar. — Eu estou vendo o que quero ver? Estou ouvindo, sentindo, vivendo o que quero? Estou mesmo onde queria estar? Quero dizer, o que estou fazendo com este dia que pode ser o último?

— Tenho pensado nisso também. E tenho tentado aproveitar ao máximo, mas, às vezes, simplesmente não dá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Existem dias ruins, Liz. Eles sempre vão existir.

— Hoje é um recorde, então.

— Afinal, o que aconteceu?

— Ben ultrapassou todos os limites — eu resumi, porque se começasse a contar tudo, provavelmente desabaria.

— O Ben é um babaca, às vezes. Quase sempre — disse ele, após o meu olhar de reprovação ao “às vezes”.

“Por que você nunca me avisou que Ben era um idiota completo, que eu estava cometendo um erro terrível me casando com ele?”, era o que eu queria perguntar, mas mordi os lábios e deixei que o silêncio o incomodasse.

— Sabe, independentemente se há uma doença ou não, nós precisamos nos manter atentos ao fato de que a qualquer momento alguém importante

PERIGOSAS ACHERON

pode simplesmente desaparecer pra sempre — ele quebrou o silêncio — E o Ben definitivamente não tem essa consciência.

— Você fez esse raciocínio todo pra dizer que Ben não tem consciência da morte?

— Você entendeu, não é?

— É, eu entendi — admiti.

— Bom, mas você tem certeza que não tem nenhum tratamento para isso? — ele perguntou, pegando um pedaço de guardanapo para dobrar e rasgar só para ocupar o tempo.

— Ter, até tem, mas custa uns quinze mil e estou quebrada.

— Ben podia...

— Não. Eu não quero um centavo de Ben, JJ. Ele já acha que é o macho provedor da casa, se eu pedir para que ele pague uma cirurgia para mim, acabou a minha independência. As sufragistas não morreram para que eu desonrasse o nome delas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim — beberiquei um pouco de café. — O dinheiro dele não é lá muito limpo, também.

— Bom, então eu te empresto — deu de ombros.

— Não. De jeito nenhum!

— Por que não? Você vai me pagar depois! Vamos, eu não quero que você morra! Não antes de mim, pelo menos.

— JJ, é uma grana preta.

— Mais um motivo para você aceitar, porque aí você não morre antes de me pagar e vive mais tempo.

— Se as coisas funcionassem como você diz, JJ, o mundo seria muito melhor.

— É, eu sei — ele sorriu. — Mas, falando sério agora, por favor, aceite — pediu e eu acenei que sim com a cabeça, envergonhada, antes de ver a mulher do outro lado da rua pegar seu ônibus e seguir viagem, sã e salva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aí, sim! — ele ergueu a palma da mão para que eu batesse e eu o ignorei, rindo.

— Quer ir ao estúdio agora? — disse ele, entusiasmado. — Podemos treinar algumas melodias. Você não quer deixar seu público sem músicas enquanto você se recupera, certo?

— Acho que não.

— Então vamos lá.

Pagamos a conta e saímos para a chuva gelada que começara lá fora e que nos deixou encharcados, antes mesmo de conseguirmos chegar ao estúdio.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 18

— E o dever de casa? Como foi? — perguntou ele, enquanto acendia as luzes do estúdio.

— Não foi — respondi, envergonhada. — eu não tive tempo de ver as músicas da sua pasta. Sinto muito.

— Tudo bem, você pode ver algumas outras que tenho aqui, enquanto vou ao banheiro. Escolha duas ou três para treinarmos a melodia. Pode ser?

— Combinado! — exclamei, em posição de sentido e me joguei no sofá, antes de abrir o fichário que ele me dera, e começar a leitura das canções.

Algumas já estavam cifradas, então comecei a separá-las, dando preferência para as que não

PERIGOSAS NACIONAIS

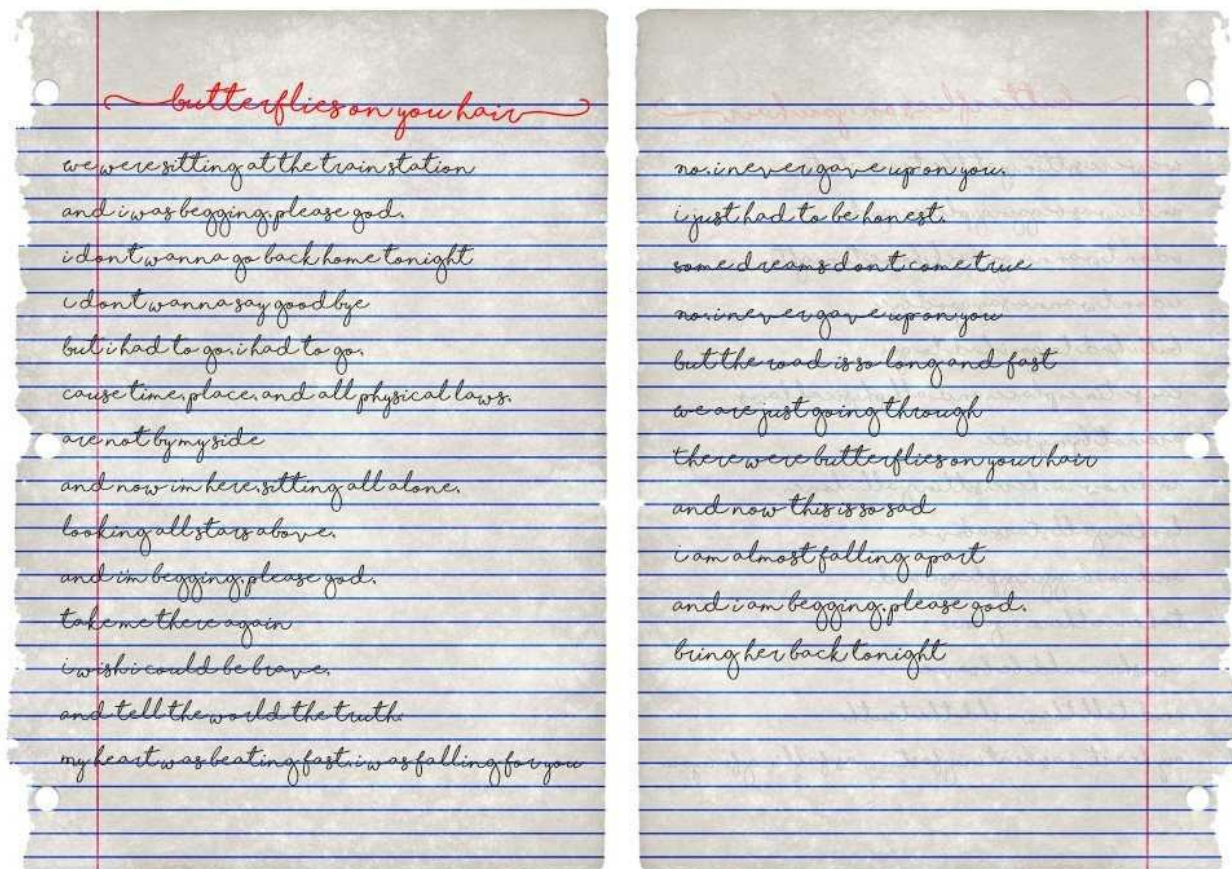
tinham acordes. Havia uma que contava a história de um cara que tinha sido preso injustamente antes de o filho nascer e fora condenado à cadeira elétrica. Era algo bem *Faroeste Caboclo* do *Legião Urbana*, mas com uma pegada mais *Johnny Cash*. Apesar de achar as rimas inacreditáveis, descartei por fugir ao estilo que eu queria.

Folhee algumas páginas sem pretensão de encontrar algo diferente daquilo, mas acabei achando uma canção que combinava comigo e falava sobre deixar a cidade natal para encontrar a si mesmo. Podia funcionar.

Foi quando me atrapalhei e o fichário caiu, espalhando folhas pelo chão carpetado, que encontrei um título em vermelho que me atingiu em cheio: *Butterflies on you hair* — sim, ele tinha engolido um “r” — era o que estava rabiscado em letra cursiva na folha meio amarelada. E depois a canção continuava assim:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Era sobre mim. A canção era sobre quando nos conhecemos e sobre o pesar que ele sentiu ao ter que ir embora, deixar tudo o que vivemos para trás. Eu estava em choque, tentando decidir se escondia o papel e fingia nunca ter visto nada daquilo, ou se o confrontava com a verdade.

— E então? Conseguiu achar alguma? — ele chegou quando eu ainda estava com a folha em mãos, então decidi pela segunda opção.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu gostei dessa — respondi, entregando a folha para ele. Eu ainda tinha um lado pessimista dizendo que eu estava imaginando coisas sobre uma canção aleatória, mas a expressão de choque dele entregou tudo. — Acha que dá para transformar em música? — perguntei, enquanto ele analisava a folha de papel em silêncio.

— Já é uma música — ele respondeu, pegando o violão preto das minhas mãos e se sentando no banquinho, abandonando a folha de papel sobre o sofá.

A canção tinha um ritmo acústico, diferente das canções da *Blue Vanilla*. Sua voz rouca e o violão davam um estilo meio pop para a canção. Eu nunca imaginei que ele cantasse tão bem e fiquei me perguntando por que nunca cogitaram que ele fosse o vocalista da banda.

Era uma canção triste, de arrependimento e despedida, e sua voz soava muito melancólica à medida em que ele tocava os acordes e evitava olhar para mim, em sua tentativa de não errar uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

letra se quer ou desafinar um tom.

Quando sua canção terminou, ele ergueu os olhos para mim e parecia haver em seu rosto um pedido para que eu dissesse qualquer coisa que quebrasse o silêncio.

— Por que você nunca voltou? — perguntei, sem conseguir olhar para ele e me concentrando no esmalte descascado das minhas unhas.

— Eu estava envergonhado — respondeu ele.
— E você estava furiosa comigo. Pensei que não queria mais me ver.

— Eu guardei suas roupas por uns três meses — confessei, sem graça. — Até a Clar entrar nessa coisa de esoterismo e me obrigar a doar tudo para circular a energia, ou algo assim. Eu estava mesmo brava com você, mas eu esperei que você voltasse. Realmente esperei.

— Lamento muito por tudo ter sido como foi.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu tenho boas lembranças daqueles dias. Não lamento por nada — finalmente olhei para ele. — Você não sabe, mas, aprendi muito com você. Você foi a primeira pessoa que amei depois da Dani.

— Desculpe. Eu não quis dizer que lamento por ter te conhecido ou por termos vivido aquelas coisas. Foram dias incríveis pra mim também.

— Bom saber — resmunguei. Estava meio decepcionada com o rumo que a conversa havia tomado e porque tinha tido uma certa expectativa quanto ao fim daquela canção. Achei que ele diria coisas bonitas e que terminaríamos o dia juntos, passeando, como naqueles filmes que Clarice via todo fim de semana para chorar no sofá. — Gostei da canção. É linda. — eu disse, por fim, antes de me levantar e pegar as chaves de casa.

— Obrigado.

— Acho que é melhor não fazermos mais isso — olhei em volta.

— Isso, o quê? — perguntou ele, confuso, se
PERIGOSAS ACHERON

levantando e deixando o violão cair.

— Isso — acenei para o estúdio e para as folhas no chão. — Trabalhar juntos e todo o resto. Eu pensei que conseguiria passar por isso como uma adulta, mas eu acho que sou uma imatura idiota, por mais que tente não ser. E, depois disso, dessa canção, é impossível pra mim ter qualquer contato com você, JJ.

— Você está... Brigando comigo, ou algo do tipo? Eu não estou entendendo.

— Eu amo você, JJ. É isso — confessei, impaciente. — Quando eu vi você na casa de Ben o meu mundo inteiro desabou, eu... Eu não sei lidar com isso. Eu simplesmente não posso.

— Então, por que se casou com ele? — perguntou ele, com acidez na voz. — Você podia ter me contado o que sentia antes de se casar e...

— É claro que não podia e você sabe disso! Na verdade, eu meio que fiquei negando tudo até semana passada, mais ou menos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi o show, não foi? Naquele show, depois da viagem. Eu percebi. Você se afastou um pouco.

— Eu não tive opção. Desculpe, James, eu não posso ser sua amiga.

— Eu também não posso, mas isso não quer dizer que quero que você se afaste de mim — argumentou, ele.

— E o que você sugere? Umas férias na América do Sul, fugindo de meia dúzia de fotógrafos? — ironizei.

— Liz, não, não. — ele se aproximou rápido demais e me abraçou. — Eu era um idiota naquela época, um verdadeiro imbecil egoísta. Eu me apaixonei por você, mas fui um covarde. Não pude encarar as consequências. Foi tudo culpa minha. Eu sinto muito. Eu sinto por ter mentido meu nome, por ter fugido, por nunca ter voltado e por ser amigo daquele idiota do Ben — ele pegou meu rosto entre as mãos e olhou nos meus olhos. — Quando ele chegou em casa com você eu não podia acreditar no tamanho do meu azar. Só podia ter

PERIGOSAS ACHERON

uma explicação.

— Eu ter vindo atrás de você — completei, me lembrando de quando ele me acusou, o que parecia ter acontecido há séculos.

— E torci para que fosse isso, até o dia em que descobri que você e Ben eram uma coincidência infeliz. Você quebrou meu coração naquele dia, Liz — ele disse, sério demais para o meu gosto.

— Naquele dia eu juro que quis quebrar alguns ossos do seu rosto também, mas acho que foi bom ter me controlado — ele sorriu, finalmente.

— Acho que estamos sendo meio cafonas, não acha?

— Ainda bem que percebeu — admiti e ergui minhas mãos para tocar os traços do rosto dele. Suas sobrancelhas castanho-claro, seus cílios, suas têmporas, a ponta de seu nariz. — Eu amo as covinhas das suas bochechas quando você sorri — comentei, tocando seus lábios com a ponta dos dedos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sorriu ainda mais e roçou os lábios nos meus, antes de finalmente beijá-los. Eu baguncei seus cabelos com os dedos e ele me apertou em seus braços me tirando do chão. E, de repente, aqueles três anos pareceram séculos, e quanto mais nos abraçávamos, nos beijávamos e nos olhávamos, mais parecia irreal.

Eu fui tomada pela felicidade e pela grandeza daquele momento, como se tivesse tido a única e última chance de voltar ao passado por um dia. E depois a alegria foi se desfazendo, pedaço por pedaço, até eu me dar conta de que, com o passar dos anos, havíamos nos tornado outras pessoas, com compromissos a cumprir. Eu me desvencilhei dos braços dele, sentindo todo o meu corpo protestar e sussurrei que estávamos errados, que não podíamos continuar.

Ele tentou me puxar de volta quando abri a porta do estúdio e saí para o frio da manhã lá fora, mas eu consegui sair do aperto de seus dedos em volta do meu pulso e correr.

Eu voltei para casa, voltei para meu casamento

PERIGOSAS ACHERON

falido e aquele marido que eu mal conhecia. Eu voltei porque as coisas não eram tão simples na vida real e porque eu precisava manter aquele casamento se quisesse continuar legalizada naquele país. Eu voltei porque, àquela altura, já não sabia mais cuidar de mim tão bem quanto precisava e, embora estivesse em risco e com o coração em pedaços, eu ainda precisava de Ben.

A porta do apartamento estava travada por alguma coisa que custei para identificar. Era uma calça jeans rasgada e molhada de bebida.

Continuei caminhando pelos cômodos do que, um dia, fora uma casa limpa, e encontrei outras peças de roupa misturadas às garrafas de cerveja vazias e pedaços meio comidos de pizza, pipoca e sushi no chão.

— Ben? — chamei, tateando à procura do interruptor do quarto.

— Oi — sua voz saiu de algum lugar em meio ao breu, grogue e rouca.

— O que... — a minha frase não terminou de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser formulada porque, assim que ele acendeu a luz do abajur, eu vi uma mulher nua na cama com ele. — O que é isso?

— Bom dia pra você também — ele bocejou e se levantou para vestir suas calças de moletom.

— Droga, você não disse que era casado — a mulher se levantou e começou a procurar suas roupas, com visível medo de mim.

— Eu sou. Mas Lissie não liga, não é, meu bem? Ela é pansexual. Só deve estar se lamentando por não ter participado — ele debochou, antes de passar por mim e continuar andando, tranquilamente, até a cozinha.

— Olha, eu sinto muito... — a mulher começou a se explicar, encolhida em um canto do quarto, ainda nua.

— Vista isso — joguei para ela o vestido que Ben comprara pra mim.

— Mas isso... Isso deve valer uma fortuna! — ela exclamou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ficar pra você.

— Olha só, eu juro que não sabia...

— Eu vou chamar um táxi pra você, tá bom? — murmurei e fui até a sala em busca do telefone.

— Panquecas? — Ben ofereceu, como se aquela fosse uma manhã normal em nossas vidas.

— Até quando você vai ficar agindo assim, Ben?

— Assim como?

— Como se não tivesse dormido com outra mulher na nossa cama só pra me provocar.

— Quem disse que foi pra te provocar? Relaxa, Liz, bebe um café, sei lá — ele enfiou um pedaço de panqueca na boca. — Você não é toda moderninha? Só estou tentando me igualar. Além disso, você foi embora ontem e eu estava triste, zangado. Resolvi chamar uma amiga. Qual o problema? Achei que sua mente fosse mais aberta.

PERIGOSAS ACHERON

— Ben, por que você não vai... Quer saber, não vale a pena. Você não vale a pena.

Peguei minha bolsa, e saí, deixando aqueles dois sozinhos para o que quisessem fazer. Não me importava mais. Quando entrei no elevador, já me sentia muito melhor do que estivera durante a madrugada. Não sentia mais medo de nada. Para o inferno com Ben, o visto ou o casamento! Eu podia voltar ao Brasil desde que estivesse feliz e livre, desde que estivesse seguindo minha própria bússola interna, e era justamente para o estúdio que o meu Norte estava direcionado naquele momento.

Eu abriria a porta, beijaria James como não beijava ninguém havia anos, puxaria ele pela mão e fugiríamos para qualquer lugar distante. Podíamos nos esconder por um tempo no Uruguai ou no Chile. O lugar não importava muito para mim.

Imaginei milhões de cenários diferentes onde poderíamos nos aventurar e deixei que a minha mente fosse um pouco mais fantasiosa do que a de Clarice. Eu precisava me agarrar à fantasia do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, para manter a minha coragem. Enquanto eu andava, sorrindo, feliz, pelas calçadas molhadas, sentindo o vento que soprava a neblina da manhã nos meus cabelos, eu passei por uma floricultura que tinha acabado de abrir as portas e resolvi ser romântica mais uma vez na vida, como eu costumava ser antes de perder a Dani.

Comprei um buquê de flores do campo e me diverti ao imaginar a expressão de James quando ele filosofasse algo sobre flores serem órgãos sexuais e que pedir alguém em namoro assim era bem mórbido.

Ensaiei algumas falas enquanto abria a porta do estúdio, mas fiquei muda quando vi, pelo vidro, James vestido em um terno azul escuro, enquanto Ivi tentava fixar um lírio na lapela do paletó.

— Lissie! — exclamou ela, feliz em me ver. — Vem aqui. Olha como ele está lindo! — Ela me arrastou pela mão até a sala de onde James me olhava, meio perplexo, como um menininho assustado em roupas de gala.

PERIGOSAS ACHERON

— É... É um terno... Muito elegante — murmurei, baixando os olhos e percebendo o buquê de flores nas minhas mãos, sem ter tempo de escondê-lo.

— Que flores lindas! Onde encontrou? — ela perguntou, pegando-as.

— Eu trouxe para... É para... Enfeitar o estúdio. É tudo muito escuro aqui, não é?

— A Clar estava procurando flores coloridas como essas para a decoração da festa. Posso mandar uma foto para ela?

— C-claro. — gaguejei, deixando que ela pegasse o buquê. — Quer saber, pode ficar com elas.

— É mesmo? Eu adoraria. Nós vamos para uma prova de bolos agora, não é amor? — ela sorriu para ele, como uma adolescente, e ele sorriu de volta, tentando disfarçar o constrangimento. — Você quer ir com a gente?

— Não — respondi, ríspida demais. — Na verdade, PERIGOSAS ACHERON

eu tenho umas coisas para fazer hoje. Eu sinto muito.

James continuou paralisado, vestido naquele terno que o deixava ainda mais bonito, com uma expressão de indecisão e constrangimento. Foi a última vez que nos olhamos. Eu acenei um tchau para os dois, abri a porta, e atravessei a rua correndo, aproveitando que o sinal acabara de se fechar.

Eu só queria que ele fosse feliz. Eu ficaria bem, de qualquer forma. Mesmo que naquele momento isso não parecesse uma certeza, eu sabia que as coisas se acertariam.

Afinal, amar também é sobre perder. Nada é para sempre. Tudo o que temos é esse instante. E, nesse instante, eu estava perdendo o James, de novo e para sempre.

É claro que eu estava triste, e claro que eu ainda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficaria por um tempo, mas eu tinha aprendido uma grande lição: a vida sempre continua apesar de todos os pesares e a despeito de qualquer julgamento que eu tiver. Um dia eu cheguei a achar que nunca mais amaria alguém como amei a Dani, mas aconteceu. Também achei que nunca mais sobreviveria ao perder alguém importante. Aconteceu.

Sempre acontece e nós ainda estamos aqui. Porque sempre existem outros amores e outras tantas vidas pela frente. As nossas escolhas é que importam. Elas definem quem somos e quem seremos no futuro. E eu aprendi, finalmente, a escolher a mim mesma antes de qualquer coisa.

Desistir de James e sair pela porta daquele estúdio foi, talvez, uma das coisas mais dolorosas que já vivera. Sobretudo porque o encontrara de novo, por acaso. Quantas coisas na vida tem uma segunda chance? Pouquíssimas.

É claro que eu estava infeliz, mas ali, em meio a perda de uma pessoa que amava muito, eu tinha acabado de ganhar o auto perdão que tanto buscara

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e um amor próprio quase imbatível. Consegui sentir compaixão por mim mesma, algo que jamais acontecera. Acolhi a mim mesma, como a uma amiga, e me levei até o café mais próximo para tomar uma bebida quente reconfortante, quando a tarde esfriou. Eu ainda me via toda errada e cheia de problemas mas, pela primeira vez na vida, isso não era o fim do mundo.

Era só eu mesma. Era só quem eu era. Pela primeira vez, eu não tinha de ser perfeita e a minha vida também não.

PERIGOSAS ACHERON

capítulo 19

Era como se eu tivesse esperado a vida toda para realmente viver. Não é irônico como às vezes tudo se torna um caos e você, simplesmente por perceber que não pode piorar, para de se importar e deixa as coisas acontecerem? É como estar em alto mar, boiando de costas, enquanto as ondas te carregam de um lado a outro e alguma força que não sei nomear te puxa para baixo. Parece que o mar tenta te afogar. Talvez em legítima defesa. Até o mar sabe o quanto somos perigosos e destrutíveis.

É o tipo de coisa que o JJ diria, se ainda pudéssemos conversar, depois daquele beijo idiota.

Eu estava de costas, mas não para o fundo escuro do oceano. Estava deitada na grama, sentindo o sol quente na pele e a brisa fresca que vinha do Sul, enquanto permanecia alheia ao caos que acontecia na minha vida e dentro do meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

próprio corpo.

— Liz? — a voz de Clarice saiu de algum lugar atrás dos arbustos e me liberei do que sobrou da margarida com a qual eu fazia “bem-me-quer-mal-me-quer”, antes que ela visse e começasse com o discurso de arrancar órgãos sexuais da terra para um fim tão deprimente.

— Estou aqui! — gritei, acenando para ela. Ela caminhou até mim, um pouco envergonhada e se sentou ao meu lado. Estava usando um vestido retrô de grávida e seus cabelos estavam dourados agora, como costumavam ser naturalmente.

— Eu procurei você pela casa toda, mas Danna disse que você não tem se misturado muito, então imaginei que estivesse escondida.

— Estou um pouco mesmo — admiti, meio envergonhada. Não tínhamos nos falado desde aquela briga e parecia haver um abismo entre nós duas exatamente ali, na fazenda onde aconteceria o casamento de Ivi e James, em algum lugar do Kansas.

PERIGOSAS ACHERON

— E aí? Como você está? — Clar perguntou, sem olhar para mim, jogando pedrinhas no lago e errando miseravelmente.

— Estou bem — respondi, simplesmente, erguendo a minha cabeça para aproveitar o calor do sol. — Tão bem quanto poderia estar alguém que está morando de favor com os Hernandez, com um ex-marido na sua cola e uma cirurgia da qual pode sair mortinha da Silva.

— Desse jeito você me assusta, Liz — ela franziu o cenho para mim, bem séria, e percebi que estarmos brigadas me tirou um pouco o direito de fazer piadas sarcásticas.

— Você não percebeu meu tom de sarcasmo? Era para você rir! — avisei.

— Eu não achei graça nenhuma. — ela finalmente olhou para mim, com raiva nos olhinhos de boneca.

— Eu tô legal, Clar, juro. Os Hernandez são uns fofos e, desde que contei da doença não me deixam fazer nada. Estou com todas as minhas PERIGOSAS ACHERON

séries em dia — sorri, orgulhosa. — E o Ben só incomoda quando descobre meu telefone, porque aí tenho que comprar um chip novo e sair avisando para as pessoas que troquei de número.

— Você devia denunciar ele. Isso tem um nome: *Stalker*.

— E dizer adeus ao meu *green card*? Não. Não agora, pelo menos.

— E como você está fazendo para se esconder dele aqui?

— Eu tenho contado com a sorte e com a ajuda de James, que não sai do lado de Ben o dia todo. Como estou fugindo dos dois, estou indo bem.

— Você contou para ele?

— Eu contei pra todo mundo! Estou pensando em pendurar uma placa no pescoço dizendo: Tenho aneurisma, não me aborreça. Porque, olha, as pessoas têm sido muito legais comigo.

— Você não odeia quando as pessoas são

PERIGOSAS ACHERON

gentis? — ela finalmente sorriu.

— Sim! Você não pode simplesmente gritar com elas ou manda-las para aquele lugar. É terrível! Meus músculos do rosto estão dormentes de tanto sorrir e dizer que estou bem.

— Eu senti sua falta — ela disse, olhando para o chão.

— Eu não sei como cheguei até aqui sem você — eu disse. — É sério, depois que peguei minhas coisas na casa do Ben, eu fiquei uns dois dias me perguntando o que fazer. Não ter você do lado é uma porcaria.

— Ah, Liz! — ela se jogou no meu pescoço e caímos na grama seca, abraçadas, tentando não chorar. — Você é uma cretina, mas eu não consigo odiar você.

— Por favor, nunca mais pare de falar comigo. Por favor — implorei, passando o cabelo dela para atrás da orelha.

— Você não vai me beijar, não, né? — ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou.

— Claro que não! Credo! — eu gargalhei. — Você é tipo uma irmã.

— Que bom, porque eu sou uma mãe de família agora. Não posso mais me aventurar por outras bocas.

— Como vai o Jerry? — perguntei, enquanto ela se ajeitava ao meu lado, deitada de costas como eu.

— Vai bem. Super empolgado com o novo negócio de comida vegana e com o bebê. Eu ainda estou meio “dona de casa”, mas estou aproveitando a folga para aprender francês.

— Oui? — perguntei, fazendo biquinho.

— Oui! — ela riu e entrelaçou seus dedos nos meus. — Também estou fazendo um curso de mecânica, porque nunca mais quero ter que pedir alguém para me ajudar com o carro, e também estou trabalhando no enxoval do bebê.

PERIGOSAS ACHERON

— Você parece radiante.

— Eu acho que estou mesmo — ela olhou para mim, sorrindo.

— Fico tão feliz em te ver assim!

— Vem cá! — ela me puxou e me deu um de seus abraços “quebra-costela”. — Você sabe que não vou parar de te abraçar pelos próximos três dias, não é?

— Eu sei, e não me importo — afirmei. — Eu vou retribuir até ter certeza de que não vou mais ter saudades de você.

— Own, que fofas nós somos! — ela riu e beijou minha bochecha. — Liz, por que não vem para o Texas comigo depois daqui? Quero tanto que você conheça a minha casa. Tudo tem estilo de fazenda antiga, é linda! E eu tenho um cavalo de estimação e nem sou rica! — ela bateu palmas como uma criança na Disney.

— Imagino — voltei a deitar de costas e pegar a mão dela. — Não posso ir, Clar. Não agora.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Marquei a minha cirurgia para daqui uma semana.

— Mas, já? — perguntou ela, assustada. — Eu... queria estar com você, Liz. Acho que posso mudar a minha passagem e pedir para o Jerry aguentar as pontas lá.

— Não se preocupe, é sério. A minha mãe vai vir e... acho que já passou da hora de você parar de fazer o papel dela na minha vida, não acha?

— Para, Liz! Eu nunca te vi como uma filha. Eu pensava mais em, não sei, o Batman do seu Robin.

— Eu não deveria ser o Batman?

— Claro que não! Você jamais teria tanto estilo para isso — ela fechou os olhos, cheia de si. — Então, quer dizer que você contou pra todo mundo?

— Clar, eu sei que o Chico já te deixou a par do assunto.

— Que calúnia! Eu nunca fofoco com meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se a vida fosse um programa de fofoca, você e ele seriam os apresentadores.

— Tá, ele me contou tudo. Fiquei com muita pena da sua avó.

— Sim. Era a passagem ou os remédios. Ela não vai poder vir — suspirei.

— Maldita merreca de aposentadoria. — ela blasfemou. — Pena que eu estou muito sem grana por agora, se não eu pagaria pra ela.

— Mas tem o passaporte também. Você lembra como foi caro para tirar o meu?

— É verdade.

— Mas a minha mãe também não quis que eles viessem. Eles queriam mesmo é que eu fosse me tratar lá, mas você sabe, não é? Eu provavelmente só conseguiria a cirurgia em 2050, depois de morta.

— Como arranjou o dinheiro para a cirurgia?

— Eu peguei um empréstimo com James, para
PERIGOSAS ACHERON

pagar até o fim da minha vida, se eu sobreviver.

— Para de falar assim — ela pediu, virando o rosto para o outro lado para chorar sem que eu percebesse, o que não funcionou, mas continuei de olhos fechados, fingindo não perceber. — E como você está, sabe, sobre o casamento? — ela finalmente quebrou o silêncio depois de alguns minutos.

— Estou formidável! — pisquei os olhos algumas vezes e sorri, falsamente. — Eu estou feliz por James estar feliz. Mas, não está sendo fácil ver tudo isso — apontei para a tenda que estava sendo montada perto da piscina.

— Acha que James está mesmo feliz?

— Acho que sim. Não cheguei a perguntar, mas acho que não estou pronta para ouvir a resposta, seja ela qual for. Eu só... Eu só saquei que seria muito complicado ficarmos juntos. O que diríamos às pessoas?

— E voltamos para três anos atrás — murmurou ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele tinha razão, Clar. Ele sempre teve. Agora que as pessoas me conhecem e dizem coisas sobre mim na internet, eu consigo perceber o quanto pode ser ruim ficar impopular.

— Você não está impopular!

— Tá brincando? As pessoas estão brigando por mim nas redes sociais, contra fãs da Mey que me acusam de querer pegar o lugar dela. Imagina se descobrem que o buraco é mais embaixo? Eu tenho rezado para que não apareça nenhuma foto minha com o Henry Moritz há três anos, ou eu nunca mais ligo o computador ou o celular.

— Você devia mesmo dar um tempo das redes sociais, na verdade.

— Você está sabendo de algo que não sei?

— Não. Mas estou começando um canal no youtube e não quero começar com a fama de “melhor-amiga-da-vadia”.

— Você é ridícula.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós rimos muito, enquanto inventávamos manchetes de jornal para trocar ofensas, e subíamos de volta para a mansão onde fitas e flores rosas estavam sendo penduradas em todos os cantos pelas madrinhas e tias de Ivi.

—Clarice ganha o prêmio nobel da paz após salvar uma colmeia de abelhas, que a encheram de picadas logo em seguida — imitei uma voz de jornalista polêmica.

— Lissie Problema volta para o Brasil e posa nua na *playboy*.

— Que droga de manchete é essa?

— Eu estou ficando sem ideias, tá legal? — ela se defendeu. — E essa das abelhas nem foi engraçada.

— Acho que você devia abraçar a causa das abelhas.

— Talvez eu faça isso.

— Vocês mal voltaram a si falar e estão

PERIGOSAS ACHERON

brigando? — Ivi surgiu do nada, nos abraçando e apertando nossas bochechas contra as dela. Parecia estar bêbada, mas concluí que era só empolgação. — Fico tão feliz por minhas duas madrinhas serem amigas de novo. Apesar de estar completamente aborrecida por ver que não estão prontas!

—Você não está pronta! — Clarice argumentou.

—Porque a ordem é: Madrinhas primeiro, noiva depois. Andem logo! A maquiadora está lá em cima esperando. — Ela nos empurrou escada acima.

Eu aproveitei o barulho do secador e das conversas enquanto era maquiada, para treinar minhas expressões quando visse James e Ivi no altar. Não foi tão difícil encontrar uma cara de paisagem. Quando fiquei pronta e pude me enfiar sem dificuldades no vestido cor-de-lavanda das madrinhas, já estava com o rosto congelado na expressão que eu usaria até o fim da noite.

Andei pelos corredores carpetados, tentando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não fazer barulho com meus sapatos de salto brancos, mas as tábuas rangiam e eu não pude roubar um cigarro de Diego, como pretendia.

— O que está fazendo aqui? — Ele perguntou, assim que me viu no quarto que estava dividindo com Toni.

— Ah, é seu quarto, não é? Achei que fosse o meu. Desculpe —menti, e saí rapidamente para encontrar um banheiro onde pudesse respirar em paz.

— Eu sei o que você ia fazer e eu vou te expor, sua doida! — ouvi-o gritar, depois de fechar a porta do banheiro e suspirar, encostando o nariz e a testa contra ela.

— Ham...Liz? — Uma voz soou atrás de mim e fez meu coração vibrar de um jeito que eu não gostava. Daquele jeito de sempre, que me deixava meio tonta.

— JJ — soltei a respiração com mais barulho do que gostaria e me virei. — E aí?

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem?

— Claro! Eu só... Precisava... Retocar... O batom — gaguejei, tentando esconder a falha na minha voz.

— Pode me ajudar com esse troço? — ele pediu, tentando se entender com uma gravata borboleta em volta do colarinho da camisa.

Como era possível que alguém pudesse ser lindo de todas as maneiras existentes? Com o cabelo bagunçado, com roupas rasgadas bem *grunge* e também com gel no cabelo e terno...?

— Deixa eu tentar — pedi, mantendo uma distância segura o suficiente. —Acho que vou conseguir. —Eu tentei sorrir, mas os cantos dos meus lábios tremiam e eu tive que desfazer o sorriso para me concentrar na tremedeira das mãos antes que ele percebesse.

—Eu não queria usar isso, mas não me deram a opção de recusar nada aqui.

—Relaxa. Vai dar certo — afirmei, até perceber

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que era inútil: eu jamais conseguiria amarrar aquele negócio. —Desculpe, JJ, mas não consigo entender o funcionamento dessa coisa.

—Tudo bem. Eu vou pedir para o Stieve. Ele já usou uma coisa assim antes, não é?

—A Clar talvez saiba o que fazer. Ela entende as roupas mais do que a si mesma. Acho que não sou boa como madrinha, afinal.

—Claro! A Clar! Como não pensei nisso antes? — ele deu um tapa na testa. — Obrigado, Liz!

—Por nada — eu disse, abrindo a porta e já saindo para o corredor.

—Liz? — ele chamou e me virei, toda paralisada, como um robô. —Aquelas flores eram para mim, não eram? — O assunto que eu temia. Legal!

—Isso não importa mais, JJ — eu disse, desviando o olhar para minhas mãos, sem saber o que fazer com elas. —Você está feliz. Isso é o que importa.

PERIGOSAS ACHERON

Dei um sorriso amarelo e forcei as minhas pernas a darem um passo após o outro até o quarto em que Ivi estava, para ajudá-la a si vestir. Mas fui interrompida por um descabelado Ben, que parecia não dormir há algumas semanas.

— Oi, Liz — ele disse. Sua voz era um fiapo quase incompreensível, mas eu não chegaria mais perto para entender.

— E aí? — perguntei, tentando ser o mais impessoal possível.

— A gente pode conversar? — ele pegou a maçaneta da porta antes que eu tivesse a chance.

— Não. Tem um casamento pra acontecer, Ben — respondi, friamente. — Você pode, por favor, me deixar abrir a porta para ajudar a noiva?

— Eu só queria dizer que sinto muito. Fui um completo idiota com você.

— Que bom que você sabe.

— Se eu soubesse que você estava doente, eu

PERIGOSAS ACHERON

teria... Teria sido tão diferente!

— Se é preciso uma sentença de morte para que você respeite alguém, Ben, então tem algo muito errado com você.

— Eu sei. Mas eu juro que eu vou melhorar. Eu prometo. Estou sentindo muito a sua falta, Liz.

— Fale sobre isso com a sua terapeuta, Ben. Eu não posso fazer nada por você — empurrei ele para um lado e abri a porta, fechando-a logo em seguida.

O vestido de Ivi era radiante. Tinha pequenas contas de pérolas nas mangas de tule, e uma enorme calda bordada. Não vou mentir que a primeira coisa que veio à minha mente foi um mega sorvete de casquinha com uma Ivi dentro, mas segurei o riso e fui procurar ser útil, já que hoje me deram esse luxo.

—Ivi, nós precisamos conversar — JJ irrompeu pelo quarto, com uma expressão de extrema ansiedade. O barulho da porta fez todas darem um

PERIGOSAS ACHERON

pulo, que espalhou alfinetes, maquiagem e grampos pelo carpete.

—James, você não pode entrar aqui! Dá azar!
—Clarice começou a empurrá-lo de volta para a porta.

—Ivi, eu não posso me casar com você! —disse ele, fazendo Clarice, e todas nós, congelarem imediatamente. —Desculpe.

—Não tem graça, James —Danna disse, tentando abotoar as costas do vestido de Ivi.

—Ele não está brincando — Ivi disse, descendo da mesa de centro, lentamente, atônita. James uma vez dissera que ela o conhecia melhor do que ninguém e agora eu via o quanto isso era forte. —O que aconteceu?

—Eu não posso fazer isso com você.

—Fazer o quê? —A voz dela começava a falhar, enquanto ela se aproximava dele.

—Mentir — respondeu com lágrimas nos olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Então diga a verdade. —Ela cruzou os braços, assumindo uma postura defensiva e forte, mas não era difícil notar que, por dentro, ela estava desabando.

—Eu... —ele respirou fundo, tentando encontrar uma maneira de começar, creio eu. —Há três anos eu fiz uma viagem e eu me envolvi com uma pessoa.

—Sim, você já me contou e eu perdoei você. — Ela tinha começado a chorar e, na medida em que as lágrimas caíam, ela as limpava rapidamente, tentando impedir que elas fossem vistas. Eu encarei James, e fiz um quase imperceptível sinal negativo com a cabeça, implorando para que ele não continuasse com aquilo.

—É, mas aconteceu uma coisa, uma coincidência estúpida. Eu juro que não sabíamos disso. Nós já tínhamos esquecido um ao outro. Mas ela... ela começou a namorar um dos meus melhores amigos.

PERIGOSAS ACHERON

O olhar de todos na sala se viraram imediatamente para mim, inclusive o de Ivi. Mey deu um muxoxo e murmurou um palavrão, enquanto largava-se em uma poltrona.

—Lissie? É a Lissie? Claro, ela é brasileira! — ela se deu conta do quão isso parecia óbvio e recomeçou a chorar, sem tentar esconder dessa vez. —Vocês estavam juntos esse tempo todo pelas minhas costas?

—Não —James jurou. —Não! Eu juro. Não havia nada entre nós até... Até semana passada. Eu juro que não sentíamos mais nada! Mas começamos a trabalhar juntos e eu me dei conta de que... de que eu ainda a amo —ele olhou para mim, mas eu não tive coragem de sustentar seu olhar e cruzei os braços, nervosa.

—O que você está fazendo aqui? —Ben entrou, seguido de Stieve e Toni. —Está quase na hora, JJ!

—Ele está terminando comigo, Ben. No dia do nosso casamento! —ela contou.

—Ah, não... JJ, é só uma crise! Relaxa, cara.

PERIGOSAS ACHERON

Isso acontece. —Stieve se aproximou e deu alguns tapinhas no ombro de James. —Eu passei por isso. Se precisa conversar...

—Querido, acho melhor todos sairmos daqui — Danna se aproximou do marido, e tentou puxa-lo para fora da sala.

—James, todo mundo sente isso — Ben completou a fala do irmão, ignorando Danna. — É um passo importante. É normal ficar com medo e...

—Ele está com outra pessoa, Ben —Ivi o interrompeu.

—Não. Eu não estou com ela, Ivi. —JJ deu bastante ênfase na palavra “estou”. —Eu disse que estou apaixonado e que não posso me casar com você amando outra pessoa.

—Conte a ele quem é, JJ! —ela provocou, com uma expressão de desafio.

A situação ficava cada vez pior e Barbra tinha

PERIGOSAS ACHERON

acabado de chegar com Gregory e a mãe de Ivi, perguntando o que estava acontecendo. Eu não podia deixar James sozinho nessa, não podia deixar que ele tomasse toda a culpa ou toda a carga de decepção que seria desencadeada.

—Sou eu. A pessoa sou eu — adiantei-me, antes que James dissesse qualquer coisa.

—Olha só, isso não tem graça, tá? —Ben avisou. —Eu sei que gosto de fazer piada, mas isso é passar dos limites!

—É verdade, Ben —Mey disse, lá da sua poltrona, com uma seriedade na voz que eu nunca tinha visto ela usar. —Eu sabia sobre isso.

Ben me observava, indignado, sem conseguir dizer uma palavra se quer.

—Eu não acredito que você fez isso —murmurou, finalmente. —Meu melhor amigo? Sério? Você é tão infantil assim? Foi só uma noite, Lissie! Eu não tenho nada com aquela mulher, eu

PERIGOSAS ACHERON

juro. Não significou nada. Você não precisava ficar com meu melhor amigo para se vingar.

—Não seja ridículo, Ben! — revirei os olhos, impaciente. — Eu não estou nem aí pra você. Não me importo com quem você vai pra cama, ou não. Isso aqui não é sobre você! É muito mais complicado. Você não sabe nem a metade da história.

Ele olhou para James, depois para mim, depois para James de novo e saiu do quarto, seguido por Stieve — que também olhou para James com uma expressão de constrangimento —, Toni, Barbra — que ainda perguntavam o que estava acontecendo —, Danna e Gregory.

Ivi saiu logo em seguida, amparada por sua mãe. Clarice olhou para mim, sem saber o que fazer.

—Vai lá. Ela está precisando de você. — Incentivei e ela saiu, seguida pelas outras madrinhas que me fuzilavam mentalmente, para

PERIGOSAS ACHERON

consolar a noiva.

—Acho que vou ter que deixar vocês sozinhos.
—Mey se levantou, e parou bem na frente de James, antes de abraça-lo. —Você é um idiota, JJ, mas estou orgulhosa de você. —Ela sorriu e acenou um tchau para mim, antes de fechar a porta.

—Meu Deus! —ele exclamou, expirando o ar de uma vez. —Estou tremendo. —Ele desatou o nó da gravata e a retirou, jogando-a longe.

—Por que você fez isso, James? — eu perguntei, me aproximando dele e me sentando ao seu lado, em uma cômoda do século passado.

—Eu já disse, porque amo você.

—Sim, mas você não podia ter feito isso hoje.

—Eu não podia era levar isso adiante. Não consigo mais mentir. Nem para mim mesmo, nem para Ivi —ele explicou. —Olha, você não tem que ficar comigo. Eu só fiz isso porque não podia me

casar com ela e viver mentindo.

—Eu entendi e acho que você foi muito corajoso. Mas, James, estão todos contra você agora.

—Sim, mas eu não estou contra mim. Não mais. E estou feliz por isso.

—Você acha que Ben vai ficar bem? — perguntei, após um longo silêncio em que contemplamos nossos próprios pés.

—Ele vai superar, Liz... Eu espero.

—Não, eu não estou nem aí pra ele! Estou preocupada é com você. E se ele não ficar bem com você? O que vai fazer? Onde vai trabalhar?

—Eu tenho o meu livro para ser publicado em alguns meses e... Também tenho pensado que formamos uma bela equipe, sabe, eu e você.

— Acho que não posso fazer isso. Não por

enquanto. Eu preciso resolver umas coisas primeiro. — aponte para minha cabeça.

— Eu sei.

— É. A história já se espalhou mesmo, não é?

— Eu ouvi você contando para sua mãe, lá no Brasil.

— Então, você já sabia?

— Já. Há muito tempo, mas não podia te confrontar. É muito pessoal, não é?

— É — concordei, percebendo que perdera tempo demais me mantendo distante daquele cara que me entendia tão bem. — Mas... Eu e minha mãe conversamos em português! — franzi o cenho.

— Eu sei um pouco de português —ele admitiu, sorrindo.

— Então... A minha música...

— É. Eu achei que fosse sobre nós. E, por isso,

PERIGOSAS NACIONAIS

te entreguei aquele fichário. Eu sabia que a canção que te escrevi estava entre os rascunhos. E você entendeu, como eu esperava — ele abaixou os olhos, envergonhado. — Não consegui pensar em um jeito mais fácil de ter uma conversa com você sobre nós dois.

— Entendo.

— Mas, olha, esquece isso tudo, tá? Eu só quero poder estar ao seu lado até, sabe, o fim. Nós somos amigos, não é? — sorriu, sem graça. — Amigos se apoiam. Cuidam um do outro e essas coisas.

— James, você não é meu amigo.

— Ai! Essa doeu — ele coçou a nuca, constrangido.

— Você é muito mais que isso — garanti. — Desci da cama em que estávamos, com um pulo, e fiquei de frente pra ele. Peguei seu rosto entre as mãos e o encarei. — Eu te amo desde sempre, Henry Moritz.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe por estragar tudo — pediu ele, segurando minhas mãos no seu rosto.

— Não importa. Nada mais importa — eu sorri e o beije.

Aquele poderia ter sido o final perfeito. O sol da tarde entrando pela janela e fazendo os olhos dele ficarem mais claros, o nosso beijo tímido no início e empolgado de um certo ponto em diante.

O que eu não contava naquele momento era que a vida tinha outros planos para mim. Para nós dois.

—Liz? — eu o ouvi, antes de me dar conta de estar deitada no chão, no segundo seguinte. Depois comecei a me perguntar como o mundo havia girado tão rápido e o que eu estava fazendo no carpete do quarto. — Liz! Socorro! Socorro! Clar! Alguém... Mey! Tem algo errado com ela. — Eu ouvi a voz dele, distante, mais histérica e desesperada agora. —Por favor, não, não! Fica comigo! Olha pra mim...Olha pra mim... Não fecha os olhos. Ei! Fica comigo — ele estava chorando.

Eu não conseguia entender. Era um momento feliz, não era? Era como terminavam os filmes preferidos da Clar. Por que chorar?

Eu senti leves batidas nas minhas bochechas, mas elas só me faziam ficar tonta. Só então eu entendi. Estava acontecendo. Eu não teria um final feliz como nos filmes, porque não era um filme. Era a vida real. Nua e crua, como sempre.

Aquele era o pior momento para morrer. Quando eu podia ver os olhos de James tão de perto, e tocar seus dedos trêmulos, suados e gelados. Era triste saber que aquela era a última vez. Finalmente quando resolvemos assumir os riscos, assumir nós dois juntos, como sempre foi apesar da distância. Não pude deixar de me lamentar por termos perdido tanto tempo. E tempo não se recupera jamais.

A última coisa que vi, no entanto, a que me destruiu completamente por dentro, não foram as lágrimas de James, ou o pânico no rosto de Ben, Barbra, Stieve ou Danna. A pior coisa, de todas que já vivera e vira na vida, foi o rosto de Clarice: seus

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos de boneca marejados e lágrimas compridas como rios percorrendo suas bochechas.

Eu queria dizer que a amava, que sempre amaria, queria agradecer por todas as vezes que conversamos até o dia amanhecer, por todos os cigarros que compartilhamos escondidas na adolescência, por tudo o que ela me ensinou, por termos nos divertido tanto, chorado tanto, e nos consolado tanto. Eu queria dizer que sem ela a minha vida jamais teria sido tão maravilhosa e que eu sempre teria espaço para ela no meu coração de fantasma. Eu queria ouvir sua risada quando eu dissesse isso.

Por que o tempo sempre parece insuficiente? Por que dizer “eu te amo” e “obrigado por tudo” nunca é o bastante? Ela sabia que eu sentia tudo isso, mas ainda assim, nos meus últimos pensamentos, eu quis muito dizer tudo a ela.

Tentei estender as mãos para abraçá-la, mas a minha visão se perdeu e, em seguida, eu fui engolida pela escuridão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Olá, leitor!

Se você chegou até aqui, foi porque adquiriu meu livro “A canção que te escrevi”, e quero lhe agradecer por sua confiança e por me ajudar nesse sonho louco de ser escritora. Gostaria, também, de pedir para que você não disponibilize este livro em qualquer formato para ninguém. Se gostou e quer indicar para alguém, indique o link de compra do livro e das minhas redes sociais. Ficarei muito grata!

Se puder, por favor, avalie o livro na Amazon. Vou adorar saber o que você achou do meu trabalho. Seu feedback é muito importante!

O Henry, quero dizer, James, permitiu que eu presenteasse meus leitores com alguns de seus contos. E ele pediu para avisar que seu livro estará disponível em breve. Isso mesmo! O livro do JJ será publicado em versão e-book, aqui na Amazon. Então, não deixe de acompanhar as minhas redes sociais, para se manter informado.

As próximas páginas são EXCLUSIVAS para você que comprou o livro, então aproveite seu presente e espero que goste.

Boa leitura!

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

I

No princípio era escuridão. Congelante e dolorosa sobre a pele nua. Ainda que ele se encolhesse na velha blusa de lã, o frio entranhava pelas tramas das linhas e causava os mais aterrorizantes calafrios.

Andava, a passos cautelosos, tateando as paredes invisíveis, há metros, ou quilômetros, abaixo do solo. Não saberia dizer. Tinha usado todos os suprimentos que trouxera e até a última faísca das lâmpadas de sua lanterna. Foram-se também os fósforos, nas fogueiras que o mantiveram aquecido para que ele dormisse até ludibriar a fome.

O ar era abafado, com cheiro de enxofre e suor. O próprio suor. Grudento e asqueroso. E havia também a sede. A mais irrefreável sede que já sentira. Passara boa parte do tempo a procurar

PERIGOSAS NACIONAIS

goteiras e a lambar as pedras em volta, tentando molhar a garganta crua e seca.

Passaram-se dias, semanas, até que encontrasse um tímido feixe de luz. E riu, gargalhou, como um bêbado louco, dançando em volta de si mesmo. Correu, o máximo que as pernas permitiam, gastando o resto de sua energia e esperança, vendo o feixe aumentar gradativamente, e ouvia o raio de luz chamando-o com irresistível sedução.

Ganhou o céu e o horizonte mais límpido e distante que já vira.

A grama molhada estalava sob suas botas e a luz alaranjada do sol na linha entre o céu e a terra, mesmo não sendo o bastante para aquecê-lo, renovou suas esperanças de vida nova. Não sabia se nascia um novo dia, ou se morria. Seu relógio tinha parado de funcionar. Mas já não importava mais.

Caminhou por longos minutos, até encontrar uma velha caminhonete abandonada a beira da estrada principal. Estava encharcada por dentro, pois ninguém tomara o cuidado de fechar suas

PERIGOSAS ACHERON

janelas. Eram as marcas do abandono, ou do desespero. Quem saberia?

Sentou-se no banco molhado e girou a chave que havia sido esquecida na ignição. O motor roncou, ensurdecedor em meio ao silêncio, e se deslocou facilmente quando ele soltou o freio. O volante respondia com maciez e as rodas estavam mais novas do que aparentavam. Enquanto se perguntava o porquê de alguém se desfazer de um veículo em tão bom estado, apertou um dos botões luminosos do rádio, a procura de alguma canção, mas só ouviu a estática. Mesmo que mudasse as estações, a música continuava a mesma: o chiado sem sentido, competindo com o motor para cortar o silêncio.

De repente, e com alívio reconfortante, avistou as pequenas casas da cidade e as ruas, desertas, como deveriam estar. As copas das árvores reluziam, molhadas, como as pedras do calçamento centenário.

Não avistou ninguém na primeira rua pela qual passou, nem na segunda e, somente depois de virar

PERIGOSAS NACIONAIS

esquinas, e avistar praças e bairros comerciais com as portas das lojas e botequins escancaradas, é que percebeu que havia algo errado.

Os carros, todos, estavam parados. Alguns encharcados por dentro, como a caminhonete à beira da estrada, com os vidros abertos, em fila indiana, em um tráfego inexistente e silencioso. Nada se movia, a não ser as plantas e as folhas secas do chão.

Ele desligou a caminhonete, ali mesmo onde estava, e ouviu. Havia silêncio, puro e incorruptível. Nem seus passos, ou sua respiração, poderiam quebrá-lo. Era o silêncio do universo inteiro, que havia existido milênios antes de chegarmos aqui.

PERIGOSAS ACHERON

II

Vasculhou, com olhos atentos e curiosos, o interior das casas e estabelecimentos, e não havia nada. Nenhum cochicho curioso, nenhum riso, nenhuma palavra, nenhuma voz ou tosse, ou palmas, nenhum rastro ou indício de vida humana.

Antes que o pânico pudesse tomá-lo, ou as perguntas viessem à sua mente, a fome retornou para lembrá-lo que ele não se alimentava direito há dias. Sem energia, vasculhou os bolsos da calça e encontrou algumas notas e moedas. Deixo-as no caixa de um supermercado, e escolheu o equivalente àquele dinheiro. Não sabia o que acontecera na cidade, mas duvidava que ela estivesse totalmente vazia como parecia.

Enquanto devorava um sanduíche frio e algumas frutas, enumerou a quantidade de catástrofes climáticas que poderiam resultar em

PERIGOSAS NACIONAIS

uma evacuação urgente de pessoas. Furacões, tempestades, terremotos, inundações... mas nada fazia sentido. As árvores e canteiros de flores ainda estavam ali, intactas e verdes, vivas como sempre estiveram.

Uma contaminação grave por radiação parecia o mais justificável, e, caso essa fosse a alternativa correta, ele estava em sérios apuros. Pegou mais alguns suprimentos de primeira necessidade, dessa vez sem pagar, correu para a caminhonete, e dirigiu para fora da cidade. Nada parecia ter sido destruído, apenas deixado para trás.

Na medida em que seguia pelas ruas e até quando corria, em alta velocidade, pelas estradas, notou que não havia gatos, cães, e nem pássaros. Não havia também vacas ou cavalos nos pastos das fazendas pelas quais passava. Tudo o que era carne, e osso, e sangue, e pele, parecia ter sido erradicado da face da Terra.

Tudo, menos ele.

Riu sozinho, porque estava exagerando. É claro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que havia uma explicação, mas era divertido pensar sobre isso. E se todos tivessem sido salvos por uma enorme e extraterrestre arca de Noé? Por que não havia sido escolhido? Ou tinha, simplesmente, sido deixado para trás, esquecido?

Suas suspeitas se confirmaram à noite, quando chegou à capital. As luzes das ruas estavam todas acesas, mas as casas, prédios e comércios, abertos e abandonados, jaziam em silêncio e escuridão. Os carros ainda estavam parados, desligados, com as portas abertas, no meio da avenida. Os sinais de trânsito mudavam de cor, mas ninguém seguia. Não havia ninguém para seguir.

O silêncio era sepulcral, cortado apenas pelo motor da caminhonete daquele forasteiro solitário. E quando girou a chave, desligando o motor, só ouvia sua própria respiração.

Primeiro ele teve medo. A cidade era grande demais para estar vazia daquele jeito. Ele montou acampamento em uma casa abandonada, cercou-se de armadilhas e dormiu abraçado à uma espingarda de caça que achou no armário de roupas. Séculos e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

séculos de história humana sobre guerras, roubos, trapanças. Não sabemos viver um dia sem nos proteger de nós mesmos. Até mesmo quando a ameaça é inexistente, lá está sua sombra. O silêncio também é ameaçador.

O dia, porém, logo tratou de raiar e, assim, o homem continuou seu caminho em busca da civilização. Andarilhou por bairros e ruas, por cidades inteiras. Buscou, por dias, algum sinal de vida, mas não havia nada.

Por fim, abandonou a proteção. Não precisava mais se assegurar. Havia paz na Terra, finalmente. Não havia predadores, nem ameaças, nem trapaceiros e nem bandidos para temer. E também não havia obrigações. Ele podia sair na rua com a roupa que quisesse, quando quisesse, e comer onde quisesse, sem ter que, ao menos, pagar.

Quando se deu conta, portanto, de que tudo o que havia na Terra não tinha mais dono e que por ser, possivelmente, o único sobrevivente da catástrofe inexplicável que tinha acontecido, todas as coisas materiais agora lhe pertenciam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele podia ser o que quisesse. Ele era seu cozinheiro, seu motorista e seu governante. Tudo ao mesmo tempo. Não havia mais hierarquia para ser seguida, não havia mais leis e nem crimes, nem notícias nos jornais. As contas não chegavam mais pelo correio e os e-mails, por serem automáticos, continuariam por alguns dias até que não houvesse mais ninguém para fazer a manutenção das redes elétricas e digitais.

Mas ele não sentiu falta de nada.

Ainda havia os geradores das mansões, que agora eram suas, e ele pôde dormir em camas macias, assistir à filmes diversificados, ouvir as músicas mais requintadas, observar quadros nobres de artistas famosos e bebericar, nu, uma taça do vinho mais sofisticado.

Ele escancarou guarda-roupas de estrelas do esporte internacional, e vestiu ternos de empresários renomados, encheu-se de ouro dos rappers, e usou as mais diversas drogas encontradas em arsenais imensos. Ele descobriu o que já desconfiava: que todo mundo tinha seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segredinhos, e agora ele tinha acesso a todos eles.

Descobriu provas cabais do envolvimento de pessoas “de bem” e ricas, em esquemas de corrupção e tráfico. Os maiores traficantes da Terra habitaram Wall Street, Vale do Silício e Dubai. Mas agora, tudo estava acabado.

Ele cruzou o país e chegou à fronteira com o México. Não haviam mais corpos de quem tentou cruzar o muro, e ele percebeu o quanto era ridículo a existência daquela barreira idiota. Ele explodiu um pedaço do muro e passou por cima de seus destroços com um tanque de guerra que encontrou deixado ali por militares obedientes.

Aumentou o som de sua Ferrari, enquanto voava pela estrada, embriagado de Whisky escocês, fumando um bom charuto Cubano, e cantando Hip Hop, sem medo nenhum. Ninguém colidiria com ele, nenhum policial o pararia. Ele podia voar, há 200km por hora.

Na primeira noite, dormiu em um supermercado, onde comeu tudo o que pôde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Experimentou comidas e doces típicos daquele país, onde nunca estivera antes, e dormiu em uma grande piscina de dinheiro.

Sim, havia dinheiro. Tanto dinheiro que ele nem se deu ao trabalho de contar. Queimou várias notas em uma fogueira para se aquecer, quando a madrugada chegou e gargalhou, percebendo o quanto eram inúteis agora. O dinheiro, as comidas e bebidas de melhor qualidade, as roupas, as joias, os títulos, as armas, as casas, os carros.

Empolgado, ele quebrou toda a sua Ferrari com um taco de Beisebol que também não servia para nada. Tudo o que existia era apenas sucata.

Livrou-se de tudo o que era material, ao compreender que não fazia mais sentido. Para que servia todo o dinheiro do mundo? Não havia ninguém que o trocasse por algo, e também não havia mais a necessidade da troca.

Ele precisou apenas de roupas para se aquecer à noite, comida para não sentir fome, teto para não se molhar na chuva. E depois navegou pelo mar, em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um barco de luxo.

Sim, é claro que o conforto era bom. Era maravilhoso andar pelo piso de madeira lustrado, sentar-se em poltronas de couro, e a maciez com que o barco quebrava as ondas e como era resistente às tempestades. Mas, precisava ser abastecido e não chegou nem na metade do caminho até Cuba.

O homem ficou à deriva. Não havia quem o salvasse. É claro que ele tentou o rádio, mas só havia estática. Pela primeira vez se perguntou, com real preocupação, o que teria acontecido e se aquele evento tivesse ocorrido no mundo todo. Queria saber, se comunicar, mas demorou três dias até ser levado pelo mar até Merida. De lá, após encontrar outro barco, seguiu viagem até Cuba onde, finalmente, pôde ler um jornal.

O último jornal publicado datava de meses atrás, e não falava nada sobre o risco de desaparecimento em massa de pessoas e animais. “Por que pessoas e animais? Por que não plantas? E serão todos os animais, ou apenas os terrestres?”

PERIGOSAS ACHERON

Perguntou-se, fitando o mar, aparentemente vazio.

Discou alguns números no telefone da casa em que escolheu para dormir, mas a linha estava muda. Tentou celulares e, novamente, a internet. Não havia sinal. Pensou em tentar cruzar o oceano, procurar alguma forma de vida na Europa ou na África, mas não saberia pilotar um avião, nem mesmo navegar em um navio por tantos dias assim. E também não havia quem o ensinasse. Ele percebeu que os livros não eram suficientes. Era preciso experiência, era preciso técnica e prática. Ninguém poderia lhe fornecer nada. Ele estava sozinho no mundo, por sua conta e risco.

III

Primeiro, ele caminhou pelas ruas de Havana, procurando por sinais de vida. Por sorte, encontrou algumas plantas, frutas que comeu sentado no chão de terra. Observou algumas formigas carregando alimento e se perguntou mais uma vez: O que teria

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecido à humanidade e aos animais de grande porte? Por que, tudo o que estava enraizado na terra ou vivendo embaixo dela, tinha sido preservado por algum motivo.

Talvez fosse o arrebatamento, o apocalipse tão difundido pelo cristianismo durante tantos séculos. Ou talvez, tivesse sido apenas uma limpeza que o universo finalmente conseguira fazer.

Uma vez, alguém lhe dissera que o universo inteiro era um organismo, a Terra era apenas uma célula, um órgão talvez, e que tudo o que se movia sobre ela, era uma infecção. Nós éramos, portanto, bactérias, rastejando e roendo o órgão por dentro, até não sobrar mais nada. Talvez, como num passe de mágica, a infecção fora contida, exterminada. Nós estávamos acabados.

Nós, e nossos sistemas políticos falhos, nossa corrupção intrínseca, nossas mentiras, nossas guerras, nossa violência, nossos conflitos intermináveis, nossas construções de concreto.

Nós, e nossas vidinhas insignificantes, que

PERIGOSAS ACHERON

tentávamos manipular através de um sentimento egóico de superioridade a tudo o que existe além do nosso umbigo.

Por milênios a Terra havia sofrido com esta infestação nefasta, o câncer verdadeiro, que agora estava erradicado.

Ele subiu os vinte e cinco andares de um arranha-céu e gritou, em alto e bom som. Pediu ajuda, clamou, por misericórdia, que alguém respondesse, que alguém em algum lugar dissesse qualquer palavra, porque ele não podia mais suportar o silêncio. Queria o caos de volta. As buzinas dos carros, os gritos dos ignorantes e dos vendedores nas ruas. Ele queria o riso e o choro mais profundo de uma criança qualquer e os latidos de seu cachorro.

Mas, tudo o que voltou para ele foi o silêncio. Nem o eco de sua própria voz se fazia ouvir. Era isso o que existia agora: o silêncio doloroso e cruel do fim da humanidade. Restara apenas o silêncio e ele, naquele mundo imenso, sem nenhuma

PERIGOSAS ACHERON

perspectiva, mesmo que remota, de continuidade da raça.

Era isso? Por isso a Terra o tinha poupado? Para que ele fosse a última testemunha do fim que os próprios humanos buscaram para si?

Então, ele chorou. O desespero lhe tomou da cabeça aos pés. A realidade lhe atingiu como um soco no estômago. Tudo o que existia pertencia à ele agora, mas já não fazia nenhum sentido. O dinheiro não valia nada. E, meu Deus, pensou ele, nunca havia valido. Tudo o que importava sumira junto aos humanos. E tudo o que não tinha o menor valor e importância fora deixado para trás.

As posses, as riquezas, o poder... até mesmo aquela ilha incrivelmente bonita, que vivera tantos anos de uma ditadura idiota — assim como todas as ditaduras. Não havia mais ditadura.

Como poderia existir, ao mesmo tempo, alívio pelo fim da maldade sobre a Terra, e a infelicidade de não haver mais o bem?

Não havia mais crianças no parque, ou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

namorados passeando de mãos dadas pelas ruas, e nem gritos de protesto em nome do bem comum, do amor, da paz em sociedade. Não restara mais nada.

O amor, a compaixão, a empatia, todas as coisas bonitas haviam desaparecido junto com a humanidade. Restara sua história, sua arquitetura, sua arte e música, seus monumentos. Uma história que nunca mais seria contada, pois não havia mais ninguém para ouvi-la.

Esta era a grande lição, entendeu ele. Absolutamente nada do que os humanos fizeram até aquele momento tinha valido a pena, a não ser suas boas ações, que ficaram esquecidas porque todo mundo se foi. E restara apenas o lixo construído ao longo de sua existência. Quinquilharias sem valor. Casas, carros, aviões, ouro, dinheiro, joias... coisas inúteis.

Ah, se os humanos tivessem percebido em tempo o real valor de tudo! As casas, ao invés de posse e poder, significariam abrigo. E não somente para um ou outro, mas para todos. O dinheiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

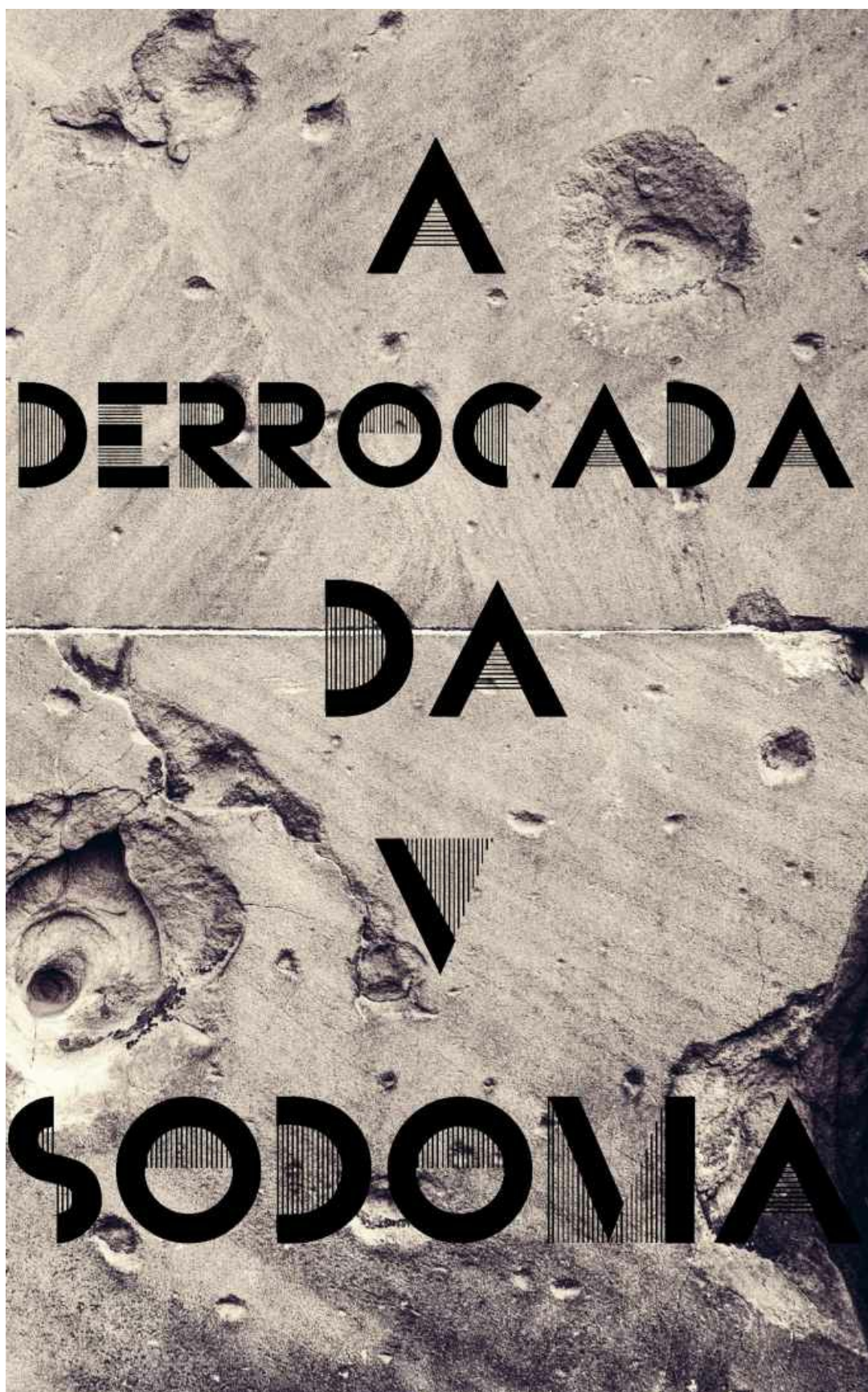
continuaría servindo de moeda de troca, mas não para luxos e sim para o essencial. O essencial ao bem de todos. Tudo teria tido outro sentido.

Lamentando, ele se rendeu ao seu destino. Abriu os braços, desejando que os próximos habitantes deste planeta fizessem o melhor que pudessem para si mesmos, em conjunto, como uma grande família, como deveria ter sido.

De braços abertos, ele se balançou no parapeito do prédio, respirou fundo e saltou para o gigante e infinito nada que vinha após a morte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Carta aberta à quem encontrá-la.

Meu nome é Inara. Sou mulher, indígena, mãe solteira e, hoje, eleita representante do que resta da civilização Brasileira. Nossa comunidade, com apenas 10mil habitantes, é livre e resiste com bravura e coragem.

Se foi informado ao mundo que sucumbimos, não há nada mais irreal. Sim, estamos sofrendo e à beira da morte, mas ainda assim resistimos. Não sabemos o que o resto do mundo sabe sobre nosso país e sua derrocada, então irei resumir brevemente:

Foi logo depois dos muros que os países que sobraram construíram para se proteger dos terroristas. Foi depois que nossas riquezas, nosso petróleo e a Amazônia foram vendidos aos Estados Unidos em troca da nossa inclusão na redoma que seria construída ao redor da América do sul.

Então, ele foi eleito. Acreditávamos que, por sua experiência militar, ele nos protegeria dos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ataques externos. Mas o problema maior não eram os terroristas tentando derrubar os muros, o problema éramos nós mesmos. Nós, o povo desunido de sempre, a nossa desigualdade de sempre, a nossa cultura do egoísmo.

Como se já não bastasse os horrores do lado de fora do muro, o presidente resolveu nos armar para nos defendermos de nós mesmos. O caos começou. Toda e qualquer discórdia, por menor ou maior que fosse, era resolvida com uma bala direto no coração. Milhares de inocentes morreram e estávamos em plena guerra civil: os que se intitulavam "os homens de bem" contra o que chamavam de "os bandidos". E também havia os pacifistas, as pessoas que sabiam que a desunião nos enfraquecia e que o inimigo de verdade estava lá fora, tentando entrar.

Foi assim que perdemos. A primeira bomba conseguiu ultrapassar o campo de força quando algumas pessoas invadiram a sede tecnológica de defesa e saqueou todos os equipamentos de valor. Ficamos à mercê apenas do concreto, que acabou por explodir no Rio de Janeiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os sobreviventes que sobraram fugiram para regiões distantes como Acre, Rondônia, Amapá. Não tínhamos mais acesso à Amazônia a essa altura, e logo um muro foi construído a sua volta, e os Estados Unidos, a Sodoma I, nos abandonou para a morte e escravidão.

O presidente, ao ver seus esforços inúteis contra o inimigo, entregou-lhes o país e fugiu para a Sodoma II, anteriormente chamada de Inglaterra.

E assim estamos até hoje. Nosso país em ruínas, as mulheres escravizadas, exploradas sexualmente, vendidas, grávidas de novos terroristas em potencial. A nossa comunidade de resistentes, hoje concentrada no Acre, precisa lutar em duas frentes: Primeiro, contra os inimigos que tentam nos vencer todos os dias; Segundo, contra a Argentina, que nos vigia dia e noite, para ter certeza de que não vamos buscar refúgio em seu país, abrindo caminho para os inimigos.

Aqui estamos. Alguns "bandidos", uns poucos "homens de bem", pacifistas, índios, quilombolas, negros, brancos, nordestinos, sulistas, cariocas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mineiros, exilados, católicos, judeus, evangélicos, umbandistas, budistas, bruxos... todos juntos e unidos, finalmente, lutando contra o inimigo real, como deveria ter sido desde o início. Lutando para sobreviver a qualquer custo, para educar nossas crianças com os melhores valores apesar de tudo, comendo a comida que produzimos, racionando o pouco de água que temos, tentando manter os números de nossa comunidade, com medo da próxima bomba, da próxima armadilha, da próxima investida dos terroristas. Com medo de sermos mortos e, na pior das hipóteses, escravizados, crucificados.

Aqui estamos, lutando para conseguir de volta nosso país, nossas terras, nosso berço tropical, nossas matas ricas, nossas praias, vendo nossas cidades, nossos monumentos, postos a baixo pelos invasores. Nossa história sendo reduzida a estilhaços e ruínas.

Clamamos ajuda de quem quer que seja! Ouvimos dizer que vocês existem, ouvimos falar de uma organização antiga, lendária, que esteve em tantas guerras, infiltrados, para manter o equilíbrio,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para evitar que o mal prevaleça e vença. Nos salvem pelo amor dos deuses em que acreditam ou em nome da ciência, se assim preferirem.

Em nome de qualquer outra coisa.

Em nome da vida e da história humana, nos ajudem. Nos salvem.

Vocês são a última esperança, antes de aceitarmos a morte.

Co

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CONTINUA...

Sobre a autora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Lara Monique nasceu em 1993, na cidade de Piumhi, interior de Minas Gerais, e hoje mora em Belo Horizonte com seu irmão e uma gata quase humana chamada Malu. É apaixonada por Psicologia, livros, músicas antigas, anos 70 e 80, ficção científica, filmes clichês e agendas em branco.

Escreve poesias desde os treze anos e foi apresentada ao mundo das fanfics aos quinze,

PERIGOSAS ACHERON

quando pôde ampliar seus horizontes na escrita. Em 2018 seu conto "Alquimia" foi ganhador em primeiro lugar da categoria no concurso "Melhores do Watts 2017".

Seu romance de estreia "A canção que te escrevi" — vencedor de concursos também na plataforma Wattpad — é derivado de "My Almost Boyfriend", uma de suas fanfics.

Mais sobre a autora e suas obras em:

<https://laramoniquelivro.wixsite.com/escritorala>
<https://www.wattpad.com/user/LaraMonique8>